

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**IMIGRANTES HAITIANOS NO RIO GRANDE DO
SUL: UMA ETNOGRAFIA DE SUA INSERÇÃO NO
CONTEXTO SOCIOCULTURAL BRASILEIRO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lorena Salete Barbosa

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**MIGRANTES HAITIANOS NO RIO GRANDE DO SUL:
UMA ETNOGRAFIA DE SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO
SOCIOCULTURAL BRASILEIRO**

Lorena Salete Barbosa

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais.**

Orientador: Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

BARBOSA, Lorena Salete.

Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro/ Lorena Salete BARBOSA. – 2015.
201 p.; 30 cm.

Orientador: Maria Catarina Chitolina Zanini

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2015.

1. Imigração Haitiana no Brasil
 2. Inserção
 3. Contexto Sociocultural
 4. Etnografia
- I. Zanini, Maria Catarina Chitolina II. Título.

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Lorena Salete Barbosa. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: lorena.barbosa2014@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**IMIGRANTES HAITIANOS NO RIO GRANDE DO SUL:
UMA ETNOGRAFIA DE SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO
SOCIOCULTURAL BRASILEIRO**

elaborada por
Lorena Salete Barbosa

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA

Maria Catarina Chitolina Zanini, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Vania Beatriz Merlotti Herédia, Dra. (UCS)

Joseph Handerson, Dr.(UFRJ)

Santa Maria, 07 d abril de 2015.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida. Ter vivido por seis anos junto ao povo haitiano foi uma experiência única e uma aprendizagem para toda a vida. Esse agradecimento se estende também a todos os imigrantes haitianos que conheci aqui, no Brasil. Amo muito esse povo e, a cada dia, aprendo mais com sua cultura. Dedico este trabalho também à memória de Wilguens Sainte (1986-2013-São Leopoldo, RS).

Não poderia deixar de agradecer à amiga e educadora, professora e mestra pela UFSM, Maria Rita Py Dutra, que tanto me apoiou quando retornei ao Brasil, em 2011, e que me encorajou a retomar a vida acadêmica, integrando, inicialmente, o (GT Negros) na UFSM, grupo de estudos do qual participo até hoje.

Agradeço igualmente a essa universidade, a UFSM, seu corpo docente, direção e administração, por me oportunizar momentos de aprendizagem, espaços de troca de experiências e apoio. Um agradecimento especial à minha orientadora, Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini, pessoa que admiro e tenho como inspiração pelo profissionalismo, sabedoria e competência. Agradeço à Dr^a Maria Clara Mocellin, que muito contribuiu com sugestões para este trabalho no decorrer do curso e à secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Jane Santos da Silva, profissional competente, sempre gentil e disponível. Muito obrigada ao amigo Dr. Silvio Carlos dos Santos, que, mesmo estando longe, no Acre, me ajudou na primeira revisão. Meu agradecimento ao querido amigo Wilnie Jean, que me auxiliou na correção das transcrições do crioulo.

Meu reconhecimento a CAPES, pelo apoio financeiro da bolsa de estudos nesses dois anos, o que contribuiu para qualificar ainda mais a pesquisa. Esse recurso permitiu que eu pudesse ir várias vezes a campo.

“Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”.

Guimarães Rosa.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

IMIGRANTES HAITIANOS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ETNOGRAFIA DE SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL BRASILEIRO

AUTORA: LORENA SALETE BARBOSA
ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI
Santa Maria, 07 de abril de 2015.

Partindo de proposta de pesquisa sobre a migração haitiana para o Rio Grande do Sul, na primeira década do século XXI, esta dissertação propõe apresentar alguns fatores importantes para o processo de inserção dos imigrantes haitianos residentes neste estado do Brasil, buscando constatar quais os principais desafios enfrentados por esses imigrantes, no contexto sociocultural gaúcho. Analisando a trajetória de um grupo de imigrantes, por meio de relatos orais, observa-se a força dos encontros culturais e linguísticos para eles, nos processos interativos. A pesquisa é uma etnografia do processo de inserção cultural dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul, que, através de trabalho de campo, observação participante e entrevistas, busca conhecer o processo de inserção desses imigrantes. O que se observou é que a inserção tem se dado via Igreja, trabalho e redes de parentesco e socialização. A trajetória dos imigrantes também é marcada pelo transnacionalismo. Sendo uma diáspora laboral no Brasil, existe o compromisso de enviar mensalmente recursos financeiros para manter suas famílias, que ficaram no Haiti. Constata-se, também, que, ao mesmo tempo em que há uma ligação afetiva com o país de origem, através dos laços de sangue, do cultivo dos hábitos e costumes, como o idioma, a música e a alimentação, existe um esforço, cotidianamente, em acolher a nova cultura, expresso na maneira como esses imigrantes vêm interagindo positivamente com a sociedade sul-rio-grandense. Pelos relatos orais, parece haver uma boa interação entre os imigrantes haitianos e os gaúchos, a partir das experiências de trocas culturais.

Palavras-chave: Imigração. Haitianos. Inserção. Transnacionalismo.

RÉSUMÉ

Thèse de maîtrise
Post-Graduate Programme en Sciences Sociales
Université Fédérale de Santa Maria

IMMIGRANTS HAÏTIENS DANS LE RIO GRANDE DO SUL: UNE ETHNOGRAPHIE DE SON INSERTION DANS LE CONTEXTE SOCIO-CULTUREL BRÉSILIEN

AUTEURE: LORENA SALETE BARBOSA

CONSEILLÈRE DE THÈSE: DRA. MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Date et lieu de la défense: Santa Maria, le 07 avril 2015.

Dans le cadre de l'élaboration d'un projet de recherche sur l'immigration des Haïtiens au Brésil, plus précisément dans l'état de Rio Grande do Sul, dans la première décennie ce siècle, cette thèse présente quelques facteurs importants dans le processus de leur intégration, tout en essayant de noter les principaux défis à relever par ses immigrants, dans le contexte socio - culturel gaúcho. L'analyse de la présence d'un groupe d'entre eux, et par le biais des rapports oraux montre la force des rencontres culturelles et linguistiques dans le processus interactifs. Ce travail de recherche est une ethnographie de l'intégration culturelle de ses immigrants dans l'état de Rio Grande do Sul, qu'à travers ce travail de terrain, des entrevues et d'observation cherche à comprendre le processus d'intégration de ses immigrants. A partir de cette recherche nous avons pu observer que l'intégration de ses immigrants a eu lieu par l'intermédiaire de la pastorale Eclésiastique, les réseaux familiaux et de socialisation. La présence de ses immigrants est également marquée par le transnationalisme, en tant que diaspora laborieuse. Car, il s'agit d'un engagement de la part d'eux d'envoyer mensuellement des ressources financières pour maintenir leurs familles en Haïti. Il est à noter qu'il ya un attachement affectif de ses immigrants avec sa culture d'origine et qui se fait remarquer par des liens familiaux, des habitudes, comme la langue, la musique, la nourriture etc. Tous les jours, il ya un effort de la part d'eux pour accueillir la nouvelle culture, de la société Rio-grandense par des témoignages oraux, il semble y avoir une bonne interaction entre eux et les gaúchos de l'expérience des échanges culturels.

Mots-clé: Immigration. Haïtiens. Insertion. Transnationalisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Vista aérea da cidade de Jérémie-Haiti	30
Figura 2:	Centro de Jérémie-Haiti.	30
Figura 3:	Militares brasileiros e uruguaios, em nossa residência em Jérémi, com a embaixatriz do Brasil no Haiti, Roseana Aben-Athar Kipman	34
Figura 4:	Construtora Construsinos	42
Figura 5:	Imigrantes de São Leopoldo.....	43
Figura 6:	Ivonete Teixeira e Julien Roldy	47
Figura 7:	Parte da equipe de leigos da Pastoral Migratória de Encantado-RS e imigrantes do Comitê Haitiano	48
Figura 8:	Casal Fremiot e Edouine, com o irmão e primo, por ocasião do casamento	49
Figura 9:	Cidadãos haitianos se aglomeram em um navio no porto, no Haiti, depois do terremoto	77
Figura 10:	Mapa da diáspora haitiana.....	87
Figura 11:	Mapa do Haiti.....	93
Figura 12:	Longo percurso: imigração haitiana para o Brasil	96
Figura 13:	Imigração haitiana para o Brasil.....	98
Figura 14:	Perfil dos haitianos ilegais.....	99
Figura 15:	Chegada do primeiro grupo de imigrantes haitianos a Encantado.....	104
Figura 16:	Um segundo grupo de imigrantes haitianos chegaria à cidade três meses depois, em janeiro de 2013.....	105
Figura 17:	Dameus e três amigos alugaram apartamento em Encantado	105
Figura 18:	Dameus diz gostar do chimarrão gaúcho	106
Figura 19:	Segundo grupo de imigrantes haitianos contratados pela Empresa Dália Alimentos	108
Figura 20:	Empresa Dália	109
Figura 21:	Visita do Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, à Empresa Dália Alimentos.....	109
Figura 22:	Iconográfico-Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul.....	135
Figura 23:	Imigrante Julien Roldy	136
Figura 24:	Pilão, utensílio da cozinha haitiana para preparo dos temperos.....	139
Figura 25:	Apresentação da Banda Famosa, por ocasião da Festa das Etnias.....	142
Figura 26:	Imigrantes Haitianos participando da festa das Etnias, em Encantado - RS.....	143
Figura 27:	Apresentação da Festa Drapeau do Haiti, em Encantado - RS	143
Figura 28:	Apresentação do Coral Municipal de Encantado, em Santa Maria - RS.....	145
Figura 29:	Coral Municipal de Encantado - RS.....	146

Figura 30: Orquestra Municipal de Encantado - RS.....	146
Figura 31: Comitê dos Imigrantes Haitianos em Encantado - RS.....	154
Figura 32: Comissão Organizadora da Festa da Bandeira 2014. Encantado - RS.....	155
Figura 33: Cartão de ingresso para a Festa da Bandeira-Almoço e atividades culturais.....	156
Figura 34: Integrante da Banda Famosa	157
Figura 35: Julien diante do painel da Banda Famosa idealizada por ele	157
Figura 36: Ensaio para apresentação da Banda Famosa.....	158
Figura 37: Robert Jean preparando uma comida típica, em São Leopoldo	160
Figura 38: Sopa de abóbora	163
Figura 39: Sopa de abóbora, prato festivo do 1º de janeiro na cultura haitiana	164
Figura 40: Diri kole, prato típico haitiano	164
Figura 41: Carne de frango com legumes, prato típico da culinária haitiana	165
Figura 42: Diri kole ak viand y legim. Arroz, feijão, com carne e legumes.....	165
Figura 43: Bwason Kremas, Diri kole ak pwa nwa, piklis, sós ak viand kabrit frit	166
Figura 44: Prato típico da culinária haitiana, natal de 2014	167
Figura 45: Imigrantes haitianos em Encantado - RS	172
Figura 46: Curso de Língua Portuguesa para os imigrantes haitianos em Encantado-RS....	174
Figura 47: Ivonete Teixeira, coordenadora da Pastoral Migratória.....	177
Figura 48: Grupo de estudos da língua portuguesa com as professoras voluntárias	178
Figura 49: Cerimônia de casamento na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em 21 de dezembro de 2013	182
Figura 50: Haitianos participam de cerimônia de casamento na Igreja Assembleia de Deus de Encantado.....	182
Figura 51: Festa de Nossa Senhora Aparecida, em São Leopoldo. Outubro de 2013.....	184
Figura 52: Parte do grupo de imigrantes haitianos residentes em Portão-RS. Outubro de 2013.....	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	- Agência da ONU para refugiados
CNI	- Conselho Nacional de Imigração
CONARE	- Comitê Nacional para os Refugiados
IMDH	- Instituto de Migrações e Direitos Humanos
MINUSTAH	- Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti
MJ	- Ministério da Justiça
OIM	- Organização Internacional para as migrações
OMS	- Organização Mundial de Saúde
ONU	- Organização das Nações Unidas
SINE	- Sistema Nacional de Emprego

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I – UMA ETNOGRAFIA ENTRE/COM HAITIANOS NO BRASIL	27
1 Minha aproximação com os soldados da ONU	33
1.1 Os casques bleus	33
2 Relatos etnográficos da imigração haitiana no Rio Grande do Sul	34
3 Primeiro contato com o grupo de imigrantes haitianos em São Leopoldo, RS	37
4 Primeiro contato com os imigrantes de Encantado, RS.....	45
CAPÍTULO II – TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO HAITI	59
1 Da África para a América	59
1.1 Ocupação e colonização da América	60
2 Um povo que opta pela resistência	61
3 Um povo marcado por estigmas	64
4 Haiti século XX	68
4.1 Trajetória do povo haitiano.....	68
5 Ocupação Americana em 1915	68
6 Período Ditatorial - A dinastia Duvalier (1957-1986), a Ditadura Papa Doc.....	71
7 Regime Lavalas: 1994-2004	72
8 A presença da ONU: razões para a presença brasileira no Haiti.....	75
8.1 Terremoto	76
8.2 A cólera.....	79
8.3 Eleições e Michel Martelly	81
CAPÍTULO III - DIÁSPORA HAITIANA NO MUNDO: SÉCULOS XX E XXI – CHEGADA AO BRASIL	83
1 Migração	83
2 Diáspora	85
3 Diáspora haitiana no mundo	87
4 Diáspora haitiana para o Brasil.....	92
4.1 Trajetos e perfis dos imigrantes haitianos	97
4.2 Imigrantes em Encantado-RS	103
4.3 A chegada do terceiro grupo de imigrantes	110
5 Memórias e trajetórias de vida.....	113
5.1 O Haiti, entre memórias e projeções.....	124
CAPÍTULO IV - REINSCRIÇÃO IDENTITÁRIA E INSERÇÃO	129
1 Reinscrição identitária dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul.....	129
1.1 A imigração haitiana e seu caráter laboral	133
2 Trajetórias de vida	135
3 Memória e cultura no processo migratório haitiano para o Brasil.....	138
4 Kilti ayisyen.....	140
4.1 A música como memória e cultura: som e sentidos	140
5 Desafios e sonhos	147
5.1 Desafios enfrentados pelos imigrantes	147
5.2 A imprensa e os imigrantes haitianos	149
6 Sonhos migrantes.....	152

6.1	Uma tarde de construção Comigar - Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio com o grupo de imigrantes de Encantado	152
7	Cultura e etnicidade presentes na alimentação e nas memórias do Haiti.....	158
7.1	Manje ayisyen	161
8	Memória e língua materna: o kreyòl ayisyen	167
8.1	O crioulo haitiano.....	168
8.2	Como está a adaptação ao idioma?	168
9	A Igreja: espaço de socialização dos imigrantes	174
9.1	A experiência da socialização no espaço das Igrejas Evangélicas.....	179
9.2	Fet Patronal	183
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	REFERÊNCIAS	193

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo analisar quais fatores se tornaram importantes para o processo de inserção dos imigrantes haitianos residentes no estado do Rio Grande do Sul-Brasil. Para tanto, busquei problematizar e responder a seguinte questão: de que forma os haitianos (homens e mulheres) têm negociado sua inserção na sociedade sul-riograndense (sociedade civil, mercado de trabalho e estado) e quais os principais desafios enfrentados por esses imigrantes, no contexto sociocultural gaúcho? Na perspectiva metodológica, procuro estudar a trajetória de vida dos haitianos por meio das narrativas, desde a chegada até a inserção em atividades produtivas, avaliando o impacto da imigração em suas relações sociais e comunitárias.

Por meio de pesquisa etnográfica, busquei responder às questões acima expostas. No trabalho de campo, utilizei a observação participante, entrevistas semidirigidas e abertas, com dois grupos de imigrantes dos municípios de São Leopoldo e Encantado, no Rio Grande do Sul, procurando conhecer os processos de construção de suas memórias. Por memória, compreendo, conforme Halbwachs (2006), as construções elaboradas no presente acerca de acontecimentos passados. Para os estudos de memória, lancei mão da “trajetória de vida”, entendida por Bourdieu (2000, p. 189) “como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço (...) estando sujeito a incessantes transformações”, conforme as espécies de capital em jogo no espaço social ou campo.

O processo migratório do Haiti para o Brasil se desencadeou após o terremoto que atingiu aquele país, em 12 de janeiro de 2010, afetando diretamente a vida de mais de três milhões de pessoas. Quase todo o território da capital Porto Príncipe foi devastado, deixando um saldo de mais de 200 mil mortos e a estimativa de 300 mil desabrigados e feridos, além de milhares de casas transformadas em ruínas. Um cenário desolador.

Minha ligação com essa temática iniciou quando retornei ao Brasil, em 2011, pois havia vivenciado o terremoto de 2010 e suas consequências para a população, acompanhado o desenrolar dos fatos pós-terremoto, entre eles, a perda das referências de “lugar” e a vivência da população da capital em acampamentos improvisados, sem condições mínimas de saneamento básico. Ali as pessoas ficavam vulneráveis a doenças e violência urbana, esta dirigida principalmente contra as mulheres. Os jovens que estavam nas universidades, na sua grande maioria concentradas na capital, Porto Príncipe, voltavam em massa para suas cidades

de origem. Apesar da ajuda internacional, o aumento da pobreza era perceptível. Para completar a desolação, dez meses após o terremoto, surge um surto de cólera, no final de outubro de 2010, na área rural do Departamento de Artibonite, a cerca de cem quilômetros de Porto Príncipe. Na época, 680 mil haitianos foram infectados pela cólera e mais de 8 mil morreram.

Esses fatores sociais e ambientais, sem dúvida, contribuíram para a “onda” da imigração de haitianos para o Brasil. Os haitianos que têm chegado ao país não são imbuídos do *status* de refugiados por não terem sido perseguidos, em seu país de origem, em razão de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião pública, como definem as convenções internacionais sobre o tema. Por isso, o grupo não está contabilizado pelas estatísticas do CONARE¹. As solicitações dos haitianos são encaminhadas ao Conselho Nacional de Imigração (CNig), órgão do governo federal que concede ao grupo, desde 2010, um visto especial humanitário, que lhes dá proteção internacional e os mesmos direitos garantidos aos refugiados². Mais de 25 mil imigrantes já entraram no Brasil, desde dezembro de 2010, segundo dados dos governos federal e do Acre. Em média, 50 imigrantes chegam diariamente ao Acre e são enviados para São Paulo em ônibus fretados pelo governo estadual do Acre. Alguns gastaram até quatro mil dólares com coiotes³ e chegaram ao Brasil em situação de vulnerabilidade social, sanitária e de saúde.

No ano de 2012, fui convidada por um membro da Associação de Imigrantes Haitianos no Brasil⁴ para visitar e acompanhar, como voluntária, um grupo de imigrantes haitianos que chegavam ao Rio Grande do Sul. Diante desse desafio, constatei a necessidade de pesquisar sobre o processo de inserção dos mesmos no estado. Dado o momento histórico brasileiro, a chegada dos imigrantes haitianos ao país desencadeou o debate nacional sobre a necessidade de discutir uma nova política de imigração, pelo fato de entrarem na categoria de refugiados⁵.

¹ O CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados é o órgão colegiado, vinculado ao Ministério da Justiça, que reúne segmentos representativos da área governamental, da sociedade civil e das Nações Unidas.

² <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/05/solicitacoes-de-refugio-cresceram-800-nos-ultimos-4-anos>

³ Por coioite, se entende todo o agente que conduz os imigrantes ilegais, pelas áreas de fronteira, mediante pagamento.

⁴ Página criada em 2012: <http://www.facebook.com/imigranteshaitianos.nobrasil?fref=ts>.

⁵ Conforme a Agência da ONU para refugiados ACNUR: “Seguindo decisão da Assembléia Geral de 1950 (Resolução n. 429 V), foi convocada em Genebra, em 1951, uma Conferência de Plenipotenciários das Nações Unidas para redigir uma Convenção regulatória do status legal dos refugiados. Como resultado, a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados foi adotada em 28 de julho de 1951, entrando em vigor em 22 de abril de 1954. A Convenção consolida prévios instrumentos legais internacionais relativos aos refugiados e fornece a mais compreensiva codificação dos direitos dos refugiados a nível internacional. Ela estabelece padrões básicos para o tratamento de refugiados – sem, no entanto, impor limites para que os

A permanência de estrangeiros em situação irregular e a questão dos Direitos Humanos desses imigrantes entravam, então, em pauta.

Conforme dados do Ministério da Justiça⁶, desde janeiro de 2012, o Brasil vem concedendo cerca de 370 vistos por mês para haitianos que migraram para o país. A partir de uma resolução normativa do Conselho Nacional de Imigração⁷, foram concedidos cerca de dez mil vistos humanitários⁸ com validade de cinco anos, documento que pode ser obtido nas embaixadas do Brasil na capital do Haiti, Porto Príncipe, em Lima, no Peru, e em Quito, no Equador.

A concessão do visto humanitário, conforme Godoy (2010) demonstra a abertura do Brasil diante dos problemas da humanidade em nível global, os refugiados ambientais, situação em que se enquadra o visto humanitário concedido pelo governo brasileiro aos refugiados ambientais haitianos⁹.

Estados possam desenvolver esse tratamento. Com o tempo e a emergência de novas situações geradoras de conflitos e perseguições, tornou-se crescente a necessidade de providências que colocasse os novos fluxos de refugiados sob a proteção das provisões da Convenção. Assim, um Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados foi preparado e submetido à Assembléia Geral das Nações Unidas em 1966. Na Resolução (2.198) de 16 de dezembro de 1966, a Assembléia tomou nota do Protocolo e solicitou ao Secretário-Geral que submetesse o texto aos Estados para que o ratificassem. O Protocolo foi assinado pelo Presidente da Assembléia Geral e o Secretário-Geral no dia 31 de janeiro de 1967 e transmitido aos governos. Entrou em vigor em 4 de outubro de 1967. A Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967, por fim, são os meios através dos quais é assegurado que qualquer pessoa, em caso de necessidade, possa exercer o direito de procurar e de gozar de refúgio em outro país”(Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/>).

⁶ <http://www.justica.gov.br/portalpadrao/>

⁷ De acordo com o Portal do Ministério da Justiça: “O Conselho Nacional de Imigração - CNIg, vinculado ao Ministério do Trabalho, tem por finalidade: Formular a política de imigração; Coordenar e orientar as atividades de imigração; Efetuar o levantamento periódico das necessidades de mão-de-obra estrangeira qualificada, para admissão em caráter permanente ou temporário; Definir as regiões de que trata o art. 18 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e elaborar os respectivos planos de imigração; Promover ou fornecer estudos de problemas relativos à imigração; Estabelecer normas de seleção de imigrantes, visando proporcionar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional e captar recursos para setores específicos; Dirimir as dúvidas e solucionar os casos omissos, no que diz respeito a imigrantes; Opinar sobre alteração da legislação relativa à imigração, quando proposta por qualquer órgão do Poder Executivo; Elaborar seu regimento interno, que deverá ser submetido à aprovação do Ministro de Estado do Trabalho.

⁸ Conforme dados do CNIg, a fim de se suprir a questão legal referente à situação da imigração dos haitianos, criou-se, no Brasil, em janeiro de 2012, em caráter especial, face ao terremoto ocorrido no Haiti em 12 de janeiro de 2010, o chamado “visto humanitário”, por meio da Resolução 97 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg). O período de vigência dessa Resolução é de dois anos, tendo sido prorrogado por mais 12 meses pela Resolução 106 de outubro de 2013, ou seja, vigorará até janeiro de 2015.

⁹ De acordo com Godoy (2010 p. 63-65): “No que se refere ao tratamento conferido aos haitianos que solicitam refúgio no Brasil, o denominado 'visto humanitário' é uma interessante ferramenta de proteção complementar e tal prática tem “potenciais enormes a serem revelados”. O 'visto humanitário' concedido aos haitianos no Brasil pretende ser uma resposta complementar frente ao deslocamento de pessoas vítimas dos efeitos dos desastres naturais (...). Propõe-se que a devolução ao país de origem e as deportações em massa não sejam levados a cabo, especialmente levando-se em conta a peculiar situação do Haiti, o dispositivo do art. 7º do Pacto Internacional dos direitos civis e políticos e as obrigações gerais de non-refoulement contidos nos demais tratados internacionais do qual o país faz parte”.

A dissertação está organizada em quatro capítulos, dos quais o primeiro apresenta o porquê de trabalhar esse objeto de pesquisa: a imigração haitiana no RS. Relato etnograficamente minha experiência de seis anos no Haiti e a percepção que tive da cultura e do país. Apresento, nesse capítulo, a proposta metodológica da dissertação. Já no Capítulo 2, descrevo, a partir da historiografia do Haiti, sua trajetória enquanto nação. Discorro sobre o Haiti, apresentando um panorama sociocultural e político que irá tentar explicar o porquê da diáspora¹⁰ haitiana. No Capítulo 3, apresentarei o processo da chegada, uma contextualização da diáspora haitiana em nível mundial, visto que a migração de haitianos para outras partes do mundo não é recente. Ao longo dos anos, houve emigração para o Caribe, República Dominicana, Estados Unidos, Cuba, México e outros países. Nesse capítulo descrevo, partindo de relatos etnográficos, a chegada dos imigrantes ao Brasil e ao Rio Grande do Sul.

Finalizando, no último capítulo, desenvolvo como se tem negociado a inserção dos imigrantes haitianos na sociedade sul-rio-grandense (sociedade civil, mercado de trabalho e estado), buscando trazer as categorias de análise que estariam implicadas nesse processo de negociação. Nesse capítulo, procuro analisar a dimensão do transnacionalismo, reinscrição identitária, lealdades para com o país de origem, a linguagem-idioma, sua cultura e os processos de troca, a partir dos princípios de transculturalidade e da socialização dos imigrantes haitianos. Esta pesquisa quer buscar compreender os processos internos de adaptação por que passam os imigrantes haitianos, partindo de uma leitura antropológica, podendo, assim, sugerir elementos importantes para os programas de apoio a esses imigrantes, especialmente às Associações desses imigrantes, que vêm surgindo no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul.

Ao longo da pesquisa foram trabalhados autores importantes que fundamentaram a discussão acerca do tema imigração. Entre eles está Sayad, que enfoca a imigração ou os

¹⁰ Stuart Hall (2003, pg. 28-29) trabalha a noção de diáspora a partir da noção de identidade cultural dos negros caribenhos “(...) relacionada com as complexidades de se imaginar a nação e a identidade caribenhos, numa era de globalização crescente”. Hall (2003) ressalta a importância das questões geradas pela diáspora, por serem centrais, não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem em que certo sujeito imaginado está sempre em jogo. Sobre a identidade cultural, presume-se que seja fixada no nascimento, parte da natureza, impressa através do parentesco e dos genes. A pobreza, o subdesenvolvimento, etc. podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. Essa interpretação do conceito de diáspora (termo modelado na história moderna do povo judeu) é a mais familiar entre os povos do Caribe, sendo, para eles, mais significativa a versão da história no Velho Testamento, muito mais potente para o imaginário dos povos negros, do que a história do Natal. Nessa metáfora, a história circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno (Hall: 2003 p. 29). É um cordão umbilical que chamamos de tradição, cujo teste é a fidelidade às origens, sua autenticidade. Para esse autor, a cultura caribenha é irremediavelmente impura, essencialmente impelida por uma estética diaspórica, por isso, ele cita o Caribe como um dos cenários-chave do início da globalização.

paradoxos da alteridade, bem como um importante aspecto sobre as migrações transnacionais, o retorno, que é elemento constitutivo da condição do imigrante. Fiz uso da perspectiva de Maurice Halbwachs (2006), em que ele nas narrativas dos imigrantes, retoma importantes aspectos da memória coletiva da imigração. Compartilho da perspectiva de Bourdieu (citado por SAYAD, 1998, p. 11), para quem a questão identitária, é extremamente importante: o migrante é sempre o outro do outro. Tendo em vista a alta porcentagem de imigrantes haitianos residentes, especialmente, no Norte, Sudeste e Sul do Brasil, a presente pesquisa propõe investigar uma amostra específica do Rio Grande do Sul, nos municípios de São Leopoldo e Encantado, nos quais estão fixados grupos de haitianos imigrantes.

A escolha dos municípios de Encantado e São Leopoldo deu-se, primeiramente, à questão demográfica e cultural. Encantado é um município pouco populoso, com 20.510 habitantes, com fortes características da colonização italiana, tendo 65,86%¹¹ da população esta origem. Conserva ainda aspectos culturais de uma típica cidade do interior gaúcho. A outra cidade, São Leopoldo, tem uma densidade demográfica bem maior: 214.087 habitantes.¹² Trata-se de uma cidade que foi colonizada pela imigração alemã, no século XIX, e que, hoje, apresenta características de uma cidade de médio porte¹³, com características multiculturais, já que sofreu influência de várias etnias. É um município que cresceu muito e que tem um grande desenvolvimento industrial.¹⁴ Historicamente, esse município é considerado o berço da imigração no Rio Grande do Sul (27 de julho de 1824). O segundo fator da escolha de ambos os municípios foram os contatos realizados anteriormente com os informantes, já que um deles eu conhecia desde o Haiti. Menciono, também, o apoio incondicional que obtive dos informantes ao longo da pesquisa, fator que, a meu ver foi preponderante para que o trabalho pudesse ser realizado. Sobre isso escreverei detalhadamente no primeiro capítulo desta dissertação, a seguir.

¹¹ <http://www.encantado-rs.com.br/site/municipio.php?id=8>.

¹² <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=431870&search=|sao-leopoldo>.

¹³ De acordo com o Censo 2010, São Leopoldo conta com uma população de 214.087 habitantes e uma taxa de urbanização de 99,7% contra 0,30% na área rural. São Leopoldo se destaca como o quarto município da Região Metropolitana de Porto Alegre que recebe mais pessoas de outro município para trabalhar ou estudar, sendo que 24% vêm de Sapucaia do Sul. Por outro lado, São Leopoldo é o oitavo município dessa região do qual saem mais pessoas para outro município para trabalhar ou estudar. Vão para Novo Hamburgo 51% destas pessoas, conforme dados obtidos em: www.saoleopoldo.rs.gov.br.

¹⁴ https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/show_page.asp?user=&id_CONTEUDO=1460&codID_CAT=21&imgCAT=&id_SERVICO=&categoria=%3Cb%3ECidade%3C/b%3E.

CAPÍTULO I

UMA ETNOGRAFIA ENTRE/COM HAITIANOS NO BRASIL.

Para descrever, ao longo desta dissertação, meu envolvimento com a temática da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, não posso deixar de relatar minha passagem de quase seis anos pelo Haiti. Minha trajetória iniciou-se em 2004, como religiosa missionária no Haiti. Naquela época, vivia em Lajeado-RS e era educadora em uma escola da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, ICM, quando fui escolhida para colaborar no Haiti, pois havia carência de recursos humanos nessa missão. Não estava preparada psicologicamente, mas precisava tomar uma decisão, pois teria uma semana para dar uma resposta ao convite. Disse sim. A partida aconteceria em nove meses. Mudei-me para Caxias do Sul, por cinco meses, para ter aulas de francês na Aliança Francesa e colaborar em uma obra social na periferia desse município.

Em janeiro de 2005, migrei para Brasília, por dois meses, para fazer um curso de preparação missionária internacional, CCM (Centro Cultural Missionário). Depois fui para Santa Maria RS. Nesse tempo, organizei passaporte, documentação, visto e convivi com uma religiosa (Leonora Belegante) que vivera no Haiti por 4 anos. Nesse período preparatório, busquei ler muito sobre o Haiti e acompanhar noticiários televisivos: o país passava por uma crise política e sofria a intervenção da ONU¹⁵. Sabia, portanto, que chegaria ao país em um momento muito delicado de efervescência da desestabilização política, com manifestações populares e violência. Nesses dois meses em Santa Maria, com a colega Leonora, pude ter um pouco de conhecimento da cultura haitiana. Ela era historiadora, falava fluentemente o francês e o crioulo haitiano¹⁶. Passou-me alguns vocábulos dessa língua e disse:

O francês você vai ouvir e falar nas repartições públicas, nas escolas, nas universidades e nas conferências dos religiosos, quando encontrar-se com os missionários de origem canadense, francesa ou congoleza. O povo fala o crioulo no

¹⁵ Organização das Nações Unidas. A ONU é uma organização internacional fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, por 51 países comprometidos com a manutenção da paz e da segurança internacionais entre as nações, com a promoção das relações de amizade e do progresso social, com melhores padrões de vida e respeito aos direitos humanos (<http://www.un.org/es/aboutun/>).

¹⁶ O crioulo haitiano (*kreyòl ayisyen*), também conhecido como *créole*, é um idioma falado por quase toda a população do Haiti. A outra língua oficial do Haiti é o francês, idioma no qual o crioulo se baseia.

dia a dia, no intervalo das aulas, saindo dos portões da escola, os estudantes falam só o dialeto do francês, o crioulo (LEONORA BELEGANTE)

Só quando cheguei, compreendi este relato, pois ele veio a se confirmar:

O crioulo haitiano (*Kreyòl Ayisyen*) faz parte do grupo de crioulos de base francesa, porque uma parte importante de seu léxico deriva ou vem diretamente do francês. Porém, sua sintaxe, seu sistema semântico e sua morfologia diferem consideravelmente do francês. É certamente o idioma crioulo mais falado pela maioria dos falantes de crioulos no mundo. São cerca de oito milhões e setecentas mil pessoas no Haiti. Na diáspora, o crioulo haitiano também é falado por mais de um milhão de pessoas, vivendo na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na América do Sul (principalmente na Venezuela e na Guiana Francesa), no Caribe (República Dominicana, Martinica, Guadalupe e Bahamas), na Europa (França) e em alguns países da África. Juntamente com o francês, é hoje idioma oficial da República do Haiti (desde 1987), embora só uma minoria de haitianos fale o francês fluentemente. Desde 1980, o crioulo haitiano foi equipado com uma ortografia oficial, e escritores haitianos já produziram uma literatura interessante e consistente (RODRIGUES, 2008, p. 89).

Leonora me passou outra imagem do Haiti, muito diferente daquela apresentada pelos meios de comunicação. Falou sobre a cultura haitiana, a simplicidade do homem e da mulher haitiana, a vida dos camponeses, a beleza natural da ilha, os provérbios, a educação no país, o modelo de Igreja vigente. Também esclareceu como era a convivência com os estrangeiros na cidade de Jérémie, onde eu viveria: religiosos, freiras e padres franceses, americanos, canadenses e congolese, além dos militares uruguaio e os civis, funcionários da ONU, estes, das mais diversificadas nacionalidades. Fui criando um olhar mais otimista e corajoso para poder partir.

No dia 29 de abril de 2005, às 19 horas, eu parti do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, passando por três conexões: São Paulo-Panamá-Porto Príncipe. Foram quatro horas de espera e 16 horas de voo. Na tarde de 30 de abril, eu já pisava em solo haitiano, no Aeroporto Internacional Toussaint Louverture. Era primavera no Haiti. Os termômetros marcavam mais de 40 graus. Sob um sol escaldante, desci as escadas do avião da Companhia Aérea Copa Airlines, acompanhada por outras duas colegas brasileiras que faziam visita ao grupo. Um pouco perdidas, seguíamos as orientações em inglês e francês: deveríamos passar pelos protocolos da imigração. Antes disso, nos dirigimos para a retirada da mala na “garre”, esteira, o que demorou muito. Depois, passamos para a checagem da polícia. Os passageiros se identificavam e tinham suas malas revistadas, mesmo que já tivessem passado pelo sistema de rastreamento por Raio X. Meu primeiro estranhamento, o que me fez sentir insegura e temerosa, foi o fato de um policial haitiano solicitar que eu entrasse em uma sala, fazendo um interrogatório, em inglês, sobre qual seria o meu destino de viagem. Não falo inglês, então

respondi em francês, depois, em crioulo: “Je ne parle pas l’anglais. Mwem pa pale anglè !Je suis missionnaire brésilienne. Je vais aller à Jérémie ».“Mwem se misyoné bresiliene , mwem prale Jérémie.” Era o que aprendera com a colega brasileira Leonora, para usar em situação de apuros: um vocabulário básico de crioulo. O policial riu e falou em crioulo para o outro: “Gade li pale kreyòl” (Olha, ela fala o crioulo). E respondeu que sua família era de Jérémie, que tinha nascido lá e me liberou,dizendo *bienvenue bresiliene*. Foi nesse momento que percebi que o idioma seria um desafio inicial. Eu sendo sulamericana, falava o espanhol, que no Haiti, não entrava nos diálogos oficiais, apenas o inglês e o francês. Sendo estrangeira e branca, era uma obrigação conhecer estes dois idiomas:

[...] aprender uma língua estrangeira é sempre acompanhada de um investimento psíquico, podendo ser de sofrimento ou de gozo. Aprender uma língua é deslocar do desejo desse primeiro Outro e instaurar outro *Outro*. Nesse sentido, os efeitos de sentido de “estrangeiridade” estão inscritos no corpo do sujeito em sua língua materna (MASCIA; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 90).

Depois de passar as barreiras da polícia e dos carregadores de malas, bem como de ter carimbado os passaportes, saímos para o *hall* de saída do aeroporto. Fazia muito calor, havia muita gente, os carregadores de malas me abordavam com saudações em inglês, inicialmente, porque meu fenótipo sempre era confundido com o americano: “Good afternoon, Valet parking, porters, Id like to order a taxi?” (Precisa de carregador de malas, gostaria de pedir um táxi?). Embora eu compreendesse um pouco, meu inglês, naquele momento, era muito parco. Estava realmente difícil a comunicação. Adiante, avistamos uma colega brasileira e um haitiano que nos aguardavam. Ela já vivia no Haiti há cinco anos. Ele era motorista da Cáritas Diocesana de Jérémie. Passamos pelo Centro Scalabriniano, dos Missionários Carlistas, onde o responsável pela casa era um brasileiro. Acolheram-nos oferecendo algo para comermos; tomamos banho e seguimos viagem: seriam mais de 10 horas. O trajeto da capital até o departamento de “Grand’Anse”, Grande Enseada, tinha uma estrada muito difícil, íngreme, com buracos, muitas rochas, falésias e um rio para atravessar “Rivière Glâce”, Rio Gelado. A paisagem era muito bonita, com muitas montanhas, embora fosse perceptível, também, o desmatamento. Nós cruzávamos com camponeses que caminhavam ao longo da estrada, puxando as mulas carregadas de víveres. A paisagem era bucólica, o ar puro; eu tinha a impressão de estar voltando ao século passado. Cruzamos com um ônibus que vinha de Jérémie, lotado de pessoas, animais e malas sobre seu teto.

Jérémie- Grand'Anse



Figura 1: Vista aérea da cidade de Jérémie-Haiti

(Fonte: Grande Enseada é um departamento do Haiti. Sua capital é a cidade de Jérémie. Disponível em: [http://www.haitimega.com/\(10\)Jeremie_the_city_of_poets_Capital_of_the_department_of_Grand_Anse/gallery](http://www.haitimega.com/(10)Jeremie_the_city_of_poets_Capital_of_the_department_of_Grand_Anse/gallery))



Figura 2: Centro de Jérémie- Haiti

(Foto de Bruno Le Bansais 1 março de 2006. Fonte: Aperçu Jérémie Haiti JPG, Wikimedia Commons repositório de mídia livre. Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aper%C3%A7u_centre_J%C3%A9r%C3%A9mie_Ha%C3%Afti.JPG)

Chegamos às 3 horas da manhã, em Jérémie e, como já sabia, não teria energia elétrica, pois o gerador da cidade era movido por combustível, este, importado da Venezuela. Quando terminavam os recursos financeiros, demoravam meses para chegar o gás de Porto Príncipe; então, a cidade de Jérémie ficava sem energia elétrica. Algumas poucas famílias e instituições tinham placas solares. A casa onde eu viveria tinha tais placas, porém, naquela semana, havia chovido, e as baterias não foram carregadas suficientemente. A alternativa era

um lampião de querosene para iluminar o ambiente. Enfrentando um calor intenso de 40 graus, tomamos um banho de bacia com água aquecida em um fogão de carvão. Comemos algo e fomos dormir, em meio ao cansaço, sentindo, naquele momento, um misto de emoção e medo. Enfim, esse foi meu primeiro encontro com a realidade vivida diariamente pelo povo haitiano.

A comunidade missionária a qual eu integraria estava no Haiti desde 1986 e era composta por seis membros. Três viviam em Leon, um distrito de Jérémie, e atuavam na Cáritas¹⁷ Diocesana. A Cáritas está presente em todos os departamentos do Haiti. Eu e duas outras missionárias viveríamos em Jérémie, em uma casa muito simples, sem luxo ou conforto. Permanecemos lá por quase um ano, até mudarmos para outro espaço que estava sendo construído, no qual desenvolveríamos um projeto com crianças e adolescentes. Depois de socializada e adaptada à cultura e ao idioma, assumiria a formação dos novos membros da instituição no Haiti e a parte pedagógica de um projeto com crianças.

Os primeiros seis meses foram muito difíceis, pois envolviam a adaptação ao meio ambiente, à alimentação, ao clima. Nesse período, tive duas vezes, febre malária. Depois de três meses da chegada, fui para o “Plateau Central”, região central do Haiti, onde permaneci por dois meses, em meio aos camponeses. Era uma região muito pobre, com pouca água e muita seca. Não saía muito de casa. Os sentimentos eram de inutilidade e impotência diante da nova realidade, pois não dominava o crioulo e sofria com as altas temperaturas. Emagreci mais de 6 quilos ao contrair outra malária. Fora uma experiência difícil, mas retornei para Jérémie, falando o crioulo com mais desenvoltura. Nesse tempo, hospedei-me com as Petites Soeurs de L’encarnation¹⁸, que tinham uma escola rural, local em que convivi muito com as crianças e os camponeses. Esse foi o estágio inicial para uma boa inserção na cultura e na vida do povo haitiano.

Eu havia chegado em um momento bem conturbado da conjuntura política e social, no país. Segundo a Resolução 1542 do Conselho de Segurança da Organização das Nações

¹⁷ De acordo com o site Cáritas (www.caritas.org), a Cáritas Internacional é uma confederação de mais de 160 países. Conta com a colaboração de diversos membros - a partir de pequenos grupos de voluntários, sendo uma das maiores instituições de caridade globais. Inspirada pela fé católica, a Caritas é a mão amiga da Igreja - alcançando os pobres, vulneráveis e excluídos, independentemente de raça ou religião, para construir um mundo baseado na justiça e no amor fraterno. A Cáritas Internacional tem sede em Roma, onde se desenvolvem operações de emergência de coordenação, formulação de políticas de desenvolvimento e de defesa de um mundo melhor para todos. Todas as organizações nacionais da Cáritas têm membros de suas próprias redes regionais e da confederação internacional. Desde a fundação da primeira Cáritas na Alemanha, em 1897, da criação da Cáritas Internacional, em 1951, até hoje, a Cáritas tem uma rica história de escutar respeitosamente o sofrimento dos pobres e dar-lhes as ferramentas para transformar suas próprias vidas.

¹⁸ É uma congregação religiosa católica de origem haitiana - Pequenos Irmãos e Irmãs da Encarnação.

Unidas (ONU), a contar do dia 1º de junho de 2004, criou-se a MINUSTAH (Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti) ¹⁹, liderada pelo Brasil, para restabelecer a ordem no país, por meio de um mandato em três áreas principais: provimento de segurança e de um ambiente estável, particularmente através do desarmamento; apoio ao processo político e à boa governança, em preparação para futuras eleições, previstas para novembro de 2005; e monitoramento e apresentação de relatórios sobre os direitos humanos. Em nenhuma dessas áreas, a MINUSTAH parecia estar tendo sucesso, e ainda era instável a situação no país. Recém havia completado um ano da deposição do então presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide, em fevereiro de 2004. Desde então, o país estava sendo governado interinamente pelo primeiro-ministro Gerard Latortue, e a MINUSTAH vinha tentando garantir a paz e a segurança. As eleições foram adiadas várias vezes, tendo sido realizadas no dia 07 de fevereiro de 2006, quando foi eleito, com 80% dos votos, René Preval, ex-presidente haitiano (1996 e 2001) e ex-primeiro-ministro do governo de Jean Bertrande Aristide.

Em minha passagem pela capital, em agosto de 2005, antes de partir para a região central, Hinche, na qual faria um estágio de adaptação cultural por dois meses, eu fui proibida de sair de dentro da casa que me acolheu em Porto Príncipe. O motivo era que grupos rebeldes estavam sequestrando estrangeiros, desde o início de 2005. Dessa forma, procurei me adaptar à realidade da conjuntura da época: não circulava muito pelas ruas da capital, e, quando saía, sempre era acompanhada por algum haitiano.

¹⁹ Desde 2004, a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, chamada de MINUSTAH (sigla em francês), atua na reconstrução do Haiti, que sofria com conflitos armados. A missão tem mais de 9.000 integrantes, a maioria militares. Conforme dados da ONU, a MINUSTAH tem como objetivos: “restabelecer a segurança e a estabilidade, promover o processo político, fortalecer as instituições governamentais, assim como promover e proteger os direitos humanos. São mais de 7.031 militares dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Equador, Estados Unidos, França, Guatemala, Jordão, Nepal, Paraguai, Peru, Filipinas, República da Coreia, Sri Lanka e Uruguai. Há também 2.034 policiais, 488 civis de organizações internacionais, 214 voluntários da ONU e 1.212 civis locais. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/entenda-o-que-e-missao-de-paz-no-haiti-20100114.html>. Acessado em 03 de maio de 2014.

1 Minha aproximação com os soldados da ONU

1.1. Os *casques bleus*²⁰

Em Jérémie, convivi com o exército uruguaio. Era comum encontrar seus integrantes nos dias de folga, na praça, com seu “mate”,²¹ ou na praia de Ansd ‘Azur, onde tínhamos nosso lazer nas tardes de domingo. Com o passar do tempo, fomos nos familiarizando com a presença deles, podendo, inclusive, tomar o chimarrão com a erva-mate produzida no Rio Grande do Sul. Conseguimos, além disso, a sua colaboração em um projeto da Horta Comunitária das crianças haitianas, em que eles se encarregaram do transporte de água da fonte para um reservatório. Já os militares brasileiros, os encontrei várias vezes, quando ia à capital e me hospedava no Centro dos Missionários Scalabrinianos²², no Bairro *Croix- des - Bouquets*, local em que eles costumavam repousar em seus dias de folga. Nesse espaço, funcionavam um centro clínico, uma escola e um seminário, onde se preparavam os futuros membros para a ordem religiosa, com as etapas do Propedêutico e da Filosofia.

²⁰ Forças de manutenção da paz das Nações Unidas. Conhecidos como “Capacetes Azuis” (em inglês, *United Nations Peacekeeping Forces*) são forças militares multinacionais instituídas pela Organização das Nações Unidas, com a aprovação e objetivos designados pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, para atuar em zonas de conflito armado.

²¹ Mate é o nome com que também se designa o chimarrão, uma bebida proveniente da infusão da erva-mate, planta nativa sul-americana, elegada da cultura guarani. A infusão é preparada em uma cuia e sorvida através de uma bomba. É consumido, principalmente, nos estados da região Sul do Brasil e em países do Cone Sul. Observando os militares da ONU em Jérémie, era perceptível que, para eles, o consumo do mate era personalizado; isso significa que era comum ver os militares uruguaios reunidos “mateando”, mas em lugar de todos usarem mesmo mate, como é costume, cada um deles possuía o seu próprio equipamento.

²² Os missionários de São Carlos - Scalabrinianos - estão presentes, desde 1992, na diocese de Port-au-Prince, com um projeto no Bairro Croix-de-Bouquets, que inclui um seminário Propedêutico e de Filosofia, um centro de formação para jovens, um centro de espiritualidade, uma clínica de serviço gratuito, uma escola para 450 estudantes, uma quinta agrícola e uma série de estruturas ao serviço da Conferência Episcopal Haitiana e da missão de paz da ONU – enfermeiros, médicos e militares brasileiros.



Figura 3: Militares brasileiros e uruguaios, em nossa residência em Jérémí, com a embaixatriz do Brasil no Haiti, Roseana Aben-Athar Kipman

(Fonte: Arquivo pessoal da autora)

2 Relatos etnográficos da imigração haitiana no Rio Grande do Sul

A presente pesquisa é uma etnografia acerca do processo de inserção de imigrantes haitianos no RS. Utilizarei o método etnográfico que, conforme Magnani (2009, p. 135), propicia uma relação de troca, em que o pesquisador procura mergulhar no universo dos pesquisados, compartilhando seus horizontes.

No trabalho de campo, lancei mão da observação participante, de entrevistas semidirigidas e abertas, perquirindo a memória desses imigrantes que, segundo Halbwachs (2006), é uma construção elaborada no presente acerca de acontecimentos do passado. Segundo Eckert (2008), o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coleta de dados associados a uma prática do trabalho de campo, a partir de

uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico, a partir de uma inter-relação entre o (a) pesquisador (a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto. A pesquisa de campo recorre, primordialmente, às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais e das entrevistas não diretivas.

Como assinala Cardoso de Oliveira:

Criar um espaço, onde o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre ‘iguais’ sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso (OLIVEIRA, 1996, p. 24).

Essa perspectiva metodológica implica, portanto, uma observação participante não redutível a uma reflexão *a posteriori* sobre os resultados da investigação, mas se propõe a analisar os procedimentos de validação e sugerir critérios de demarcação. Essa perspectiva deve, ainda, ajudar a investigar o próprio processo da pesquisa. De outra sorte, é oportuno referir que uma relação em tal nível envolve um exercício mais aprofundado de pesquisa, mais intenso, o que em Antropologia convencionou-se chamar de observação participante.

Nas palavras de Cardoso de Oliveira (2006),

[...] o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade [ou situação de pesquisa] observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade [ou situação], pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação. [...] Entendo que tal modalidade de observação realiza um inegável ato cognitivo, desde que a compreensão (Verstehen) que lhe é subjacente capta aquilo que um hermenauta chamaria de “excedente de sentido” e aquelas significações (por conseguinte, dados) que escapam a quaisquer metodologias de pretensão nomológica. [...] [Portanto], por meio do qual o pesquisador busca interpretar (melhor dizendo: compreender) a sociedade e a cultura do Outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade. Tentando penetrar nas formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência – só assegurada pela observação participante “estando lá” – passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina (OLIVEIRA, 1996, p. 21-22).

Durante a pesquisa etnográfica, tentei fazer o exercício proposto por Oliveira (2006) do *Olhar, Ouvir e Escrever*. Reeducando meu *Olhar*, busquei conhecer o homem e a mulher haitiana enquanto imigrantes, observando aspectos próprios da sua inserção cultural no Brasil. O *Olhar* etnográfico, tanto quanto o *Ouvir*, cumpre sua função elementar na pesquisa empírica. Dessa forma, procurei escutar paciente e atentamente seus relatos e suas

experiências de vida, suas alegrias e lamentos, da epopeia da saída do Haiti até a sua chegada ao Brasil. Estive escutando-os em sua língua materna, o crioulo, e esforçando-me para compreendê-los. E, finalmente, adentrei o *Escrever*, momento posterior e particular, que se revelou como o passo mais fecundo da interpretação. Foi por meio dele, quando eu textualizava a realidade sociocultural desses imigrantes, que o pensamento manifestava-se em sua plena força. Quando eu retornava do campo, além das gravações transcritas, trazia à tona a memória os detalhes subliminares vistos e ouvidos de suas narrativas, transcrevendo-os.

Da Matta (1978) fala da rotina do trabalho de campo como algo criativo, como algo interessante e substancial para a análise antropológica. Segundo o autor, a Antropologia compreende um componente de alteridade: só acontece quando há um informante, e só há dados quando há um processo de empatia de ambos os lados.

São os informantes (digo, colaboradores) que salvam o etnólogo do marasmo do cotidiano nas aldeias. Tive dois colaboradores principais, um em cada cidade, São Leopoldo e Encantado. Ambos são haitianos que vivem no Brasil há anos, os quais eu já conhecia um deles, desde o Haiti. Com esses informantes construí vínculos de confiança para a troca de informações e para os agendamentos das visitas a campo. Os contatos com ambos se deram via internet. Muitas informações eram trocadas a partir de email e da rede social Facebook. Criei uma página nessa rede chamada *Imigrantes Haitianos no Rio Grande do Sul*²³ e adicionei todos os imigrantes entrevistados. A página no Facebook: *Imigração Haitiana no Brasil*²⁴ também tem sido um espaço de comunicação e troca de informações dos imigrantes entre si e deles com a sociedade civil brasileira.

Cogo (2012) destaca as mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais em que, mais do que meros dispositivos técnicos, as mídias, como a televisão, o rádio ou a internet, passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e que propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos.

A grande maioria desses imigrantes tem acesso à internet e a redes sociais. Comunicam-se, diariamente, com seus familiares no Haiti. Os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte e das tecnologias de comunicação e informação, atuam na reconfiguração do fenômeno das migrações, com a dinamização dos processos de interculturalidade e de transnacionalismo. Blanco (2006) assinala que “Las distancias físicas

²³ <https://www.facebook.com/groups/155010571310643/>.

²⁴ *Ibid* nota 5.

se acortan, los movimientos se multiplican y el contacto virtual con los otros se hace posible en cualquier parte del mundo”.

Podemos pensar as redes sociais migratórias como um conjunto de relações interpessoais, muitas vezes mediadas tecnologicamente, que vinculam os migrantes a seus familiares, amigos e conhecidos do mesmo país de nascimento, ao mesmo tempo em que implicam a constituição de novos vínculos no país de migração, conforme assinala Zanini (2012):

Tais formas de expressão e comunicação têm se tornado comuns e crescentes entre descendentes que agora fazem uso de internet e outros meios, sem abandonar, contudo, outros veículos de comunicação, tais como os jornais impressos e os programas de rádio, por exemplo. (...) Este espaço de troca, o ciberespaço, é, com certeza, um desafio aos pesquisadores das identidades étnicas e também da comunicação nos cenários contemporâneos. Por meio de sites, blogs e *newsletters*, há a pretensa formação de uma rede imaginada (ANDERSON, 1983). A Antropologia, por meio de etnografias no espaço virtual, tem buscado a compreensão e interpretação de processos comunicativos e identitários nestas novas modalidades de comunicação, sem pretensões generalizantes ou mesmo definitivas (ZANINI, 2012 apud COGO; ELHAJJI; HUERTAS, 2012).

3 Primeiro contato com o grupo de imigrantes haitianos em São Leopoldo- RS

Desde o início desta dissertação, levei em conta alguns enfrentamentos éticos, como o esclarecimento ao grupo de imigrantes haitianos sobre a natureza da pesquisa e sobre o meu papel como pesquisadora em campo. Depois de apresentada pelos informantes, que eram haitianos, eu obtive o consentimento do grupo frente a todas as ações pertinentes à pesquisa, como gravar a entrevista, capturar e publicar imagens de suas residências e de seus locais de trabalho. Do grupo de São Leopoldo, apenas um imigrante não quis gravar a entrevista. Ficou acordado de que eu retornaria com o material produzido posteriormente.

Existe uma grande “fronteira” entre mim, pesquisadora, e o meu objeto de pesquisa, os imigrantes haitianos. Por isso, foi imprescindível a vigilância epistemológica, na busca da construção de um material etnográfico de cunho científico, Pierre Bourdieu sublinha:

A vigilância epistemológica impõe-se, particularmente, no caso das ciências do homem, nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa do que alhures [...] a familiaridade do universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência [...]. O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica

incessante contra as evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável (BOURDIEU, 1999, p. 23).

O primeiro contato com o grupo de imigrantes haitianos de São Leopoldo se deu por intermédio de um haitiano que viveu no Brasil entre 2000 e 2004. Nesse período, ele morava na cidade Viamão- RS, onde fez seus estudos seminarísticos²⁵. Em 2005, ele retornou para o Haiti e, após o terremoto de 2010, juntamente com um grupo de seminaristas de sua ordem religiosa (Oblatos de São Francisco de Sales²⁶) veio novamente para o Brasil, pois a universidade em que estudava no Haiti foi totalmente destruída. Ele e seus colegas vieram terminar sua formação teológica na ESTEF, Escola Superior de Teologia Franciscana, em Porto Alegre. Em 2011, deixou a ordem, passando a integrar a Fraternidade da Boa Nova, em São Leopoldo, Bairro Campina. Em 2012, ele esteve em Santa Maria, participando de um encontro de Comunidades Eclesiais de Base, com uma caravana de sua paróquia. O encontro deu-se na Basílica Nossa Senhora da Medianeira. Na ocasião, partilhei que teria interesse em pesquisar sobre a imigração haitiana no Rio Grande do Sul, foi quando ele mencionou um grupo de imigrantes haitianos que havia chegado há poucos meses e se instalado no bairro em que morava em São Leopoldo. Contou, também, que os reconheceu em uma *lan house*, quando ouviu um grupo de rapazes negros falando crioulo entre si.

Segundo seu relato, foi a partir desse contato que ele pôde acompanhá-los e ajudá-los no momento em que mais necessitavam, pois, na ocasião, recém haviam sido demitidos da Empresa Construsinos²⁷, na qual trabalhavam desde a chegada em São Leopoldo. Eles faziam parte do primeiro grupo de haitianos migrantes, que havia chegado em junho de 2012. Ele relatou que eles estavam muito abalados, pois teriam apenas duas semanas para deixar o alojamento da empresa e procurar casa e trabalho. Foi a partir deste informante que cheguei ao grupo, por isso, o chamaria de informante-chave, já que ele me apresentou ao grupo, introduziu-me, e depois solicitou que “ficar de fora” de minha pesquisa, ou seja, disse que me apresentaria ao grupo e, em seguida, me deixaria à vontade com os haitianos, tendo seu total apoio. Disse-me também ser avesso, inclusive, à entrevista de jornalistas, contando uma experiência vivida quando retornou ao Brasil, depois do terremoto no Haiti, em 2010:

²⁵ Período preparatório de estudos em instituição acadêmica, que inclui Filosofia e Teologia, antecedendo a ordenação episcopal.

²⁶ Ordem religiosa que segue a espiritualidade Salesiana de Dom Bosco.

²⁷ A Construsinos Indústria e Comércio de Artefatos de Cimento Ltda é uma empresa sul-rio-grandense, localizada no município de São Leopoldo, que fabrica tubulações para esgotos sanitários e pluviais, estruturas e peças pré-moldadas.

[...] ao chegarmos ao Brasil em 2010, vários meios de comunicação, jornais, inclusive a Rede Globo e o Zero Hora, queriam entrevista com o nosso grupo, porque a Doutora Zilda Arns faleceu na Faculdade de Teologia e estávamos lá por ocasião da tragédia, meu colega estava ao lado dela, no exato momento do terremoto. Meus colegas deram entrevista, mas eu não quis não gosto disto (JEAN MARA, 32 anos).

Embora fôssemos amigos e nos conhecêssemos desde o Haiti, ele não quis gravar entrevista e respeitei sua decisão. Nos seis anos vividos naquele país, muitas vezes, era em sua comunidade religiosa que éramos acolhidas quando íamos para Porto Príncipe. Na época, meu informante-chave recém havia retornado do Brasil e falava bem o português. Mas, mesmo sem me conceder entrevistas, ele fez vários relatos sobre sua relação com seus compatriotas imigrantes, relatos que, depois, se repetiriam nas vozes deles. Ele fez críticas quanto ao desinteresse dos imigrantes recém-chegados por aprender o idioma; pensava que eles se preocupavam demasiadamente com o trabalho, com os recursos financeiros para enviar para a família no Haiti, não usufruindo de nenhum conforto para si, nenhum gasto com lazer ou entretenimento: “[...] só trabalham, e se privam de muita coisa em benefício da família, podem chegar a um nível de estresse muito grande se não retomarem esta postura”, dizia ele.

Ele me passou o contato telefônico de um desses imigrantes, James. Desde o início, era perceptível que esse imigrante apresentava uma liderança dentro do grupo. Conversei bastante por telefone com ele, depois o adicionei ao meu *Facebook*²⁸, ferramenta a partir da qual nós pudemos conversar e ele conhecer um pouco mais sobre a minha proposta de pesquisa. Falamos sempre em crioulo, criando alguns laços de confiança.

Ele me disse: “*bienvenu, Jean Mara di- m, w se bon moun, nou kwè nan li, w kapab vini visite nou le w vle*”. Ou seja, “Bem-vinda, se Jean Mara disse que és uma boa pessoa, nós acreditamos nele, venha quando quiser nos visitar”. Quando marquei a visita, para dezembro de 2012, foi inicialmente o seminarista que falou sobre mim para o grupo, depois, quando cheguei, foi James quem me apresentou aos demais imigrantes. Por *Facebook* passou-me o endereço e, gentilmente, me explicou como chegar até eles, dizendo que ele e outro haitiano, Robert, me aguardariam na estação de Trem Unisinos. Eu disse-lhe que com o endereço me viraria, mas ele insistiu, dizendo que faria questão de buscar-me na Estação Unisinos. Depois de 5 horas de viagem de Santa Maria a Porto Alegre, mais 20 minutos de *Trensurb*²⁹, cheguei a

²⁸ O *Facebook* é uma rede social em que os usuários podem compartilhar fotos e vídeos, conversar com amigos, publicar o que estão fazendo, curtir as postagens de outros, jogar e, ainda, realizar diversas outras atividades. Os imigrantes haitianos têm essa rede social como importante meio de comunicação com seu país de origem.

²⁹ O *Trensurb* é um metrô de superfície, um meio de transporte mais rápido que o ônibus urbano. Opera uma linha de trens urbanos no Eixo Norte da Região Metropolitana de Porto Alegre, atendendo diretamente às

São Leopoldo em torno das 14 horas. Ao longe, vi dois jovens negros, de uma negritude que os diferenciava dos demais transeuntes que por ali passavam. James e Robert me aguardavam na estação. Explicaram que tinham chegado bem cedo para que eu não precisasse esperar. Na mesma estação, tomamos o ônibus Campina-Luciana. Durante o trajeto, somente sorrisos. James era mais comunicativo; Robert mais calado e tímido. A única pergunta que me fizeram era se eu tinha viajado bem. Robert tentou falar em português, com um pouco de dificuldade. Em todo o trajeto, as pessoas no ônibus nos observavam atentas, os olhares voltados para nós eram constantes. Embora fosse sábado, o ônibus estava lotado.

Quando entramos no bairro Campina, James olhou para mim, sorriu e disse: “Estamos quase chegando”, faltam mais duas paradas, sempre se esforçando para falar o português, o que muito me surpreendeu. Quando conversei com o grupo, posteriormente, confirmei o que já era perceptível, que Robert, James e outro haitiano Wilgens eram os que melhor dominavam o português. “Nou rive, bienvenu”. “Chegamos!”, disse James, “bem-vinda”. Robert disse: “agora você vai conhecer a minha casa”, e riu. Senti a acolhida que vivi no Haiti, hospitalidade do povo haitiano atravessando fronteiras.

O grupo de São Leopoldo é constituído por 16 imigrantes (três mulheres e 13 homens), que vivem em uma espécie de condomínio popular: são oito casas de alvenaria de dois andares, onde vivem duas famílias de brasileiros; os demais moradores são haitianos. As casas estão coloridas nas cores amarela azul, rosa e verde. Possuem quatro cômodos: uma sala e cozinha conjugadas, dois quartos bem pequenos e um banheiro. Atrás e em frente das casas havia uma pequena sacada; aos fundos uma área de serviço. A impressão foi boa, pois eram casas pequenas, simples, mas bem ordenadas, limpas e arejadas. As mesas estavam decoradas com guardanapo de crochê e um arranjo de flores artificiais. A mobília é simples; foi adquirida em lojas de móveis usados, quando eles deixaram, em 2012, a casa da empresa Construsinos para alugar uma moradia. Foi o seminarista haitiano quem os orientou para mobiliar suas residências procurando essa modalidade de produtos. Assim, suas casas apresentavam um mínimo de conforto, embora o espaço físico, que seria adequado para duas pessoas, no máximo três, fosse dividido, em alguns casos, por quatro pessoas.

Com o passar de um ano, os imigrantes foram adquirindo utensílios e eletrodomésticos, como forno micro-ondas, cafeteira, liquidificador, rádio, televisão, ventiladores, estufas. O poder de compra aumentou como resultado do trabalho, uma vez que, segundo os relatos, a maioria faz horas extras, inclusive aos sábados pela manhã. Também

demonstram ter senso de economia. Observei que, entre eles, alguns adquiriram bens de consumo de marcas e de qualidade, como notebooks, tênis, perfumes.

Deparei-me com imigrantes cujas trajetórias eram marcadas pela pobreza em seu país de origem e que estavam sedentos por um enriquecimento rápido, para darem o retorno desejado às suas famílias as quais os ajudaram a custear a viagem ao Brasil, ajuda esta que deverá ser paga através de remessas de dinheiro. Todo mês, são reservados de cada salário entre R\$ 200 e R\$ 300 reais, U\$100 e U\$150 dólares americanos, para enviar para suas famílias. Os salários desses imigrantes variam entre R\$ 1.200 e R\$ 1.500 reais mensais. No Haiti, um dólar americano corresponde a 40 gourdes. O restante do salário dos imigrantes é destinado para despesas mensais, como o aluguel, que custa R\$ 350,00 reais, cujo valor é dividido entre 3 a 4 imigrantes. A energia elétrica custa R\$ 40,00 reais; a internet, R\$ 50,00 reais e a água, R\$ 30,00 reais. Uma refeição é oferecida pela empresa (almoço); as demais refeições (café e jantar) são feitas em suas casas. A cada R\$ 500 reais enviados ao exterior, os haitianos pagam uma taxa de R\$ 98 reais, então, esperam, às vezes, três meses para remeter recursos às famílias. Segundo matéria jornalística do Portal de Notícias G1³⁰, os haitianos que moram fora do país enviaram remessas que, em 2012, corresponderam a 22% do Produto Interno Bruto (PIB) anual do Haiti, segundo dados da Agência de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Antes do terremoto de 2010, que destruiu a infraestrutura do país e provocou a onda de imigração para o Brasil, o impacto das remessas no PIB não chegava a 16%. Segundo o Banco Mundial, o valor das remessas internacionais ao Haiti alcançou US\$1,82 bilhões no ano passado. Antes do tremor, não chegava a US\$ 1,3 bilhão. O Banco Central do Brasil diz não ter o valor remetido por pessoas físicas ou jurídicas para lá desde 2010, mas os haitianos que trabalham no Brasil afirmaram ao *G1*, que mandam, em média, R\$ 500 por mês para os familiares³¹.

Hospitalidade

A hospitalidade haitiana perpassa pela pergunta: “kisa ou vle bwè?” “O que você quer beber?” Assim, James ofereceu-me água, suco, refrigerante, café. Confesso que estava com muita sede e um pouco de fome também. Robert, sempre silencioso, começou a mexer nas

³⁰ O G1 é um portal de notícias brasileiro, mantido pela Globo, sob orientação da Central Globo de Jornalismo, que disponibiliza conteúdo jornalístico em vários veículos de comunicação, rádio televisão e imprensa-jornal e revista.

³¹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html>. Acessado em 10 de maio de 2014.

panelas enquanto James conversava comigo: “Jean Mara pale-m de ou. Zanmi Jean Mara se zanmi nou tou, se sa ki fè nou resevwa w la kay nou. Mwen sezi anpil ou pale kreyòl bien”! Ou seja, Jean Mara falou-me de você. Sendo ele que fala, nós aceitamos o trabalho que farás. Amiga de Jean Mara também é nossa amiga.” Depois, exclamou: “Nossa, estou assustado, como você fala bem crioulo!” Ele foi chamando, os demais imigrantes do grupo, alguns não se encontravam em casa naquele momento, mas, aos poucos, um a um foram chegando, muito acolhedores, saudando. “ki jan w ye”? “Como estás?” Sentados na pequena sala, James apresentou-me ao grupo brevemente, esclarecendo quem eu era e o que vim fazer. Fiz questão de conversar todo o tempo em crioulo, por duas razões: pelo fato de perceber e saber que apenas três no grupo falavam um pouco de português, James, Wilgens e Robert; por saber que poderia criar vínculos de confiança maiores se me comunicasse na língua materna deles.

Acredito que esse segundo ponto funcionou, pois, desde o primeiro contato, todos expressaram sentir-se muito à vontade. Apenas dois do grupo disseram que não queriam participar. Um deles era Enel Fenellon, que, posteriormente, iria partilhar muitas coisas informalmente, mas que pediu para não ser gravado. Seria ele quem me acolheria em sua casa nas demais ocasiões. Nesse dia de sábado, foi apenas um contato, uma conversa informal, porque seria marcado um segundo encontro em março de 2013, quando eu faria as primeiras entrevistas gravadas. Pela noite, dirigi-me para o Hotel Schmidt, próximo à rodoviária de São Leopoldo. Retornei no outro dia pela manhã.

Cheguei à casa de Robert e Enel no domingo, em torno das 9 horas. Convivi com o grupo. Pelas 10 horas da manhã, levaram-me para conhecer a empresa na qual haviam trabalhado, a Construsinos.



Figura 4: Construtora Construsinos

(Fonte: <http://www.construsinos.com.br/clientes.html>)

Disseram-me: “É logo ali!”. Caminhamos mais de 40 minutos sob o sol, subindo e descendo morros. Na ocasião, visitamos outros quatro haitianos que ainda trabalhavam na empresa e moravam na casa ao lado. Foi um momento bem emocionante; no percurso, já narravam o que, posteriormente, relatariam nas entrevistas. James foi recontando a trajetória do grupo: “foi ali naquela casa, que vivíamos em vinte haitianos, dividíamos três quartos. Depois da nossa demissão, chegou esse segundo grupo, que permaneceu”.

Entrei nas dependências internas da casa. Realmente, ela não tinha muito conforto: um fogão, uma pia, uma geladeira antiga, uma mesa e quatro cadeiras. Três quartos com beliches e um armário bem deteriorado. Externamente, a casa tinha uma bela aparência. Sem acesso à internet, dependiam de *lan house*³² para se comunicarem com familiares. Contrastava com a realidade vivida pelo primeiro grupo, agora mais autônomo e independente, que tinha um mínimo de conforto, contando com um sofá, além de eletrodomésticos, como televisão, computadores e *notebooks*, rádios, forno de micro-ondas. Nesse momento, compreendi o quanto haviam passado privações logo que chegaram. E, segundo um relato, tanto o alojamento como a alimentação eram descontados na folha de pagamento. Nada era de graça.



Figura 5: Imigrantes de São Leopoldo

(Fonte: Arquivo pessoal da autora. Dezembro de 2012)

³² Lan house a definição de "casa onde redes estão interligadas em computadores para troca de informações e/ou dados". Com o advento da popularização da Internet, as "... trocas de informações e/ou dados", deixaram de ser apenas um local distinto, tornando-se locais públicos, onde diversas pessoas trocam todo o tipo de informação possível. Fonte(s): Revista "Negócios & Cia".

Conforme Sayad (1999), eles são emigrantes e imigrantes ao mesmo tempo, fazendo assim a experiência simultânea de uma dupla ausência. Lançados numa aventura existencial de ultrapassagem de fronteiras da identidade e da memória, os migrantes experimentam justamente uma transformação frequentemente dolorosa, da percepção identitária de si, do valor social das suas referências culturais de origem e da aura das suas ilusões de partida. Entre um momento e outro, com frequência, o “novo cidadão”, muitas vezes clandestino, é comparável a um morto-vivo ou a um recém-nascido, frágil e vulnerável.

Diante da complexidade que é, para esses imigrantes, se inserirem em uma nova realidade, existem fatores internos e externos prévios e posteriores à experiência no Brasil, que influenciam nesse processo, tais como idade, sexo, escolaridade, estado civil e profissão. Outros recursos pessoais e psicológicos, como a capacidade de responder a situações de estresse, capacidade de estabelecer relações sociais, maturidade emocional e intelectual, crenças ou papel da espiritualidade e situação afetiva atual, também são importantes. Os fatores externos e anteriores à viagem se relacionam, em geral, com o país de origem, o Haiti, e envolvem as razões que os levaram a viajar, as características do grupo familiar e o desempenho profissional ou acadêmico.

A saga desses imigrantes retrata um imaginário de heroísmo e coragem. Passaram por perigos, humilhações, privações e pressão psicológica, e não imaginavam as dificuldades que passariam em terras estrangeiras.

Sayad (1998) destaca que toda migração é um movimento para quem parte e para quem fica, assim como de quem chega e para quem vê e como vê a chegada. Ele se mostra claramente na dificuldade de todos esses agentes em perceber o movimento e, portanto, a mudança, exatamente pelas transformações que passa qualquer sujeito, qualquer ser social:

Na medida em que dura a imigração, porque não se emigra (não se cortam os laços com seu universo social, econômico, cultural, habitual) e não se imigra (não se agrega, mesmo que marginal e muito superficialmente, a outro sistema social) impunemente (sem conseqüências), produz se, entre os imigrantes, uma inevitável reconversão de suas atitudes em relação à sociedade na qual eles vivem cada vez por mais tempo e de forma mais contínua e, principalmente, frente às condições de trabalho que essa sociedade lhes impõe (SAYAD, 1998, p. 65).

Depoimento de um imigrante sobre a trajetória feita há dois anos:

Tout gwoup imigran ayisyen ki rive isit [...] yo te voyage menn fason, yo te pase menn difikilte. Nou te soti Ayiti, nou te pase Repiblik Domikèn, aprè sa Panama, Ekwatè ak Perou pou nou te ka rive Brezil. Nou te rete (2) de semèn nan Acre, aprè sa nou te ale São Paulo, nou te rete nan Estasyon “Tietê”. Twa (3) ayisyen ki te deja rive nan pays Brezil resevwa nou. Yo te mennen nou nan yon otèl. Moun ki travay

nan otèl pa pale kreyòl, nou te eseye pale nan lang anglè. Moun ki ap travay nan otèl pat vle resevwa lajan ameriken pou logeman. Nou te oblige mache anpil pou nou te ka change lajan sa-a. Nou te pase (15)jour São Paulo, aprè sa nou te ale Porto Alegre. Yon entrepris te bannou kontra travay, se te nan mwa jiyè, li te fè anpil fredi. Entrepris te bannou rab ak manje, aprè sa yo te mennen nou nan buwo Polis Federal pou yo te ka bannou papyé. Aprè (3) twa jou nou te komanse travay³³.

4 Primeiro contato com os imigrantes de Encantado, RS

O contato com o grupo de imigrantes haitianos de Encantado se deu por intermédio da pastoral migratória scalabrianiana³⁴, que vem acompanhando-os desde que chegaram em 2012, para trabalhar na empresa de alimentos Dália³⁵. Um padre haitiano me passou o contato da senhora Ivonete Teixeira, que coordena a equipe. Por *Facebook*, apresentei meu projeto de pesquisa e o desejo de fazer o trabalho de campo em Encantado. Ela me repassou muitas informações e os contatos de três imigrantes. Adicionei-os nessa mesma rede social e conversarmos *inbox*, em crioulo. Quando lhes pedi o número de telefone para contato, Dieumercy passou-me. Liguei em duas ocasiões antes da primeira ida a campo. Agendamos um encontro no apartamento dos três. Eu já havia combinado a ida a Encantado por telefone,

³³ Tradução livre da autora: “Todo o grupo de imigrantes que chegou aqui em São Leopoldo viajou do mesmo jeito, passou as mesmas dificuldades. Nós saímos do Haiti, passamos pela República Dominicana, depois Panamá, Equador e Peru, para chegar ao Brasil, no Acre, onde ficamos por duas semanas. Depois, fomos até São Paulo, na rodoviária de Tietê, fomos recebidos por três haitianos que já estavam no Brasil. Eles nos deixaram num hotel, onde não conseguiram entender nosso idioma e nós não conseguíamos entender o idioma do proprietário; virávamos-nos com um pouco de inglês na rua. Não aceitavam o dinheiro americano que tínhamos; caminhamos muito até conseguir trocar por real. Passaram-se 15 dias e fomos até Porto Alegre, onde uma empresa de São Leopoldo nos deu trabalho. Chegamos em julho, fazia muito frio. Nos deram agasalhos de frio, comida e alojamento. Depois nos levaram à Polícia Federal para a documentação. Em três dias começamos a trabalhar”.

³⁴ “João Batista Scalabrini, fundador da ordem religiosa dos Missionários de São Carlos Borromeu, viu os dramas de seu tempo: uma época de grandes transformações entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Milhares e milhares de italianos e outros europeus deixavam, então, o seu país por causa da pobreza e iam ao encontro das incertezas e dos sofrimentos da migração. João Batista Scalabrini poderia ter se limitado à compaixão por tão grande dor, mas, ao contrário, fez-se a pergunta: “Como intervir? Assumiu a responsabilidade pelos migrantes que via, agindo em favor deles em muitos níveis”. (www.scalabrianiana.net/pt/migrazione3.html).

³⁵ Conforme site da empresa (<http://dalia.com.br/home>), a Dália é uma Organização Cooperativa cuja missão é: “Promover o desenvolvimento econômico e social dos associados e funcionários, cuja produção primária é originária de 4.012 associados, produtores de leite e suínos, distribuídos em 127 municípios do Rio Grande do Sul. Os produtos da marca Dália, comercializados em praticamente todo o território nacional, também são exportados para diversos países que compõem a lista geral, Cuba, Egito, Angola, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Argentina”.

com um leigo scalabriniano³⁶ Juliano Cupini, que faz parte da equipe da Pastoral Migratória. Ele me buscaria na rodoviária e me conduziria, primeiramente, até a casa da Ivonete Teixeira coordenadora da Pastoral Migratória. Ela me falaria um pouco sobre o panorama da imigração em Encantado. Também me apresentaria aos três haitianos que tinham um bom vínculo com ela: Dieumercy, Gregory e Jean Batiste. Chegou o dia. Quando desci do ônibus na rodoviária de Encantado, chovia muito forte. Aguardei alguns minutos e liguei para Juliano, que, prontamente veio me buscar. A chuva estava se acalmando; dirigíamo-nos para a casa de Ivonete. Observei, no trajeto, que, nas esquinas, já era visível a quantidade de haitianos na cidade. Havia um grupo sentado na praça, outro em frente a um prédio. Chegamos à casa de Ivonete Teixeira, uma senhora assistente social e leiga scalabriniana, que coordena a pastoral migratória dos leigos scalabrinianos, em toda a província sul. Na ocasião, ela havia sofrido um acidente vascular cerebral, AVC, que a limitou de continuar realizando as mesmas tarefas no mesmo ritmo. Estava se recuperando. Acolheu-me e me convidou para ficar hospedada em sua casa. Ela relatou como foi sua experiência junto aos imigrantes haitianos, a partir de 12 de outubro de 2012, por ocasião da chegada do primeiro grupo de migrantes que vieram em número de 50, para trabalhar na empresa Dália Alimentos. Contou, ainda, que foi uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo positiva, por ser uma oportunidade de revitalização da pastoral na Paróquia São Pedro. Os imigrantes chegaram somente com a roupa do corpo, alguns pertences e documentos, depois de cinco dias de viagem do Acre ao Rio Grande do Sul. Foram contratados pela Empresa, no Acre, e foram acolhidos nos primeiros seis meses em um hotel. A empresa, na época, colocou também um ônibus à disposição dos haitianos para conduzi-los até o trabalho. Esse foi o período de adaptação. A equipe da pastoral migratória fez todo o trabalho de recebê-los. Contou com a presença de um padre haitiano Gustot Lucien, que era de Curitiba e que veio especialmente para esse momento. Segundo relato de Ivonete, passados os seis meses, a empresa solicitou que eles procurassem alojamento (alugassem) um espaço para viver, porque já estariam um pouco

³⁶ De acordo com o site dos Missionários Scalabrinianos (<http://www.scalabrini.org>, a Congregação dos Missionários de São Carlos, também conhecidos como carlistas ou scalabrinianos foi fundada pelo Beato João Batista Scalabrini e tem como patrono São Carlos Borromeu. A Congregação tem como lema: *Eu era estrangeiro e me acolhestes* (Mt 25,35). Por ser um piedoso homem, extremamente preocupado com a difusão do Evangelho, Scalabrini foi definido pelo Papa Pio IX como o *Apóstolo do Catecismo*. Os scalabrinianos são uma família religiosa católica, constituída por duas obras, uma congregação de padres e um instituto secular, fundada por Dom João Batista Scalabrini em Piaceza. Depois de elaboradas as regras, a Congregação foi aprovada pelo Papa Leão XIII, em 28 de novembro de 1887. Sua finalidade é a formação religiosa, moral, social e legal dos migrantes. Para cumprir essa finalidade, Dom Scalabrini fundou também, em 1895, um segmento feminino, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, que proporcionou grandes frutos dentro da pregação e ensino catequético aos imigrantes. Diversas outras congregações scalabrinianas expandiram-se rapidamente pelo mundo.

mais acostumados com a cidade. Mais uma vez, a Pastoral do Imigrante, por meio da equipe coordenada por Ivonete Teixeira, mobilizou a comunidade de Encantado para um mutirão de solidariedade para com os imigrantes, ocasião em que recolheram móveis, roupas de cama, vestuário e utensílios, visto que deixariam o hotel. A comunidade se solidarizou, respondendo à chamada da pastoral. Outra iniciativa da Pastoral Migratória foi o curso de português, que, inicialmente, foi ministrado no hotel e, depois, passou a funcionar na sala de aula de uma escola cedida pela Secretaria Municipal de Educação de Encantado. Quartas e quintas-feiras, à noite, eram os dias letivos. Essas aulas acontecem até hoje.



Figura 6: Ivonete Teixeira e Julien Roldy

(Foto: arquivo pessoal de Roldy)



Figura 7: Parte da equipe de leigos da Pastoral Migratória de Encantado-RS e imigrantes do Comitê Haitiano de Encantado

(Fonte: Arquivo pessoal de Roldy)

Nesse primeiro contato a campo, estive na casa de um casal de haitianos: Fremiot e Edouine. Muito falantes Fremiot e a esposa, acolheram-me em sua residência, em 12 de janeiro de 2014:

Mwem renmen Brezil anpil. Depi mwen rive isit la, mwen pa kapab domi, paske mwen travay nan nuit, pandan joune an mwen pa gen someil. Mwen te vle al kay doktè. Aprè mwen te fini ak étid primè, segondè ak inivesité, mwen te travay pandan 6 ans kòm profesè matematik nan lekòl segondè. Pafwa mwen toujou songe kombien tan mwen te pase nan inivesité. Sa fè mwen mal anpil, paske isit nan pays Brezil mwen pa kapab travay kòm profesè. Mwen panse si mwen aprann pale ak ekri lang potigè, yon jou konsa, mwen kapab jwenn travay kom enseyan. Sa-a se projet pam, se rèv pam. Depi nan ané 2011 mwen tap viv nan pays Ekwatè ak frè-m yo, mwen pat jwenn travay. Mwen te vwayaje Brezil paske kèk zanmi-m ki te migre isit la te rele-m ak ekrim, yo te dim: “ Vini Rio Grande do Sul, paske genyen travay nan entrepris Dália”. Kounye-a mwen travay nan expedisyon, madam mwen travay kote yo fè sosis³⁷ (FREMIOT, 28 anos).

³⁷ Tradução livre da autora: “Eu gosto muito do Brasil. Mas desde que eu cheguei aqui, eu não consigo dormir, porque eu trabalho na noite e durante o dia eu não tenho sono. Eu acho que devo ir ao médico. Depois de eu ter terminado os estudos primários, secundários e universidade, eu trabalhei por seis anos, como professor de matemática, em uma escola de Ensino Médio. Às vezes, eu me lembro quanto tempo eu passei na universidade. Eu me sinto muito mal, porque aqui no Brasil eu não posso trabalhar como professor. Eu penso que se eu aprender a falar e escrever a língua portuguesa, eu poderei arrumar trabalho como professor. Este é o meu projeto. Meu sonho no Brasil. Desde 2011, eu vivia no Equador com meu irmão, mas eu não arrumava trabalho. Aí eu viajei para o Brasil, porque tenho alguns amigos que já haviam imigrado para cá. Eles me telefonaram e me escreveram: venha para o Rio Grande do Sul, porque tem trabalho na empresa daqui. Agora eu trabalho na expedição e minha esposa na salsicharia.

Ambos os imigrantes haitianos têm qualificação. Fremiot tem nível superior completo em Matemática e Física. Edouine cursou dois semestres de Enfermagem; deixou o Haiti depois do terremoto, em 2011, e também foi para o Equador. Lá, iniciou um curso de cabeleireira que não concluiu. Veio para o Brasil em janeiro de 2012. Tem planos de continuar, aqui no Brasil, o curso de cabeleireira. Já inseridos, esses imigrantes se casaram e pensam em constituir família. O vestido e o terno foram transportados em uma mala do Equador até Encantado, pelo irmão de Fremiot, que vive naquele país e que viera para a cerimônia.

O casal Fremiot Clerjust (28) e Edouine Diofils (29) disse sim perante os olhos de Deus, no altar da Igreja Evangélica Assembleia de Deus³⁸. Eles se uniram em matrimônio no dia 21 de dezembro, marcando e protagonizando o primeiro casamento haitiano realizado em Encantado. Fremiot e Edouine fazem parte do grupo que, desde 2012, busca no Brasil condições de vida e trabalho digno para viver.



Figuras 8: Casal Fremiot e Edouine, com o irmão e primo, por ocasião do casamento

(Fonte: Arquivo pessoal dos imigrantes)

³⁸ A Igreja Evangélica Assembleia de Deus - IEAD é uma igreja cristã evangélica pentecostal, que chegou ao Brasil em 1910, por intermédio de pastores americanos.

Para Sayad (1998), os imigrantes são estrangeiros que aparentemente estão como provisórios em uma determinada sociedade receptora. Eles mantêm variados elos culturais e sentimentais com suas nações de origem, mas, geralmente, se tornam permanentes e se integram de diferentes formas a essa nova nação.

Fremiot e Edouine estão juntos desde 2010. Fremiot conta que a festa teve 120 convidados e foi de acordo com o que o casal sempre sonhou. Casados no civil no Haiti, eles queriam também oficializar a união no religioso no Brasil. E foi isso que fizeram na véspera do Natal, selando o compromisso que teve início ainda no país devastado pelo terremoto, em 2010. Embora trabalhe em segmento diferente daquele para o qual estudou Fremiot ainda sonha em retomar a carreira de professor. “Ainda quero dar aula aqui”, diz ele. “Estou estudando português para poder dar aula de matemática e física”, conta Fremiot, que fala os idiomas francês, inglês, espanhol e, agora, também português.

Para o jovem haitiano, o projeto de seguir a docência poderá se tornar realidade com um pouco mais de estudos da língua portuguesa. E as aulas com uma professora da cidade, segundo ele, são incentivadoras para que ele volte à sala de aula. “Estudar é a minha vida”, diz. Para não perder o objetivo, Fremiot adquiriu um *notebook* e, com auxílio de dicionários, observando e ouvindo as pessoas falarem, conta estar apreendendo e compreendendo o idioma com bastante facilidade. Foi justamente a sala de aula que propiciou o encontro dele com a esposa Edouine. “A gente se conheceu quando eu era professor e ela era minha aluna”, recorda, sobre o começo do namoro. Agora, depois do casamento, o casal pretende dar sequência à família, com o projeto de ter filhos. Mas, tudo com bastante calma, ressaltam. Fremiot também faz planos para rever a família no Haiti e quer viajar para o país nas férias programadas para o mês de abril de 2015. Além disso, quer aproveitar o período de um mês para participar do casamento da irmã. “Sentimos muita saudades da família. Queríamos aqui perto, mas como não dá, vamos ficando aqui e eles lá, uns ajudando os outros”, ressalta.

Conheci Gregory, um jovem de 22 anos natural de Miraguane, Departamento de Nipe, sul do Haiti. Ele tem pais e cinco irmãos vivendo no seu lugar de origem. Os pais têm um pequeno comércio e os irmãos estudam em Porto Príncipe. A irmã mais velha está se formando em Enfermagem. Gregory concluiu os estudos secundários Em 2010, após o terremoto, estudou em uma Escola Técnica Salesiana, que era privada e oferecia cursos técnicos aos jovens. Gregory aproveitou a oportunidade. À tarde, cursava Ferraria e Informática.

Escutei também a história de Alté Michelet, que nasceu em Saint Michel, Departamento de Latibonite. Ele tem esposa e quatro filhos no Haiti. Trabalhou em Santo

Domingo, na República Dominicana, na construção civil, por cinco anos. Nesse período, visitava a família duas vezes por ano. Sua profissão: encanador Alté tem curso técnico na área.

O haitiano chegou ao Brasil em junho de 2013, convidado por amigos que já estavam aqui. Seguiu a mesma rota, entrou como refugiado, passando por Santo Domingo, Equador, Peru e Acre. Trabalha desde a chegada, na Dália Alimentos. Diz que a empresa é muito boa, porém, estava acostumado com trabalho pesado e, hoje os movimentos repetitivos do corte, no frigorífico, estão prejudicando a sua saúde. Mostrou-me suas mãos inchadas e diz sentir muita dor nos braços.

Ele relata um pouco de sua trajetória antes da chegada e de seus 12 meses de Brasil:

Kisa mwen gen travay pou-m fe se sa, kounya la. Mwen ta renmen travay ak profesyon pa-m, sa mwen te etidye pandan 4 ans. Mwen te apran-n teknik nan plonbyé. Mwen degage-m nan lang potigè, paske Sen Domingue mwen te viv ak dominiken ki te pale panyòl. Isit la mwen aprann potigè, chak jedi mwen ale nan clase, se profesè volontè ki enseyé. Mwen k a viv ansanm plis ak ayisyen. Mwen pa pale anpil ak brezilien, paske mwen pa ale nan bal ak nan fèt yo. Chak dimanch mwen ale la mes nan l'Egliz Katolik. Yon dame ki nan koral legliz te fè mwen kado yon liv chant. Mwen abityé ak tou kalité mangé, paske mwen te travay ak kèk kolèg Nigierien ki te soti nan lot kontinan. Mwen te gouté menn mangé Arabé. (Alté Michelet, 41 anos)³⁹.

Ele diz que como só faz 12 meses, ainda não decidiu se vai ficar. Porque, para trazer a família, tem a questão de problemas financeiros, as passagens são muito caras, são cinco pessoas. Também, sente-se pouco estável, ainda não se definiu se vai se fixar em Encantado. Diz que primeiro precisa se decidir onde vai viver, pois gostaria muito de conseguir emprego na construção civil onde pudesse exercer sua profissão de encanador, a qual ele diz ter muita experiência. Segundo Alté, seus amigos de outros estados lhe dizem que na construção civil, se trabalha muito, mas ganha bem e desabafa: *“Aqui eu trabalho muito e ganho pouco. Tem que dar produção, por dia, são abatidos mais de 2.500 porcos”*.

Alté diz não sentir grande dificuldade de adaptação, mas, reclama do frio e das relações entre chefes e empregados no ambiente do trabalho:

³⁹ Tradução livre da autora: O que tem de trabalho é isto agora. Eu gostaria de poder exercer a minha profissão, o que me preparei por quatro anos, fiz curso técnico de encanador. Quanto ao idioma, me viro um pouco. “Mwem degage” (risos), eu me defendo com o português, porque em Santo Domingo, estava direto com dominicanos que falavam espanhol. Aqui faço nas quintas aula de português, com professoras voluntárias (...). A minha convivência é mais com os haitianos. Não converso muito com brasileiros, não frequento festas e bailes. Participo aos domingos da missa na Igreja Católica (mostra o livro de cantos que recebeu de uma senhora da liturgia) (...) Pelo fato de ter vivido em Santo Domingo, me habituado a todos os tipos de alimentação, que trabalhei com colegas da Nigéria, de outros continentes. Ele diz que o fizeram experimentar até comida árabe (risos). (Alté Michelet, 41 anos).

Sa ki te py difisil, le mwem te rive Rio Grande do Sul, mwem te pran fredy mwa jen ak jiyè. Lót bagay mwem pa konprann, epi, mwem gen pwoblèm pou aksepte se kondisyon nan kompayi .Se pa kritike pou kritike, men sa mwem obsève sou dwa yo. Gen yon diferans ki genyen ak bos nan travay ak anplwaye. Reyinyon yo, se sèlman pou kominikasyon: 10 minit, trè vit. Mwem santi ki pagen okenn plas pou patisipasyon nan reyinyon yo nan kompayi. Se sèlman chef ap pale. Mwem songe anpil fanmi mwem, reyèlman manke madanm ak pitit mwem yo. Mwem pale tout semèn ak fanmi mwem, pa telefòn oswa sou facebook. Le mwem santi manke peyi m, mwem gade fim ayisyen nan youtube, mwem tande mizik ayisyen kompa, reege, zoouk (Alté Michelet, 41 anos)⁴⁰.

Realizei o trabalho de campo quatro vezes, com o grupo de São Leopoldo⁴¹, e outras quatro, com o grupo de Encantado⁴². O primeiro contato foi através de um informante-chave, que me apresentou ao grupo como uma estudante universitária, que morou no Haiti e faria uma pesquisa sobre a imigração haitiana no Rio Grande do Sul. Nas duas vezes, embora conhecesse os informantes dos dois municípios e ambos falassem fluentemente o idioma português, não me senti muito à vontade.

O sentimento era de insegurança no início do trabalho de campo. Mesmo que eu dominasse o idioma do grupo, falasse e compreendesse o crioulo, ficava imaginando como seria recebida pelos imigrantes, porque eu não os conhecia pessoalmente, e o informante, o

⁴⁰ Tradução livre da autora: Quando cheguei ao Rio Grande do Sul, peguei o frio de junho e julho, isto foi difícil (risos). Uma coisa que ainda não estou entendendo bem e tenho dificuldade para aceitar é o nível de exigência da empresa. Não é criticar por criticar, mas o que observo quanto aos direitos, tem diferença entre os funcionários, o chefe trata diferente. As reuniões são somente para comunicação: 10 minutos, muito rápido. Sinto que não tem espaço para participação nas reuniões da empresa. Só o chefe é quem fala. Lembro muito da minha família, sinto muita saudade da esposa e dos meus filhos. Falo toda a semana com a família por telefone ou no Facebook Para “matar” a saudade do meu país, ouço a música haitiana, o kompa, reege, zoouk. Assisto a filmes haitianos no youtube.

⁴¹ Conforme dados do site oficial do município de São Leopoldo (<https://www.saoleopoldo.rs.gov.br>): “A cidade de São Leopoldo foi fundada em 25 de julho de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Tornou-se vila em 1º de abril de 1846, através da lei municipal nº 04/1846. Ano de instalação do município: 1864. Área total: 102,738 km² (representa 1,04% da área da Região Metropolitana de Porto Alegre). Área urbana: 69,87 km² (68,29%). A área urbana é dividida em 24 bairros. Área rural: 14,84 km² (14,50%). Área de preservação: 17,60 km² (17,20%). Taxa de urbanização de acordo com o Censo 2010, São Leopoldo conta com uma população de 214.087 habitantes e uma taxa de urbanização de 99,7% contra 0,30% na área rural. São Leopoldo destaca-se como o quarto município da Região Metropolitana de Porto Alegre que recebe mais pessoas de outro município para trabalhar ou estudar, sendo que 24% vêm de Sapucaia do Sul. Por outro lado, São Leopoldo é o oitavo município dessa região do qual saem mais pessoas para outro município para trabalhar ou estudar. Vão para Novo Hamburgo 51% destas pessoas”.

⁴² Segundo o historiador encantadense, Ferri (2007, p. 8), “a colonização do município iniciou em 1882, por imigrantes italianos, provenientes da região do Vêneto, mais precisamente da localidade de São Pedro Valdástico. Posteriormente, contribuíram para o seu desenvolvimento alemães, lusos, franceses, belgas, africanos e sírios. População 20.510 habitantes (IBGE – 2010). Descendência: italiana (65,86%), alemã (6,41%) e miscigenação de raças (17,80%). Encantado possui uma atividade comercial diversificada, com predominância de empreendedores locais. O setor comercial representa mais de 20% do movimento econômico, absorvendo 68% da mão de obra. Destaque para as empresas na produção e exportação de ervamate, de embutidos e do ramo de higiene e limpeza. Cresce em Encantado o setor de cosméticos, que amplia o mercado para outras regiões e estados. Renda Per Capita: R\$ 24.497,00 (FEE/2011). PIB: R\$ 506.187.000,00 (FEE/2011)”.

qual eu já havia tido contato desde o Haiti, havia me comunicado que, por compromissos pessoais, não poderia ficar comigo durante as visitas. Também outros fatores tornavam a ansiedade maior: a barreira da comunicação, os imigrantes não falavam o português, como absorver tantas informações em um idioma que não era o meu? E as questões de gênero, eu enquanto mulher pesquisaria um grupo em que a maioria eram homens. Diante dessa realidade, predominava inconscientemente o forte desejo de ser acolhida pelo grupo e acolhê-lo incondicionalmente dentro de uma relação de alteridade; mais do que imigrantes, eram seres humanos como eu, cheios de histórias, memórias e subjetividades.

Outro fator predominou: o cansaço físico das viagens longas, em torno de sete horas de Santa Maria RS até o destino final, a residência deles. Certa vez, para chegar até São Leopoldo, tomei um ônibus comum, levei quase sete horas de viagem; nas demais, fui até Porto Alegre e de lá tomei o trensurb. A primeira ida, dezembro de 2012, o ponto de encontro com dois imigrantes foi na estação Unisinós, depois tomamos outro ônibus até o bairro Campina. Após passar um dia de entrevista e observação participante, hospedava-me à noite no hotel, no centro de São Leopoldo, onde eu transcrevia, no caderno de campo, tudo o que havia observado durante o dia.

Nas outras três vezes que fui à São Leopoldo, eles insistiram muito para que eu ficasse hospedada em suas residências, mas optei por ir à pousada hotel no centro da cidade, para não desinstalá-los, visto que, em duas ocasiões, fazia muito frio. Na última ida, fui acolhida na casa paroquial, onde vivia o seminarista, há cerca de 200 metros de onde os imigrantes viviam. Nesse dia, pude conviver mais com o grupo, pois ficamos até tarde da noite ouvindo muitas histórias de vida, em uma roda de conversa na casa do casal James e Loveline .

Já em Encantado, foi diferente; o primeiro contato aconteceu por intermédio de dois brasileiros, animadores da pastoral migratória, Ivonete Teixeira e Juliano Cupini. Nas outras idas até essa cidade, tive a presença do padre haitiano Pierre Dieucel, que falava fluentemente o português e me acompanhou em todos os contatos nas casas dos imigrantes. Na primeira vez, fiquei hospedada na casa de Ivonete e, nas demais idas a campo, na casa paroquial. Como mencionei nas impressões de campo, o grupo de Encantado parecia estar mais integrado com a comunidade local, uma vez que o número de imigrantes é maior e o porte da cidade menor, onde a maioria das pessoas se conhecia, ou seja, há mais contato; este fator também fez eu me sentir muito a vontade.

Outro aspecto que observei em Encantado, é a integração dos imigrantes com os brasileiros, incluindo namoros interculturais e inter-raciais entre haitianos e mulheres brasileiras, motivo pelo qual percebi que esses imigrantes estão mais familiarizados com a

cultura local. Verifiquei alguns jovens haitianos participando de festas e bailes populares, outros participando em diferentes denominações religiosas, frequentando o culto dominical. Em algumas casas de imigrantes haitianos, onde passei, haviam colegas brasileiros convivendo, confraternizando, o que não observei no grupo de São Leopoldo.

Enquanto pesquisadora fez-se necessário conciliar as subjetividades presentes na relação com o campo e a cientificidade no método etnográfico. Procurei criar uma familiaridade com meu campo, empatia, através da troca de informações, inicialmente, por meio de documentos e cartilhas de português-crioulo. Então, fui percebendo, na convivência de um final de semana, os vários níveis de sentido que o grupo de imigrantes dava às suas práticas culturais. Anotando tudo com o máximo de detalhes, busquei tornar o exótico em familiar, a lógica do outro, diferente enquanto estrangeiro e imigrante, em meu país, ao mesmo tempo em que tentei tornar o que é familiar em exótico, tendo que estranhar a mim mesma para melhor compreender essa realidade.

Procurei, em campo, nas palavras de Geertz (1978), observar, anotar, interpretar, e, a partir de um esforço intelectual, tentei tornar a etnografia uma descrição densa. Pude observar as dificuldades e potencialidades do campo pesquisado e concluir que todos os dados coletados precisavam passar pelo elo da significação, os relatos orais, as entrevistas e as histórias de vida. Essa ressignificação foi uma bonita construção coletiva de trocas culturais, entre eu, uma mulher brasileira, e o grupo de homens imigrantes haitianos.

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto não como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15).

O estranhamento seria necessário. Inicialmente, em São Leopoldo, deparei-me com homens que falavam um idioma que eu também conhecia ao mesmo tempo em que me perguntava por que não se interessarem em falar o meu idioma, o português, se já estavam no Brasil há mais de 12 meses. Constatei o choque cultural e linguístico vivido por esses imigrantes.

Outros limites enfrentados: transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Segundo da Matta (1978), estranhar significa questionar, ter que reavaliar observar e, sobretudo, reconhecer e aceitar a existência da diferença. Descobrir lógicas que, enquanto antropólogos, sabemos que existem, mas como são estranhas àquelas que conhecemos, as temos de decifrar. O encontro e a compreensão de outras culturas modificam o olhar sobre

nós mesmos. De acordo com o autor, o ofício do etnólogo exige, primordialmente, uma dupla tarefa: transformar o exótico em familiar e, inversamente, transformar aquilo que nos é familiar em exótico. Em ambos os casos, se necessita de dois termos (dois universos de significação) e uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los.

Inicialmente, minha grande dificuldade foi fazer o desligamento emocional em relação ao objeto. Primeiro, porque me adaptei muito rápido, no tempo em que vivi no Haiti; aprendi os costumes e o idioma e me sentia realizada, pessoal e profissionalmente. Apesar das mazelas sociais do país, de sua pobreza estrutural (faltava luz, água potável, estradas,) e educacional (analfabetismo), eu me sentia feliz. O povo era muito alegre. O sol, a energia da música e seus ritmos, a resiliência, a hospitalidade e a solidariedade eram animadores. Essa carga afetiva veio me questionar, ao deparar-me, em campo, com o objeto, sobre como transformar o familiar em exótico. Outra dificuldade foi a de eu ter construído um imaginário muito otimista sobre o “homem haitiano” e ter que desconstruí-lo para poder interagir na pesquisa de campo. “O estranhamento da própria cultura é exatamente o resultado desse mergulho, desse “fundo do poço de sua própria cultura” (DA MATTA, 1978, p. 29). “Faz-se necessário reconhecer a presença da nossa subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, ainda que, para alguns, elas sejam hóspedes indesejadas”. (DA MATTA, 1978, p. 31).

Existe, portanto, a necessidade da vigilância epistemológica, ainda mais quando se estuda o próprio campo em que se está inserido. No meu caso, a convivência e proximidade, enquanto pesquisadora, falando crioulo e tendo convivido com a cultura haitiana, no país, por seis anos. É fundamental ter presente que os obstáculos ao conhecimento podem surgir tanto do excesso de proximidade quanto do excesso de distância em relação ao objeto. Sempre se faz necessário submeter a prática sociológica à crítica epistemológica, com o objetivo de inculcar uma atitude de vigilância no próprio trabalho científico do pesquisador (BOURDIEU, 2004).

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num “trabalho”, num olhar sociológico, permite perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência dos seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas (BOURDIEU, 1999, p. 694).

Dessa forma, busquei uma interação respeitosa e dialógica com os dois grupos de imigrantes, procurando fazer uma “comunicação não violenta”, por meio de minha postura como pesquisadora, sem arrogância ou superioridade diante do grupo de imigrantes. Constatei que recebi uma resposta de profunda empatia. Sempre planejei com antecedência a visita, os horários, visto que esses imigrantes têm apenas o final de semana disponível para lazer e outras atividades fora do trabalho.

Conforme Bourdieu (2011), a proximidade social e a familiaridade asseguram, efetivamente, duas das condições principais de uma comunicação "não violenta". Nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), *Ver, Ouvir e Escrever*, como parte integrante da prática da etnografia, não se limita a ações simples, mas gira em torno das implicações do pesquisador com sua pesquisa, uma vez que ela repousa sobre a qualidade e densidade das trocas sociais do (a) antropólogo (a) com os grupos com os quais está compartilhando experiências. O resultado de um trabalho de campo se mede pela forma como o (a) próprio (a) antropólogo (a) vai refletir sobre si mesmo na experiência de campo.

Procurei, assim, sempre me adaptar às circunstâncias que apareciam durante o trabalho de campo, por exemplo, ao fazer uso da técnica das entrevistas gravadas com um idioma que não é meu. Nossa comunicação fluía naturalmente a partir do idioma dos imigrantes. Toda a fala foi registrada em crioulo, língua em que os haitianos usam muitos provérbios e expressões figuradas, próprias de sua cultura. Embora eu domine o idioma e aspectos culturais, esses trechos ainda exigiram uma busca mais apurada no momento da interpretação desses dados coletados nas entrevistas. No momento da transcrição, exigiu-se o cuidado epistemológico, ao reler a cultura a partir do meu olhar, brasileiro.

Segundo Bourdieu (2011), o processo verbal do discurso recolhido deverá ser transcrito. Transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever. Ter a paciência e a disposição de escutar o “Outro” não é tarefa evidente. Exige um aprendizado a ser conquistado a cada saída a campo, a cada visita para a entrevista, a cada experiência de observação.

Foi o que procurei fazer, permitindo que eles se expressassem na sua língua materna, de forma natural, usando provérbios e expressões bem típicas de cada região. A escuta foi atenta: muitas vezes, desligava o gravador e simplesmente escutava-os. Depois, à noite, transcrevia os trechos gravados. Posteriormente, repassava para um amigo haitiano que fala português, e ele dava sempre sua opinião. Foram relatos carregados de significados, de experiências desde o Haiti, traços culturais nas vozes em tom de saudade e ao mesmo tempo patriotismo- a dimensão transnacional da imigração haitiana. A família está lá, mas os relatos

expressam o quanto são fortes os laços de sangue, a ligação entre o imigrante e seus familiares que ficaram no Haiti. Essas narrativas são como já mencionei memórias de trajetórias de vida dos imigrantes haitianos no Brasil.

No capítulo II, acompanharemos a trajetória histórica do povo haitiano. Estudaremos a colonização europeia do continente americano e os seus reflexos na construção identitária do Haiti enquanto nação

CAPÍTULO II

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO HAITI

1 Da África para a América

Bois d' ébene⁴³, “Prelúdio”

Jacques Roumain

África, eu guardei sua memória.
África, você é em mim como o espinho na ferida
como um fetiche tutelar no centro da aldeia
faça de mim a pedra de sua funda
da minha boca os lábios de sua chaga
dos meus joelhos as colunas quebradas do seu abatimento
no entanto eu só quero ser da raça
dos operários camponeses de todos os países (...)
Operário branco de Detroit, peão negro do Alabama
povo imenso das galés capitalistas
o destino nos levanta ombro a ombro
e renegando o antigo malefício dos tabus do sangue
nós pisotaremos os escombros de nossas solidões
Se a fronteira é torrente não marcaremos das barrancas a cabeleira inesgotável
Se a fronteira é Sierra rebentaremos o maxilar dos vulcões,
confirmando as Cordilheiras e a planície será a esplanada da aurora
onde reuniremos nossas forças dispersas pelas trapaças dos nossos patrões.
Como a contradição dos traços se resolve na harmonia do rosto
proclamamos a unidade do sofrimento e da revolta de todos os povos
em toda a superfície da terra e no pilão dos tempos fraternais moeremos a argamassa
na poeira dos ídolos.

⁴³ Madeira de Ébano. Exponente do movimento de renovação da literatura haitiana, que criou a moderna literatura no país. Jacques Roumain introduziu, no terreno das letras nacionais do Haiti o importante conceito da cultura negra, população majoritária em seu país.

1.1 Ocupação e colonização da América

O Haiti, proporcionalmente ao seu território e sua rentabilidade, era uma das mais promissoras colônias da América. Conhecida como a “Pérola das Antilhas”, a mais rica colônia da monarquia francesa contava, na época, com sete mil e oitocentas propriedades agrícolas, onde se produziam café, algodão e, sobretudo, açúcar (SEITENFUS, 1992, p. 1).

Para falar do Haiti enquanto nação é preciso traçar uma trajetória histórica desde a ocupação e colonização da América, primeiramente pelos espanhóis e posteriormente pelos franceses. Em 1492, chegaram os espanhóis, denominando o lugar de Hispaniola. Eles ocuparam, inicialmente, a porção oriental do território, uma grande ilha localizada nas Antilhas, chamada de São Domingo, a qual foi inserida em mapas a partir de 1505. Hoje, essa ilha está dividida entre Haiti, ao ocidente (oeste), e República Dominicana, ao Oriente (leste). Na época colonial, foram introduzidos na ilha o cultivo da cana de açúcar e a exploração de ouro, duas fontes de renda para os colonizadores espanhóis.

Em menos de meio século, a maioria de seus primitivos habitantes, mais de 300 mil índios tainos, foram dizimados pela escravidão nas minas de ouro, em massacres e epidemias. Galeano (2007), na sua obra *As Veias Abertas da América Latina*, descreve:

Nasceu o mito do Eldorado, o monarca do ouro: de ouro eram as ruas e as casas das cidades de seus reinos [...] com o ouro arrancado das Antilhas, a Coroa pagara o serviço dos marinheiros que acompanharam Colombo em sua primeira viagem. Finalmente, a população das ilhas do Caribe deixou de pagar tributos, porque desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens de ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo mergulhada na água, ou lavrando os campos até a extenuação, com as costas dobradas sobre os pesados instrumentos de aragem trazidos da Espanha. Muitos indígenas da Ilha Dominicana antecipavam-se ao destino imposto por seus novos opressores brancos: matavam seus filhos e se suicidavam em massa. O historiador Fernández de Oviedo interpretava assim, em meados do século XVI, o holocausto dos antilhanos: “Muitos deles, por passatempo, mataram-se com veneno para não trabalhar, e outros se enforcaram com as próprias mãos” (GALEANO, 2007, p. 12).

Frente ao esgotamento das minas de ouro, os espanhóis abandonaram a ilha rumo à América do Sul, e os franceses ocuparam a ilha de Tortuga, ao norte. Em 1697, a Espanha aceitou a soberania francesa nessas terras que, após um século, receberam o nome de Haiti⁴⁴. Após a dizimação dos índios, primitivos habitantes da Ilha Espanhola, navios franceses trouxeram escravos da África Ocidental. A maior parte dos escravos africanos provinha de lugares como Angola, Guiné, Benin, Nigéria e Moçambique.

⁴⁴ O nome Haiti deriva das línguas indígenas taino / arawak Hayiti / Hayti e significa terra montanhosa.

Seguindo o pensamento de Ade AjaYi (2010), a imigração forçada dos povos africanos foi caracterizada como a diáspora do século XVIII:

Em virtude da sua amplitude, a imigração africana rumo às Américas, ao Oriente Médio e à Europa, em função dos diferentes itinerários, notadamente transatlânticos, empregados pelo tráfico de escravos, constitui um dos acontecimentos dominantes da história da África e do mundo. Esta imigração, essencialmente consumada contra a vontade dos participantes, durou séculos e deixou de modo generalizado na Europa, no Oriente Médio e nas Américas, comunidades residuais de proporções diversas. [...], no entanto, foi nas Américas que a diáspora africana teve a sua amplitude máxima. Os africanos e os seus descendentes chamados em geral africanos americanos, (expressão recém-substituída por afro-americanos) desempenharam um papel de forte importância no desenvolvimento de todas as sociedades do Novo Mundo, desde a descoberta da região pelos europeus, ao final do século XV, até os tempos modernos. Qualquer que tenha sido o número de africanos em tal ou qual país, a África imprimiu, na América, a sua marca profunda e indelével. As Antilhas francesas receberam 23,3% do total, mais de 1,3 milhões de africanos, dos quais cerca de 800.000 em sua principal colônia produtora, Santo Domingo, a parte Ocidental do Haiti⁴⁵ (AJAYI, 2010, p. 888-889).

2 Um povo que opta pela resistência

Mamã Negra (Canto de esperança)
(À memória do poeta haitiano Jacques Roumain)

Tua presença, minha Mãe-drama vivo duma Raça,
drama de carne e sangue que a Vida escreveu com a pena dos séculos!
Pela tua Voz Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais
[dos seringais dos algodoais!...
Vozes das plantações de Virgínia dos campos das Carolinas
Alabama, Cuba, Brasil...
Vozes dos engenhos dos banguês das tongas dos eitos
[das pampas das minas! Vozes de Harlem Hill District South
vozes das senzalas! Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando
[dos vagões! Vozes chorando na voz de Corrothers
Lord God, what will have we done Vozes de toda América! Vozes de toda África!
Voz de todas as vozes, na voz altiva de Langston Na bela voz de Guillén...
Pelo teu dorso. Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo!
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor
[amaciando as mais ricas terras do mundo!
Rebrilhantes dorsos (ai, a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da
[forca, caídos por Lynch!
Rebrilhantes dorsos (Ah, como brilham esses dorsos!)
Ressuscitados em Zumbi, em Toussaint alevantados!
Rebrilhantes dorsos [...]

⁴⁵ História geral da África - Vol. VI – África: do século XIX à década de 1880- Organizador: J. F. A de Ajayi Cortez Editora p.888-889.

O DIA DA HUMANIDADE!
(CRUZ, apud ANDRADE, 1975, p. 155-157)

No começo do século XVIII, a paisagem física e humana do Caribe havia se modificado completamente: as ilhas se converteram em imensos canaviais e a população se tornou esmagadoramente negra quase toda ela escravizada⁴⁶.

Mintz (2003) caracteriza o domínio europeu como artífice de uma sociedade escravocrata no Novo Mundo:

As condições do povoamento europeu e africano do Novo Mundo foram profundamente distintas: afora o fato de os europeus portarem uma cultura relativamente homogênea enquanto os africanos carregaram consigo 'heranças culturais relativamente variadas', o *status* de ambos os grupos diferiu radicalmente. Isto, por sua vez, teve impacto decisivo na continuidade ou no reordenamento cultural, pois os sistemas legais, os sistemas econômicos, os sistemas de ensino, as instituições religiosas e muitas outras coisas puderam ser estabelecidas e desenvolvidas pelos europeus através de meios que não estavam ao alcance dos escravos (MINTZ; PRICE, 2003, p. 21-22).

Apesar disso, segundo James (2000), alguns mulatos pertenciam a uma pequena casta privilegiada (eram cozinheiros, criados, serventes, arrumadeiras, enfermeiras, acompanhantes femininas, etc.). Estes conseguiram aproveitar as oportunidades, e alguns se alfabetizaram e enriqueceram, como Henri Christophe, Toussaint L'Ouverture e Dessalines. São estes que irão liderar a Revolução Haitiana, também conhecida por Revolta de São Domingos (1791-1804).

Os homens fazem a sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes. Todavia, se é possível aproveitar uma oportunidade, não é possível criá-la. O comércio de escravos e a escravidão estavam firmemente entrelaçados à economia do século XVIII. Três forças: os proprietários de São Domingos, a burguesia francesa e a burguesia inglesa prosperaram sobre a devastação de um continente e a brutal exploração de milhões de seus habitantes. Enquanto essas forças se mantivessem em equilíbrio, o tráfico demoníaco prosseguiria [...] Mas nada, por mais lucrativo que seja dura para sempre. Desde que o seu próprio desenvolvimento ganhou ímpeto, os fazendeiros das colônias e as burguesias francesas e britânicas passaram a gerar pressões internas e a intensificar as rivalidades externas, dirigindo-se cegamente para conflitos e explosões que despedaçariam as bases do seu domínio e criariam a possibilidade de emancipação (JAMES, 2000, p. 32).

⁴⁶ Cf. Emmer, P. C. "The Dutch and the making of the second atlantic system". In: Solow, B. (org.). *Slavery and the rise of the Atlantic System*. Cambridge: CambridgeUniversity Press, 1991 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000100007&script=sci_arttext.

A abolição da escravidão no Haiti ocorreu no ano de 1794. Toussaint Louverture⁴⁷ foi nomeado governador vitalício em 1801. No entanto, uma expedição francesa encarregada de reconquistar a ilha prendeu Toussaint, que fora enviado para França, onde morreu em 1803. Jacques Dessalines, antigo escravo, deu continuidade ao movimento de resistência, com resultado positivo, pois o país obteve sua independência no dia 1º de janeiro de 1804 e passou a se chamar Haiti, sendo a primeira República Negra das Américas e o primeiro país latino-americano a se declarar independente.

Mintz (2010) destaca que o Haiti, em toda a sua trajetória política e social de luta pela independência, foi marcado pela ousadia e resiliência. Tendo sua história ignorada, nas palavras do autor, foi lhe imposto pelos países vizinhos escravistas um ostracismo político, social e religioso:

[...] Segunda república do “Novo Mundo”, de fato, conhecidos conflitos políticos, má liderança e pobreza. Mas, ao julgar o Haiti, é essencial lembrar que o país conquistou a sua independência sob as piores circunstâncias imagináveis. Os haitianos declararam sua liberdade em 1804, quando o Novo Mundo foi composto principalmente por colônias européias (e os Estados Unidos), todos ocupados a extrair riqueza do trabalho de milhões de escravos. Isto incluiu os vizinhos do Haiti, as colônias da ilha de França, Grã-Bretanha, Dinamarca e Holanda, entre outros. Dos Estados Unidos ao Brasil, a realidade da libertação do Haiti abalou o império. [...] A verdade inescapável é que "o mundo" nunca perdoou o Haiti por sua revolução, porque os escravos se libertaram. Ao usar a espada contra os seus opressores, o povo haitiano se transformou nos seres humanos universais de Thomas Jefferson. No entanto, eles eram temidos e injuriados por ter feito isso. Ostracismo político, econômico e religioso internacional, imposto por seus vizinhos escravistas, que durou por quase um século. [...] Em sua luta para construir um Estado, os haitianos foram obrigados a pagar 150 milhões de francos em "indenizações" onerosas para os franceses, com o fundamento de que os ex-escravos tinham até recentemente sido a propriedade daqueles que derrotaram. Esse fardo foi apoiado pela ameaça de re-invasão. As indenizações foram o preço de reconhecimento diplomático da França. Esta dívida iria manter os haitianos em crise econômica até o século XX. Um país devastado por mais de uma década de invasão e revolução, então confrontado com a punição financeira e de isolamento para dezenas de anos, não poderia construir a estrutura interna que uma sociedade civil forte exige. Esta nova nação empobrecida, dotada de uma estrutura de classe profundamente dividida e procurando sobreviver com apenas as mais fracas das instituições, não fez amizade com ninguém. Com o tempo, o país recai no “desgoverno, na pobreza e nos conflitos políticos” (MINTZ, 2010, p. 48).

⁴⁷ Toussaint, L'Ouverture (1743–1803), líder da insurreição dos escravos de Santo Domingo, era descendente de um Rei da África em Allada. Nascido em 1743, na plantação Breda, e libertado em 1776, se uniu ao movimento e, comandando uma tropa de 3.000 homens, começou sua ação militar ao lado do exército espanhol contra a França. Fonte: <http://pt.abolitions.org/index.php?IdPage=1182260433>.

⁴⁸ <http://rs.resalliance.org/2010/01/29/sidney-mintz-on-how-haitis-history-is-ignored/>. Acessado em 02 junho de 2014.

3 Um povo marcado por estigmas

As consequências da independência do Haiti não provocaram mudanças somente no mercado internacional, promoveram, nas áreas que utilizavam mão de obra escrava, um recrudescimento das leis escravistas e um aperfeiçoamento dos mecanismos de controle dos escravos. Segundo Herbert S. Klein (1987, p. 107), "de Virgínia ao Rio Grande do Sul, leis mais rígidas, uma atitude menos tolerante com os homens de cor e um medo generalizado de revoltas escravas mostraram ser o legado social e político da experiência haitiana". Quando, no final do século XVIII e início do XIX (1791-1804), a "pérola das Antilhas", a mais rica colônia francesa, obteve sua independência, liderada por ex-escravos, como Toussaint L'Ouverture, Jean-Jacques Dessalines e Alexandre Pétion, era como se uma luz de esperança houvesse se acendido em solo americano a iluminar.

Numa ordem global caracterizada pela organização colonial do mundo, pela escravidão e pelo racismo, não havia oportunidade para dúvidas quanto à superioridade européia e, portanto, acontecimentos que a pusessem em questão não eram concebíveis [...]. O impensável é aquilo que não pode ser concebido dentro do leque de alternativas disponíveis, aquilo que subverte as respostas, pois desafia os termos com os quais se formulam as perguntas. Neste sentido, a Revolução Haitiana foi impensável em seu tempo. Desafiou os próprios pontos de referência dos quais seus defensores e opositores vislumbravam a raça, o colonialismo e a escravidão (TROUILLOT, 1995, p. 80-83).

Trouillot (1995) afirma que a Revolução Haitiana foi silenciada pela historiografia ocidental, porque, dadas suas suposições, essa revolução, tal como ocorreu, era impensável.

De fato, a afirmação de que africanos escravizados e seus descendentes não podiam imaginar sua liberdade e menos ainda formular estratégias para conquistar e afiançar tal liberdade não estava baseada tanto na evidência empírica quanto numa ontologia, uma organização implícita do mundo e de seus habitantes. Ainda que de nenhum modo, monolítica esta concepção do mundo era amplamente compartilhada por brancos na Europa e nas Américas, e também por muitos proprietários de plantações não-brancos. Mesmo que tenha deixado espaço para variações, nenhuma destas incluiu a possibilidade de um levante revolucionário de escravos nas plantações, e menos ainda que fosse exitoso e conduzisse à criação de um Estado independente. Assim, a Revolução Haitiana entrou na história mundial com a característica particular de ser inconcebível ainda enquanto corria (TROUILLOT, 1995, p. 73).

De acordo com Trouillot (1995), esse "silenciamento"⁴⁹ da Revolução Haitiana é apenas um capítulo dentro de uma narrativa de dominação global. Ele faz parte da história do

⁴⁹ "Os silêncios são inerentes à história porque cada evento singular entra na história carecendo de algumas de suas partes constitutivas. Algo sempre se omite enquanto algo é registrado. Nunca há um fechamento

Ocidente e é provável que persista, mesmo em forma atenuada, a menos que a história do Ocidente não seja recontada de forma a trazer a Revolução Haitiana para frente da vista do mundo. Para Touillont, a visão de mundo vence os fatos: a hegemonia branca é natural, tomada como um elemento dado; qualquer alternativa ainda está no domínio do impensável (TROUILLOT, 1995, p. 93).

Após a independência, o Haiti viveu um longo período de ostracismo, sofrendo um verdadeiro boicote por parte de países da América e da Europa. Foi construído um imaginário a partir do pensamento social, em torno da cultura haitiana, da religião, da língua, da herança africana e até do fenótipo do “noir”. Montou-se uma retórica utilizada para a demonização do haitiano.

Sobre o pré-conceito para com a religiosidade haitiana, Hurbon (1987) descreve os rótulos negativos que o vodu recebeu, associados à barbárie e à selvageria e trazidos à superfície por meio dos pares: negro/branco, negro/mulato, ciência /magia, vodu/satã vodu/magia. O autor ressalta que o vodu teria sofrido uma desvalorização, frente ao Cristianismo, a qual, segundo ele, contribuiu para um complexo de inferioridade na população rural haitiana, adepta do vodu. O cristianismo ocidental teria inculcado na mentalidade do povo haitiano que o vodu é um culto de adoração ao demônio, uma prática mágica e supersticiosa, culpada pelo atraso do país no mundo da civilização.

A ideologia ocidental, para fundar sua supremacia cultural e seu imperialismo econômico, considerava as culturas e religiões tradicionais como culturas primitivas ou que possuíam uma mentalidade pré-lógica em descontinuidade total, com o homem moderno, dito civilizado (HURBON, 1987, p. 139).

O idioma crioulo (língua atribuída a povos atrasados) era totalmente alheio às línguas europeias, veículo de transmissão dos valores culturais da “verdadeira civilização”:

Para a elite, a verdadeira civilização é a civilização ocidental e a verdadeira religião é a católica, como a verdadeira língua (aquela falada por 2 a 5% da população haitiana e que é reconhecida como língua oficial, mesmo sendo o creóle a única língua das massas), é a língua francesa (HURBON, 1987, p. 28).

definitivo de nenhum evento. Assim, aquilo que se converte em dado, com ausências inatas, específicas à sua produção como tal. Em outros termos, o mesmo mecanismo que torna possível qualquer registro histórico também assegura que nem todos os fatos históricos são criados iguais. Eles refletem os meios de controle diferencial dos meios de produção histórica desde o primeiro registro que transforma um evento num dado” (Trouillot, 1995, p. 49).

A Revolução Haitiana, o vodu e o sistema representativo são abordados, via de regra, com uma conotação explicitamente negativa, prevalecendo, nessas representações textuais e imagéticas, um arquétipo que está muito próximo ao real maravilhoso, ao fantástico ou, no extremo oposto, ao abjeto, ao bárbaro. Nessas construções, está evidenciado não apenas o distanciamento, mas também a resistência do povo haitiano, renegado pelas próprias elites aos modelos ocidentais de aculturação⁵⁰.

O vodu é essencialmente uma religião popular. A língua dos seguidores do vodu é o crioulo, falado no Haiti por toda a população, à exceção da alta burguesia, que embora a domine, prefere usar o francês. A maior parte de seus adeptos é recrutada no campesinato que representa mais ou menos 63% da população total do país. Quanto ao proletariado urbano, ele só se manteve fiel à religião ancestral na medida em que conservou seus apegos rurais. A prática do vodu, assim como o uso exclusivo do crioulo, é um dos traços que os sociólogos retiveram para estabelecer uma distinção entre as massas populares e o pequeno grupo de pessoas instruídas que gozam de certo conforto material, dando-se a si mesmo o título de elite. As pessoas da elite, a maioria mulatos, se apegam com todas as forças aos modos ocidentais de vida e de pensamento e sentem pelos camponeses um sentimento social de desprezo (RODRIGUES, 2008, p. 165-166).

O vodu haitiano, chamado de *Sèvis Gine* (serviço africano), é uma religião haitiana, com fortes elementos de povos africanos (Igbos, Bacongós e Iorubás), além de elementos dos povos indígenas tainos, que viviam em Hispaniola, na época da colonização. O vodu foi levado também para outros lugares para onde imigrantes do Haiti se deslocaram (diáspora haitiana), como a partes de Cuba, Estados Unidos, Canadá, França, Guiana Francesa e outros países. Trata-se de uma crença sincrética que combina os elementos do catolicismo e de religiões tribais, com características semelhantes do *candomblé* brasileiro.

José Renato de Carvalho Baptista (2012), em sua tese de doutorado intitulada *Sè Tou Melanje: Uma etnografia sobre o universo social do Vodu Haitiano*, cita os estudos de Hurbon, como uma sociologia do vodu haitiano:

Hurbon sugere uma sociologia do vodu haitiano, que se propõe a produzir uma oposição aos discursos que demonizariam as práticas do vodu. Percebendo não apenas o seu caráter de “resistência cultural” das tradições de origem africana no Haiti, mas como forma de enfrentamento à opressão da escravidão, modulando uma espécie de “linguagem” comum, tal como o crioulo, que estabelece fortes vínculos ligados à terra, através do *lakou*, a propriedade comum, e em consequência disto, à família, e aos ancestrais. Hurbon aponta ainda para o caráter de resistência à escravidão que se encontra intimamente associado ao vodu no Haiti, o que nos

⁵⁰ Haiti: identidade e representação. Alex Donizete Vasconcelos. Revista Urutágua Acadêmica multidisciplinar-DCS/UEM. Nº20, Jan./fev./Fev/Mar./Abril de 2010. Disponível em: <http://www.periodicos10.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/7541/5212>. Acesso em 05 maio 2014.

reporta às profundas relações entre o processo de independência do país (BAPTISTA, 2012, p. 46-47).

No vodu haitiano, se veneram um deus principal (o Bondye, “Bom Deus”) e os antepassados. O vodu, como conhecido no Brasil e na diáspora haitiana, é resultado de uma unificação de diferentes povos da África. Da fragmentação das linhagens dos africanos aqui escravizados, ele surgiu como um forte símbolo cultural de resistência à colonização e à escravidão.

Hurbon (2002) destaca, ainda, que os camponeses, por serem excluídos da participação política, praticavam o vodu, enquanto a elite haitiana urbana, que conservava os costumes e a concepção da cultura francesa, praticava o catolicismo.

A religião trazida pelos escravos africanos, o vodu, representa uma visão original do mundo e o esforço de um povo para se afirmar a despeito das condições dramáticas de sua história, que o fizeram passar da escravidão e da dominação estrangeira ao subdesenvolvimento e à ditadura política. É a “linguagem própria” de um povo que só poderia sobreviver às condições históricas, econômicas e sociais em que se encontra há séculos caso descobrisse por si só sua própria resposta, afirmando-se em seus próprios modos originais de existência. Para as massas haitianas uma solução de sobrevivência por ajudá-las a tomar consciência de si e a garanti-las contra a existência infeliz recosturando os rasgos do tecido mundial (HURBON, 2002, p. 12).

O que cabia aos países colonialistas e mesmo nos países recém-independentes da América que ainda se mantinham escravistas era isolar este exemplo e condená-lo. O Haiti passa a ser vítima da repulsa e da reprovação internacional não só nas décadas iniciais do século XIX, e acontecimentos que marcam a política interna do país vão alimentar os estereótipos. De forma que, segundo San Miguel (1997),

Para las potencias coloniales del Caribe, la República de Haití era ‘un ejemplo tan perturbador como peligroso’ ya que era un foco de ‘contagio’ revolucionario. A la evidencia de un sistema esclavista destruido como resultado de la rebelión de los sectores subalternos, se sumaron los ejemplos, igualmente amenazantes, de un régimen colonial hecho trizas por los ‘condenados de la tierra’ y el del surgimiento de un Estado negro (SAN MIGUEL, 1997, p. 113).

Estigmas foram imputados de forma tão explícita que os haitianos marginalizados foram incorporando esses padrões impostos pelas sociedades europeia e americana, mesmo sendo algo absurdo e não condizente com a sua realidade.

Para Goffman (1975, p. 11), o estigma seria um termo referente àquele indivíduo que não possui uma aceitação da sociedade, definição essa mais próxima da original criada pelos

gregos para descrever sinais corporais de onde se podia evidenciar algo bom ou mal acerca do “*status*” moral do indivíduo.

A sociedade estabelece os meios de caracterizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas (GOFFMAN, 1975, p. 11-12).

4 Haiti século XX

4.1 Trajetórias do povo haitiano

Porque não é verdade que a obra do homem está acabada
 que não temos nada a fazer no mundo
 que parasitamos o mundo
 que basta que marquemos o nosso passo pelo passo do mundo
 ao contrário, a obra do homem apenas começou
 e falta ao homem conquistar toda interdição imobilizada nos recantos do seu fervor
 e nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência, da força
 e há lugar para todos no encontro marcado da conquista e sabemos agora que o sol gira em torno da
 terra iluminando a parcela fixada por nossa única vontade e que toda estrela cai do céu na terra pelo
 nosso comando sem limite
 E está de pé a negrada
 a negrada arriada
 inesperadamente de pé
 de pé no porão
 de pé nas cabines
 de pé na ponte
 de pé ao vento
 de pé sob o sol
 de pé no sangue
 de pé e livre
 (...)

(Diário de um retorno ao país natal, Aimé Césaire,
tradução do francês por Lilian Pestre de Almeida)

5 Ocupação Norte - americana em 1915

O povo haitiano tem muito presente, ainda hoje, a influência cultural dos Estados Unidos. Enquanto a geração mais jovem tem o desejo de partir, “ser diáspora”, com o sonho

de ascensão econômica, outra parte da população, a geração mais velha, tem presente, na memória coletiva, a marca negativa da ocupação norte-americana de 1915.

Conforme Charles (1990), a história do Haiti, a partir do século XX, foi marcada por fracassos e por uma neocolonização estadunidense:

O ano de 1915 marca uma data importante na história do Haiti e na evolução do sistema sociopolítico. É o fim de 111 anos de independência formal, uma independência duramente conquistada, que se foi dissolvendo pelo entreguismo das classes dirigentes locais e pelos apetites expansionistas dos Estados Unidos. [...] É o início da neocolonização do Haiti por parte do imperialismo ianque, o começo de um período de modernização, o qual, sem mudar as bases, pretende modificar o conjunto (PIERRE-CHARLES, 1990, p. 183).

Conforme Schmidt (1995), os interesses norte-americanos no Haiti, nesse período, dizem respeito, principalmente, a questões de ordem econômica e geoestratégica. A última está ligada à construção do Canal do Panamá. Além dela, houve o intento de acabar com as desordens políticas crônicas que assolaram o Haiti, no período de 1910 a 1915. Tudo isso vinha ao encontro e também a ocasião da intenção de afastar definitivamente da América as potências européias preponderantes na região, movimento que o início da Primeira Guerra Mundial já havia disparado.

Desde a segunda metade do século XIX, os Estados Unidos queriam estabelecer uma base naval em um dos países que se situavam na Passagem de Windward. A Passagem de Windward localiza-se nas águas marítimas entre o sudeste de Cuba e noroeste do Haiti. Escolheram estabelecer a base naval em Cuba, mas não poderiam deixar que alguma potência européia ocupasse o Môle-Saint-Nicolas, localizado a noroeste do Haiti. Para os Estados Unidos, a necessidade de controle da Passagem de Windward implicava em obter acesso livre ao Canal do Panamá. Temendo que a Alemanha anexasse o Môle-Saint-Nicolas, os Estados Unidos mandaram os *marines* para o Haiti, em julho de 1915, sob alegação de intervenção humanitária (SCHMIDT, 1995, p. 11).

Mintz (2010) destaca que o interesse em ocupar o Haiti estava ligado a interesses econômicos. Por apresentar uma economia ainda por desenvolver, o Haiti se constituía como um excelente local para inversões financeiras, fornecendo mão de obra barata e apresentando grandes recursos naturais. O comércio norte-americano na região já estava se consolidando, figurando os Estados Unidos da América como o principal fornecedor de produtos manufaturados e importador de alimentos e de matérias-primas. Porém, depois de muitos anos de exploração, de ter suas riquezas exauridas, o país já não está mais tão interessante e atrativo.

Tão pequeno, um segmento da superfície da Terra não é fácil de levar a sério, especialmente desde que fica perto da nação mais poderosa na história do mundo, e tornou-se um lugar favorito para tomar banho, beber e paquerar, para os americanos e outros estrangeiros. No entanto, apenas um par de séculos atrás, as ilhas do Caribe se tornaram o campo de testes para o imperialismo europeu, o trabalho escravo moderno, e o primeiro local de produção para os "alimentos de drogas proletárias", tais como açúcar, café e rum. Nunca antes a Europa conseguiu estabelecer produção no exterior de tais importações rentáveis, em terras tropicais que possuíam pela conquista. [...]. Um resultado importante de interesse europeu era de que as ilhas e praias próximas tornaram-se umas das regiões com maior diversidade étnica do mundo, expostos a uma modernização que tinha descansado em genocídio, escravidão, aculturação em larga escala, no início e industrialização forçada, e então, revolução. No final, porém, o Caribe já não era uma área econômica atrativa, e perdeu quase totalmente seu poder de atrair capital e juros⁵¹.

A história política e econômica do Haiti, no século XX, se apresenta imbricada com a política e os interesses imperialistas norte-americanos. A ocupação militar do país, no período de 1915 a 1934, é o reflexo direto dessa política que não cessou com a desocupação. A dominação continuou por vias indiretas, pela economia e, principalmente, pelo encabrestamento político da elite do país. O período que se inicia em 1934 e se estende até o ano de 1946 é marcado pela hegemonia do setor mulato da oligarquia haitiana. Baseado no princípio da democracia representativa inaugurada pelos norte-americanos, esse setor assegura sua manutenção no poder (com a ajuda da repressão levada a cabo pelo exército). O período foi marcado por um contexto de crise econômica advindo da crise de 1929 e pelas condições internacionais proporcionadas pela Segunda Guerra Mundial.

Conforme Santana (2003), os anos que vão de 1946 a 1956 são caracterizados por fortes tensões sociais causadas pela emergência de lutas por participação política de setores tradicionais aliados do poder e pela reivindicação das massas e dos setores médios urbanos. O período se inicia com uma verdadeira revolução, que põe fim à ditadura do presidente Elié Lescot. Com sua queda, a classe mulata perde a condição de classe hegemônica politicamente e assiste à subida da oligarquia negra. Esta última conseguiu apoio popular pelo seu discurso populista, bem como obteve respaldo dos setores mais dinâmicos da pequena burguesia negra que pleiteavam cargos públicos. A partir de 1950, devido ao crescimento da economia haitiana, os mulatos conseguiram se fortalecer economicamente, estruturando sua força política e passando a buscar novamente o poder. O exército surgiu como agente mediador entre as alas mulata e negra da elite e logo assumiu o poder.

⁵¹ <http://sidneymintz.net/caribbean.php>. Acesso em 05 de maio de 2014.

Para Charles (1990), a política de estabilidade e equilíbrio de poderes do Haiti não suportou as pressões generalizadas que se iniciaram por volta de 1955, devido a uma conjuntura econômica desfavorável.

Conflitos destes grupos oligárquicos pela conquista ou pelo controle do Estado. Em particular se dá uma polarização entre o setor mulato agroexportador mais urbanizado e o setor negro preferentemente latifundista. O primeiro utiliza ideologicamente sua condição mulata e sua melhor preparação para fundar sua pretensa superioridade e seu direito ao controle exclusivista do poder. De fato, sendo o grupo economicamente hegemônico, dispunha de maior clientela sociopolítica e maior peso quanto ao poder político. Mas o setor negro desta oligarquia, além de sua tradicional força no exército, manifesta um dinamismo ideológico e político extraordinário, manipulando com extrema habilidade sua identidade de cor com a massa negra, para apresentar-se como representativo das maiorias (PIERRE-CHARLES, 1990, p. 185).

Santana (2003) destaca a instabilidade política que serviu de trampolim para a subida ao poder de François Duvalier. Este teve como apoio o setor negro da oligarquia, partes da burguesia negra, além das classes populares, manobradas ideologicamente com o ideário da negritude. Uma vez no poder, instaurou gradativamente uma ditadura personalista, com traços do fascismo, que se tornou hereditária e contou com o apoio norte-americano. Nesse período, a alta burguesia, tanto a mulata quanto a negra, se aproveitou da crise econômica, das condições da ditadura (baixos salários, proibição de greves, contrabando, corrupção) para se consolidar economicamente e, posteriormente, reivindicar participação política. Enfim, os dois grupos que compõem a elite haitiana são formados pela oligarquia comercial e agrária. De um lado, temos os mulatos, originariamente filhos de colonos. De outro, encontram-se os negros, que conseguiram terras em sua passagem pelo exército ou pela máquina estatal, ainda na época da independência. O setor comercial era composto, quase em sua maioria, por mulatos que se encontravam conectados ao mercado internacional e às potências capitalistas.

6 Período Ditatorial - Da dinastia Duvalier (1957-1986), a Ditadura Papa Doc

Conforme Grafenstein (1986), o descontentamento generalizado começou em março de 1983, quando o Papa João Paulo II visitou o Haiti. O pontífice declarou: "Algo tem de mudar aqui". Ele fez um chamado para uma distribuição mais equitativa da renda, uma estrutura social mais igualitária, mais preocupação da elite com o bem-estar das massas e o aumento da participação popular na vida pública. Essa mensagem revitalizou leigos e clero, o

que contribuiu para o aumento da mobilização popular, política e social, expandindo o ativismo. A revolta começou nas províncias, dois anos depois. A cidade de Gonaives foi a primeira a ter manifestações de rua e ataques a armazéns de distribuição de alimentos.

Segundo o mesmo autor, de outubro de 1985 a janeiro de 1986, os protestos se espalharam para outras seis cidades, incluindo Cap Haitien. Até o final desse mês, os haitianos no sul haviam se revoltado. Os mais significativos tumultos eclodiram em Les Cayes. Em janeiro de 1986, os tumultos no Haiti deixaram alarmado o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan. A administração Reagan começou a pressionar Duvalier a renunciar a seu governo e a deixar o Haiti. Representantes nomeados pelo primeiro-ministro jamaicano Edward Seaga serviram como intermediários e realizaram as negociações. Os Estados Unidos rejeitou um pedido para fornecer asilo para Duvalier, mas ofereceu-se para ajudar na saída do ditador. Duvalier tinha inicialmente aceito renunciar, em 30 de janeiro de 1986. A Casa Branca anunciou, na verdade, sua partida prematura. No último minuto, porém, Jean-Claude decidiu permanecer no Haiti, o que gerou o aumento da violência nas ruas.

O Departamento de Estado dos Estados Unidos anunciou um corte na ajuda ao Haiti, em 31 de janeiro. Essa ação teve efeito simbólico e real: Washington se distanciou do regime Duvalier e negou ao regime uma importante fonte de renda. A essa altura, o tumulto se espalhou para Port-au-Prince. Após apressadamente nomear um Conselho Nacional de Governo (Conseil National de Gouvernement - CNG), composto por Namphy, Regala e três civis, Jean-Claude Duvalier e a esposa, Michèle, partiram do Haiti em sete de fevereiro de 1986. Eles deixaram para trás um país economicamente devastado pela pobreza, desprovido de instituições políticas funcionais e de qualquer tradição de autogoverno pacífica.

7 Regime Lavalas⁵²: 1994-2004

Os presidentes Jean Bertrand Aristide, que governou de 1994 a janeiro de 1996 e, novamente, de 2001 a 2004, e Rene Préval, que fora eleito em novembro de 1995 e que esteve no poder durante o intervalo de 1996 a 2001 foram eleitos democraticamente. Conforme Telemaque (2012), o final da ditadura, aparentemente, descortinava novos rumos para o país,

⁵² Nome do partido criado por Aristide, inspirado na palavra crioula que significa “águas torrenciais que limpam tudo à sua frente”.

com a escolha de um presidente eleito por vias democráticas. Porém, essa experiência do povo haitiano não duraria muito e a instabilidade política contribuiria para o êxodo de muitos haitianos para a diáspora:

Com o fim da ditadura, o país parecia ingressar numa nova fase de sua história, marcada pela realização de eleições democráticas, em 1990. O sufrágio, realizado em dezembro com monitoramento internacional, conferiu, com expressivos 67% dos votos, vitória a Jean- Bertrand Aristide, sacerdote de esquerda (ex-padre católico, tinha sido expulso dos Salesianos em 1988), que se proclamava adepto da teologia de libertação e não desfrutava da simpatia dos Estados Unidos. Aristide tomou posse em fevereiro de 1991 e, poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, seria deposto por um golpe de estado promovido por militares, com o apoio de setores importantes da elite do país, liderados pelo General Raoul Cédras. O Presidente deixou o país em busca de asilo nos Estados Unidos e o governo militar responsável pelo golpe nomeou, logo em seguida, o civil Marc Bazin, como Primeiro-Ministro. A partir daquele ano, os enfrentamentos cresceram significativamente, tanto no plano político quanto no social, agravados por um quadro econômico desalentador. A deposição de Aristide motivaria um verdadeiro êxodo em direção ao Canadá e à costa da Flórida, para onde expressivos contingentes de haitianos se dirigiram em precárias balsas. Segundo dados da Guarda Costeira norte-americana, no espaço de um ano, cerca de 42 mil haitianos entraram, desse modo, em solo americano, o que levou o Governo dos Estados Unidos a enviar, em outubro de 1994, um navio de guerra com a missão de conter a situação de violência nas ruas, principalmente em Porto Príncipe (TELEMAQUE, 2012, p. 22).

Para Vasconcellos (2010), o Haiti se tornou referência mundial nesse tipo de migração, desde o golpe de 1991, contra o presidente Jean Bertrand-Aristide. O golpe militar foi seguido por uma profusa onda migratória, realçada, sobretudo, por centenas de balseiros (boat people), que se lançaram ao mar rumo a vários países do Caribe e aos Estados Unidos, fugindo da miséria econômica, da violência e da instabilidade política⁵³.

Conforme Telemaque (2012), Aristide voltou à presidência do Haiti sendo reeleito em 2001. Uma vez tendo chegado ao poder, atingiu uma impopularidade tal que teve que ser afastado do governo novamente, em 2004, numa situação mal explicada, na qual foi retirado do país por militares norte-americanos, em um momento em que era iminente um confronto entre integrantes de um levante armado do qual tomavam parte, principalmente, ex-militares haitianos, tontons macoutes e apoiadores de Aristide em Port-au-Prince. Depois de sofrer essa segunda deposição, Aristide refugiou-se na África do Sul. De lá, afirmou que ainda era o legítimo presidente do Haiti, pois não renunciara, e que forças dos Estados Unidos o haviam sequestrado para tirá-lo do poder. Aristides retornou a Port-au-Prince em março de 2011, quando aconteciam as campanhas para o segundo turno das eleições presidenciais no Haiti.

⁵³ A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo - (2004-2010). / Alex Donizete Vasconcellos. -2010. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás. 189 f.

Crise, ruptura da ordem pública, sublevação, anarquia, caos, crise humanitária, deslocamento da população, refugiados, marcam este período histórico.

Dada a conjuntura de mais uma ocupação da ONU na história do Haiti, esta em 2004, através da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, chamada de *Minustah* (sigla em francês), que tinha como primeiro objetivo atuar na reconstrução do Haiti. Mintz (2005) faz a seguinte pergunta: o Haiti pode mudar?

Mintz (1995) reforça a ideia de um povo que tem uma história, que, hoje, precisa ser recuperada. A reconstrução se fará nos campos econômicos e sociais se o campo político estiver seriamente engajado nessa busca:

Cada nação é única; não há duas iguais. Mas o Haiti está em uma classe por si só, não porque é o país mais pobre do hemisfério ou porque ninguém lá, antes de o presidente Jean-Bertrand Aristide, já tinha sido eleito pelo voto popular. A pobreza e a falta de política eleitoral, afinal, tipificam sociedades espalhadas por uma porção substancial da superfície da Terra. O que torna o Haiti único é que nenhuma outra nação na história do mundo nunca foi criada por escravos. Esses escravos arrancaram as armas das mãos de seus mestres e, em seguida, jogaram os mestres fora. O que Spartacus foi crucificado por não fazer, o povo haitiano fez. Singularidade do Haiti inerente à experiência histórica. A crise atual do Haiti, então, é histórica. Mesmo admitindo a importância real de escassos recursos, infraestrutura em ruínas e exaustão popular, as forças que ajudaram a manter o Haiti imobilizado (se não for imóvel) estavam no local logo após a independência. Em 1915, quando os Estados Unidos ocuparam o Haiti pela primeira vez, reforçaram-se essas forças. É difícil ser tudo menos pessimistas. A estabilidade do Haiti vai depender de mudanças econômicas fundamentais a mudança na distribuição do poder de tomar decisões econômicas. Essa mudança parece extremamente improvável, até porque ela vai exigir tempo. Para a intervenção norte-americana atual realizar qualquer coisa mais duradoura no Haiti do que alimentar os famintos, reparando geradores elétricos e fixando estradas. Mas se olhando para frente é difícil; olhando para trás, é muito mais fácil. O que se vê, no passado, é uma série de relevâncias esquecidas. Elas têm a ver com o que Haiti era uma vez e com o que seu povo fez a respeito. Então, vamos colocar as previsões de lado por um momento e olhar para trás (MINTZ, 1995, p. 2-3).

Conforme relatos históricos de MINTZ (1995), o povo haitiano é marcado por uma história de lutas em um passado vitorioso, com a conquista da liberdade dos grilhões da escravatura, a primeira república negra do mundo a ficar independente. O autor insiste na ideia de que o país teve um passado marcante, que poderia ter se tornado nação livre e próspera, porém, dados os fatos conjunturais históricos posteriores à independência, este projeto de desenvolvimento não se consolidou. Retomando as palavras deste autor, nos anos em que vivi no Haiti, percebi um povo muito resiliente, com uma incrível capacidade humana e criativa de se reconstruir frente às adversidades: a pobreza estrutural, as seguidas ditaduras e as ocupações imperialistas, além dos desastres naturais (todos os anos ocorriam ciclones e em 2010 ocorreu o terremoto).

8 A presença da ONU: razões para a presença brasileira no Haiti

Seitenfus (2005) que, na época, fora observador da ONU no Haiti, descreve o porquê da presença internacional no país:

Um simples e rápido olhar sobre Porto Príncipe, a devastada capital do Haiti, indica o caráter indispensável da presença das forças civis e militares brasileiras. Tendo o primeiro governo de Aristide abolido as forças armadas e substituído-as pelos policiais da PNH (Polícia Nacional do Haiti), o povo indefeso conta unicamente com a proteção das tropas estrangeiras. Mais que superficialidade, sinaliza profunda ignorância, senão má fé, comparar o Haiti com o Brasil ou quaisquer de suas regiões. Aqui não se trata de pobreza absoluta, nem da ação de organizações paralelas vinculadas ao tráfico de drogas e outros crimes, tampouco de crescente violência urbana ou de escassa presença do Estado. Trata-se da simples ausência de Estado. Da convivência desregrada entre seres humanos abandonados à sua própria sorte, sem nenhuma possibilidade de salvação individual, diante da perspectiva de guerra eterna de todos contra todos, fruto da histórica omissão das elites internas e transnacionais, que nada mais têm a retirar dessa depauperada terra (SEITENFUS, 2005, p. 11-12).

Passadas as turbulências políticas e sociais que resultaram na renúncia de Aristide e na morte violenta de dezenas de haitianos, o Conselho de Segurança da ONU criou a Força Militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), em junho de 2004. A Minustah era comandada pelo Brasil, que, na época, enviou 1.200 militares. A força de paz possui contingentes da Argentina, Uruguai, Chile, Nepal e Peru, entre outros. Essa missão substituiu a força antes capitaneada pelos EUA e França, que continha também tropas do Canadá. Inicialmente planejada para ficar até a eleição de um novo presidente, a Missão da ONU continua no Haiti, passados dez anos de sua chegada. O Brasil assumiu a liderança da missão, a pedido da própria organização (ONU). Dos 7.000 militares e policiais estrangeiros que atuam no país, um quarto é de brasileiros. A força de paz tem por objetivo intensificar os esforços para restabelecer a paz, assegurar a ordem, desarmar milícias rebeldes e ajudar na restauração do estado democrático.

Desde que chegarem ao Haiti, as tropas brasileiras tentam garantir uma relativa estabilidade no que diz respeito à segurança e, por conta disso, já ajudaram em outras áreas, pavimentando ruas, limpando canais poluídos ou promovendo projetos sociais para crianças. Mesmo com o envio de tropas da ONU, as eleições democráticas de Rene Preval e Michel Martely, a situação econômica e social do Haiti permaneceu frágil. Os haitianos continuaram a ostentar o título de população do país mais pobre das Américas. Cerca de 70% dos habitantes do Haiti não têm emprego, vivendo, economicamente, do que restou de ajudas

internacionais esporádicas e de algumas remessas de dinheiro dos haitianos que conseguiram migrar para os Estados Unidos, nas últimas décadas.

8.1 Terremoto

Thomaz (2010), pesquisador da Unicamp⁵⁴, que estava no Haiti por ocasião do terremoto, narra como foi o momento e critica a inoperância da presença da ONU e da Comunidade Internacional:

No fim da tarde do dia 12 de janeiro de 2010, em Porto Príncipe, o mundo ruiu a nossa volta. Nem bem o primeiro e mais forte tremor acabara, as pessoas já erguiam as mãos aos céus e clamavam por Jezi (Jesus) e Bondye (Deus); outras, poucas, entraram em transe a poucos metros de distância de nós. A consciência da violência do sismo foi imediata. Uma imensa nuvem de poeira nos jogou numa névoa impenetrável, explosões se sucediam e não longe de onde estávamos a chama de um posto de gasolina se adivinhava em meio ao pó. Pessoas feridas, queimadas, descabeladas, enlouquecidas surgiam no nevoeiro. Alguém se aproximou e nos disse que o hospital uma quadra acima ruíra. [...] Na imprensa internacional foi recorrente a afirmação da dificuldade de escoar a ajuda internacional. Remédios, comida, água, tendas, cobertores tudo parecia se acumular no aeroporto de uma cidade já por si só caótica, e agora absolutamente sumida no caos pós-terremoto. É certo que a ONU estava decapitada, entre o estado de choque e o caos. Mas atribuir ao Haiti a responsabilidade pela ausência de ação das organizações internacionais deve ser considerado um exercício de cinismo, má fé ou, na melhor das hipóteses, pura e simples ignorância. Que o Estado no Haiti oscila, na atualidade, entre a ausência e a força bruta da atuação policial (percebida pela população muitas vezes como qualquer gangue com a diferença que conta com o apoio das Nações Unidas), isso não é novidade para os haitianos. Mas traduzir a precariedade do aparato estatal numa guerra de todos contra todos, num estado de caos permanente, constitui uma liberdade retórica que não resiste a uma observação mais atenta da realidade de Porto Príncipe — observação que os sujeitos da “comunidade internacional” há anos estabelecidos neste país estariam obrigados a realizar (THOMAZ, 2010, p. 2).

O sismo do Haiti de 2010 foi um terremoto catastrófico que teve seu epicentro a cerca de 25 quilômetros da capital haitiana, Porto Príncipe, e foi registrado às 16h 53min, da terça-feira, 12 de janeiro de 2010. Na época, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha estimou que cerca de três milhões de pessoas foram afetadas pelo sismo.

No dia 12 de janeiro de 2010, eu estava em Jérémie, participando de uma reunião. A casa onde eu estava, com um grupo de 10 pessoas, ficava próxima ao mar. Embora a 7 horas da capital, sentimos o tremor. Livros caíam das estantes, a mesa sacudiu derrubando copos e garrafas de refrigerantes. Saímos de dentro da casa, pois um mexicano que estava conosco, por já ter passado por experiência semelhante, disse tratar-se de um terremoto. Nesse instante,

⁵⁴ A Universidade de Campinas, no estado de São Paulo, é uma universidade pública estadual brasileira, fundada em 1966.

tentei telefonar para minha colega que estava na capital e, desde aquele momento, por mais duas semanas, a comunicação via telefone foi interrompida. Saberíamos dos fatos mais tarde, via rádio. Por convite da CHR (Conferência dos Religiosos do Haiti), da qual fazia parte desde 2006, era para eu estar na capital Porto Príncipe, participando de um Congresso de formação e lançamento da Pastoral da Criança no Haiti, com a brasileira Dr^a Zilda Arns. Nesse encontro, estariam representantes de outros países do Caribe. Uma semana antes, decidi não ir e cedi meu lugar para minha colega que era enfermeira. Certamente ela fora muito útil, depois do terremoto, auxiliando no socorro dos sobreviventes.

Uma semana após o terremoto, foram confirmadas 21 mortes de brasileiros, sendo 18 militares e três civis. Entre eles a médica Zilda Arns Neumann, coordenadora internacional da Pastoral da Criança, médica pediatra e sanitarista.

Entre os dias 18 e 20 de janeiro de 2010, recebemos mais de 10.000 refugiados do terremoto em Jérémie, que vieram no barco *Trois Rivières*. Participei das equipes de acolhida com a ONU e a sociedade civil. Integravam essas equipes médicos, enfermeiras, militares e religiosos. Todos se concentravam em torno do mesmo objetivo: a acolhida desses sobreviventes em Jérémie, os quais eram todos “filhos” natos desse departamento, que viviam na capital por motivos de estudos universitários ou trabalho.



Figura 9: Cidadãos haitianos se aglomeram em um navio no porto, no Haiti, depois do terremoto

Cidadãos haitianos se aglomeram em um navio no porto, no Haiti, em 16 de janeiro, com destino a Jérémie. Após o terremoto havia muitos desabrigados, feridos e famintos. (Fonte: haitianos preencher balsa em Port-au-Prince 2010-01-16. jpg 2010-01-16 (18 January 2010). Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Haitians_fill_ferry_in_Port-au-Prince_2010-01-16.jpg. Acesso em: 08 de maio de 2014)

No desembarque dos tripulantes do *Trois Rivières* em Jérémie, no dia 18 de janeiro de 2010, passou um filme em minha mente e, neste dia, vi e senti muito forte a miséria e o sofrimento humanos. Desciam do barco, sobreviventes com alguma mala, outros somente com as roupas do corpo. Muitas crianças, abaladas, choravam, pois haviam perdido seus pais e, órfãs, eram carregadas por familiares. Em meio ao caos, percebi muito forte a solidariedade. A sociedade civil estava presente, igrejas de diferentes denominações, escoteiros, profissionais liberais, comerciantes, militares uruguaios da ONU, todos buscando atender e encaminhar essas milhares de pessoas. Depois dessa embarcação, que contava com dois mil passageiros, em uma semana, retornaram mais quatro grupos de refugiados da capital à Jérémie.

Só fui para a capital, dois meses depois, quando pude perceber o quão grave foram as consequências estruturais e humanitárias do terremoto. Em Porto Príncipe e outros locais da região, havia muitos escombros, estavam destruídas milhares de edificações, incluindo os elementos mais significativos do patrimônio de Porto Príncipe: o Palácio Presidencial, o edifício do Parlamento, a Catedral de Notre-Dame, a principal prisão do país e todos os hospitais. A sede da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH), localizada na capital, desabou com um grande número de funcionários da ONU em seu interior, os quais estavam ainda desaparecidos. Um amigo, frei da Ordem dos Pequenos Irmãos da Encarnação, conduziu-me de carro por alguns espaços da capital para ver um pouco a realidade pós-terremoto. Fiquei muito chocada. A Praça Champs de Mars, em frente ao Palácio presidencial estava tomada por abrigos improvisados com lonas e lençóis. A questão humanitária estava caótica. Saneamento básico inexistente. Nos olhares de homens e mulheres, a marca da tristeza e do luto. Embora passados dois meses, o cenário em Porto Príncipe seguia desolador, um caos, com muito mau cheiro, em alguns lugares, por causa dos corpos em decomposição embaixo dos escombros. A contabilidade da tragédia atingiu o valor de US\$ 7 bilhões; 1,5 milhões de desabrigados e mais de 300 mil mortos.

Por três meses, fui tomada pelo medo e pela insegurança, o que era também perceptível nas colegas e no povo haitiano. À noite, sentíamos ainda pequenas réplicas do cismo⁵⁵. Esse terremoto agravou os problemas sociais do Haiti. Várias pessoas utilizaram as ruas como moradia, com receio de outro tremor e da consequente derrubada das casas. A água potável, os alimentos e os remédios não eram suficientes para suprir as necessidades da

⁵⁵ Após um terremoto de grande magnitude, é normal o surgimento de múltiplos tremores de menor intensidade. Esses eventos são chamados de réplicas ou *aftershocks* e, muitas vezes, são extremamente intensos, causando danos tão severos quanto o evento principal.

população. Com esse cenário de crise humanitária toda a ajuda era bem-vinda. Chegavam muitos voluntários civis de vários países. A Organização das Nações Unidas enviou tropas, além de equipes de busca e resgate.

Enfim, quatro anos depois, ainda restam 146.464 pessoas em situação de extrema vulnerabilidade em 271 campos de deslocados, onde vivem em péssimas condições, as quais pioram a cada dia, segundo dados da Organização Internacional de Migrações (OIM)⁵⁶.

8.2 A cólera⁵⁷

Uma epidemia de cólera viria a completar o cenário da tragédia, provocando mais mortes. Nesse momento, senti a impotência enquanto estrangeira, diante de tanto sofrimento. Algumas crianças do grupo pelo qual eu era responsável estavam contaminadas com a bactéria da cólera e alguns familiares delas morreram vítimas dessa doença, em apenas uma semana. As atividades, nesse período, foram paralisadas pelo risco epidêmico. A água potável era difícil e, mais uma vez, o medo de contágio pela cólera era grande. Ações que envolviam a concentração de pessoas foram canceladas, como, reuniões, cultos, missas. Algumas escolas nos locais onde era maior o índice de óbitos cancelaram suas atividades.

O surto de cólera no Haiti começou no final de outubro de 2010, na área rural do departamento de Artibonite, a cerca de cem quilômetros de Porto Príncipe⁵⁸. No total, mais de 650 mil pessoas foram infectadas, em três anos, pela bactéria, desde outubro de 2010. Em pouco tempo, a epidemia foi atingindo vários departamentos, chegando até o sul do país. Um estudo publicado em junho de 2011 pelos centros americanos de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), concluiu que a cólera foi introduzida no Haiti pelos “capacetes azuis”

⁵⁶ Organização Internacional para a Imigração.

⁵⁷ Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a cólera é uma infecção intestinal aguda causada pela ingestão de alimentos ou água contaminados com a bactéria *Vibrio cholerae*. Tem um período de incubação curto e produz uma enterotoxina que causa uma indolor diarreia aquosa abundante, que pode levar rapidamente à desidratação grave e morte, se o tratamento não for prontamente dado. O vômito também ocorre na maioria dos pacientes. A maioria das pessoas infectadas com o *V. cholerae* não ficam doentes, embora a bactéria esteja presente em suas fezes por 7 a 14 dias. Quando a doença ocorre, cerca de 80-90% dos episódios são de gravidade leve ou moderada e são difíceis de distinguir clinicamente a partir de outros tipos de diarreia aguda. Menos de 20% das pessoas com a doença desenvolvem a cólera típica com sinais de desidratação moderada ou grave. A cólera continua a ser uma ameaça global e é um dos principais indicadores de desenvolvimento social. Embora a doença já não represente uma ameaça para os países com padrões mínimos de higiene, continua a ser um desafio para os países onde o acesso à água potável e ao saneamento adequado não pode ser garantido. Quase todos os países em desenvolvimento enfrentam surtos de cólera ou a ameaça de uma epidemia de cólera (Disponível em: <http://www.who.int/topics/cholera/about/en/>).

⁵⁸ <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?tl=1&id=1067862&tit=Mortos-por-surto-de-colera-no-Haiti-ja-sao-917>.

nepaleses. A origem do surto foi detectada em um rio perto de uma base dos “capacetes azuis”, na cidade de Mirebalais (centro), onde estiveram estacionadas as tropas de militares nepalesas. A ONU nunca reconheceu a responsabilidade pela epidemia, ao considerar impossível determinar formalmente a origem da doença⁵⁹.

Três anos passados da epidemia, a EBC noticiou, em 29 de outubro de 2013, o perigo de uma catástrofe, com a manchete: “Cólera no Haiti deve ser detida para que não haja catástrofe econômica na região, alerta OMS”⁶⁰.

No Haiti, em 2010, 80% da população era classificada como vivendo abaixo da linha da pobreza. A pobreza era estrutural, em todo o país. No departamento de Jérémie e no bairro onde vivia Caracolie II, havia falta de energia elétrica e água potável. Havia ausência de canalização nas residências as pessoas, na sua maioria crianças e mulheres que não tinham dinheiro para comprar a água que o caminhão distribuía, caminhavam até três quilômetros para buscar água na fonte. Era muito comum, às 5 horas da manhã, ver crianças buscarem água para se banharem antes de irem para a escola. Todos os dias, a mesma rotina. Devido à inexistência de saneamento básico, a maioria dos banheiros eram latrinas. As estradas eram muito precárias e os meios de transporte inseguros e ruins: na cidade circulavam as mototáxis (com pilotos sem capacete) e as tap-tap (camionetes abertas atrás que carregavam pessoas e mercadorias).

Conforme a OMS (Organização Mundial de Saúde), apenas 17% dos habitantes tinham acesso à rede sanitária, em 2008. O Programa Mundial de Alimentos da ONU afirma que, até 2008, 45% das crianças menores de cinco anos sofriam de desnutrição. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de um país é uma nota que classifica a qualidade de vida com base na educação, saúde, longevidade, mortalidade e outros índices sociais, o Haiti ocupa a 161ª posição no ranking mundial⁶¹, com base na lista publicada em 2013, que foi elaborada com dados de 2012, pela ONU. A partir dessas informações, podemos concluir que a presença da ONU no Haiti, que ocorre desde 2004, não é suficiente para assegurar direitos básicos no que tange à dignidade da pessoa humana. A reconstrução do país ocorre lentamente, e as famílias abrigadas precisam desocupar as áreas em que se situam, já que as mesmas constituem propriedades públicas e privadas.

⁵⁹ <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-09/vitimas-de-epidemia-de-colera-no-haiti-entram-com-acao-contra-onu>.

⁶⁰ *Ibd.*

⁶¹ <https://data.undp.org/dataset/Table-11-International-capital-flows-and-migration/3esk-n839>.

8.3 Eleições em Michel Joseph Martelly

O cantor popular Michel Joseph Martelly foi eleito presidente do Haiti com 67,57% dos votos, no segundo turno nas eleições de 20 de março de 2011. Martelly, candidato da coligação Répons Peyizan (Resposta Camponesa), obteve 716.986 votos, enquanto Mirlande Manigat, do Rassemblement dês Démocrates Nationaux Progressistes (Reagrupamento dos Democratas Nacionais Progressistas), alcançou 336.747. Apesar de não possuir experiência política, analistas avaliam que Martelly pode ter ganhado devido a seu carisma e as suas propostas de reformas sociais no país, que sofre com a pobreza estrutural. O principal desafio para Michel Martelly é reconstruir o país.

CAPÍTULO III

DIÁSPORA HAITIANA NO MUNDO: SÉCULOS XX E XXI – CHEGADA AO BRASIL

De nuestros miedos
nacen nuestros corajes
y en nuestras dudas
viven nuestras certezas.
Los sueños anuncian
otra realidad posible
y los delirios otra razón.
En los extravíos
nos esperan hallazgos,
porque es preciso perderse
para volver a encontrarse.

Eduardo Galeano

1 Migração

Migrar corresponde à mobilidade espacial (em suas múltiplas dimensões) da população, ou seja, é o ato de se mover de país, estado, região ou, até mesmo, de domicílio. A migração internacional consiste na mudança de moradia com destino a outro país. Tal movimento vem sendo promovido ao longo de muitos anos. Como exemplo disso, pode-se fazer referência às migrações em massa dos finais do século XIX e início do XX, bem como à diáspora africana. Desde então, os fluxos migratórios internacionais têm se intensificado cada vez mais⁶².

Sayad (1998, p. 15) ressalta que a única concordância na comunidade científica a respeito da imigração é que ela é “um fato social completo” e, como tal, coloca-se em um ponto de inter-relação entre as diversas disciplinas do campo das Ciências Sociais. O movimento migratório constitui um deslocamento que se dá num espaço não apenas físico,

⁶² Fonte: <http://www.mundoeducacao.com/geografia/migracao-internacional.htm>.

mas, sobretudo, em “[...] um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente [...]”. O autor considera que, para falar-se da imigração, “fato social total”, deve-se situá-la na sociedade como um todo, numa perspectiva histórica e, também, do ponto de vista das estruturas presentes na sociedade e em seu funcionamento.

Na origem da imigração, encontramos a emigração, ato inicial do processo. O que chamamos de imigração e que tratamos como tal, em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração. Trata-se da "outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal [...]" (SAYAD, 1998, p. 14).

[...] a imigração pode então ser definida como a presença no seio da ordem nacional (i.e., na nação e, virtualmente, [...] na nacionalidade) de indivíduos não-nacionais (i.e., de estrangeiros, [...] de outra nacionalidade), e a emigração, por simetria, como a ausência da ordem nacional [...] de nacionais pertencentes a essa ordem; o imigrante é aquele que realiza a presença estrangeira e, correlativamente, o emigrante é aquele ausente que se encontra no estrangeiro (SAYAD, 1998 p. 266).

A abordagem de Sayad aporta novas dimensões ao estudo do processo migratório (PATARRA, 2006), sobretudo no que diz respeito à migração internacional, na qual o emigrante-imigrante transita entre modelos culturais diferentes e afronta uma série de implicações que a “distância cultural” produz no percurso e que ultrapassa as simples fronteiras e as datas do início e do fim do movimento:

O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica *migração internacional* estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas. Se, de um lado, nos interessa *reter* esse termo como forma de legitimar e garantir a visibilidade do que estamos tratando, nos fóruns internacionais e nacionais, de outro, carregamos o desafio de concretizar, em termos teórico-conceituais, as diversas e complexas interligações de instâncias sociais, econômicas, culturais, jurídicas e institucionais, entre outras, que involucram os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação (PATARRA, 2006 p. 9).

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais; causas relacionadas a estudos, busca de trabalho e de melhores condições de vida; questões familiares, afetivas, entre outras. Um dos principais motivos para esses fluxos migratórios internacionais, com certeza, é o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de

emprego e melhores perspectivas de vida em outras localidades. No caso dos imigrantes haitianos, o fator econômico sobrepõe-se a todos os demais, sendo preponderante para a atual onda migratória.

Segundo relatório da ONU⁶³, lançado em 11 de setembro de 2013, o mundo tem hoje 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população) e 59% deles vivem em regiões desenvolvidas. Nunca tantas pessoas moraram fora de seus países, e a Ásia lidera o crescimento de migrantes internacionais: foram 20 milhões entre 2000 e 2013, o que indica que o continente deve ultrapassar a Europa nesse quesito num futuro próximo. De 2010 a 2013, o aumento do número de migrantes internacionais desacelerou para cerca de 3,6 milhões por ano. Durante esse período, a Europa ganhou o maior número (1,1 milhão por ano), seguido pela Ásia (1 milhão) e América do Norte (0,6 milhão). Na África, o número de migrantes registrou um acréscimo anual de 0,5 milhão, apesar de uma queda acentuada no número de refugiados.

Desde 2000, o número de refugiados em todo o mundo tem-se mantido relativamente estável, em cerca de 15,7 milhões. O percentual dos refugiados acolhidos por países em desenvolvimento, no entanto, aumentou de 80%, há dez anos, para mais de 87%, em 2012. Pequenos países em desenvolvimento, com um número relativamente pequeno de profissionais, são particularmente afetados pela emigração de trabalhadores. Entre as recomendações do documento da ONU, estão a necessidade de ressaltar as contribuições dos migrantes e reafirmar e proteger seus direitos. A inclusão do tema nas estratégias de desenvolvimento nacional e na agenda de desenvolvimento pós-2015 e o fortalecimento do diálogo, da cooperação e da coerência em todos os níveis também estão mencionados no relatório da Organização.

2 Diáspora ⁶⁴

Numa abordagem histórica e ampla dos movimentos internacionais mundiais, Cohen (1999) insere a *diáspora* em sua reconstrução desses movimentos:

⁶³ http://www.un.org/esa/population/migration/ga/SG_Report_A_68_190.pdf.

⁶⁴ Palavra de origem grega, que significa “dispersão”. Atualmente, se aplica esse termo também para a desagregação compulsória para os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e para o rico patrimônio cultural que construíram (LOPES, 2004).

[...] *diáspora*, que na acepção grega da palavra significava migração e colonização, é aqui retomada em sua classificação histórica; nesse sentido, os judeus são considerados o caso mais típico; africanos e armênios também são classificados no tipo de diáspora por vitimização; os britânicos representam uma diáspora imperial; os indianos, a diáspora do trabalho; e os chineses e libaneses constituem a diáspora comercial (COHEN, 1999, p. 25).

É interessante observar que, para Cohen (1999), os povos caribenhos representam a diáspora cultural. Considerando a enorme distância que separa os Estados-nação (aproximadamente duzentos países no mundo atual) e o que ele chama de *nation-people*, estimados em 2000, o autor ressalta os limites e as vulnerabilidades dos Estados-nação em um cenário de globalização. Para Patarra (2006), a análise das diásporas na era da globalização leva em conta alguns aspectos relevantes, como as mudanças rápidas e densas no mundo econômico e sua relação com subsetores (comunicação, transporte, divisão internacional do trabalho, corporações internacionais, comércio liberal e fluxos de capital), que se vinculam às formas de migração internacional pelas relações de permanência, temporariedade e cidadania. Além disso, outro aspecto importante é o desenvolvimento das "cidades globais", que, em consequência, altera as transações, interações e a concentração de determinados segmentos do mundo econômico em determinadas cidades. Outros fatores são o cosmopolitanismo e o localismo; a criação e promoção de culturas locais ampliadas como cultura cosmopolita; e, por fim, a desterritorialização da identidade social, como desafio à hegemonia do Estado-nação, transformando o antigo foco de submissão e fidelidade em favor da sobreposição, permeabilidade e formas múltiplas de identificação.

Grande estudioso da diáspora caribenha, Hall (2003) afirma que a distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus. Para esse autor, nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas:

Que luz, então, a experiência da diáspora lança sobre as questões da identidade cultural no Caribe? Já que esta é uma questão conceitual e epistemológica além de empírica, o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos tragos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como deveram "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável! A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades, os legados do Império em toda parte podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2003, p. 27).

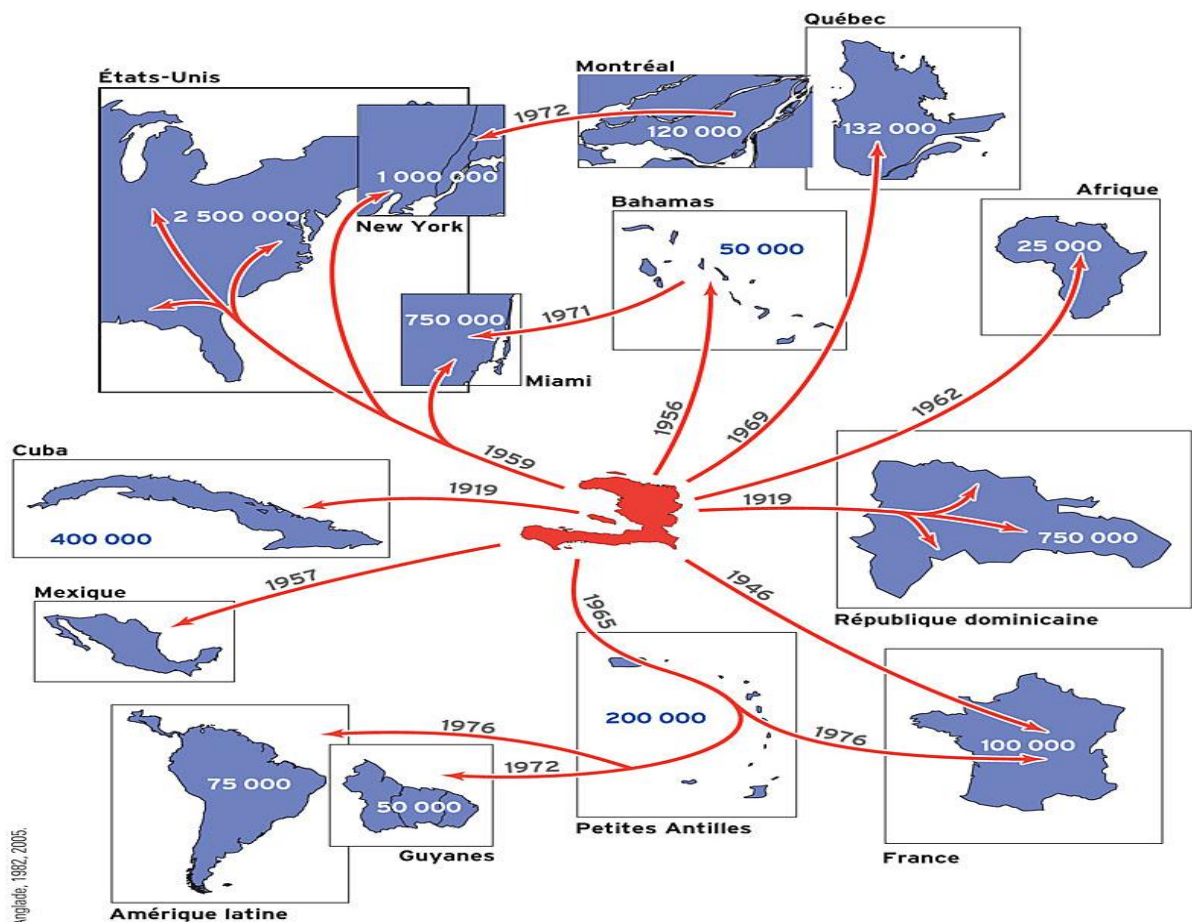
3 Diáspora haitiana no mundo

O geógrafo de origem haitiana, George Anglade (2005) (falecido no terremoto de 12 de janeiro de 2010), retrata a imigração haitiana no mundo, através de um mapa da diáspora.

Anglade (2005):

Este mapa sugere a tripla revolução em curso, uma nova geografia em escala mundial, uma nova sociologia das classes médias fora do país e uma nova economia fruto das transferências de dois milhões de dólares por ano, sendo o principal recurso do país.

Les Haïtiens dans le monde



Les deux grandes vagues migratoires du XX^e siècle, 1915-1935, 1965-1985, ont créé la diaspora qui, au Tricentenaire, 2005-2104, fait partie du nouvel espace haïtien.

Figura 10: Mapa da diáspora haitiana.

(Fonte: http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/anglade_haitiens-monde.html).

A migração haitiana pode ser classificada como transnacional. Os autores Schiller e Fouron (2000), descrevem e caracterizam esses deslocamentos:

Os movimentos transnacionais revelam que os deslocamentos populacionais geopolíticos não impedem a continuidade das relações entre imigrantes com a cultura e as relações simbólicas do país origem, ao contrário, essas pesquisas expõem processos de formação de sociedades em redes, as quais expandem as fronteiras a partir das ligações sentimentais entre o emigrante perante as relações familiares, financeiras, práticas religiosas e atividades políticas. Em outras palavras, essas trocas materiais e simbólicas legitimam uma identidade, a qual se estende além das fronteiras nacionais (GLICK SCHILLER; FOURON, 2000, p. 4).

Conforme Catanese (1999), os imigrantes haitianos têm constituído um segmento muito visível da sociedade norte-americana e canadense, que remonta a antes da independência do Haiti da França, em 1804. A proximidade do Haiti dos Estados Unidos e seu status como uma república negra livre nos anos antes da Guerra Civil Americana, contribuíram para essa relação. Muitos dos primeiros colonos americanos e dos negros libertos influentes, incluindo Jean Baptiste Point du Sable e Web Du Bois, eram de origem haitiana.

Os haitianos têm migrado em números significativos para os Estados Unidos desde o final da década de 1950/início de 1960, logo após François Duvalier ("Papa Doc") assumir o poder. Para Zephir (1996), a repressão política que caracterizou o regime de Duvalier forçou um grande número de haitianos a sair em busca do porto seguro nos Estados Unidos. A pressão sustentada pela política, pelas dificuldades econômicas e pela falta de oportunidades continuou a dirigir contingentes de imigrantes haitianos fora de sua terra natal, por toda a década de 1970, 1980 e 1990. Segundo Schiller e Blanc (1992), existe uma ligação afetiva e identitária do imigrante com seu país de origem, sendo esta uma dimensão do transnacionalismo, conservando várias identidades:

Assim, existem representações de ligações descentradas da consciência dos indivíduos, de estar simultaneamente "em casa e longe de casa", "aqui e ali", ou, por exemplo, "Britânico e algo mais". "Enquanto alguns imigrantes se identificam mais com uma sociedade do que outras", a maioria deles parece manter várias identidades que os ligam simultaneamente a mais de uma nação (SCHILLER ET BLANC, 1992, p. 11).

Conforme Gilles (2009), a diáspora haitiana tem cerca de 2 milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo. Está mais presente nos Estados Unidos (1 milhão) e no Canadá. Essa emigração começou após a chegada ao poder de François Duvalier, em 1957.

Ela produziu, a partir da década de 1960 até a de 1980, um fluxo de refugiados políticos que foi logo transformada em emigração econômica.

Entre 300.000 e 500.000 partiram para a República Dominicana, para o corte de cana-de-açúcar (os branceiros); mais de 500.000 emigraram para a América do Norte, metade em Nova York; o resto Montreal, Boston e Flórida. Finalmente, um pouco menos de 100 000 em França (Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa, especialmente), bem como a metrópole (40.000), principalmente na região de Paris (GILLES, 2009, p. 3).

A maioria dos haitianos no exterior está na República Dominicana, Estados Unidos, Canadá e Bahamas. Em menor número na França, Antilhas Francesas, Ilhas Turcas e Caicos, Jamaica, Guiana Francesa, Cuba, Venezuela, México e Panamá. Há grandes comunidades do Haiti em Paris, Havana, Kingston, Miami e Cidade do México.

Schiller e Furon (2007) contextualizam o Haiti como um Estado- nação transnacional:

O movimento pela conquista do poder político tem um âmbito transnacional. Os emigrantes haitianos que têm saído dos países em números significativos, desde 1957, fixando-se principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, bem como os dirigentes políticos que passaram anos na diáspora haitiana, têm tido papel importante neste processo de construção do Estado-nação. O Estado-nação que estes atores políticos têm tentado forjar, não é, contudo, do tipo clássico, baseado num território nacional. Pelo contrário, quer certos setores da liderança política no Haiti, quer dirigentes das comunidades imigrantes, quer um setor da população residente no Haiti com a família e amigos no exterior, quer os próprios emigrantes, têm participado na reconceptualização do Haiti como um Estado-nação transnacional (SCHILLER; FURON, 2007, p. 45).

A diáspora haitiana é considerada um departamento, ou seja, todos os haitianos que estão fora do país, constituem, na visão haitiana, outro departamento. O país conta com os seus 10 departamentos e mais a diáspora. Esse discurso foi adotado pelo ex- presidente Jean-Bertrand Aristide. Conforme Schiller e Furon (1999), em um contexto de transnacionalismo, os imigrantes possuem identidades mistas. O seu envolvimento é forte com as duas nações, ou seja, os imigrantes têm dupla nacionalidade, dupla fidelidade:

Em 1991, na sua tomada de posse como presidente, Aristide designou a diáspora haitiana como a 10ª Província do Haiti (*Dizyem-na*). (O Haiti na época tinha nove divisões territoriais chamadas “*Depatman*”-grifo meu). Em 1994, quando Aristide regressou ao Haiti no seguimento da ocupação americana, criou um novo ministério para tutelar os assuntos dos haitianos residentes no exterior. Ao incluir todos os haitianos, independentemente do país de residência, no Estado-nação do Haiti, Aristide não só contribuiu para uma nova construção do Estado-nação, como também conferiu aos emigrantes haitianos uma identidade pública que reconhecia, validava, encorajava a continuidade da sua ligação ao Haiti. Nesta construção, o Haiti, como um estado sem fronteiras, o território haitiano, torna-se um espaço social que pode existir dentro dos limites legais de muitos Estado-nação (SHILLER; FURON 2007, p. 44).

Tendo presente os laços de sangue, sempre foi compromisso moral as “diásporas” ajudarem familiares, em sua terra natal. No período em que vivi no Haiti, era comum escutar dos haitianos a expressão: “*Mwem genyen fanmi sou lòt bo dlo*”, “Eu tenho família no outro lado”, uma alusão, especialmente, aos familiares haitianos que emigraram para os Estados Unidos e para o Canadá e que enviavam dólares americanos mensalmente para ajudar familiares no Haiti. Fossem eles pais, irmãos, tios, primos de primeiro ou segundo grau, o compromisso era o mesmo. Essas divisas enviadas ajudam a economia do país.

De qual modo o termo diáspora revela formas de regular as relações entre os que partem e os que ficam entre os que estão e os que chegam e os que vão e voltam? Há uma relação indissociável entre família e diáspora. Mais do que enviar dinheiro e objetos, muitos dos que estão no Haiti esperam daquele que viajou o processo “fil” (solicitar visto permanente para familiares próximos, pais, filhos e irmãos), “mandar buscar” (voye chèche), “entrar” (antre) alguns dos que ficaram. Esses verbos são utilizados e conjugados pelos haitianos para descrever um “dever” (talvez o principal de quem viaja. É comum ser a primeira pergunta feita a um diáspora no Haiti: “Quando vai ‘mandar buscar’ seu irmão?”, “Quando vai ‘entrar’ sua mãe?”, “Quando vai ‘fil’ para seus filhos?”. Os verbos “fil”, “voye chèche” e “antre”, em créole, podem ser utilizados tanto para as viagens, por meio legal, de uma solicitação de visto ou uma viagem clandestina financiada. É comum uma diáspora receber críticas de alguém no Haiti por residir 10 anos ou mais no exterior tendo filhos, irmãos ou pais no Haiti. “Entrar”, “fil”, “mandar buscar” algum membro da família constitui um valor moral da diáspora, é honrar a família diante dos vizinhos e dos familiares (HANDERSON, 2015, p. 353-354).

O Haiti é, proporcionalmente ao seu PIB, o oitavo país do mundo que mais recebe remessas de divisas.⁶⁵ As remessas enviadas por esses migrantes representam, aproximadamente, 25% do PIB do país e são estimadas em 1,5 bilhões de dólares (Banco Mundial - 2011). Mais de 1 milhão de haitianos recebe dinheiro da diáspora, que reside principalmente nos Estados Unidos. Esse fluxo de remessas representa um enorme potencial para o investimento estrangeiro com vistas à recuperação do país e seu desenvolvimento.

O termo diáspora serve como adjetivo para qualificar indivíduos além de designar a comunidade haitiana transnacional, o sujeito coletivo. É comum os haitianos usarem a categoria no seguinte significado, para chamar outro compatriota que viaja, reside no exterior, mas vai e volta, envia remessas, etc: “diaspora ki jan ou ye?” (diáspora como você vai?). Num outro plano, o fato de ser diáspora implica principalmente do ponto de vista dos que ficam e das expectativas dos que saem, possuir dinheiro, ser uma pessoa bem sucedida economicamente. Boa parte da economia do Haiti é mantida pelas remessas da diáspora. De acordo com os dados do Fundo Multilateral de Investimento ligado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, em 2006, o país recebeu US\$ 1.017.000.000 dos residentes nos Estados Unidos. Do Canadá, foram US\$ 230.000.000 e da França, US\$ 130.000.000. Em 2007, as remessas enviadas para os familiares no Haiti superaram US\$ 1.065.000.000. Esse valor

⁶⁵ http://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/12/internacional/1389561892_699704.html.

representa 24% do Produto Interno Bruto (PIB) do país por ano, embora as transferências legais observadas nesses dados não incluam envios informais, não oficiais e ilegais, do ponto de vista dos governos (HANDERSON, 2015, p. 352 - 357).

[...] a ética da obrigação familiar não é sentida como uma esfera de valores diferenciada da de nação. Pelo contrário, no Haiti, a linguagem normativa das obrigações que definem diretamente a relação de parentesco liga, assim, os indivíduos à nação através de metáforas baseadas na comunidade de sangue. Tanto os instruídos como os analfabetos, tanto os adolescentes urbanos pobres como os dirigentes políticos educados, usam metáforas de parentesco e sangue para explicar a unidade de todos os haitianos. Esta unidade prolonga-se transnacionalmente, englobando todos os que têm ascendência haitiana, independentemente do lugar onde vem. O Estado-nação transnacional é legitimado através da ideologia de uma linha de descendência que liga os indivíduos a um corpo comum haitiano (SCHILLER; FOURON, 1997, p. 46)⁶⁶.

Os haitianos emigrados do Haiti para o Brasil têm o mesmo compromisso: manter economicamente suas famílias. O relato abaixo demonstra claramente o objetivo dos haitianos terem emigrado para o Brasil, revelando ser o fator econômico determinante. O imigrante Anold repete várias vezes, em sua fala, a necessidade de ajudar a sua família. Assim sendo, mensalmente, ele reserva parte de seu salário para enviar à esposa e filhos no Haiti.

M 'te vin nan Brezil paske mwen se yon tayè. Mwen gen kat timoun, m' pat gen travay an Ayiti. Mwen te kite peyi a pou- m te ka vinn chèché travay Brezil. Lajan mwen resevwa isit la, mwen voye-l pou madanm mwen peye lekòl timoun yo ak pou yo manje. Paske depi mwen te rive isit la, panse pam se selman okipe fanmi mwen. An Ayiti fanmi mwen yo lwe kay. M' pa gen okenn kay tou. Chak jou mwen leve byen bonè, koulye a, nou nan sezon fredri, gen jou mwen pa ka sipòtel. M' oblige sakrifye tèt mwen, paske mwen gen yon fanmi pou okipe. Papa-m te mouri, mwen pat ka voye yon èd pou yo fè anteman li. Sa gen yon semèn depi entrepris te mete-m deyo nan travay. Koulye a, mwen ap chèché yon lòt travay. Mwen oblige, paske mwen lwe kay, ak dlo pou peye, epi ed pou voye bay fanmi mwen. Mwen te resevwa R \$ 800.00 real. Nan peyi mwen, li ta pi bon si-m tap viv, mwen renmen Ayiti. Men li te trè difisil, san travay mwen pa kapab soutni fanmi-m. Apre tranbleman tè a, tout bagay te vinn pi difisil. An Ayiti, mwen achte rad nan kapital Pòtoprens, apre sa mwen te konn al vann nan vil Gonayiv, se te yon ti komès. Mwen gen kat timoun pou-m pran swen. Mwen pa genyen twa mil dola ameriken pou ale visite fanmi -m; pafwa sa ban- m tristès, mwen toujou sonje fanmi-m. Le timoun yo mande manman yo kote papa -m ye? Le -m songe sa pitit yo di madanm mwen: "sa fe mwen kriyé". Mwen ta renmen mennen madanm mwen ak pitit mwen yo, pou vini viv isit nan Brezil. Nan 2015, mwen ta renmen wè yo. Mwen pa ka di mwen pa viv byen isit la nan Brezil, menn le se difisil, menn le mwen lwen fanmi-m yo. Pwojè -m si mwen rete nan Brezil epi fè fanmi mwen yo entre nan peyi-a. Mwen gen viza rezidans pou (8) uit ané. Mwen santi-m se yon gaucho, m' renmen te chimaron lè li fè fredri, byen ke m' poko habityé .Si mwen rete isit la, mwen bezwen habityé ak koutim ou sistem peyi-a. Avan mwen te rive São Leopoldo, mwen te pase São Paulo, ansanm avek kèk lòt zanmi ayisyen. Nou te rete nan otèl. Apre nou te travay nan konpayi "Construsinos" pandan (5) sink mwa. Nou sink (5) moun te viv tou pre konpayi. Pandan period sa-a nou te cheche yon lòt konpayi: ki rele Luiz Fuga. Nan Konpayi sa-a nou te touche R \$ 600.00 real. Nou te wè kob sa te tro piti

⁶⁶ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_jf.

pou peye depanse. Sa fe nou te ale travay yon lòt kote, nan konstriksyon sivil. Sa fe kat semèn depi mwen pa nan travay, paske kontra travay la te fini. Kounye-a mwen gen yon kat asirans ke gouvènman Brezil la bay moun ki pap travay. Pandan tan sa-a mwen ap chèche yon lòt travay ki kapab peye yon bon kòb, pou-m kapab peye depans: lwe kay, dlo, kouran ak voye ed pou fanmi-m yo an Ayiti. Mwen vle abityé ak koutim gauchos nan Peyi Brezil ⁶⁷.

4 Diáspora haitiana para o Brasil

"Para o migrante, pátria é a terra que lhe dá o pão" (J. B. Scalabrini) ⁶⁸

⁶⁷ Tradução livre da autora: Eu vim ao Brasil, porque eu sou alfaiate, tenho quatro filhos e não tenho trabalho no Haiti. Deixei o país para vir no Brasil para trabalhar. O dinheiro que recebo aqui, eu envio uma parte para minha mulher pagar a escola das crianças, para eles comerem, porque desde que cheguei aqui, meu pensamento é só para cuidar da minha família. Eles alugaram casa. Não tenho casa também. Cada dia levanto cedo, agora, no inverno, tem dias que não dá para suportar, mas me obrigo, este sacrifício, porque tenho uma família para me preocupar. Meu pai morreu e eu ainda não consegui enviar uma ajuda para o funeral. Fui demitido, faz duas semanas, agora procuro outro trabalho. Obrigó-me, porque tem o aluguel da casa, água e ainda enviar ajuda para minha família. Recebia R\$ 800,00 reais. Na minha casa, seria melhor eu viver, Haiti. Mas estava muito difícil sem ter um trabalho que desse para manter a família. Depois do terremoto, ficou tudo mais difícil. No Haiti, eu comprava roupas na capital, Porto Príncipe e vendia em Gonaives, fazia um pequeno comércio, vendedor. Deixei meu país porque estava difícil para sustentar minha família. Tenho quatro crianças para pensar. Não tenho três mil reais para visitar a família, é isto, que às vezes me dá uma tristeza de lembrar-se da família longe. As lágrimas caem dos olhos, quando me lembro que os meus filhos devem perguntar: "Onde está nosso pai? Gostaria de trazer minha esposa e filhos para viver aqui também. Em 2015, preciso vê-los. Não posso dizer que não vivo bem aqui no Brasil, mas estar longe da família, está difícil. Meu projeto é ficar no Brasil, se conseguir trazer minha família viver aqui também. Tenho visto de residência por 08 anos. Sinto-me gaúcho (ri), gosto do chimarrão, no frio, embora ainda não me habituei. Se ficar aqui, preciso me habituar com o sistema do país. Antes de chegar aqui, passei por São Paulo, eu e um outro amigo haitiano. Ficamos no hotel e cheguei na companhia Construsinos trabalhando por cinco meses. Ficamos em cinco na casa da companhia ao lado. Nos demitiram, aí fomos procurar uma outra companhia: Luiz Fuga. Vimos que R\$ 600,00 reais que recebíamos era muito pouco para pagarmos nossas despesas. Aí fui trabalhar em outro lugar, na construção civil. Faz quatro semanas que não trabalho, acabou o contrato que era temporário. Estou com o seguro desemprego. Enquanto isto, procuro um outro trabalho que tenha salário que dê para pagar as despesas de aluguel, água, luz e mandar para a família no Haiti. Quero muito me habituar com o costume do sul do Brasil, dos gaúchos(ri). (Anold Elie, 34 anos).

⁶⁸ Fundador da Ordem Religiosa Missionários de São Carlos Borromeu –Scalabrinianos- que tem como missão o trabalho com imigrantes.



Figura 11: Mapa do Haiti

(Fonte: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/BANCOMUNDIAL/EXTSPPAISES/LACINSPANISHXT/0,contentMDK:22469205~pagePK:146736~piPK:146830~theSitePK:489669,00.html>)

O Haiti ou, República do Haiti, localiza-se na América Central, no Mar do Caribe, (Grandes Antilhas) com uma área de 27. 750 km², a qual se divide em 10 departamentos, sendo eles: Artibonite, Centre, Grand'Anse, Nippes (criado em 2003), Nord, Nord-Est, Nord-Ouest, Ouest, Sud, Sud-Est, tendo a cidade de Porto Príncipe como capital. A população do país aproxima-se dos 10.32 milhões. A Independência do país se deu no dia 01 de janeiro de 1.804⁶⁹. A moeda é o Gourde. O PIB: \$ 8.459 milhões, cujo crescimento é de 4,3% com uma inflação de 5,9%⁷⁰. As línguas oficiais são o crioulo e o francês, os grupos étnicos preponderantes são: 95% negros, 5% mulatos e brancos, e a religiões são: 85% católicos, 15% protestantes, 5% outras. Mesmo tendo reconhecimento do estado como religião oficial, o vodu é praticado por grande parte da população ainda de forma sincrética⁷¹.

Nos relatos dos imigrantes, a causa maior da diáspora para o Brasil é a atual situação econômica do país:

⁶⁹ [http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL\(2013\)](http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL(2013)).

⁷⁰ <http://www.banquemondiale.org/fr/country/haiti>

⁷¹ A religião do vodu no Haiti só foi reconhecida oficialmente pelo Estado com a promulgação da Constituição de 1987. Ela também reconheceu o crioulo como um dos idiomas oficiais do país. Segundo Hurbon (1987), no Haiti, se diz frequentemente que é necessário ser católico para praticar o vodu, pois nenhuma possibilidade de escolher a religião foi e é dada ao haitiano, que é obrigado a se adaptar às imposições dos valores ocidentais e disfarçar sua crença através do sincretismo.

Apre tranbleman tè ann nan Ayiti se difisil pou nou viv. Ayiti manke travay, difisil chita nan kay san yo pa travay. Mwen gen timoun yo pou ale nan lekòl, mwem pa te gen okenn lajan pou peye⁷² (ANOLD ELIE, 34 anos).

A situação do Haiti, tanto no plano político como no humano, vem se mostrando de uma complexidade extrema. Ao final do século XVIII, o país lançou as bases da sua independência que se concretizou em 1804, apesar do não reconhecimento das grandes potências. A sua posição geográfica no Caribe era estratégica e ante a possibilidade de “contaminação” das outras nações da região por um movimento de libertação, o Haiti sofreu um bloqueio econômico e comercial que durou 20 anos. A situação política interna, sempre frágil, estimulou várias tentativas de ocupação, sendo a empreendida pelos Estados Unidos (1915-1934) a de maior duração. Segundo Rousseau (2010), as crises políticas desde a época ditatorial vêm se sucedendo no país. Presidentes foram eleitos e depostos até que, em 1994, nova intervenção militar estrangeira devolveu o poder a Jean-Bertrand Aristide, deposto em 1990. A política econômica seguida por este presidente e seu sucessor causou grave crise econômica e, em 2003, Jean-Bertrand Aristide, que havia voltado ao poder em 2000, teve de deixar o país frente ao grande descontentamento popular. Os desdobramentos da crise ensejaram nova intervenção no país. Em 2004, as Nações Unidas criaram a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, liderada pelo Brasil. Se não bastasse a difícil situação política e social do país, em 2008, quatro ciclones atingiram o Haiti levando a perdas econômicas da ordem de 15% do PIB. A distribuição espacial da população indicava um país com forte composição rural. Em 2009, 53,1% da população vivia no campo. O departamento a oeste do país, onde se localiza a Região Metropolitana de Port-au-Prince, tem concentrado 23% da população total com uma taxa de urbanização da ordem de 55%.

O conjunto de situações adversas tem estimulado, quando não forçado, expressiva parcela da população a deixar o país em busca de melhores condições de vida. O Banco Mundial (2011) estima que aproximadamente 10% da população do país tenha emigrado (1.009.400 pessoas), mas outras fontes indicam que a diáspora haitiana já tenha ultrapassado a casa de 3 milhões de pessoas (Hatian Diáspora-2011). Vários são os destinos escolhidos. A mais numerosa comunidade está nos Estados Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente de haitianos, com destaque para o Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa, o país de maior afluência é a França⁷³.

⁷² Tradução livre da autora: “Depois do terremoto no Haiti, é difícil para nós vivermos. No Haiti falta trabalho. É difícil ficar sentado em casa sem trabalho. Eu tenho crianças para ir à escola, eu não tinha nenhum dinheiro para pagar”.

⁷³ <http://www.migrante.org>.

Em janeiro de 2010, o terremoto veio a agravar a situação social e econômica do país. Atualmente, sua economia está bastante prejudicada. O país é extremamente pobre, sendo o mais pobre da América e de todo Hemisfério Ocidental: 50,2% da população é analfabeta, a expectativa de vida na época do terremoto era de 51 anos, o IDH de 0,454 é baixo (PNUD 2010). Aproximadamente 60% da população está subnutrida e mais da metade vive abaixo da linha de pobreza, ou seja, com menos de 1,25 dólar por dia. Em termos de economia, o PIB (Produto Interno Bruto) é de US\$ 6,6 bilhões (estimativa 2010)⁷⁴.

O Haiti vive uma vulnerabilidade crescente, dada a instabilidade política, a falta de segurança pública e a crise de alimentos, escassez de água potável, falta de infraestrutura e saneamento básico. Convivi com essa realidade, na qual é muito comum o uso de latrinas nas residências e o tratamento doméstico com cloro em reservatórios de água captadas da chuva para o consumo. A falta de saneamento básico acarreta inúmeras consequências para a saúde da população haitiana. É comum para um haitiano, na zona rural, caminhar quilômetros para conseguir chegar a uma “*source*”, fonte de água potável. A alimentação, mesmo nas áreas rurais, é muito escassa. Gabriel Godoy, oficial de proteção do escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) no Brasil, afirma que “cerca de 55% dos haitianos viviam com menos de 1,25 dólar por dia, por volta de 58% da população não tinha acesso à água limpa e em 40% dos lares faltava alimentação adequada”.⁷⁵ Pela posição geográfica e devido à devastação das matas, a vulnerabilidade diante dos problemas climáticos também é grande. A cada ano, um furacão devasta plantações inteiras e inunda algumas regiões. No ano de 2012, o furacão Sandy chegou no mês de outubro e provocou inundações em áreas com esgoto a céu aberto, o que, evidentemente, facilitou a transmissão de doenças, como o cólera⁷⁶. Muitos haitianos permanecem no país como deslocados internos. De acordo com a Relief Web⁷⁷ (2014), são 172 mil pessoas, até o final de 2013, vivendo em mais de 300 campos de desabrigados, pelo país. Sem acesso à água encanada e a saneamento e em uma situação de insalubridade.

⁷⁴ <http://www.haiti.org/>.

⁷⁵ Ver em FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; FARIAS, Andressa *Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório*. 2011. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/migrante/components/com_booklibrary/ebooks/caderno-debates-6.pdf> Acesso em 01 de julho de 2014.

⁷⁶ Ver em: GODOY, Gabriel Gualano. 2011. O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária complementar. In: *60 anos de ACNUR- Perspectivas de futuro*. André de Carvalho Ramos, Gilberto Rodrigues e Guilherme Assis de Almeida, (orgs.). – São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011. Disponível em <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/60_anos_de_ACNUR_-_Perspectivas_de_futuro.pdf?view=1> Acesso em 15 julho de 2014.

⁷⁷ <https://www.facebook.com/reliefweb>.

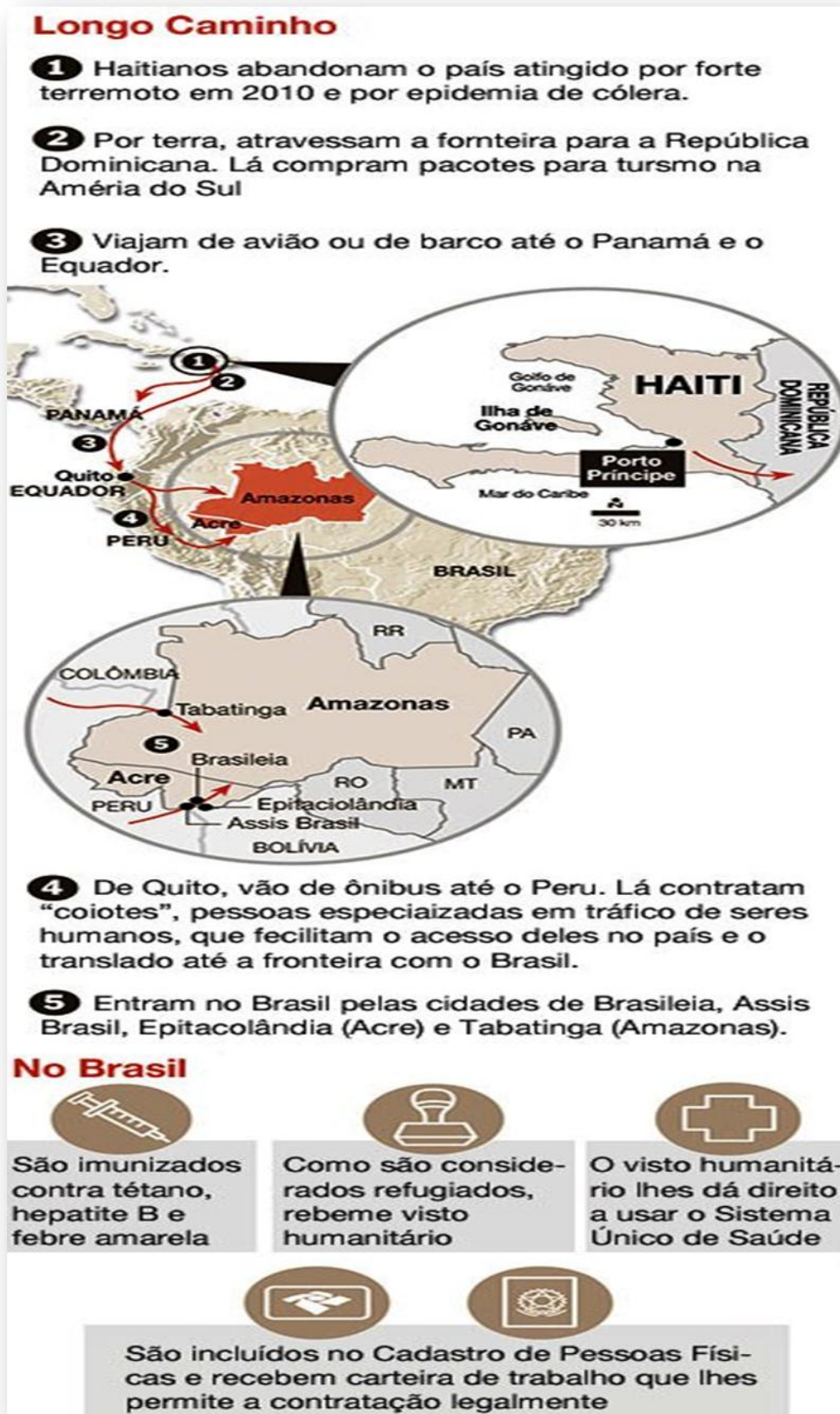


Figura 12: Longo percurso: imigração haitiana no Brasil

(Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/rbs/image/12844375.jpg>)

4.1 Trajetos e perfis dos imigrantes haitianos

Por se tratar de um fenômeno recente, as fontes de informação para analisar a migração dos haitianos são ainda limitadas e precárias, e os dados disponíveis são baseados em registros administrativos que têm objetivos diversos daqueles de uma análise do perfil do imigrante. Para este trabalho, foram utilizadas informações do/a:

- Conselho Nacional de Imigração – CNIg - construídas com dados colhidos junto aos processos encaminhados pelo CONARE ao referido Conselho, que reproduz as informações fornecidas pelos imigrantes no momento da solicitação de refúgio no posto de fronteira.
- Pastoral do Migrante da cidade de Manaus, por meio de dados levantados no momento do registro da passagem dos haitianos pela entidade em busca de auxílio.
- IMDH, Instituto Migrações e Direitos Humanos, (www.migrante.org.br).

Também utilizei vários dados e informações do relatório final da OIM⁷⁸, lançado em fevereiro de 2014, a partir do projeto: “Estudos sobre a imigração Haitiana ao Brasil e Diálogos Bilaterais”. Além disso, mobilizei os dados empíricos do diário de campo resultantes da pesquisa junto aos imigrantes nos municípios de Encantado e São Leopoldo.

Constato, a partir das falas, que os graves problemas sociais, desencadeados após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, considerado uma catástrofe humanitária no Haiti, trouxeram um desejo de mudança de vida, levando esses homens e mulheres a migrar para o Brasil. Ouvindo os relatos desses imigrantes, é perceptível um projeto; um sonho de uma vida melhor para si e suas famílias deixadas no Haiti; o desejo de obter rapidamente sucesso econômico, a partir de um imaginário de que o Brasil é um país desenvolvido, rico e cheio de possibilidades. O desejo de obter ascensão econômica para poder retornar está presente, pois, segundo Sayad (2000), o retorno é um elemento constitutivo da condição do imigrante. O povo haitiano já tem uma ideia positiva do Brasil, relacionada a uma empatia histórica pelo futebol: “*Pi fò ayisyen se fanatik foutból Brezil. Brezil se yon peyi devlope anpil, ki ofri anpil travay*”.

Essas ideias positivas construídas desde o Haiti foram ou veiculadas pela imprensa ou pelos coiotes, agenciadores desses imigrantes. Esse sonho toma, na maioria das vezes, a rota ilegal da imigração. Na partilha das suas histórias de vida, eles descrevem experiências das

⁷⁸ Organização Internacional para as migrações. Relatório final “Imigração Haitiana no Brasil”. Disponível em: <http://www.brasil.iom.int/2013-01-24-22-49-19>. Acessado em 10 junho 2014.

mais diversas: o medo, a fome, o roubo, a extorsão por parte dos agenciadores, a violência no trajeto, o sofrimento, as humilhações e situações-limite que infringem os direitos humanos. Segundo os relatos, trata-se de arriscar-se para procurar “yon lavi miyò”, uma vida melhor. São iludidos pelos “Rakété (coiotes)”, agenciadores desde o Haiti, que cobraram em dólares americanos a possibilidade dessa saga. Chegando ao Brasil, enquadram-se no âmbito da vulnerabilidade⁷⁹, enquanto imigrantes ilegais, o que destacarei, exemplificando, no decorrer desta dissertação.

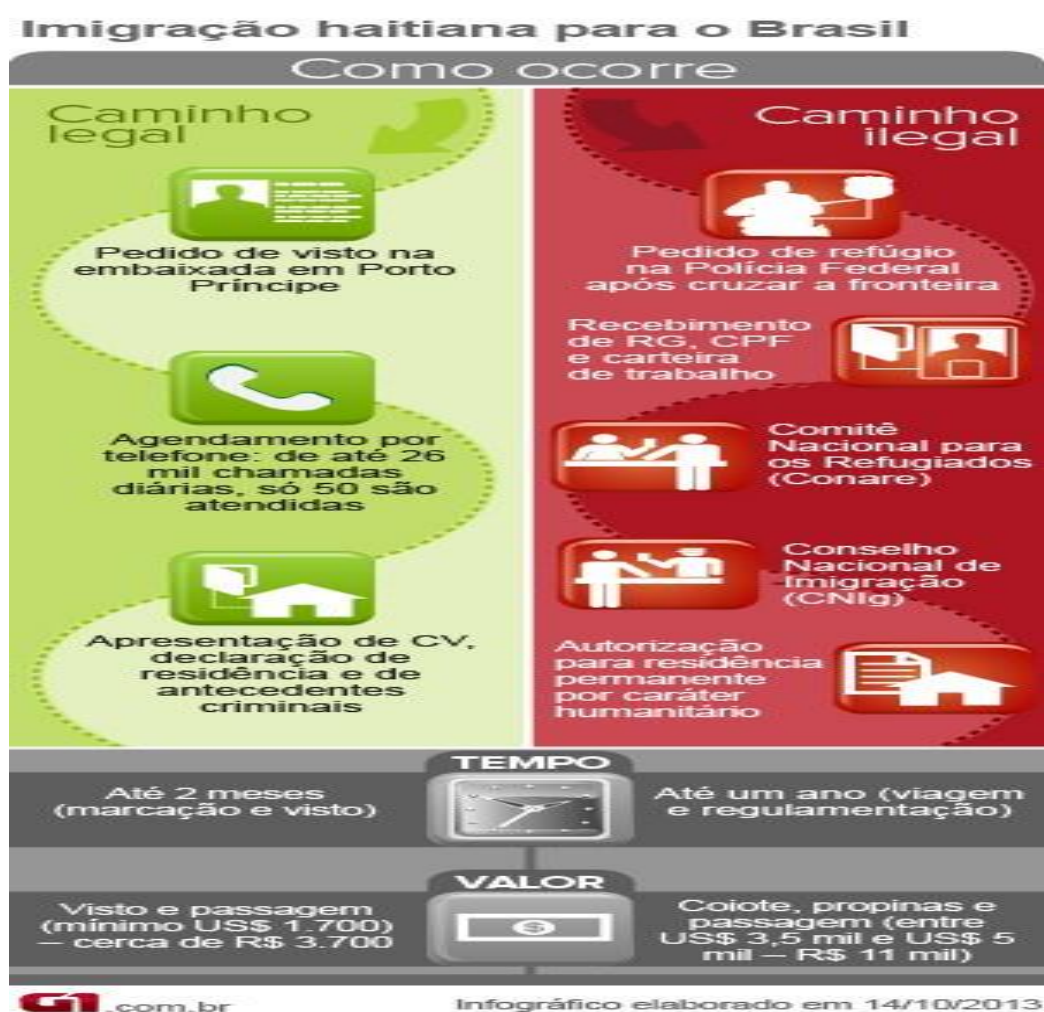


Figura 13: Imigração haitiana para o Brasil

(Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html>. Acessado em 10 de maio de 2014)

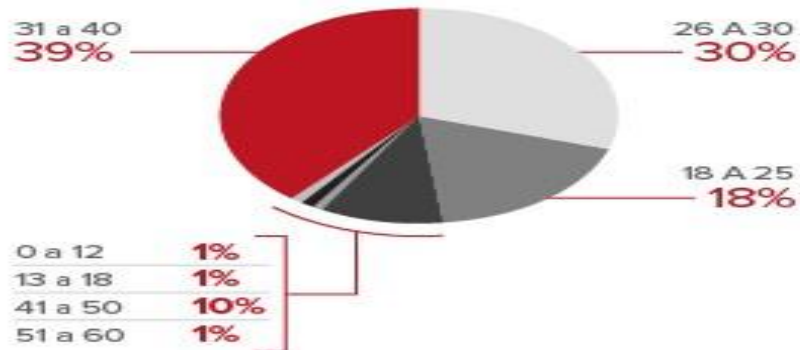
⁷⁹ O Ministério da Saúde compreende vulnerabilidade como “resultante de um conjunto de fragilidades individuais e precariedades sociais que atingem um sujeito cujas condições de vida e saúde são influenciadas ou determinadas pelo social e pela história” (BRASIL, 2009, pg.47).

Perfil dos haitianos ilegais

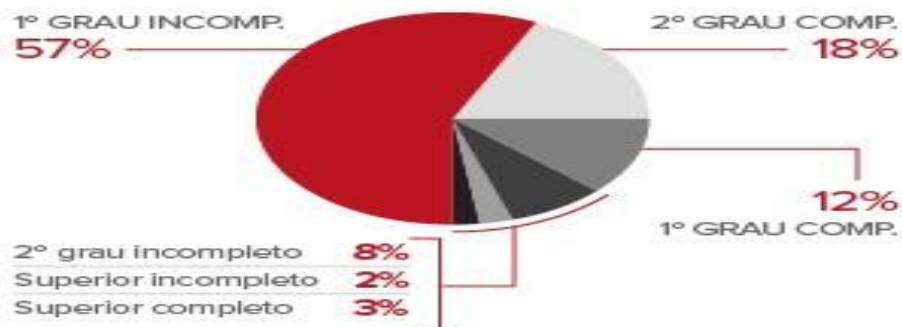
SEXO



FAIXA ETÁRIA



ESCOLARIDADE



PROFISSÃO

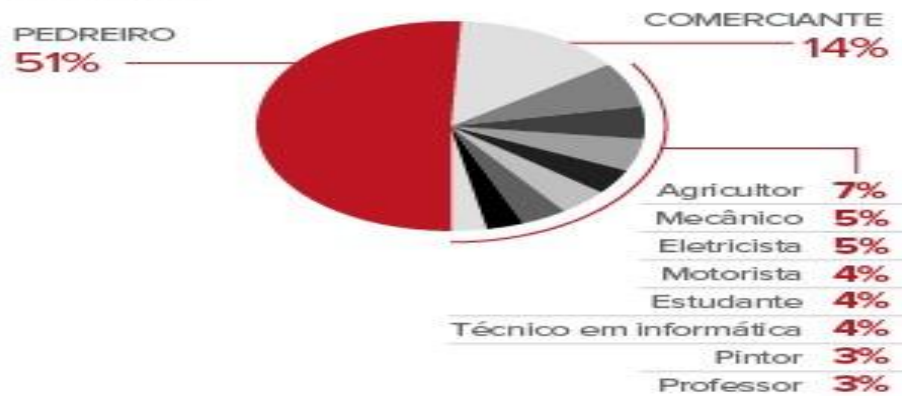


Figura 14: Perfil dos haitianos ilegais

(Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html>. Acessado em: 10 de maio de 2014)

A porta de entrada dos imigrantes foi a região Norte do Brasil. Silva (2012) apresenta um perfil dos haitianos no Amazonas, a partir de dados levantados em Tabatinga e Manaus, no segundo semestre de 2011, com o objetivo de fazer um levantamento sociodemográfico. Nesse estudo, constatou-se que:

[...] os haitianos que já entraram no Brasil se encaixam no já conhecido perfil dos imigrantes laborais. Eles são em geral jovens, do sexo masculino, com idade média de 28 anos, dentro de uma faixa etária que vai dos 25 aos 35 anos. A maioria se declara solteira, embora o número dos que se declaram casados seja também relevante. Contudo, mesmo entre aqueles que se declaram solteiros, há casos de homens que afirmam ter filhos ou que conviveram com alguma companheira no Haiti. Aliás, vale notar que a presença de mulheres e de crianças era escassa, pelo menos no primeiro ano de chegada deles, fato que já começou a mudar com a chegada de alguns grupos familiares completos. Com relação ao nível de escolaridade, cerca de 55% deles apresenta um nível de formação que corresponde ao ensino básico e médio no Brasil, muitos ainda de forma incompleta [...] contudo há, entre eles, um expressivo número que afirma ter cursos técnicos [...]. Poucos são os casos que apresentam um nível compatível com o ensino superior no Brasil, aproximadamente 20%, muitos deles ainda inconclusos. Em geral, no país de origem, eles trabalhavam no comércio, construção civil, agricultura, ensino, transporte, atividades informais ou empregos temporários em alguma organização não governamental (ONG), do ponto de vista da origem. É possível visualizar alguns pontos de partida mais expressivos, como a capital Port-au-Príncipe, o Porto de Gonaïves, Cap. Haitien, Jacmel, Ganthier, Léogane, Port-Paix, entre outras. Isso revela que eles são oriundos das mais diferentes regiões do país e não somente da capital, cidade mais atingida pelo terremoto (SILVA, 2012, p. 309-310).

Segundo a ACNUR⁸⁰, apesar de os imigrantes haitianos solicitarem o reconhecimento da condição de refugiados ao entrarem no território nacional, seus pedidos foram encaminhados ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que emitiu vistos de residência permanente por razões humanitárias. No total, mais de 7.000 haitianos já receberam esse tipo de visto⁸¹.

O Conselho Nacional de Imigração (CNIg), organismo que é parte do Ministério Brasileiro do Trabalho e Emprego, publicou em 13 de janeiro de 2012, na página 59 do Jornal Oficial (Diário Oficial da União), a Resolução normativa número 97 sobre os migrantes

⁸⁰ Agência para refugiados.

⁸¹ Sobre os vistos permanentes, a ANCUR (<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/haitianos-recebem-residencia-permanente-no-brasil/>) destaca que: “O Conselho Nacional de Imigração (CNIg), ligado ao Ministério do Trabalho, está concedendo vistos de residência aos cidadãos haitianos que chegaram ao Brasil após o terremoto de janeiro de 2010 e solicitaram refúgio. A concessão é uma medida complementar de proteção do país, uma vez que a legislação brasileira e as convenções internacionais não reconhecem o refúgio relacionado a desastres naturais ou a fatores climáticos. Essa medida, concordada no âmbito do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), com o apoio de representantes da sociedade civil e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), permite aos haitianos se estabelecer no Brasil, buscar emprego e ter os mesmos direitos de qualquer estrangeiro em situação regular”.

haitianos. Essa resolução, assinada pelo diretor do CNI, Sr. Paulo Sérgio de Almeida, é composta por cinco artigos⁸².

O primeiro artigo da peça da legislação prevê que qualquer cidadão haitiano pode receber, por razões humanitárias (devido ao agravamento das condições de vida do povo haitiano após o terremoto de 12 de janeiro de 2010), um visto com uma duração de cinco anos e um cartão de estrangeiro⁸³.

O segundo artigo estabelece que esse visto "humanitário" será outorgado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil através da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Um total de 1.200 vistos será concedido aos haitianos por ano, com uma média de 100 vistos por mês. O terceiro artigo adverte que o cidadão haitiano que tem se beneficiado de um visto humanitário deverá, pouco antes da data de expiração do visto, comprovar sua situação laboral para permanecer no Brasil e renovar o seu cartão de estrangeiro. Os dois últimos artigos definem a validade da resolução, a partir da data de publicação (13 de janeiro de 2012), para um período de dois anos, com a possibilidade de, eventualmente, ser prorrogada.

Após o trajeto até a fronteira brasileira, os haitianos ainda têm de enfrentar um longo processo para a regularização da sua situação migratória. O ponto de partida é a solicitação de refúgio apresentada à autoridade migratória nas cidades fronteiriças. A abertura desse processo leva à emissão de um protocolo que permite ao imigrante a obtenção de carteira de trabalho e CPF provisórios, enquanto a solicitação de refúgio é analisada pelo Conare. Tais documentos são essenciais para o ingresso do imigrante no mercado formal de trabalho e para o envio de remessas. Por tal solicitação de refúgio não se enquadrar nos requisitos definidos em lei e convenções internacionais, ela é recusada. Ante essa situação, que levaria à permanência irregular dos haitianos no Brasil, o governo federal tomou medidas para que tal fato não acontecesse e, em janeiro de 2012, por meio de Resolução Normativa – RN (n.º 97) do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, concedeu visto humanitário permanente pelo prazo de cinco anos aos imigrantes haitianos. Este visto seria retirado junto ao consulado brasileiro na cidade de Porto Príncipe, no Haiti, sendo, no entanto, o número de vistos restrito a 1.200 por ano, não incluídos nesse total os vistos para reunificação familiar. Essa Resolução tinha prazo de vigência de dois anos. Em relação aos imigrantes haitianos que já se encontravam em território brasileiro, o CNIg continuou a conceder o visto humanitário por meio da RN n.º 27, 25/11/1998 que disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração” (PROJETO “ESTUDOS SOBRE A MIGRAÇÃO HAITIANA AO BRASIL E DIÁLOGO BILATERAL, p. 13-14).

Um fato que caracteriza o caráter de dimensão econômica da imigração é que os imigrantes haitianos contratados por empresas do Rio Grande do Sul têm o hábito de reservar

⁸² Portal Conselho Nacional de Imigração - CNI: <http://portal.mte.gov.br/cni/>

⁸³ Portal Conselho Nacional de Imigração - CNI: <http://portal.mte.gov.br/cni/>

parte do salário para enviar aos parentes que ficaram no país. Desde 2012, quando se intensificou a entrada irregular desses imigrantes no Brasil, pela fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia, por volta de 400 deles foram contratados por empresas gaúchas. O levantamento é da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul⁸⁴. Essas remessas têm sido fundamentais para a economia haitiana.

Elaborando uma “política nacional de imigração”, o caso dos haitianos, embora pouco representativo da realidade migratória brasileira, serviu como laboratório das vicissitudes do “ser potência”. Para estar à altura da inserção internacional que pretende, o país deveria aprovar a “Convenção da ONU para a proteção dos trabalhadores migrantes e membros de suas famílias”.

Para a concessão do refúgio, o direito internacional exige que a imigração seja motivada por um temor de perseguição por razões de etnia, religião, opinião política, nacionalidade e pertencimento a um determinado grupo social, ou, ainda, pela existência de uma situação de violação massiva dos direitos humanos provocada por agressão estrangeira, conflitos internos ou outras perturbações da ordem pública de causas humanas. Os chamados refugiados ambientais – pessoas obrigadas a fugir do seu país de origem por problemas ligados ao meio ambiente – não são, assim, abrangidos pelo conceito de refugiado. Por tal razão é que o Conselho Nacional de Refugiados (Conare) vem negando os pedidos de refúgio dos imigrantes haitianos. Alternativamente, contudo, o Conselho Nacional de Imigração – CNIg, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, decidiu conceder-lhes o visto humanitário. Abrindo – se assim, um canal legal para a imigração haitiana no Brasil, evitando entrada ilegal e a submissão do imigrantes à ação das máfias especializadas no tráfico de pessoas, em 12 de janeiro de 2012, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) – órgão ligado ao Ministério do Trabalho e Emprego – aprovou a concessão do visto de trabalho em caráter especial aos cidadãos haitianos em função dos problemas econômicos e humanitários decorrentes do terremoto de 2010. Sendo assim, os imigrantes daquele país terão permissão para ficar no Brasil por até cinco anos. Antes deste período, deverão comprovar sua situação laboral junto ao Ministério do Trabalho e Emprego para a renovação de sua permanência e expedir uma nova cédula de identidade de estrangeiro.

⁸⁴ Portal: <http://www2.al.rs.gov.br/mikibreier/Comiss%C3%B5es/Comiss%C3%A3odeCidadaniaeDireitosHumanos/tabid/4902/ctl/SlideShow/mid/6936/currentitem/5/Default.aspx>

4.2 Imigrantes em Encantado - RS

Minha inserção junto aos imigrantes haitianos em Encantado se deu, inicialmente, a partir do contato com a senhora Ivonete Teixeira, formada em Serviço Social, coordenadora da Pastoral Migratória dos leigos scalabrinianos, em toda a província sul e em Encantado, RS. Ela relatou como foi sua experiência junto aos imigrantes haitianos, a partir de 12 de outubro de 2012, por ocasião da chegada do primeiro grupo 50 de migrantes, composto por 50 haitianos, que veio, para trabalhar na empresa Dália. Relatou como foi a chegada dos haitianos, as principais dificuldades na época, a solidariedade do povo de Encantado, a mobilização dos leigos scalabrinianos⁸⁵.

A equipe de leigos scalabrinianos, conta com 15 membros e acompanhou as trajetórias de vida desses imigrantes, desde sua chegada. Ivonete relatou que foi uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo, positiva, por ser uma oportunidade de revitalização da pastoral, na Paróquia São Pedro:

Chegaram somente com a roupa do corpo, alguns pertences e documentos, depois de cinco dias de viagem do Acre ao Rio Grande do Sul. Foram contratados pela Empresa, no Acre, e foram acolhidos nos primeiros seis meses em um hotel, a empresa, na época, dispôs também de um ônibus para conduzi-los até a empresa. Esse foi o período de adaptação. A pastoral migratória fez todo o trabalho de recebê-los, através da equipe, e também contou com a presença de um padre haitiano Gustot Lucien, que era de Curitiba e veio especialmente para esse momento. Passados os seis meses, a empresa solicitou que eles procurassem alojamento (alugassem), um espaço para viver, porque já estariam um pouco mais adaptados à cidade. Mais uma vez, a Pastoral do Imigrante mobilizou a comunidade de Encantado para um mutirão de solidariedade para com os imigrantes: recolheram móveis, roupas de cama, vestuário, utensílios, visto que deixariam a o hotel. A comunidade solidarizou-se, correspondendo à chamada da pastoral. Também outra iniciativa da Pastoral Migratória é o curso de português, que, inicialmente, era ministrado no hotel; depois passou a funcionar em uma sala de aula de uma escola, cedida pela Secretaria Municipal de Educação de Encantado, às quartas e quintas-feiras, à noite. Essas aulas acontecem até hoje. Os maiores desafios enfrentados pela equipe, no início, foi a barreira da comunicação, pois inicialmente, apenas alguns falavam espanhol, por terem trabalhado e vivido em Santo Domingo, na República Dominicana. Os três haitianos, que primeiro dominaram um pouco melhor o idioma português foram o Jean Batiste, Gregory e Dieumercy. (IVONETE TEIXEIRA, Coordenadora da Pastoral Migratória em Encantado- RS).

⁸⁵ A Pastoral do Imigrante da Congregação dos Missionários de São Carlos Borromeu, mais conhecidos como Scalabrinianos, está presente em Encantado, RS, na Paróquia São Pedro, e é coordenada pela assistente Social Ivonete Teixeira. O Carisma da ordem é o trabalho com imigrantes. A congregação conta com o trabalho voluntário de muitos leigos, no mundo inteiro.



Figura 15: Chegada do primeiro grupo de imigrantes a Encantado-RS

(Fonte: <http://www.dalia.com.br/noticias/haitianos-chegam-a-dalia-alimentos>).

Na manhã da última segunda-feira, 15/10 /2012, a Dália Alimentos realizou a integração do grupo de haitianos que vai trabalhar na empresa. Conforme a supervisora do Setor Pessoal, Sandra Simonis Lucca, 50 haitianos habilitados para o trabalho foram trazidos da Brasiléia, no Acre, sendo que 42 deles ficarão lotados na Divisão de Produtos Suínos para trabalhar nos setores de abate e desossa. Os demais serão direcionados para a Divisão de Produção Agropecuária, para o trabalho nas granjas e na Fábrica de rações. Segundo Sandra, a expectativa pela vinda dos haitianos para a Dália Alimentos é positiva. “A expectativa com relação a esta mão de obra é positiva, pois aqui em Encantado todos terão a possibilidade de reconstruir suas vidas através do trabalho. Esses 50 haitianos enfrentaram muitas dificuldades e necessidades até chegarem aqui, por isso, acredito no sucesso deste projeto”⁸⁶.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.dalia.com.br/noticias/haitianos-chegam-a-dalia-alimentos>.



Figura 16: Um segundo grupo de imigrantes haitianos chegaria à cidade três meses depois, em janeiro de 2013

(Fonte: <http://www.dalia.com.br/noticias/haitianos-chegam-a-dalia-alimentos>).



Figura 17: Dameus e três amigos alugaram apartamento em Encantado

(Foto: Lidiane Mallmann, Especial ZH)

Dameus chegou ao Acre. Na cidade de Brasília, passou fome, sofreu com a falta de abrigo, mas não desistiu. Depois de alguns dias, recebeu a visita de recrutadores e foi um entre 416 haitianos que ganharam carteira de trabalho e conseguiram emprego no Rio Grande do Sul. Dameus faz parte da primeira leva de 50 haitianos contratados em setembro de 2012 pela Dália Alimentos, com sede em Encantado. Atualmente, são mais de 120 haitianos vivendo no município de 20,5 mil habitantes.

A empresa fez um segundo recrutamento no início desse ano. O salário equivale ao piso da categoria, de R\$ 830,50. A Dália ainda oferece seis meses de estada em um hotel da cidade, três refeições diárias no refeitório da empresa e transporte de ida e volta. Além das condições de trabalho oferecidas, houve uma onda de solidariedade. Por mobilização da comunidade, foram recolhidas roupas e moradores se dirigiram até a fábrica para conhecê-los⁸⁷.



Figura 18: Dameus diz gostar do chimarrão gaúcho

(Foto: Lidiane Mallmann, Especial ZH)

Conheci Gregory, contatando-o inicialmente via rede social e telefone. Conseguimos conversar pessoalmente por ocasião de minha primeira ida a campo em Encantado.

Pandan 2010 ak 2011, mwen te kòmanse yon kou Siperyè, Syans enfòmatrik, nan yon fakilte prive. Se avèk anpil sakrifis, paran te ede- m. Mwen te viv kay yon tonton-m nan Pòtoprens. Kòlèg ki deja ap viv nan Brezil, te envite-m vin-n cheche travay isit la. Mwen te fè wout la avèk èd raketè. Mwen te peye \$ 1,500 US. Mwen te pase St Domingue, Ekwatè, Perou jiska Acre. Lè-m rive nan Acre, biznisman te anboché nou nan travay. Mwen sèlman te konnen m' t'ap vini nan sid Brezil, m' pat konprann, epi mwen pat konnen si se nan yon labatwa mwen tap vinn travay. Sa se te yon avanti pou mwen. Mwen te rive isit la 12 oktòb 2012, nou se te 50 moun ki te rive isit la. Mwen te kòmanse travay le 15 oktòb nan Copesul Dalia Koperatif Manje. Lè nou rive, nou te rete nan yon otèl konpayi te lwe. Konpayi te mennen nou fè dokiman nan Polis Federal la. Apre sis mwa, mwen te oblige kite otèl la pou ale cheche lwayé. Layik misione Scalabrinien, Ivonete, Juliano ak lòt moun te ede nou anpil. Nou pat gen anyen pou mete nan kay nou lwe. Moun kap viv Encantado te ede nou ak: couvèt kabann, rad, mèb, tout bagay. Depi nan otèl la nou te gen lesan Potigè le mèkredi ak jedi. Le fredy te komanse, mwen pa te ale asiste kek kou potigè. Apre sa mwen retounen. Mwen gen difikilte pou-m abityé avèk fredy. Mwen pa gen pwoblèm ak manje, mwen abityé. M se manm 'Egliz Metodis, "Mwen ap viv isit la

⁸⁷ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/06/haitianos-tentam-reconstruir-a-vida-no-rio-grande-do-sul-depois-de-terremoto-4156820.html>.

ak Henri kouzen m', sa fè sèt mwa depi li rive. Mwen toujou ale nan kek fèt ak kòlèg ki nan menn konpayi ave-m. Mwen travay kom sekirite kote yo fe bal (danse).Mwen gen menaj. Sa ki pi difisil pou mwen se kominikasyon ak fanmi-m. Mwen itilize red sosyal: facebook, intenet ak telefòn. Sa gen 4 mwa depi mwen renkonte nan Brezil, yon ti menaj, lie ede-m aprann lang nan anpil (ri...). Relasyon nou an fini, kounye-a la mwen gen yon lot menaj.Pwojè pa-m se rete isit la, peyi Brezil, travay ak kontinye etid. Apre kontinyé etidyé yon kou inivèsite, pou-m ka gen yon profesyon. Mwen pa vle pase tou la vi-m ap travay nan labatwa ap tiye netwaye kochon.⁸⁸ (GREGORI, 22 anos).

A assessoria de imprensa da Empresa Dália noticiou, em seu site, a chegada do segundo grupo de imigrantes a Encantado:

Um grupo de 75 haitianos chegou pela manhã desta segunda-feira, 28/01 de 2013, à Dália Alimentos. Este é o segundo grupo que chega à Cooperativa para trabalhar na produção do frigorífico e nas indústrias de lácteos. De acordo com a supervisora do Setor Pessoal, Sandra Simonis Lucca, a chegada do novo grupo vem para suprir a carência de mão-de-obra da região. Logo que chegaram, os haitianos foram encaminhados para o auditório Amélio Berté, localizado na sede da empresa, onde receberam maiores instruções sobre o andamento do processo de admissão e do local de trabalho. Os novos contratados vão ficar hospedados junto com os primeiros haitianos que chegaram à Dália Alimentos. A previsão é de que o grupo comece a trabalhar efetivamente na Cooperativa dia 01/02⁸⁹.

⁸⁸ Tradução livre da autora: Estudei, durante quatro meses. Em meados de 2010 e ano de 2011, iniciei um curso Superior, Engenharia Informática, também em uma faculdade particular. Meus pais com sacrifício me ajudavam a pagar. Tinha um tio em Porto Príncipe, ficava na casa dele. Fui convidado por colegas que já estavam no Brasil para vir procurar emprego por aqui. Fiz a rota com a ajuda de coitotes, 1.500 dólares americanos. Santo Domingo, Equador, Peru, Acre. No Acre, empresários vieram nos contratar para trabalho. Só sabia que viria para o sul do Brasil, não entendia e nem sabia que seria num frigorífico. Foi uma aventura. Cheguei aqui em 12 de outubro de 2012, com o grupo dos 50 que chegaram. Comecei a trabalhar em 15 de outubro na Cooperativa Copesul Dália Alimentos. Quando chegamos, ficamos em um hotel, que foi alugado pela empresa. Também foram os chefes da empresa que encaminharam nossos papéis, a documentação na Polícia Federal. Passados 6 meses, precisamos deixar o hotel e ir morar em habitações. Os leigos scalabrinianos, a Ivonete, o Juliano e outros nos ajudaram muito. Não tínhamos nada para a casa, as pessoas da comunidade ajudaram: cama, roupas, móveis, tudo. Também, desde o hotel, tínhamos aulas de português. Nas quartas e quintas-feiras. Por causa do frio, acabei faltando bastante, depois recomecei a participar. Estou ainda me acostumando com o frio. Um pouco difícil ainda. Quanto à alimentação, estou me acostumando. Religião: Metodista do Haiti. “Vivo aqui com meu primo Henri, faz 7 meses que ele chegou. Sempre saio nas festas, com os colegas da empresa, também trabalho de quinze em quinze dias cuidando da entrada de um baile. Tenho namorada. O que mais sinto saudades do meu país são meus familiares. A comunicação se dá via internet, rede social *Facebook* e por telefone. Depois de 4 meses no Brasil, eu conheci uma moça, namoramos, ela me ajudou no idioma muito (ri...). Aí terminamos. Agora tenho outra namorada, colega lá da empresa. Para 2014, tenho projeto de matricular-me na Escola Estadual Monsenhor Scalabrini para fazer um ano de português, ver a possibilidade em estudar, porque tenho sonhos, projetos sim, de ficar aqui no Brasil, trabalhar e poder continuar os estudos. Fazer um curso universitário, ter uma profissão. Não quero ficar toda a vida matando e limpando e cortando pedaços de porcos, que é o trabalho que faço agora.

⁸⁹ <http://www.dalia.com.br/noticias/segundo-grupo-de-haitianos-chega-a-dalia-alimentos>.



Figura 19: Segundo grupo de imigrantes haitianos contratados pela Empresa Dália Alimentos

(Foto: Carina Marques assessora de Imprensa da Empresa)

A empresa que contratou os imigrantes haitianos, a Dália Alimentos, tem uma trajetória histórica de mais de 67 anos e está ligada ao sistema de cooperativa de pequenos agricultores do Vale do Taquari:

[...] 387 pequenos agricultores congregaram esforços e, sob a liderança de João Batista Marchese, fundaram no dia 15 de junho de 1947, a Cosuel - Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda. Apesar dos modestos recursos e após enfrentar toda a gama de obstáculos, em agosto de 1948, foi lançada a pedra fundamental do frigorífico, que se constitui ainda hoje na principal atividade da empresa. Com o passar dos anos, a **Cosuel** foi diversificando as suas atividades, já que o seu objetivo era proporcionar a comercialização dos produtos dos pequenos agricultores associados. Baseados neste princípio e atendendo a necessidade do mercado emergente, surgiu, em 1957, a fábrica de óleo de soja; a fábrica de rações, em 1963; e, em 1965, a indústria de laticínios. A partir daí, foi estruturado um sistema de comercialização que tornou os produtos Dália conhecidos em todo o Brasil. Para tornar a **Cosuel** cada vez mais competitiva, foram organizadas estruturas de caráter social, técnico e administrativo baseadas nas mais modernas tecnologias como forma de enfrentar um mercado cada vez mais exigente e globalizado. Hoje, a Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda, com uma estrutura enxuta e um quadro de funcionários qualificados, além de atuar no mercado interno, também exporta seus cortes especiais de suínos para os países do Mercosul, continente africano, Hong Kong, Cingapura e Rússia (Fonte: Site: <http://www.dalia.com.br>).



Figura 20: Empresa Dália

(Fonte: Site: <http://www.dalia.com.br>).



Figura 21: Visita do Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, à Empresa Dália Alimentos. Na oportunidade ele conversou com os funcionários haitianos no refeitório.
Foto: Carina Marques.

(Fonte: <http://www.dalia.com.br/noticias/visita-do-governador-tarso-genro-esteve-na-dalia>).

4.3 A chegada do terceiro grupo de imigrantes

Estive, até há pouco, com um grupo de 21 haitianos que chegaram hoje a Encantado. Em pouco tempo, revi toda minha vida e caminhada cristã. Senti muito forte o rosto da migração. Estavam cansados, preocupados, sem entender bem o que as pessoas falavam, sem entender a língua, os costumes, desconfiados por não saberem se poderiam confiar em quem estava ali se esforçando para ser gentil e acolhedora... Pensei em quanta bobagem e futilidade tem a nossa vida... O que realmente somos o que queremos e para onde vamos? Será que é tão difícil estender a mão, fazer um afago, dar um sorriso? E nestas horas, o migrante precisa muito disso. Talvez mais do que o salário que vai receber, a comida que vai ter. Que Deus me ajude sempre mais a entender e amar o migrante, escolha que fiz como ideal a seguir (IVONETE TEIXEIRA⁹⁰).

Com o fechamento do abrigo em Brasília (no estado do Acre), 400 haitianos foram encaminhados para São Paulo e aos estados da Região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nos últimos sete dias, a Paróquia Nossa Senhora da Paz, na Rua do Glicério, na região central de São Paulo, recebeu aproximadamente 400 imigrantes encaminhados pelo governo do Acre. A maioria é de jovens haitianos dispostos a engavetar o diploma em troca de qualquer tipo de trabalho. Sem apoio do poder público, cabe aos padres e a voluntários organizar a ajuda aos haitianos. No começo desta semana, 92 pessoas estavam acampadas no salão da igreja, sede da Missão Paz, braço da Igreja Católica que presta apoio aos imigrantes e refugiados. A sede é uma casa ao lado da paróquia, que está com lotação máxima. Nela ficam as mulheres, crianças e pessoas que falam apenas os próprios dialetos. Segundo o padre Luís Espineli, é uma forma de proteger esse grupo, alvo de exploração, já que têm poucas condições de se proteger e se comunicar. Sem banho e com refeições esporádicas, os haitianos passam o dia no pátio da paróquia. Nesta terça, a igreja oferecerá uma sopa a todos, mas não há como abastecer diariamente o grupo. As pessoas dormem por cima de cobertores no chão do salão da paróquia. Outros 112 foram acomodados na sede da Missão Paz. O padre Paolo Parise afirma que o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, semanas antes da Páscoa, havia pedido aos missionários que auxiliassem os haitianos que passariam por São Paulo rumo à Santa Catarina e outras cidades "O governo do Acre nos pediu serviço de orientação na rodoviária Barra Funda, mas a situação não se revelou bem assim. Uma boa parte ficou aqui". Este encaminhamento foi feito porque o abrigo de imigrantes em Brasília, distante 220 km de Rio Branco e com pouco mais de 22 mil habitantes, foi desativado no último dia 15 de abril. Entre março e abril, a cidade chegou a comportar mais de 2,5 mil imigrantes que ficaram retidos no Acre devido à interdição da BR-364, ocasionada pela cheia histórica do rio Madeira. No dia 12 de abril, o primeiro grupo chegou a Rio Branco e se instalou oficialmente no novo abrigo da capital no Parque de Exposições Marechal Castelo Branco. A partir desta data, ônibus foram fretados para retirada dos imigrantes do estado⁹¹.

Tive contato, na segunda ida a campo a Encantado, com o padre scalabriniano haitiano Pierre Dieuceul, 37 anos. No Brasil há sete anos, desde 2008, fez seus estudos teológicos em

⁹⁰ Status compartilhado no perfil do *Facebook* de Ivonete Teixeira, em 04 de abril de 2014, ocasião da chegada do terceiro grupo de imigrantes haitianos ao município de Encantado, RS.

⁹¹ <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-04/governo-do-acre-fecha-abrigo-de-haitianos-em-brasileia>. Acesso em: 4 de junho de 2014.

São Paulo. Desde março de 2014 assumiu a missão de vigário paroquial e assistente pastoral junto aos imigrantes haitianos, trabalhando com a equipe de leigos scalabrinianos. Sempre muito disponível e gentil, demonstra grande experiência no trabalho pastoral. Pierre mantém um blog pessoal, no qual partilha reflexões teológicas quase sempre voltadas para a temática do Haiti. E também, escreve artigos em algumas revistas.

Foi ele quem me acompanhou nessas outras duas experiências de campo. Nos poucos meses que está na cidade, já conquistou a população, por seu jeito simples e, ao mesmo tempo, determinado de ser. Falando e escrevendo um impecável português, já visitou praticamente quase todas as famílias de imigrantes. Além de acompanhar os pioneiros que chegaram em 2012, já criara um comitê. Pedi a ele que descrevesse a chegada do terceiro grupo. Segundo ele, esse terceiro grupo (de 23 haitianos) que chegara a Encantado, RS, foi trazido pela Empresa Dália Alimentos, que foi até São Paulo para contratá-los:

Chegaram 23 haitianos, 21 homens e 2 mulheres. Faixa etária: mais ou menos de 21 a 44 anos. Passaram pela mesma rota de todos, vieram para São Paulo, depois do fechamento do abrigo em Brasília. Todos vieram de São Paulo, capital, e da Grande São Paulo, como Guarulhos. Foi a empresa Dália que os trouxe. No pátio da Missão ou da Paróquia Nossa Senhora da Paz, concentra-se a maioria dos migrantes haitianos que chegam. Todo dia as empresas vêm para conversar com a assistência social para selecionar grupos. Então, a empresa Dália foi lá conversar e acabou selecionando o valor mencionado. Foram hospedados em um hotel, permanecendo entre 3 e 6 meses de contrato da empresa neste local. A acolhida deu-se pelo envolvimento da Pastoral Migratória da Paróquia. Os leigos Scalabrinianos estão fazendo um bom trabalho na região. Eles estão marcando uma presença constante e significativa.

A maior motivação dos migrantes haitianos que chegam ao Brasil é a questão do trabalho. Para Sayad (1998), o imigrante vem servir como força de trabalho e passa a constituir um "problema" para o país que o utiliza. A necessidade do mercado de trabalho é circunstancial, o "imigrante" é considerado um ser *"provisório"*, mesmo que essa provisoriedade dure mais de trinta anos. São imigrantes laborais que vêm com o único objetivo de trabalhar. Ao se deparar com as leis trabalhistas e regras da empresa entram em choque:

O grupo ficou indignado, pois aquilo que foi conversado desde São Paulo pela empresa, quando chegaram, é outra coisa. Eles se revoltaram, não querendo ficar. Aí, fui conversar com eles para que pudessem ficar dizendo-lhes que devem ter paciência. Por exemplo, a questão de "extra", todos querem por dia. Segundo eles, é pondo "extra" que vão conseguir ganhar um pouco a mais, pois a empresa não paga o suficiente para eles se manterem e as suas famílias. Acho que, de acordo com o que eles conversaram comigo, depois de eles cumprirem o contrato por três meses, irão embora. Vejo-os bem desanimados e sempre se queixando toda vez que me encontro com eles nas visitas. Acho que eles estão sendo bem explorados,

começando pelo baixo salário, sem o direito de “extra” e o cargo do horário semanal. Eles mesmos se dão conta dessa exploração injustiçada. Agora: o que fazer para onde ir e como ajudar eles? Enfim, tenho a impressão de que eles estão bem tristes e desanimados (Relato do padre PIERRE DIEUCEL, 37 anos).

A pastoral migratória da Igreja Católica, por meio dos Missionários Scalabrinianos, teve um papel crucial na acolhida desses imigrantes desde o Acre, passando por São Paulo até chegarem ao município de Encantado. Conforme dados da instituição, mais 650 haitianos passaram pela Missão Paz⁹². Somente entre 7 de abril e 11 de maio de 2014, foram contratados 662 migrantes através da mediação da Missão Paz. Ao todo, a Missão foi procurada por 482 empresas interessadas na mão de obra dos migrantes, mas apenas 78 delas foram liberadas para contratar migrantes. As demais, segundo a Missão, não ofereciam condições reais de empregá-los dignamente. Os destinos principais dos contratados são os estados da região Sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), além de empresas no interior de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Frigoríficos, empresas da construção civil, restaurantes e prestação de serviços em geral foram os ramos que mais contrataram.

O padre Pierre Dieuceul descreve suas impressões sobre a pastoral migratória de Encantado:

Parece-me que o trabalho da pastoral dos imigrantes em Encantado precisava passar por esse momento que estão vivendo na cidade: acolhida aos migrantes. Não havia migrantes. A não ser os parentes deles, isto é, os integrantes da pastoral que foram migrantes. Com a chegada dos haitianos e dos dominicanos (estes estão chegando timidamente, aos poucos; já tem mais de 60 na cidade), os leigos estão em ação. Acho que os leigos estão assumindo suas responsabilidades e compromissos para com a Igreja e estão vivendo uma espiritualidade de ação missionária. Acredito que eles tiveram muita dificuldade de comunicação devido ao idioma. Essa dificuldade está sendo superada, pois há voluntárias e professoras atuando como leigas, que estão os ensinando a língua portuguesa. Em relação a outras necessidades, tais como documentação, encaminhamento, a pastoral está ajudando. Acho que eles não foram tão aceitos pela população da cidade no início. Isso dificultava a integração. Para o povo encantadense, é uma novidade, pois não esperavam a chegada deles. No começo, houve muita dificuldade e muitas, tal como o racismo, mas agora a pressão diminuiu. É uma conquista. Que eles não vejam o migrante como alguém que veio tirar-lhes o trabalho, mas como alguém que deixa sua terra em busca de melhores opções de vida. Que eles não vejam primeiro o que pode render, mas de ver-lhes primeiro como um ser humano. Infelizmente, eles olham o migrante primeiro no que pode produzir. Se não pode produzir, não está apto para tal trabalho. Esse é o mundo capitalista. Que o migrante seja bem tratado sem nenhuma intenção étnica ou racial. O mundo do trabalho vê o migrante como uma máquina de produção e esquece os laços de fraternidade. Que eles aprendam novas culturas. Que haja trocas e integração! Cada cultura tem riquezas. Quanto ao meu trabalho pastoral enquanto scalabriniano, eu tento ajudar, além do acompanhamento espiritual e psicológico, eu procuro dar orientação jurídica - buscando assessoria.

⁹² A Missão Paz é um trabalho desenvolvido pelos Missionários Scalabrinianos e seus/suas colaboradores/as em São Paulo para atender imigrantes (<http://www.missaospaz.org/>).

5 Memórias e trajetórias de vida

Nas entrevistas com os imigrantes haitianos, quando perguntava sobre como havia sido a trajetória deles desde a saída do Haiti até a chegada ao Brasil, eram observáveis discursos e sentimentos semelhantes. As narrativas se parecem, repetem-se, mas os cruzamentos com as histórias individuais é que as tornam ricas, únicas e singulares, pois são construções sobre experiências humanas. Todos os relatos da saída são parecidos a este: “deixei o Haiti em 2011(...) quando, de ônibus, parti para a República Dominicana e, de lá, segui de avião até o Equador. Cruzei por terra a fronteira com o Peru e usei ônibus e barco para chegar ao município de Tabatinga, no Amazonas. Foram quase dois meses de percurso. Depois São Paulo, Porto Alegre...”. Halbwachs (1996) propôs o exame do homem enquanto sujeito inserido na trama coletiva; olhar este que não pretendia reduzir o homem ao coletivo. Assim, afirmou a existência da memória individual, mas destacou que a mesma se inscrevia em quadros sociais:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos faz recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Segundo Halbwachs (2006), a questão da memória está na interseção entre história e identidade coletivas. Assim, a memória é imprescindível para a reconstituição narrativa do passado, seja individual ou coletivo, sendo considerada, portanto, um recurso fundamental para a apreensão da identidade e da história e de suas dinâmicas. Por meio dela, os indivíduos se colocam no tempo e no espaço e elaboram sobre si mesmos uma narrativa de estabilidade e possível coerência.

A rota identificada pelas autoridades brasileiras mostra que, do Haiti, os imigrantes ilegais seguem para a República Dominicana, que divide a Ilha de São Domingos com o Haiti. De lá, os imigrantes vão para Equador, Peru e Bolívia, até chegarem ao Acre. A rota é operada por pessoas conhecidas como “coiotes”, participantes de uma quadrilha que os serviços policiais e de inteligência do Brasil tentam desbaratar⁹³. Na cidade amazonense de Tabatinga, tríplice fronteira com Peru e Colômbia, os haitianos também chegam em grandes

⁹³ <http://www.humanidades.net.br/products/imigrantes-haitianos-ilegais-no-brasil/>.

grupos. Lá, não é o governo do estado que acolhe os imigrantes, mas a sociedade civil organizada, principalmente por meio do trabalho da Pastoral do Migrante da Igreja Católica⁹⁴.

Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Mwen te kite Ayiti paske toujou gen problem politik nan pays, chomaj ak difikilte pou peyé lekòl. Anpil jenn moun pa gen moyen pou yo etidye nan Inivèsite lè yo fini lekòl segondè. Projè mwen isit nan Brezil se kontinye travay pou yon la vie miyò, menn lè kote mwen travay yo pa peyé yon gwo salè⁹⁵ (JAMES LALANE, 25 anos).

Natural de Pilate, cidade do interior, no Departamento de Cabo Haitiano, norte do Haiti, Robert partilha sua trajetória de vida:

Rezon ki fè-m vini nan Brezil se paske nan peyi - m manke opòtinite ("le ou fini etid Inivèsite ") li pa fasil pou jwenn travay. L'eta pa bay okenn ed, se rete chita. Mwen se dezyèm pitit gason an nan fanmi an, bo kote manman -m, frè-m sa ki pi gran te rive nan philo (nan denye l'ané lekòl segondè) .Nan vil mwen, m te etidyé jiska rétho sa vle di yon ané avan fini lekòl segondè. Apre sa mwen te entre nan seminè pou-m te ka al fe pè, mwen te etidyé filozofi. Apre sa mwen te kite pou-m te ka ale travay, paske mwen te beswen ede ti frè m nan gradye nan Syans ekonomik. Li fini ané pase, li poko jwenn travay. Mwen pa te gen gwo difikilte lè-m rive nan Brezil. Paske lè ou rive nan yon lòt peyi, epi ou pa konnen nenpòt moun, ou bezwen adapte si ou vle rete. Nan komansman mwen pat ka pale lang potigè, apre sis (6) mwa mwen te kòmans aprann lang. Pou-m te ka aprann lang nan, mwen te ale nan etidyé nan yon lekòl piblik, Santa Marta, nan EJA. Se chef li nan konpayi, ki te ban mwen referans pou-m te ka al etidyé potigè. Rèv mwen, yon jou konsa, se retounen nan inivèsite, pou-m ka vin-n yon medecin (ROBERT JEAN, 29 anos)⁹⁶.

⁹⁴ Serviço de acolhida pela Igreja de Manaus. “Inicialmente, quando o número era pequeno, os imigrantes eram encaminhados para a casa do migrante do estado e para uma pequena casa de acolhida da Diocese, animada pelas Irmãs Scalabrinianas. No mês de agosto, nós abrimos outra pequena casa em São Geraldo para doze pessoas. Logo lotou. Alugamos um casarão onde chegaram a ficar trinta e nove pessoas. Recorremos à Igreja de Manaus. Em janeiro, a paróquia São Raimundo abriu suas portas, disposta a acolher até quarenta pessoas (hoje tem ainda perto de oitenta). No dia 18 de março, na reunião do clero, foi feito mais um apelo. Na hora, outra área missionária se dispôs a acolher vinte – o que aconteceu imediatamente (hoje são quarenta e oito). Outras paróquias se prontificaram para pagar o aluguel de uma casa. O número foi crescendo; um padre acolheu, provisoriamente, oito em sua casa. No dia quatro de março chegou a mão bendita dos capuchinos que transformaram a casa de retiro em casa de acolhida (deslocando os que estavam fazendo retiro); ao mesmo tempo, disponibilizaram outros dois locais menores e estão preparando mais uma casa para ser usada em caso de necessidade. No dia 11 de março, alugamos uma casa (aluguel pago por uma paróquia) onde foram colocadas 16 pessoas. No momento de pico, no início de março, estavam sendo acolhidas em casas da Igreja trezentas pessoas, sendo oitenta em São Geraldo. *Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH)*

⁹⁵ Tradução livre da autora: “Por que deixar o Haiti? Porque sempre tem problema político no país, desemprego, dificuldade para pagar uma escola. Buscar um lugar para uma vida melhor, este é o meu objetivo. No Haiti, quando se termina a escola secundária, os jovens não têm uma oportunidade de trabalho ou como continuar seus estudos acadêmicos. (...) Tenho um projeto, como no Haiti não está bom, vou tentar construir a vida aqui, mesmo que onde trabalho não pague grande salário”.

⁹⁶ Tradução livre da autora: A razão que fez com que eu viesse ao Brasil é porque, no meu país, falta oportunidade (“lé w fini etude, lé w fini inivèsite”), quando você termina os estudos, você não tem trabalho, o

Segundo Ethan Goffman (2006)⁹⁷, há que se colocar uma face do problema dos refugiados um tanto esquecida. Quando se aponta a categoria refugiados ambientais, se fala de pessoas que são impedidas, temporária ou permanentemente, de retornar a seu local de origem. É importante dizer que é parte de uma escolha das pessoas, que são obrigadas, forçadas a deixar seu lugar de origem, a decisão de voltar ou não para ele. Em muitos casos, não será possível retornar, não havendo escolhas aos refugiados ambientais. Em outros casos, devem ser criadas oportunidades para que seja possível a escolha de voltar ao lugar de origem ou não.

Outro relato de um imigrante, que expressa o porquê de deixar seu país, natural de Dessalines, Gonaives, Gede Daniel, estudou na Escola Profissional de Gonaives. Coursou até o nono ano. Há três meses no Brasil, tem 31 anos. Casado, tem dois filhos, de 3 e 6 anos. Trabalhou por dois anos na construção civil em Santo Domingo. Costumava ir visitar a família uma vez por mês. Relata a razão de ele ter deixado a esposa e filhos e decidido vir para o Brasil é que, “*em Santo Domingo, o meu trabalho não era valorizado, me sentia explorado, pagavam muito pouco para nós haitianos. E, no Haiti, não tem trabalho, depois do terremoto de 2010, ficou ainda mais difícil.*” Quando chegou a São Leopoldo, trabalhou na Empresa Concretos do Sul. Trabalha hoje na empresa Odebrecht, na construção civil.

Mwen te pase pa Sen Domeng, Ekwatè, ak Perou pou-m te ka rive Acre. Mwen te pase de (2) semaine nan voyage. Mwen te pase 20 jou nan Acre. Apre pou-m te ka rive Porto Alegre mwen te pase senk jou nan otobis. Mwen te vini jwenn tonton mwen isit la, m te vini nan travay avè-l nan Kompayi Concesul, São Leopoldo. (GEDE DANIEL, 31 anos)⁹⁸.

estado não te ajuda em nada, é ficar sentado, quando você não vai estudar. Sou o segundo filho na família, por parte da mãe, o mais velho chegou no Philo (fim do Ensino Médio). E eu só até o Retho (penúltimo ano para terminar o Ensino Médio). Ai terminei no Seminário, fui até a Filosofia. Saí para trabalhar. Eu ajudei a pagar a universidade para meu irmão mais novo, ele se formou em Ciências Econômicas. Terminou no ano passado e não arrumou ainda trabalho. Dificuldades, eu não tive grandes dificuldades. Quando você chega em um outro país e não conhece ninguém, você precisa se adaptar se quiser ficar. Eu não conseguia falar a língua, no início, foi só depois de seis meses que comecei a aprender a língua e me virar. O que eu fiz para aprender o idioma, foi entrar em uma escola pública, Santa Marta, no EJA. Do nosso grupo só eu quem foi. JM, seminarista haitiano, no início, nos dava aulas, depois não tínhamos mais tempo. Eu vou todos os dias, quando saio do trabalho, é aqui no bairro. Lá na aula se fala só português aí me obrigo a falar. Tem todas as disciplinas, até matemática. Quem me deu referência, foi meu chefe lá na empresa, foi ele quem me inscreveu. Meu sonho um dia é ir para uma universidade, fazer medicina” (Robert Jean, 29 anos).

⁹⁷ GOFFMAN, Ethan. **Environmental refugees: How many, how bad?** In: CSA – Discovery Guide, 2006.

⁹⁸ Tradução livre da autora: Fiz a rota de Santo Domingo, Equador, Peru e Brasil, Acre, duas semanas. Passei 20 dias no Acre, depois uns cinco dias de ônibus até chegar a Porto Alegre. Vim por conta própria, meu tio já estava aqui, vim trabalhar com ele na Empresa Concretos do Sul, em São Leopoldo (GEDE DANIEL, 31 anos).

Diante das fronteiras dos Estados-nação, as migrações internacionais são colocadas como paradoxos de dois pilares da concepção da sociedade moderna, burguesa, capitalista: a igualdade e a liberdade. A própria condição provisória e, ao mesmo tempo, definitiva, inerente ao migrante (Sayad, 1998), contrapõe liberdade e igualdade. A coerção e a liberdade nas migrações internacionais são elementos que começam a surgir com importância, nas discussões atuais sobre as migrações, ao mostrar que dicotomias fundamentais nas conceituações de migração, antes tidas como estanques (coerção versus escolha, violência versus economia), mostram-se cada vez mais permeáveis entre si, uma invadindo o espaço da outra.

É de difícil definição, portanto, se um migrante “laboral” ou “voluntário” não sofre também coerção ao não ter a possibilidade de sobrevivência econômica no seu local de origem. E no caso do migrante que é explicitamente forçado a deixar seu local de origem, apontar as possibilidades de escolha que ele tem, mesmo em uma situação de deslocamento compulsório, incluindo aí direito de escolha e expectativas em relação ao local de destino. Os haitianos entrevistados caracterizam-se por serem imigrantes laborais. Em alguns casos, existe a experiência anterior de trabalho em outros países, como expressa o relato dessa jovem imigrante que, na ocasião da entrevista, estava no Brasil há dois meses:

Mwen te fèt nan Quanamet, nan nòdès Ayiti fwontyè ak Repiblik Dominikèn. Mwen te etidyé de (2) ané kom infimiye nan Inivèsite Sen Domeng. Mwen te travay kòm yon estajyè nan yon lopital. Mwen te kite étid inivèsite paske pat genyen okenn lajan anplis pou peye inivèsite prive. Mwen te viv ak de kouzen m yo. Mwen te pase anpil difikilte avan mwen rive Brezil. Mwen te pase uit jou nan voyage. Mwen te soti Sen Domeng, Ekwatè, Perou ak Acre. Apre mwen te vwayaje pou Porto Alegre, prèske yon semana. Mwen te voyage avek yon viza touris, ke raketè yo te ban mwen. Le-m rive nan vil Acre, yo te ban mwen papyè kom refijye. Mwen se kousin James Lalane (CHANTALE LEBRUNN, 25 anos)⁹⁹.

Para Neto (2005), o rígido controle fronteiriço e as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos imigrantes acabam por levar o estrangeiro a uma sujeição aos que logram driblar os controles, a um nível excepcional de exploração de trabalho e à aceitação de condições de vida extremamente degradantes. Quanto às justificativas para o erguimento de tais estruturas de controle fronteiriço, costumam ser alegadas a defesa do mercado de trabalho nacional

⁹⁹ Tradução livre da autora: Nasci em Guanamet, nordeste do Haiti, fronteira com a República Dominicana. Fiz dois anos de Enfermagem na Universidade de Santo Domingo e trabalhava meio turno como estagiária em um hospital. Parei os estudos universitários, porque não tinha mais dinheiro para pagar, a universidade era privada. Morava com minhas duas primas. Passei muita dificuldade até chegar aqui. Passei por Santo Domingo, Equador, Peru e Acre, oito dias de viagem. Depois viagem a Porto Alegre, quase uma semana. Vim com visto de turista, os coiotes que me arrumaram. Do Acre para cá vim, como refugiada nos papéis. Sou prima do James Lalane (CHANTALE LEBRUNN, 25 anos).

contra a concorrência lesiva dos imigrantes ou a suposta incapacidade do Estado em fazer frente aos seus custos de reprodução social (PÓVOA NETO, 2005, p. 14).

Oscar relatou que passou pela mesma rota dos demais haitianos; que pagou coiotes. Passando muitas dificuldades no trajeto, ele ficou um mês em Quito, no Equador, antes de vir para o Brasil. Disse que deu U\$50,00 dólares a um policial, para passar pela imigração, no Equador:

M 'te antre nan Brezil apre yon mwa nan vwayaje. Mwen pase 14 jou nan route jiska Acre, plis 5 jou nan otobis pou rive Rio Grande do Sul. Lè-m te rive Acre mwen te vin malad, vomisman ak dyare. Mwen te panse mwen t'ap mouri. Voyage la te tre difisil. Mwen te pase pa Ekwatè, Pewou, jiska Acre. Mwen soufri anpil ak fredri paske mwen te rive nan seson ivè. Mwen te travay nan Repiblik Dominikèn nan konstriksyon sivil. M 'te vin nan Brezil pou-m ka ede fanmi-m. Mwen pa gen timoun. M 'te vin viv ak frè-m ki deja ap viv isit la. Pandan mwen chèche travay se li menm ki ede-m. Mwen gen twa mwa isit. Mwen soti chak jou pou ale cheche travay nan agens SINE. Premye mwa adaptasyon an te tre difisil. Pafwa mwen te anvi we fanmi-m, sa te fe-m chagrín anpil. Mwen pa te gen okenn lajan pou-m rele yo. Se apre de (2) mwa mwen te kominike ak fanmi mwen yo. Kounye- a mwen gen nouvèl yo. Yon pwojè pa-m se rete nan Brezil. (OSCAR LAKINDAL, 34 ans)¹⁰⁰.

Conforme Oliveira (2005), o migrante, ao se deslocar fisicamente, experimenta situações paradoxais no que concerne à subjetividade e à temporalidade. À vontade de retornar se alia, ao mesmo tempo, à necessidade de ficar: passado, presente e futuro estão interligados. As temporalidades das circunstâncias em que eles se encontram é algo *ad infinitum*, e as implicações decorrentes são imprevisíveis.

De modo sumário, os estudos de vulnerabilidade buscam compreender como indivíduos e grupos de indivíduos se expõem a dado agravo à saúde a partir de totalidades conformadas por sínteses pragmaticamente construídas com base em três dimensões analíticas: aspectos individualizáveis (biológicos, comportamentais e afetivos), que implicam exposição e suscetibilidade ao agravo em questão; características próprias a contextos e relações socialmente configurados, que sobre determinam aqueles aspectos e, particularizando a partir destes últimos, o modo e o sentido em que as tecnologias já operantes nestes contextos (políticas, programas, serviços, ações) interferem sobre a situação, chamadas, respectivamente, de dimensão individual, social ou programática (AIRES, 2009, p. 16).

¹⁰⁰ Cheguei ao Brasil depois de um mês de viagem: 14 dias de lá até aqui, mais 5 dias de ônibus até o Rio Grande do Sul. Quando estava no Acre, fiquei doente, com vômitos, diarreia, achei que iria morrer. O trajeto foi muito difícil, muito sofrido. Equador, Peru, Acre. Aqui no Sul, sofri muito com o frio, cheguei no inverno. Eu trabalhava na República Dominicana, na construção civil. Vim para o Brasil para ajudar minha família. Eu não tenho filhos. Vim ao encontro do meu irmão que já está aqui no Brasil. Enquanto procuro emprego, é ele quem me ajuda, ele trabalha. Tenho três meses, saio todos os dias a procurar, já fui ao SINE. No primeiro mês, o frio foi difícil, depois bateu saudade, uma tristeza, por estar longe da família. Eu não tinha dinheiro para ligar para eles. Quando consegui ligar, depois de dois meses que estava aqui, fiquei muito contente (OSCAR LAKINDAL, 34 anos).

O relato abaixo expressa a trajetória de um imigrante que veio em busca de trabalho, mas sua saúde mental e física não estava bem. A consequência foi a doença e, infelizmente, o óbito, algo lamentável, para quem alimentava o sonho de trabalhar e retornar ao Haiti. O imigrante entra, assim, na categoria de vulnerabilidade¹⁰¹.

Rezon ki fê-m vini Brezil. Mwen te fini ak etid segonde ak twa ané nan kou teknik nan Syans infòmati nan yon kolèj nan Pòtoprens. Mwen te cheche travay an Ayiti, mwen pat ka jwenn. Ou konnen pou ede fanmi, ou bezwen jwenn yon travay, se sa ki fê -m vini nan Brezil. Le mwen rive isit la mwen jwenn travay nan yon makèt, stokist. Mwen te kòmanse yon kou nan Sant Teknoloji Polymers - Senai / CETEPO isit la nan São Leopoldo. Mwen te fê twa mwa nan PRONATEC. Lavi pa-m en Ayiti, li te yon ti jan difisil, paske chak jou mwen te chita nan kay san mwen pat gen travay, se trè konplike. Mwen te fèt nan Gonayiv, apre sa mwen te al viv nan Capital Pòtoprens. En Ayiti mwen te kite fanmi, papa, manman, frè, madanm mwen ak pitit gason m ki gen yon ané depi li fet. Mwen wè foto li sèlman sou entènèt. Apre yon ane mwen te kòmanse adapte-m yon ti kras, paske mwen ap viv avèk tonton-m e ak kouzen -m. Mwen voyage ak yon viza touris pou jiska São Paulo. Mwen te pran yon jou pou-m voyage São Paulo jiska Porto Alegre. Mwen gen rezidans depi nan mwa Novanm 2012. Nan moman sa-a mwen pa gen okenn pwojè pou rete nan Brezil, paske mwen pa santi-m trè byen. Sante mwen ap bay pwoblèm. Mwen vle retounen l'ané pwochen an Ayiti. Lè sa a, mwen pral deside si m'ap tounen nan peyi Brezil oubyen rete en Ayiti. Kòm pou lang lan, mwen pale byen, lè m'ap pale, Brezilyen konprann mwen byen. Kote nou ap viv kounye-a, lwaye kay la koute 400 real pou chak mwa, divize an twa moun. M ap viv avèk Anold ak James. Nan konpayi an, mwen te santi-m bien. Sektè mwen travay se nan mache depo, mwen te travay, nan lannwit. Lè li te fê fredè, mwen te malad. Mwen te entènè lopital 10 jou nan lopital Sentenarió. Mwen te genyen nemoni. Doktè, enfimiyè, te pran swen mwen byen. Kounye -a, mwen pa nan travay, mwen gen asirans INSS. Mwen santi-m trè fèb, san fòs, m'pa gen apeti pou manje. Kòm pou etid, mwen gen pwojè yo jou konsa retounen nan inivèsite. Kounye a, se difisil voye lajan pou fanmi m paske mwen te depans anpil ak. Si Bondye fê-m favè, li banm sante, mwen pral jwenn kèk lòt travay, pou-m k voye lajan pou madanm mwen ak pitit gason (WILGUENS SANTE, 27 anos)¹⁰².

¹⁰¹ O Ministério da Saúde (2009) compreende vulnerabilidade como “resultante de um conjunto de fragilidades individuais e precariedades sociais que atingem um sujeito cujas condições de vida e saúde são influenciadas ou determinadas pelo social e pela história” (BRASIL, 2009, p. 47).

¹⁰² Tradução livre da autora: O motivo que me fez vir para o Brasil foi que eu fiz todos os meus estudos no Haiti. Eu terminei o Philo e fiz três anos o curso técnico em Informática, em uma faculdade de Porto Príncipe. Em todos os lugares que procurei, não encontrei trabalho. Você conhece para ajudar a família, você precisa arrumar um trabalho, isto que me fez vir ao Brasil. Chegando aqui, arrumei logo trabalho em um supermercado, estoquista, e iniciei um curso no Centro Tecnológico de Polímeros - SENAI/CETEPO, aqui em São Leopoldo. Fiz três meses pelo PRONATEC. A vida no Haiti, antes de eu vir, era um pouco complicada, porque cada dia você ficar sentado em casa, sem ter um trabalho, é muito ruim. Eu nasci em Gonaives; atualmente, eu morava na cidade, deixei a família, pai, mãe, irmãos, minha esposa e meu filhinho de um ano, que só conheço por foto na internet. Agora, depois de um ano, comecei a me adaptar, um pouco, porque moro com meu tio e meu primo. No primeiro mês em que cheguei do Haiti para cá, foi meu tio quem me recebeu em sua casa. Eu vim com um visto de turista até São Paulo, levei um dia de São Paulo a Porto Alegre. Tenho residência desde o mês de novembro de 2012. Tenho que tirar a carteira oficial de residência. Projeto para permanecer no Brasil? Eu não tenho projeto pra ficar efetivamente, porque não me sinto muito bem adaptado. Minha saúde está dando problemas. Quero voltar o ano que vem para o Haiti; aí vou decidir depois se volto para o Brasil ou não. Quanto ao idioma, eu falo bem, quando eu falo, os brasileiros me compreendem bem. O aluguel da casa custa 400 reais mensais, dividimos em três pessoas. Moro com Anold e James. Na empresa, me sentia bem, Unidasul alimentos. Meu setor, no depósito do mercado, um grande atacado, eu trabalhava à

Apresentando o conceito de vulnerabilidade, traçarei alguns exemplos, a partir das trajetórias de vida e dos relatos orais dos imigrantes haitianos. Entre os entrevistados, ocorreu um óbito em 2013, um acidente de trabalho (mutilação dos dedos neste mesmo ano). Também há muitas queixas quanto à saúde, decorrentes da atividade laboral e da exposição às baixas temperaturas do inverno do estado do Rio Grande do Sul. Há também suscetibilidades relacionadas às doenças respiratórias, além das doenças laborais, consequentes dos movimentos repetitivos¹⁰³, e das doenças psíquicas. Reinhold (2007) cita o burnout, que é um tipo especial de stress ocupacional, que se caracteriza por profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado, sentimento que, aos poucos, pode se estender a todas as áreas da vida de uma pessoa. [...]. Achotegui (2005) descreve a síndrome de Ulisses. Ambas enquadradas no DSM¹⁰⁴, como transtornos mentais, doenças às quais os imigrantes estão mais vulneráveis. A saúde pode ser afetada a partir do momento em que o trabalhador imigrante passa a trabalhar mais do que o limite máximo de sua capacidade, através de horas extras, trabalho repetitivo, trabalhos noturnos, enfrentando fatores ambientais desfavoráveis, condições de moradia precárias e alimentação deficiente.

Difikilte sa ki py difisil se paske nou guenhem souci pou grandi. Yon grand parti neg la , lontan te fini kou segondè. Pi fò nan imigran yo, vle travay ,epuis aprendre yon bagay, pou kapab fe yon kou nan inivèsite .Nou pa kapab rete pou tout lavi nou koupe vyann cochon pou toute jounne. File koutou et koupe vyann. Se sa nou kon fe nan labatwa¹⁰⁵ (DIEUMERCY, 25 anos).

Ele queixou-se de muita dor nos braços e mãos, pois segundo ele, é um trabalho duro exige esforço físico, prudência, pois, qualquer descuido, distração, podem se ferir com a faca

noite. Quando chegou o frio, fiquei doente. Fiquei internado 10 dias no hospital Centenário, com pneumonia. Cuidaram-me muito bem, médico, as enfermeiras, foram muito bons. Agora eu estou afastado do trabalho, desde então, “laudo do INSS”, sinto-me muito fraco, sem forças, sem apetite para comer. Quanto aos estudos, tenho projeto de voltar um dia para a universidade. Agora está difícil enviar dinheiro para minha família, pois tive despesas com a doença. Ajudo no aluguel, e o que ganho do INSS é muito pouco. Se Deus me der a graça de ter saúde, vou arrumar um outro trabalho, para enviar dinheiro para minha esposa e filho (WILGUENS SANTE, 27 anos).

¹⁰³ Lesões por Esforços Repetitivos (LER): “É nome dos distúrbios de origem ocupacional que atingem dedos, punhos antebraços, cotovelos, braços ombros, pescoço, regiões escapulares, resultantes do desgaste osteomúsculo-ligamentar, provocados por traumatismos frequentes” (ASSUNÇÃO, apud GAIGHER, 1995, p. 23).

¹⁰⁴ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM).

¹⁰⁵ Tradução livre da autora: Dificuldades?Penso que o é mais difícil, é que temos desejos e sonhos de aprender algo, estudar, crescer. Uma grande parte dos rapazes há tempo terminou o secundário. Eles querem trabalhar e também aprender algo, uma profissão, fazer um curso dentro de uma universidade. Nós não podemos ficar para o resto de nossas vidas cortando carne de porco o dia todo. Afiar a faca e cortar carne, que é o que fazemos no frigorífico. Um trabalho duro, que exige esforço físico, prudência, pois a qualquer descuido, podemos nos cortar, machucar, com a faca que é muito afiada.

que é muito afiada. Ele relembra um grande susto, quando iniciou na empresa, sem muita experiência, cortou a barriga (mostrou-me a cicatriz), pois a faca usada é muito afiada, foi puxar a parte do porco que se chama pernil e que passa na esteira muito rápida e acabou ferido. Ainda relata sobre um rapaz haitiano que decepou três dedos em uma máquina, há um mês, está internado em Canoas, região metropolitana de Porto Alegre.

Esses imigrantes, enquanto sujeitos em situação de vulnerabilidade, depararam-se, inúmeras vezes, com uma fragilização social e psicológica, de acordo com estudos feitos pela etnopsiquiatria¹⁰⁶, os quais vão explicar os processos intrínsecos, decorrentes da mobilidade do imigrante internacional, que podem causar doenças. A vulnerabilidade ligada à travessia diz respeito também às condições econômicas que precederam a mesma. Os imigrantes haitianos assumiram dívidas, na maioria das vezes, arrecadando dinheiro emprestado, para garantir a cobertura dos custos da viagem, podendo sofrer danos morais e socioeconômicos, caso a travessia não tivesse sucesso. Os imigrantes haitianos, em seus relatos, expressam o que Beneduce (2008) caracteriza como a angústia territorial: todo o estrangeiro vai necessitar de tempo para a adaptação, vai precisar buscar sua legalidade, esforços burocráticos para obter sua documentação.

Os imigrantes haitianos, muitas vezes, expressavam ansiedade em chegar à Polícia Federal, à espera do visto de residência, o que era perceptível nas falas, quando nos comunicávamos via rede social. Outro sofrimento no processo de inserção é a busca aos serviços sociais básicos de atendimento à saúde e a um posto de trabalho no SINE¹⁰⁷. Outra questão é o acesso à escola e creche para os filhos. A burocracia para fazer a documentação e a necessidade de manterem-se atentos às possíveis mudanças de legislação também são fatores de angústia. Tudo isso exigia deles um mínimo de domínio da língua portuguesa e o conhecimento das leis do Brasil, assim como certo grau de entedimento da mentalidade jurídica, das regras de convivência e do sistema informal das tolerâncias admitidas e das não admitidas por parte dos órgãos e instituições brasileiras. Outros aspectos são a saudade e a perda de referenciais identitários; o desenraizamento sociocultural, o ter deixado filhos e

¹⁰⁶ “A etnopsiquiatria se define como uma prática da psiquiatria. Ela integra de forma igual a dimensão cultural do problema psicológico e sua abordagem e a análise dos funcionamentos psíquicos internos. Essa psicoterapia recorre igualmente à Antropologia e à Psicanálise. “A maioria dos terapeutas que trabalha são migrantes de um tipo muito particular”. A Etnopsiquiatria, segundo Tobie Nathan. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano01/mour0201.php>.

¹⁰⁷ O Sistema Nacional de Emprego - SINE é um programa do Governo Federal que dispõe de um conjunto de ações voltadas para facilitar a inserção ou reinserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, além de garantir a sobrevivência do trabalhador durante o tempo de procura de um novo emprego, através do cadastramento e encaminhamento para emprego e do atendimento ao seguro-desemprego.

esposa, fatores que podem gerar um sentimento de culpa. Estranhamento cultural, a necessidade em aprender um novo idioma, participar de um grupo social ou de uma religião também são dificuldades. Todas essas questões complexas envolvem o processo de inserção de qualquer imigrante. Parece-me que o grupo de São Leopoldo não teve muito apoio por parte da sociedade civil ou de alguma instituição, como ONGs e Igrejas, de modo que os migrantes foram se virando desde a sua chegada até o presente momento. A socialização se dá por conta do grande esforço e desejo em inserir-se no país. Assim, eles buscaram se integrar a Igrejas, na sua maioria, evangélicas pentecostais, e desfrutar momentos de lazer com colegas brasileiros, fora do ambiente de trabalho. Já o grupo de Encantado parece ter atingido um nível maior de sociabilidade e inserção, dado o trabalho voluntário da Igreja Católica através da Pastoral Migratória dos Scalabrinianos. Quando a questão da vulnerabilidade foi apontada pelo grupo de Encantado, abriu-se espaço para discussão social e houve apoio por parte da sociedade civil e da Igreja Católica.

Um dos imigrantes não superou todos os fatores inerentes à vulnerabilidade, por não ter tido seus direitos plenamente garantidos. Bustamente (2002) destaca que a vulnerabilidade do imigrante está ligada diretamente à carência de direitos sociais concedidos aos cidadãos nacionais, dado que o contexto que os acolhe não tem ainda reconhecido plenamente esses direitos fundamentais:

Esto no quiere decir que los migrantes no sean o puedan ser vulnerables como sujetos de derechos humanos en sus países de origen. Lo que se quiere decir es que esa vulnerabilidad que tiene lugar en el país de origen, es, en Derecho Internacional, una cuestión de carácter interno; en tanto que la vulnerabilidad de los migrantes internacionales a la que se refiere este análisis, es una cuestión de carácter internacional. La diferencia entre una y otra vulnerabilidades se deriva de la relación que el migrante tiene, como individuo, con el Estado. Cuando se ubica espacialmente al migrante en su país de origen, su relación con el Estado es como nacional. Cuando se ubica espacialmente al mismo migrante en un país que no es el suyo, su relación con el Estado del país receptor, es como extranjero. El entendimiento de esta distinción es crucial para el entendimiento de la noción de vulnerabilidad a la que se refiere este trabajo. De esa distinción se derivan, tanto los derechos del migrante como ser humano y el acceso a recursos para su protección, como la carencia de ambos. Es el Estado o condición de carencia de derechos y de acceso a recursos para su protección lo que aquí se entiende por vulnerabilidad de los migrantes como sujetos de derechos humanos (BUSTAMENTE, 2002, p. 2).

A história de vida de cada imigrante é sempre marcada por um confronto íntimo entre duas culturas. A cultura em que nasceu e aquela em que se passa viver. Para Ramos (2008), a migração implica a adaptação do indivíduo a uma nova cultura, língua, regras culturais e a um novo meio, muitas vezes hostil, tendo o mesmo de atravessar diferentes etapas e desenvolver estratégias de adaptação que lhe permitam resolver as dificuldades relacionadas com a

condição de imigrante, que resultam diferentes modalidades de aculturação. Achotegui (2005) traz o mito de Ulisses, como uma alusão, uma metáfora dos dilemas e dificuldades encontradas pelos imigrantes dentro de um contexto de imigração internacional. Suas trajetórias de vida (suas “Odisseias pessoais”) resultam na “(...) síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple”. O mal do imigrante no século XXI. A Síndrome de Ulisses, também conhecida como a síndrome do imigrante com estresse crônico e múltiplo, caracteriza-se pelos sentimentos de solidão, tristeza e medo por aqueles que têm que refazer a vida em outro país. A emigração vem acompanhada de uma série de lutos relacionados com o país natal, a cultura, a linguagem, entre outros. Esses lutos nem sempre são processados de forma adequada, favorecendo o desenvolvimento da síndrome de Ulisses. Para esse mesmo autor, o *stress* da aculturação envolve solidão, luta pela sobrevivência, pela alimentação, pela moradia; o medo, o sentimento de fracasso e o desalento quando as oportunidades não surgem.

O jovem haitiano Wilgens relata em tom nostálgico seu desejo de retornar à sua terra natal. Apesar de gostar do Brasil, sente que, depois de um ano, ainda não se adaptou. Revelou-se uma pessoa inteligente, detentor de bom nível de instrução, mas estava enfermo e com traços depressivos. Muito frágil, seu físico esguio, olhos baixos, lacrimejavam quando falava, havia emagrecido muito, não era o mesmo jovem risonho e alegre que eu conhecera há meses atrás, por ocasião da primeira experiência de campo. No último encontro que tive com ele, tossia muito e caminhava lentamente, como um ancião convalescente. Constatei que lhe faltava um acompanhamento psicossocial.

O imigrante, muitas vezes, depara-se com a ausência de uma política pública para a imigração, comprometida com a causa da sua saúde mental.

Mwen isit la depi 2012, kite papa-m, manman, madanm, ak pitit gason. Si mwen te travay an Ayiti, mwen pa t'ap viv lwen, paske Ayiti se yon peyi ke mwen renmen anpil. Mwen songe zanmi-m yo, mizik ak lanmè. Pou manje mwen adapte. Nou prepare manje ayisyen lakay nou, men konpayi te ofri nou manje, sa pa bay mwen pwoblèm. Ki sa mwen panse: Brezil yon peyi ki gen anpil travay. Lè w 'ap travay ou ka voye èd pou fanmi ou. Le ou legalize tout bagay se trè bon. Brezil se yon peyi ki resevwa imigran (li refere pa gen anpil zenofobi, tankou nan lòt peyi Ewopeyen nan direksyon pou nwa). Mwen santi rasis sèlman yon fwa, lè- m te ak James te gen de (2) ti fi ki te kanpe nan otobis lè nou te chita bò kote yo. Men si nou se nwa, sa fe nou panse no pa dwe bay vale ak bagay konsa, paske an Ayiti nou pa soufri sa, paske nou se majorite nwa (ri yo). Nan katye nou yo, mwen wè ke gen moun ki apresye nou, tankou ayisyen. Yo renmen pou pale ak nou. Kirye, paske yo vle aprann lang nou an ak kilti nou. Kilti brezilyen, mwen renmen mizik brezilyen. Pa example: chantè Gustavo Lima. Mwen gen kontak ak moun ki sòti nan L'egliz Pwotestan, mwen ale pafwa. Mwen te fe pati l'egliz Methodist an Ayiti. Isit la mwen te kòmanse patisipe nan l'egliz Asanble Bondye ak Robert Jean. Pandan m'te malad, mwen pat kapab ale. Eksperyans ane sa- a pou mwen nan Brezil, se te

konnen plis bagay sou kilti brezilyen ak aprann pale potigè. Kounye-a mwen defann tèt mwen. An Ayiti, nan lekòl la, mwen te gen lang angle ak panyòl, isit la m' fòse aprann potigè. Se konsa mwen aprann yon langa anplis. An Ayiti, m'te gen etid, men mwen pa te gen okenn travay, m'pa te gen okenn eksperyans travay, isit la mwen kapab di ke mwen te fè eksperyans (WILGENS SAINTE, 27 anos)¹⁰⁸.

Quando estive, no mês de julho de 2013 realizando a entrevista, ele estava visivelmente abatido. Depois que conversamos por uns 40 minutos, ele me pediu licença para ir se deitar, pois não estava se sentindo bem. Tinha muita febre e tosse. No outro dia, retornei, era domingo, e ele permaneceu deitado o dia todo. Ao chamarem-o para almoçar, dizia não ter apetite para comer. Disse que sentia muito frio. Naquela tarde, a temperatura era de uns 18 graus em São Leopoldo. Era visível que ele apresentava traços de depressão. Quando o conheci no primeiro contato, em abril de 2013, era muito falante, falava bem o português; juntamente com James, era quem fazia as cerimônias ao acolher-me, sempre sorrindo.

Wilgens faleceu em agosto de 2013, aos 27 anos. A causa da morte foi infecção generalizada, consequência de uma pneumonia. Já havia sido internado por 10 dias, no mês de junho, para se tratar. Retornou ao hospital Centenário em agosto, vindo a falecer.

Esse imigrante que eu conhecera há sete meses era alegre, falante, mas pouco depois estava muito abatido, com traços visíveis de depressão. A morte desse imigrante marcou a memória da trajetória da chegada desse grupo ao Rio Grande do Sul e meu estudo, também.

¹⁰⁸ Tradução livre da autora: Estou aqui desde 2012, tenho muitas saudades do meu pai, minha mãe, esposa e filho. Se eu tivesse trabalho no Haiti, eu não teria saído de lá, não, pois Haiti é um país que eu amo muito. Eu não me acostumei, tenho saudades dos amigos. Da minha música, o mar. Quanto à alimentação, eu me adaptei no trabalho, aqui em casa, preparamos nossa comida haitiana, mas na empresa comi o que me era oferecido sem problemas. O que penso do Brasil? Um país que nos dá trabalho dá muito emprego, por isso, preciso gostar. Quando se trabalha e se pode enviar ajuda para a sua família, estando legalizado, tudo é muito bom. O Brasil é um país que acolhe o imigrante (ele se refere a não ter tanta xenofobia, como em outros países da Europa para com negros). Eu percebi racismo só uma vez, quando estava eu e James, tinha duas moças que se levantaram no ônibus e ficaram em pé, quando nós sentamos nos fundos, ao lado delas. Mas penso que devemos nos resignar, porque somos nós negros que precisamos nos adaptar. E no Haiti não sofremos isto, porque somos a maioria negros (risos). No nosso bairro, percebo que as pessoas nos apreciam, gostam dos haitianos. Gostam de conversar conosco. Tem curiosidade em conhecer nosso idioma e nossa cultura. Da cultura brasileira, eu gosto da música brasileira, do cantor Gustavo Lima que eu conheço. Tenho contatos com pessoas da Igreja protestante, frequento às vezes. Sou Metodista, frequentava no Haiti. Aqui, comecei a acompanhar a igreja Assembleia de Deus com o Robert Jean. Enquanto eu estava doente, eu não pude mais frequentar. A experiência neste um ano de Brasil foi de conhecer mais a cultura brasileira e aprender a falar o português, em que me defendo. No Haiti, na escola, tive inglês e espanhol, aqui me obriguei a aprender o português. Então, é uma língua a mais. O trabalho: no Haiti, tinha estudo, mas não tinha emprego, não tinha experiência de trabalho, aqui posso dizer que tenho experiência. Acostumei-me com os horários e regras (WILGENS SAINTE, 27 anos).

5.1 O Haiti, entre memórias e projeções

Segundo Halbwachs (2006), as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável por meio das partilhas e os lugares em que essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006). Para Halbwachs, se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos provoca e traz as lembranças. Na maior parte do tempo, lembrar não é rever, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje a experiência do passado, porque nossa percepção se altera conforme o passar do tempo e com ela nossas ideias, juízos de realidade e de valor. Halbwachs ainda sintoniza a memória da pessoa à memória do grupo e a do grupo à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade, e ressalta que o instrumento socializador da memória é a linguagem. Para ele, a memória é sempre individual e coletiva ao mesmo tempo, pois quem lembra é o indivíduo como membro da sociedade. Trata-se sempre de uma leitura sobre o passado realizada com os referenciais do presente: *“Mwem vini Brezil paske pagen travay an Haiti. Pays nou kraze aprè trembleman tè te passe nan lané 2010* ¹⁰⁹.

Os imigrantes haitianos vêm para o Brasil procurando oportunidades de vida melhores, fugindo da difícil situação naquele país, após o terremoto de 2010. Em todas as entrevistas realizadas com imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul, é unânime o motivo pelo qual vieram para o Brasil, trabalhar, porque no Haiti não tem emprego e precisam sustentar suas famílias. É a realidade de todos os imigrantes no mundo inteiro. Quando refazem suas trajetórias de vida por meio das narrativas, as memórias acerca do Haiti são de ruptura na busca de um futuro melhor para si e suas famílias.

Mwen fèt nan vil Gonayiv, mwen genyen 27 ans, nou se dis (10) frè nan fanmi. Mwen genyen kat (4) frè-m ki pi piti pase-m. Papa-m ak manman-m mouri deja. Frè m yo travay nan agrikilti. An Ayiti, mwem te etidye primè ak segondè. Mwen te rete yon lané pou-m te fini ak etude segondè. Mwen te apran-n kou teknik sou kijan yo ekri ak kijan yon òdinatè fonksyone; men mwen pat fini ak etude yo paske lavi-a te trè difisil pou mwen. Mwen te toujou travay nan agrikilti, men pafwa pat gen bon rekolte. Nan vil kote-m te abite pat gen travay pou jenn moun; menn pou moun ki fini etid yo, pafwa menn pou moun ki profesyonel. Mwen pat te ja-m panse kite vil Gonaives, pou mwen ale viv Pòtoprens , paske nan Kapital gen plus chomaj ak difikilte. Mwem vin viv Brezil paske mwen gen espwa, mwen panse yon jou lavi-m ka pi miyò, paske si-m jwenn travay mwen kapab ede frè-m ak sè- m yo. Rèv mwen kounye-a se jwenn travay, epi retounen lekòl segondè, etidye nan Inivèsite agwonomi pou-m ka ede fanmi –m ak peyi-m. Nan pays Brezil, mwen te komanse travay nan lané 2012 nan yon konpayi kote yo fe tiyo ak drenaj ciman pou dlo. Kòm salè-a, sa mwen te touche nan travay la te trop piti, mwen te oblige al cheche travay

¹⁰⁹ “Eu vim para o Brasil, porque não tem trabalho no Haiti. Nosso país está destruído depois do terremoto de 2010”.

nan yon biwo eta ki rele SINE. Kounye-a mwen travay nan yon fabrik “metal” kote yo fe pyès pou motè machin. Mwen panse ke yo te pran-m nan kompayi-a, paske mwem pale yon ti kras Potigè. Mwen gen yon bon relasyon ak kòlèg yo, yo ede-m ak lang lan, yo gen anpil pasyans ave-m. Bòs ki supervize travay nan entrepris renmen fason mwen travay. Mwen songe fanmi-m ak peyi- m anpil. Nan moman sa-a, pwojè m se rete isit la, viv isit, vizite fanmi mwen yo le mwen gen vakans ak posibilite ekonomik ¹¹⁰(JAMES, 27 anos).

Para Sayad (2000), tratar tecnicamente a discussão sobre o fenômeno migratório seria como tornar técnico um processo social.

Sabe-se qual é o papel da “tecnicização” nesse assunto: “tecnicizar” um problema social, como se faz da imigração tornando-a um problema exclusivamente econômico, é despolitizá-lo, ou melhor, a-politizá-lo; é nisso que também consiste a naturalização dos objetos sociais (SAYAD, 2000, p. 22).

Para Sayad (2000), esse deslocamento físico é também um deslocamento de poder, o poder de significação do evento na estrutura social – ou seja, o poder simbólico presente no ato de migrar. Afinal, “não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, (...) bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos” (SAYAD, 2000, p. 14). Portanto, tal duplicidade de ausência/presença representa uma profunda ruptura na ordem do tecido social, disparada por processos populacionais reguladores. Isso porque, como afirma Pierre Bourdieu (1998), a compreensão de Sayad sobre a migração nos lança:

no cerne da contradição constitutiva de uma vida impossível e inevitável por via da evocação das mentiras inocentes com que se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio, ele [Sayad] traça com pequenas pinceladas um retrato impressionante dessas “pessoas deslocadas”, privadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais. Como Sócrates, o imigrante é atopos, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...]. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do

¹¹⁰ Tradução livre da autora: “Eu nasci na Cidade de Gonaives, tenho 27 anos, somos dez irmãos, na família. Quatro são menores que eu. Meus irmãos trabalham na agricultura. Meus pais já são falecidos. No Haiti, minha vida era estudar e trabalhar na agricultura. Não concluí o Ensino Médio, parei no penúltimo ano. Fiz um curso técnico em Informática, o qual também não concluí. Lá a vida é muito difícil. Na roça, não é sempre que dá bem; na cidade, não tem trabalho para os jovens. Nem para quem terminou os estudos. Nunca pensei em sair do interior e ir para a cidade, porque, lá na capital Porto Príncipe, o desemprego e dificuldade são maiores. Vim para o Brasil na esperança de uma vida melhor, poder ajudar meus irmãos mais novos, principalmente eu poder voltar a estudar e, um dia, chegar à Universidade, meu sonho desde o Haiti era ser agrônomo. Comecei trabalhando em 2012, em uma empresa de tubos de cimento, mas como o salário era muito baixo fui procurar outro trabalho no SINE e hoje trabalho em uma metalúrgica, trabalho em uma máquina, no acabamento das peças de motores de carro. Acho que me pegaram porque falava um pouco de português. Tenho um bom relacionamento com os colegas, eles me ajudam com o idioma, têm muita paciência comigo, e o chefe parece que gosta de meu trabalho, ele diz que ganhei logo experiência. Tenho muitas saudades do meu país, mas meu projeto é ficar aqui, viver aqui e ir visitar minha família.

lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita embaraço (BOURDIEU, 1998, p. 24).

Sayad (2000) destaca que o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos (as) os (as) imigrantes. Ele afirma que o retorno é, para o (a) próprio (a) imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva. Como o retorno nem sempre é possível, só lhes resta, então, refugiaram-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra, buscando resgatar sua cultura nesse novo espaço, inserindo-se e adaptando-se à nova cultura.

Esse sonho nostálgico será expresso a partir do processo de inserção desses imigrantes. Na pesquisa de campo, era observável o cultivo dos costumes haitianos, como escutar sua música, preparar a comida típica, falar o crioulo entre si e, ao mesmo tempo, a luta, não menos sofrida, em absorver a cultura brasileira e sul-rio-grandense, para se sentirem aceitos.

Os processos migratórios não só interferem na urbanização do local, como também influenciam nos processos de identificação. Quando a pessoa emigra fisicamente, isso não quer dizer que tenha também emigrado emocionalmente, pois ultrapassar as fronteiras geográficas não se constitui na principal tarefa da migração, mas sim transpor as barreiras sociais, econômicas, culturais e linguísticas. As diferenças culturais podem ser um grande desafio para adaptação ou interação com o meio. Esse percurso buscarei apresentar no quarto capítulo. Quando se está vivendo no país no qual se é estrangeiro, a melhor forma de aproveitar tudo o que o lugar, sua gente e a sua cultura têm a oferecer, é tentar entender e respeitar as diferenças. Até porque se alguém tiver que mudar para se adaptar, não vai ser o local, mas o imigrante. Os imigrantes haitianos observados em campo vêm tentando se integrar à sociedade sul-rio-grandense, lentamente e à sua forma. A “adaptação”, conforme Berry (2002) implica desaprender algum repertório comportamental que não é mais apropriado e aprender um novo repertório que seja compatível com o novo contexto social e cultural. Para Sebben (1996), a pessoa é levada a pensar e raciocinar no idioma da comunidade local dentro de um contexto diferente do que está acostumado.

Adaptar-se a uma nova realidade cultural não significa abrir mão da própria identidade, mas, simplesmente, tornar a vida mais confortável e mais rica por meio da aceitação das diferenças. Partindo dos relatos dos imigrantes haitianos, procurarei esboçar

como está se dando seu processo de adaptação cultural no Rio Grande do Sul e como está sendo negociada sua inserção. Essa será a proposta do quarto capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO IV

REINSCRIÇÃO IDENTITÁRIA E INSERÇÃO

1 Reinscrição identitária dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul

Sonho imigrante

A terra do sonho é distante
e seu nome é Brasil
plantarei a minha vida
debaixo de céu anil.
(...)
talvez nunca mais eu veja
minha terra natal.
Aqui sou povo sofrido
lá eu serei fazendeiro
terei gado, terei sol
o mar de lá é tão lindo
natureza generosa
que faz nascer sem espinho
o milagre da rosa.
O frio não é muito frio
nem o calor é muito quente
e falam que quem lá vive
é maravilha de gente.

Milton Nascimento

Constata-se que a aceitação do imigrante pela nova sociedade depende, ao menos em parte, da sua inserção no meio em que vive. Somente depois de minimamente integrado, é que ele deixará de ser visto como estrangeiro, como “outro”, e passará a fazer parte efetiva da comunidade, sendo sujeito e não apenas mais um número nas estatísticas migratórias. Supõe-se que essa inserção deva ser feita sem desrespeitar ou deturpar os valores culturais originários do estrangeiro e, por outro lado, também sem a violação dos valores culturais da sociedade receptora.

Devemos incorporar em nosso modelo de como a cultura é gerada tanto um olhar dinâmico sobre a experiência, resultado da construção de eventos pelos indivíduos, como um olhar dinâmico sobre a criatividade, resultado da luta dos atores para superar a resistência por parte do mundo (BARTH, 1989, p. 134).

Laraia (2001) conceitua a cultura a partir de uma leitura antropológica, de modo que, para viver em uma cultura diferente, é preciso ter um olhar renovado e uma forte disposição em conhecê-la:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. [...] podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas, o fato de mais imediata observação empírica (LARAIA, 2001, p. 36).

Percebi que os imigrantes haitianos, que acompanhei desde 2012 em minha pesquisa de campo, estão inseridos no mercado de trabalho formal, em setores como o da construção civil, da metalurgia e da indústria alimentícia. Falando ainda com pouca fluência o idioma português, eles se comunicam entre si pelo uso do crioulo, que é o dialeto do país, a segunda língua oficial do Haiti, depois do francês. Eles mantêm firme sua cultura, expressa na língua, na alimentação, na música e nos costumes. Constatei que o processo de inserção, embora esteja lento, manifesta-se por uma boa adaptação à cultura brasileira.

Os relatos dos imigrantes haitianos, no decorrer da etnografia, expressam o quanto eles se sentem bem acolhidos pelo povo brasileiro. Os que já passaram alguma experiência anterior de imigração em outro país conseguem, inclusive, fazer comparações.

Jourdanie é uma jovem haitiana que vive em São Leopoldo, RS. Em um de nossos encontros, relatou, com emoção, o quanto é diferente ser imigrante na República Dominicana¹¹¹ e no Brasil:

¹¹¹ Antes do terremoto, a classe política haitiana via seu vizinho a leste com extrema cautela. O tratamento duro dado aos imigrantes haitianos por parte da República Dominicana e um ódio persistente envolvendo o massacre de dezenas de milhares de trabalhadores haitianos, ordenado em 1937, pelo ditador dominicano Rafael Trujillo, alimentam o ressentimento, além de uma dose de inveja em relação à relativa prosperidade do vizinho de porta do Haiti. Algumas pessoas da situação política dominicana, por sua vez, há muito tempo veem o vizinho com ressentimento em relação à anexação de duas décadas da antiga colônia espanhola de Santo Domingo, por parte do Haiti, nos anos de 1800. Nas últimas décadas, o governo dominicano se concentrou em evitar um grande fluxo de imigrantes haitianos, ao mesmo tempo em que dependia da mão-deobra barata haitiana para a construção civil e a cana de açúcar. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,MUL1481835-5602,00.html>.

Isit la yo bay valè pou nou, kilti nou, fason nou pale lang nou an. Lè nou soti nan lari, moun yo salye nou, yo apwòch nou epi yo kirye de kilti nou ak lang nou an. Nan Repiblik Dominikèn yo te imilye nou kòm imigran, menm ke nou gen menn koulè ak dominiken, menn san ki koule nan venn, nou pa te kapab deklare nou se ayisyen. Lè yon dominikèn komèt nenpòt krim oswa ofans, lapolis la toujou akize ayisyen. Nou te soufri prejije, se pa pou koulè, men paske nou ayisyen, se yon kerèl istorik. Pale panyòl te obligatwa nan travay, chef entrepris la te entèdi nou pale kreyòl (JOURDANIE, 24 anos)¹¹².

Pensativa, Jourdanie expressava na fala e no olhar a memória coletiva e, ao mesmo tempo, a memória subterrânea, da imigração haitiana na República Dominicana. Percebi que não são todos os haitianos que falam sobre esse passado, muitos procuram esquecê-lo. A questão da memória está na interseção entre história e identidade coletivas. Assim, a memória é imprescindível para a reconstituição do passado, seja individual ou coletivo, sendo considerada, portanto, um recurso fundamental para a apreensão da identidade e da história (Halbwachs, 1996). Depois desse relato, ela sorriu e disse: *“Fait selman kenz jou mwem rive ici. Mwem kontan anpil, paske moun ki brezilyen aprecie nou anpil, akey nou bien. Mwem santi alese na mitam brezilyen yo”*¹¹³. Ela explicou que a esposa de um colega de trabalho do seu noivo iria acompanhá-la para procurar emprego, ainda naquela semana. Jordanie é noiva de Enel, ele está há dois anos no Brasil e já conseguiu residência. Ela diz que quer logo arrumar trabalho, vai buscar alguma vaga no SINE, tem experiência, desde a passagem pela República Dominicana, como garçõnete. Também, trabalhou em padaria e foi cozinheira em restaurante. Tem projeto para ficar no Brasil, depois de obter o visto permanente. Segundo Clifford Geertz (1974), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu (...)”. Nesse sentido, de teia social, a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam as posições dos grupos e, conseqüentemente, orientam suas representações e práticas culturais. Tenta-se, pois, buscar a redenção de um “sentimento de pertencimento” (CIAMPA, 1989, p. 66).

Para o haitiano Dieumercy, 25 anos, os brasileiros os acolhem como irmãos. São bem companheiros, no trabalho, os colegas os acompanham (“yo mache ak nou toupatou”). Ele

¹¹² Tradução livre da autora: Aqui nos valorizam, nossa cultura, nosso jeito, nossa língua. Quando saímos nas ruas, as pessoas nos saúdam nos cumprimentam, se aproximam de nós e têm curiosidade em conhecer nossa cultura, nosso idioma. Na República Dominicana, enquanto imigrantes, éramos humilhados, mesmo tendo a mesma cor de pele, o mesmo sangue que corre nas veias, não podíamos nos declarar haitianos. Quando algum dominicano cometia algum crime ou infração, a polícia sempre acusava os haitianos. Sofria preconceito, não pela cor, mas pelo fato de ser haitiana, é uma rixa histórica. Falar espanhol era obrigatoriedade no trabalho, era proibido falar crioulo (JOURDANIE, 24 anos).

¹¹³ Faz somente quinze dias que eu cheguei aqui. Estou muito feliz, porque o povo brasileiro gosta de nós, nos acolheu bem. Eu me sinto à vontade entre o povo brasileiro.

relata que os brasileiros, caminham com os haitianos por todos os lugares. Ajudam a fazer os documentos, mostram como tomar chimarrão, no inverno, com o frio, o que segundo ele é muito bom. Colegas convidam os haitianos para comer na casa deles.

A teia da imigração, enquanto uma rede complexa pode ser compreendida a partir de uma etnografia que busque entender as várias vozes que aparecem no discurso do imigrante. Aquelas vozes que ainda estão em um processo de conhecimento da nova cultura, portanto são as vozes em conflito; as vozes indiferentes, as que se adaptam às conveniências da nova cultura, sem questionar muito, aparecem como vozes apagadas. E as vozes em acordo, as que se adaptam, sem negar sua identidade, e vivem de forma tranquila, acolhendo o que é estabelecido pela cultura que os recebeu.

Na convivência em São Leopoldo, Robert expressou que aprecia a forma como os brasileiros valorizam, respeitam e têm curiosidade em conhecer a sua língua, sua cultura. Diz que ainda não sentiu racismo por parte dos brasileiros. Segundo ele tem muitos negros em São Leopoldo. Diz não sentir rejeição por parte dos brasileiros. Diz sentir-se acolhido na empresa pelos colegas e na igreja protestante a qual frequenta desde que chegou.

Nessa “teia” da imigração, existem várias questões de cunho político e social: a soberania, o nacionalismo, a segurança, a economia, o mercado de trabalho e a proteção da mão de obra local. Nesse sentido, a imigração não se trata apenas do fluxo de seres humanos de um lugar a outro; talvez, se fosse assim, o fenômeno migratório seria menos complexo, mas ele é uma rede que envolve o imigrante nas dimensões física, psíquica e social.

Mwem kite Sen Domingue, kote mwem te soufri meprize ak racisme bo kote dominiken. Icit, jiska prezan, pagem sa. Kolèg ki travay nan enterprise te kón evite nou pou n manje la kay yo. Yo vini icit fe manje, *churrasco*, nou fete ensemble. Lé nou fenk rive, yo mene nou toupatou nan Vil la. Montre tout. Guenheim yon docteur, medicien ki fe sa pou nou. Montre Lajeado ak lot vil ki pre. Mwem we ki brezilien aprecie anpil ayisyen. Kolèg chèche mennaj pou nou (risos). Nou senti kè nou kontam, paske malgre nou loin fanmi nou, icit nou kapab di: moun akeyi e respekté nou, fason nou ye, meme se nou soty nan yon lot pays, meme nou guenheim kilti ak lang diferan (DIEUMERCY, 25 anos)¹¹⁴.

¹¹⁴ Tradução livre da autora: “Eu sai de Santo Domingo, República Dominicana, lugar onde eu sofria desprezo e racismo por parte dos dominicanos. Aqui, até este momento, não tem isto. Os colegas que trabalham na empresa costumam nos convidar para comer na casa deles. Eles costumam vir aqui na nossa casa, para comer, fazer *churrasco*. Quando nós recém havíamos chegado, eles nos levaram conhecer todos os lugares na cidade. Mostraram tudo. Tem um doutor, um médico de Encantado que fez isso também, nos mostrou Lajeado e outras cidades vizinhas. Eu percebo que os brasileiros gostam de nós. Os colegas procuram namorada para nós (risos). Sentimo- nos felizes, por que apesar de estarmos longe de nossa família, podemos dizer que as pessoas daqui nos acolhem e respeitam o nosso jeito de ser, mesmo se estamos longe de nosso país, mesmo que temos uma cultura diferente, idioma diferente” (DIEUMERCY, 25 anos).

1.1 A imigração haitiana e seu caráter laboral

Gede Daniel, 31 anos, diz ter muitos amigos brasileiros, nas duas empresas em que trabalhou, disse sempre sentir-se muito bem. Segundo ele, o povo brasileiro quer bem os haitianos.

Apresentei, ao longo desta dissertação, que a imigração haitiana tem, nitidamente, um enfoque laboral, e o próprio Ministério do Trabalho e Emprego reafirma recentemente esse aspecto, criando, inclusive, um Grupo de Trabalho para aprofundar a temática. O documento cita entre os grupos que entraram no Brasil, os imigrantes haitianos, para os quais foram emitidas, até setembro de 2014, 11.897 carteiras de trabalho¹¹⁵. Foi a falta de trabalho no Haiti que motivou a chegada dos haitianos ao Brasil.

Sayad (2000) destaca que o fenômeno migratório está sempre associado a uma necessidade–ausência: trabalho. Segundo ele, é pela falta de trabalho que milhares de pessoas abandonam o espaço físico e geográfico no qual foi construído todo o seu sentido de ser e de pertencer ao mundo. Deixando para trás família, laços de sangue, amores, por um sonho, uma ilusão, uma possibilidade de mobilidade social e econômica. Estando presente em um novo espaço geográfico como imigrante, estando ausentes do anterior (seu país de origem) como emigrantes. Aqui se destaca a complexidade do fenômeno da imigração como um *fato social total*, que Sayad (2008) entende como uma situação em que todas as dimensões que constituem o ser humano como um ser social estão contempladas. O imigrante estabelece uma relação entre tempo e espaço físico, a partir do geográfico, do social, do antropológico, do político, do econômico, do psicológico e do histórico. Essa nova inserção vai exigir um “nascer de novo”, reaprender, reconstruir uma vida, sem deixar de lado seus traços étnicos, sua cultura, seus hábitos e costumes, que perpassam a religiosidade, a socialização, a

¹¹⁵ “MTE cria grupo para estudar a inserção laboral de trabalhadores imigrantes. Brasília, 25/09/2014 - O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) criou um Grupo de Trabalho com o objetivo de aperfeiçoar o processo de integração sócio laboral de imigrantes autorizados a permanecer no país pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg). A Portaria 1.400, que cria o GT, foi publicada nessa quarta-feira (24), no Diário Oficial da União. O GT visa, ainda, articular as ações do MTE a favor destes trabalhadores com foco na Política de Imigração Laboral, emissão de Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), intermediação de mão-de-obra no âmbito do Sistema Nacional de Emprego (SINE), qualificação profissional e inspeção do trabalho. O Grupo terá prazo de trinta dias para apresentar proposta. De acordo com o presidente do CNIg, Paulo Sérgio de Almeida, a vinda de trabalhadores imigrantes ao Brasil é crescente. Ele ressalta que somente no primeiro semestre de 2014 foram emitidas 14.669 Carteiras de Trabalho a trabalhadores de três nacionalidades (Haiti: 11.897, Senegal: 2.071 e Gana: 701), número maior que todo o ano de 2013 (14.174 emissões). O presidente do CNIg pondera que este contingente de pessoas que vêm ao Brasil “tão somente com a expectativa de trabalhar” tem sido especialmente absorvido no mercado de trabalho das regiões Sul e Sudeste do país”. (<http://portal.mte.gov.br/imprensa/mte-cria-grupo-para-estudar-a-insercao-laboral-de-trabalhadores-imigrantes.htm>. Acesso em 22 de dezembro de 2014).

alimentação e o idioma. São essas trajetórias que buscarei traçar neste último capítulo, buscando apresentar alguns traços diacríticos da cultura haitiana.

A antropóloga Manuela da Cunha (1987) ressalta que a seleção de traços culturais por um grupo étnico, geralmente depende dos outros grupos com os quais interage e dos quais quer se distinguir. Não se levando para a diáspora muitos pertences, é preciso escolher os mais significativos, os sinais diacríticos.

A construção da identidade étnica extrai, assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram “outros”, pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram, por isso mesmo sobrecarregados de sentido (CUNHA, 1987, p. 102).

A inserção e reinscrição identitária dos imigrantes haitianos está sendo construída com o apoio de importantes espaços mediadores.

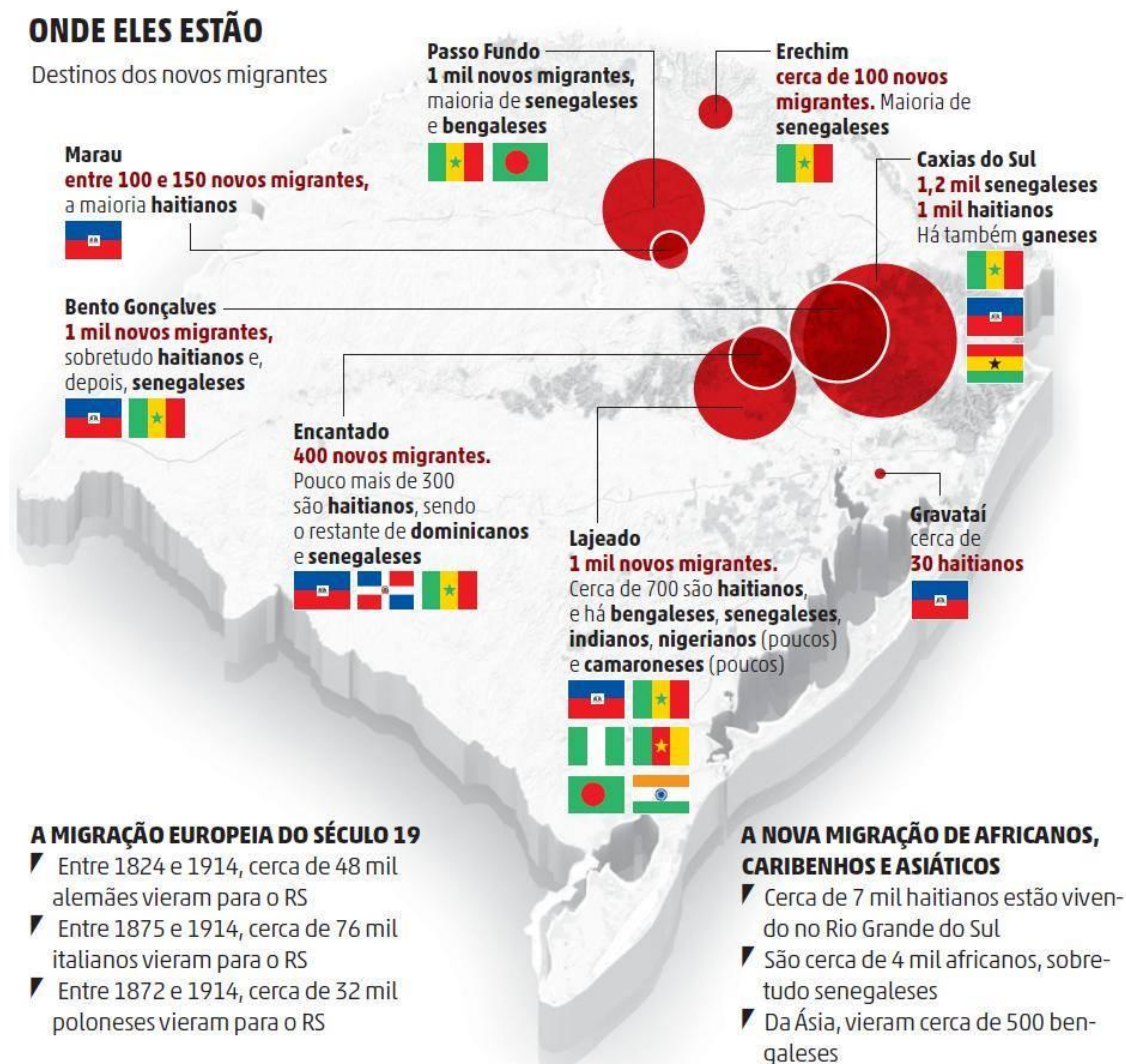


Figura 22: Iconográfico haitianos no Rio Grande do Sul

(Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>)

2 Trajetórias de vida

Roldy Julien, um talentoso jovem haitiano, enquanto imigrante, é um exemplo de superação pela sua trajetória de vida. Antes da entrevista concedida ao Jornal regional *Zero Hora*, Julien já havia conversado comigo duas vezes no trabalho de campo. Posteriormente, ele deu seu relato ao jornal, o qual descreverei como uma trajetória de vida. Roldy Julien, 25 anos, presidente da Associação Haitiana de Encantado. Ele fez a rota da maioria dos seus compatriotas: foi até Quito, no Equador, e lá tomou um ônibus que atravessou parte do país,

ingressou no Peru e chegou até a fronteira do Brasil, entrando pelo Acre. No Peru, com quatro amigos, foi extorquido duas vezes. Na primeira, o quarteto teve de pegar 500 sóis (moeda peruana) e mais US\$ 300. Receberam um salvo-conduto. Dias depois, perto do Brasil, foram abordados novamente. Veio a notícia de que o papel que tinham em mãos já não valia mais. Dessa vez, Julien foi forçado a pagar sozinho a quantia de US\$ 200. Seu passaporte ainda ficou apreendido por uma semana, tempo em que ele precisou se desdobrar com o dinheiro que lhe restava para garantir teto e comida. Não sei se tem ladrão no Peru. Mas parece que a polícia é pior, desabafa Julien, que, no Rio Grande do Sul, perdeu três dedos da mão direita em um acidente de trabalho (ZERO HORA, 16.08. 2014).



Figura 23: Imigrante Julien

(Foto: Diego Vara, Zero Hora)

Um mês após a entrevista concedida ao jornal *Zero Hora*, encontrei-me com Julien em Encantado. Passamos uma tarde conversando sobre a sua trajetória de vida, suas perspectivas enquanto estrangeiro e como está vendo a inserção dos imigrantes haitianos. Um jovem muito inteligente, que expressa humildade no seu jeito de ser e falar, além de um exemplo de resiliência e superação, devido a um acidente de trabalho que sofreu em 2013, no qual perdeu três dedos da mão direita.

1. “Nom mwen se Julien, mwen rive Brezil nan mwa mas 2013. An Ayiti, mwen te fòmè kòm jounalis nan Inivèsite Cap-Haitien. Nan l’ané 2012-2013 mwen te viv Port-Au-Prince, mwen te fè (2) de semes nan yon inivèsite prive, pou-m te ka etidye medicin. Men sa te koute anpil kòb. Se poutèt sa, mwen te oblige kite etyd ak peyi-m, pou-m te ka migré nan Brezil. Mwen te fè voyage illegal nan peyi Brezil. Mwen te peye yon raketé nan peyi Ekwatè pou-m te ka voyage ansanm ak douz (12) zanmi-m. Ladan yo senk (5) moun te rete nan vil Acre, (7) set moun te ale Bahia, antre yo mwen te la tou. Kèk zanmi-m ki te nan vil Encantado (RS), te invite-m vin-n travay. Mwen te komanse travay nan mwa juin 2013 nan abatwa, kote yo tuye kochon ak poul. 14 desanm 2013, mwen te fè aksidan nan travay; mwen te pedi (3) twa dwèt nan men dwat. Mwen te etène pandan (2) deux mwa nan lopital, nan yon vil ki rele Canoas. Nan épòk sa-a, mwen pat gen api antrepris. Mwen te oblige chèche yon avokat, pou-m te ka jwenn salè l’état (INSS) ¹¹⁶.

Moun yo mande ki jan Julien te kapab supere aksidan, mwen soufri anpil, kriyé, men aprè mwen retounen lopital, mwen leve tèt mwen, sa pa anpeché mwen viv. Si mwen pat gen kouraj mwen te kapab tiye tèt mwen. Nan kilti pa nou, nou viv ak anpil souffrans, pa example: mizè, catastrophe, tranbleman de tè, sa fè nou pi fe-m. Se poutèt sa pèp ayisyen gen anpil lafwa nan Bondye, gen anpil fòs pou travay, pou viv ak lite. Sa se yon eritaj zanzèt nou yo, depi nan epok kolonisayon ak esklavaj. Aprè aksidan, sa fè mwen pa ka al travay nan kèk antrepris, mwen te dedike lavi-m pou-m ekri (2) de liv nan lang franse, kounye-a mwen gen yon twazyèm liv mwen preski fin-n ekri. Premye liv: L’Esprit des noires. Kote mwen pale de kilti ak identite ayisyen. Notre être et notre rasin culturelle. Dezyèm: Les cris de mon Coeur. Sa-a se Roman. Twazyèm: L’histoire de La Coupe Du monde au Brezil nan ané 2014. Depi premye jeu jiska final, mwen souligner le contexte politique de l’évènement. Nan menn liv tou, mwen pale sou santé, paske mwen te fè de (2) semes de medecine mwen pale sou kijan pou nou okipe sante kò nou. Impôtans Sport pou la Santé¹¹⁷.

¹¹⁶ Tradução livre da autora: “Meu nome é Julien Roldy. No Haiti, eu me formei jornalista na Universidade do Cabo Haitiano. Entre 2012-2013, eu vivi em Porto Príncipe, capital, para eu poder estudar. Eu fiz dois semestres de medicina em uma universidade particular. Mas saía muito caro. Por isso, eu me obriguei a deixar os estudos e meu país para migrar para o Brasil. Cheguei ao Brasil no mês de março de 2013. Eu fiz uma viagem ilegal para o Brasil. Paguei um coioote no Equador para poder viajar com doze amigos. Destes, cinco ficaram no Acre e sete foram para a Bahia, entre esses últimos, eu estava. Alguns amigos da cidade de Encantado me convidaram para vir trabalhar no Sul. Eu comecei a trabalhar no mês de junho de 2013, no abatedouro do Frigorífico Dália, onde abatem porcos e frangos. No dia 14 de dezembro de 2013, eu sofri o acidente no trabalho. Eu perdi três dedos na mão direita. Eu internei durante dois meses no hospital, em uma cidade chamada Canoas. Nessa época, eu não tive apoio da empresa, eu me obriguei arrumar um advogado para conseguir um salário do estado (INSS).

¹¹⁷ Tradução livre da autora: “Sobre o acidente: as pessoas me perguntam como eu, Julien, consegui superar o trauma depois do acidente. Eu sofri muito, chorei. Mas depois que eu saí do hospital, eu ergui minha cabeça, e isso não impediu de eu viver. Se eu não tivesse coragem, seria capaz de ter tirado minha vida, me matado. Na nossa cultura, convivemos com o sofrimento, por exemplo, a miséria, catástrofes naturais, terremoto, tudo isso nos fez mais fortes. É por isto, que o povo haitiano tem muita fé em Deus, tem muita força e coragem para trabalhar, para viver lutando. Essa é uma herança de nossos ancestrais, desde a época da colonização francesa e da escravidão. Superação: depois do acidente, eu fiquei impossibilitado de trabalhar em empresas, então, eu dediquei minha vida a escrever. Inicialmente, dois livros na língua francesa, agora eu escrevo um terceiro livro, estou quase terminado. O primeiro livro: ‘O espírito dos negros’, onde eu falo da cultura e identidade haitianas. Nosso ser e nossa raiz cultural. Um segundo: ‘As lágrimas de meu coração’. Um romance. E um terceiro que estou terminado: ‘A Copa do Mundo de 2014 no Brasil’. Desde o primeiro dia até a final, eu destaco o contexto político do evento. Nesse livro, falo, em um capítulo, sobre a saúde, porque eu fiz dois semestres de medicina, eu falo sobre como cuidar da saúde e a importância do esporte para a saúde.

3 Memória e cultura no processo migratório haitiano para o Brasil

A noção de memória proposta, inicialmente, por Halbwachs (2006) e, posteriormente, por Michael Pollak (1989), contribuiu para a discussão quanto à construção de identidades e ao sentimento de pertencimento dos imigrantes.

Agier (2011), em muitos aspectos bastante próximos de Fredrik Barth (2000), resume, assim, esta nova abordagem:

[...] a cultura seria um “vasto celeiro de significações” construído pelas pessoas ao longo do tempo e do qual se utilizam de acordo com as seleções situacionais, o que pode tornar os componentes do celeiro cultural diversos e mesmo contraditórios. O caminho que vai da cultura à identidade, e vice-versa, não é único, nem transparente e tão pouco natural. Ele é social, complexo e contextual (AGIER, 2001, p. 13).

“Repensando” as identidades nacionais, étnicas e religiosas, seus fundamentos e limitações, Baumann (1999) apresenta uma concepção de cultura na dualidade entre algo que se tem e algo que se constrói.

A sua análise parte do princípio empírico de que não existem culturas homogêneas e de que todos os indivíduos, em qualquer contexto social, partilham e mobilizam referências culturais muito diversas, por vezes até contraditórias, sem que isso seja problemático. Baseado nesta constatação, o autor tece uma crítica à noção essencialista de cultura, que nega a heterogeneidade cultural e estabelece fronteiras entre grupos sociais de forma absoluta e artificial. Para ele, é a própria competência dos sujeitos para gerir diferentes códigos culturais e identificações que está na base da complexidade da vida urbana moderna (BAUMANN, 1999, p. 86). Tudo aponta, então, para uma concepção processual da cultura, situada, relacional, dependente do contexto social, econômico e político em que é recriada (BARTH, 2000). A cultura nunca é igual, é sempre uma recriação. O ser humano expressa sua experiência vivida. As especificidades são complexas e possuem um caráter único.

Os imigrantes haitianos têm marcado a sociedade brasileira com sua cultura. Conservando hábitos típicos do seu país, graças aos meios de comunicação e à internet, veem telenovelas e filmes haitianos pelo youtube, bem como programas de rádio e televisão, sejam de entretenimento ou religiosos. Aos domingos, o que mais se escuta em suas residências são as músicas haitianas. Assim conservam seu idioma.

Cultura e etnicidade estão entrelaçadas, o que põe em evidência a diferença (em relação aos "outros") e o embasamento da identidade¹¹⁸.

Um dos mecanismos que se buscou utilizar para evitar o processo de solapamento cultural dos imigrantes pela cultura dos nacionais foi a adoção do multiculturalismo, que defende a possibilidade da coexistência de culturas diversas no mesmo espaço de um Estado-nação. Mas esta questão tem suscitado críticas e controvérsias. A expressão multiculturalismo designava originalmente a coexistência de formas culturais ou grupos caracterizados por culturas diferentes no seio das sociedades modernas, e hoje é vista como um modo de descrever as diferenças culturais em um contexto transnacional e global (SANTOS, 2003, p. 26).



Figura 24: Pilão, utensílio da cozinha haitiana para preparo dos temperos

(Foto: Acervo pessoal da autora)

A cozinha prepara os temperos, “epis”, à moda haitiana, usando o pilão como um rito. Alguns dos imigrantes, criativamente, adaptaram o nosso copo de madeira de fazer caipirinha, transformando-o no importante utensílio da cozinha haitiana, o “*pilon*”. Mesmo sendo difícil consumir diariamente a comida haitiana, pois as principais refeições do dia são feitas nas empresas e o cardápio é brasileiro, eles preparam a sua culinária à noite e nos fins de semana.

¹¹⁸ Giralda Seyferth. A dimensão cultural da imigração. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092011000300007&script=sci_arttext.

Barth (1998) bem destaca que os grupos étnicos são categorias adscritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos. Sendo assim, a fronteira étnica define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange.

Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão. [...] A fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo freqüente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. [...] De outro modo, uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, diferenças de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo (BARTH, 1998, p. 195 -196).

4 Kilti ayisyen¹¹⁹

“Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhores, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros” (LARAIA, 2001, p. 6).

4.1 A música como memória e cultura: som e sentidos

Para Seeger (1983), a *performance* musical possui aspectos fisiológicos, emocionais, estéticos e cosmológicos. Tudo isso está envolvido porque as pessoas fazem e apreciam certas tradições musicais. A música haitiana é rica em aspectos culturais e étnicos, trazendo elementos que resgatam a ancestralidade da África e as produções culturais locais dos povos caribenhos vizinhos.

Em campo, com o grupo de São Leopoldo, constatei alguns hábitos diários dos imigrantes haitianos em conservar e cultivar sua cultura por meio da música e dos programas de entretenimento. Os relatos eram da importância que esses eventos tinham em suas vidas:

¹¹⁹ A cultura haitiana.

Konpa se mizik Ayiti¹²⁰: escutar os vídeos do youtube quando se chega do trabalho, a boa música haitiana. Compa¹²¹: “O ritmo está aqui no coração”.

Mwem renmem koute misik brezilien. Men nou pa kapab bliye culture Pays nou. Mwen renmen koute « Kompas » ki se misik pays nou. Nou toujou kote radio pays nou Caraibes e Metropole gras a service Internet¹²².

O primeiro bem de consumo a ser comprado a crédito, com o primeiro salário enquanto imigrante haitiano é um computador (notebook). Não somente para se comunicar pelas redes sociais com familiares, mas para continuar integrado culturalmente a seu país, escutar a boa música haitiana, as rádios Caraibes e Metropole do Haiti, para terem notícias do país atualizadas. Assistir à televisão Guiné, que transmite os cultos religiosos dominicais e ver no *youtube* os comediantes haitianos Johny Fleurinord (Tonton Dezirab) e Jezifra.

[...] que a música faz, em último caso, é controlar o relacionamento da humanidade com o sobrenatural, intermediando pessoas e outros seres, e dando suporte à integridade dos grupos sociais individuais. Isso é feito expressando os valores centrais relevantes da cultura em formas abstratas... Em cada cultura, a música funcionará para expressar, de uma forma particular, uma série de valores particulares (NETTL, 1983, apud SEEGER, 2008, p. 250)¹²³.

Sendo assim, a memória coletiva haitiana é reconstruída enquanto fator identitário por meio de sua cultura musical. O povo haitiano tem na música uma de suas marcas identitárias. Enquanto imigrante, existe a possibilidade de transportar sua cultura, com certa nostalgia, em tempo real, de escutar sua música, na rádio de seu país. Por outro lado, mais do que um desejo, há uma efetiva necessidade sensível e sensorial de ouvir (isto ou aquilo) num determinado momento, exigência essa que, quando saciada, produz, com efeito, um prazer estético no seu mais elevado grau.

¹²⁰ A música típica do Haiti é o Compas.

¹²¹ O Compas nasceu na década de 1950 e sua aparição está vinculada à criação, em 1954, de um Grupo Internacional de músicos haitianos com Nemours Jean-Baptiste e Webert Sicot. Saxofonistas, foram influenciados pelas músicas latino-americanas escutadas na década de 50 nas rádios haitianas. Há a influência do merengue dominicano de salão, além de influências do ritmo porto-riquenho e cubano. Na década de 60, houve a influência do Rock and Roll, pela introdução de outros instrumentos, como a guitarra elétrica. Hoje o ritmo haitiano é difundido em muitos países do Caribe, como Martinica, Guadalupe, Granada e Dominicana, países da África, como Cabo Verde, e da América, como o Panamá e Canadá.

¹²² Tradução livre da autora: “Eu gosto de escutar música brasileira, mas não posso esquecer a cultura de nosso país. Eu gosto de escutar Compas, que é a música do nosso país. Nós sempre escutamos as Rádios Metropole e Caraibes, graças à internet.

¹²³ A função da música na sociedade humana. NETTL, BRUNO e *Study of Ethnomusicology: Twenty-nine Issues and Concepts*. Urbana IL: University of Illinois Press, 1983. 424 p.



Figura 25: Apresentação da Banda Famosa, por ocasião da Festa das Etnias, em setembro de 2013

(Foto: Acervo pessoal de Julien)

Um evento musical local é também parte de um amplo processo econômico, político e social, que pode contestá-lo mesmo quando o reproduz. Esses processos podem ser significativos, especialmente para questões relacionadas à sociologia da música. Muitas vezes, a música é também parte dos processos políticos, de censura e promoção do Estado ou as avaliações políticas de performance que são frequentemente importantes para se conhecer e estudar. As respostas ao por que as pessoas participam de eventos musicais, quais suas motivações e qual o significado do evento para elas. Essas questões são mais difíceis de responder do que aquelas que podemos descobrir através da observação direta, porque o significado geralmente é o produto de experiências passadas e do relacionamento dos eventos musicais com outros processos e eventos na comunidade. Apesar da sua dificuldade, tais questões são as mais interessantes para os antropólogos. O significado pode ser abordado através do relacionamento entre a origem, a estrutura e os sons da música com outros aspectos da sociedade (SEEGER, 2008, p. 255).

Os imigrantes haitianos no município de Encantado, RS, buscaram se inserir na comunidade local, desafiando-se a participar de um evento municipal, a *Festa das Etnias*. Nesse dia, apresentaram à comunidade o repertório musical haitiano, o sinal diacrítico de seu país, por meio da música, cantada em crioulo, do ritmo e da *performance* caribenha. Segundo o relato dos participantes, a comunidade encantadense apreciou muito o momento e, na classificação final, os imigrantes haitianos tiraram o primeiro lugar.



Figura 26: Imigrantes Haitianos participando da festa das Etnias, em Encantado- RS

(Foto: Acervo pessoal de Julien)



Figura 27: Apresentação da Festa Drapo Ayiti, em Encantado - RS

(Foto: Eliete Maria Bouvié)

Além do cultivo de suas raízes culturais, por meio da criação de uma banda haitiana, há também um esforço por parte dos imigrantes em acolher e se integrar à nova cultura.

Mwen pa gen difikilte pou-m adapte-m nan Brezil. Mwen pa gen gwo problem ak kilti brezilien; mwen fè anpil éfò pou-m integre-m nan (2) de espas kiltirel nan Vil Encantado: Orkès Municipalité Encantado ak koral lakomin. Mwen gentan gen (6) six mwa nan Koral ak (1) un an nan Orkès. Lè mwen te entre nan Orkès, mwen te jwe guita; aprè aksidan nan men mwen chante. Animatè, maestro Orkès la valorize konesans mwen, paske mwen pale 5 lang: franse, kreyòl, panyòl, anglè ak potigè. Nou te organize plizyè animasyon ak presantasyon nan kèk lòt vil ki tou prè Encantado¹²⁴ (JULIEN, 25 anos).

O haitiano Julien expressa alegria e realização pessoal em participar de espaços culturais brasileiros. Ele é sempre assíduo nos ensaios, realizados aos sábados.

Li pa fasil pou yon pep imigran renmen yon lot peyi si l pa santi l lap viv alez jan tou moun ta renmen viv la, lap toujou panse a tounen lakay li ou ale nan yon lot peyi kote imigran gen plis vale. Avek yon espri pi laj e kreyatif mwen antre nan koral minicipal vil la ak tout okest minicipal vil la, yon fason pou m we si m ka antre nan kilti peyi a jan m ta sipoze fet la. Nan konmansman se pat fasil, men chak jou ki passe sa ap vi n pi fasil mwen kwe. Pagen trop problem ak kilti peyi paske mwen patisipe nan anpil fet kiltirel vil la et peyi a tou. Malgre gen difikilte pa nou men, nan gade ki jan nou ka kontinye antre pi fon nan sa ki gen a we ak kilti peyi. Tout moun se citoyen peyi kote ou reside a alors mwen kwe se devwa tout imigran pou antre nan system peyi kote yap viv la, et se dwa pitit tè a pou ede imigran na renmen kilti pa w la¹²⁵.

Ele esteve em Santa Maria, RS, participando do Encontro de Corais.

Em comemoração aos 90 anos da Eny Calçados, a Fundação Eny promoveu, em Santa Maria, o 1º Encontro de Corais, em 20 de setembro 2014, no Centro Mariano de Eventos. Participaram do encontro seis conjuntos de todo o Rio Grande do Sul, executando desde clássicos eruditos, como “Ave Maria”, até repertório da Música Popular Brasileira, Rock e,

¹²⁴ Tradução livre da autora: “Eu não tenho dificuldade para me adaptar ao Brasil. Eu não tenho grande problema com a cultura brasileira. Eu fiz muito esforço para me integrar em dois espaços culturais na cidade de Encantado: Orquestra Municipal de Encantado e no Coral Municipal. Eu tenho seis meses no Coral e um ano na Orquestra, eu tocava guitarra, mas depois do acidente, na mão, eu passei a cantar. O maestro da orquestravaloriza o meu conhecimento, porque eu falo cinco idiomas: francês, crioulo, espanhol, inglês e português. Organizamos várias animações e apresentações em algumas cidades próximas a Encantado”.

¹²⁵ Tradução livre da autora: “Não é fácil para um povo imigrante, em outro país, se ele não se sentir bem, à vontade, do jeito que todo mundo gosta de se sentir. Ele vai sempre pensar em querer retornar ao seu país, sua casa, ou querer ir para outro país, onde tem mais valor. Eu, com um espírito aberto e criativo, entrei no coral municipal e na orquestra. Penso ser uma forma para eu ver se consigo me integrar na cultura do país. No início, não foi fácil, mas a cada dia que passa acredito que será mais fácil. Eu não tenho grandes problemas com a cultura do país, porque eu participo de muitas festas culturais na cidade e no estado também. Apesar das dificuldades, nós queremos continuar vendo de que forma somos capazes de entrar, mais a fundo na cultura do país. Penso que todo mundo é cidadão no país onde reside, então, eu acredito ser dever de todo imigrante entrar no sistema do país onde está vivendo. É direito do imigrante receber ajuda do país que o acolhe, para continuar a amar a sua cultura de origem.

claro, música nativista, em celebração às comemorações da Revolução Farroupilha e do Dia do Gaúcho. O encontro contou com a participação do Coral de Vozes do Vagão (Colégio Militar de Santa Maria), Coral da Associação de Professores Universitários de Santa Maria (Apusm) e do Coral da Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra). Completam as atrações o Coral da Companhia de Processamento de Dados do Estado do Rio Grande do Sul (Procergs), o Coro de Câmara da Universidade Federal de Santa Maria e o Coral Municipal de Encantado¹²⁶.



Figura 28: Apresentação do Coral Municipal de Encantado, em Santa Maria- RS
Da esquerda para a direita: o haitiano Julien Roldy.

(Foto: Acervo de Julien Roldy)

¹²⁶ Coral Municipal de Encantado – Regente: Leo Fuhr. Apresentação em Santa Maria, RS (http://www.eny.com.br/Novidade_Encontro_de_Corais_celebra_os_90_anos_da_Eny_Calcados_em_Santa_Maria-324.html).



Figura 29: Coral Municipal de Encantado-RS

(Foto: Acervo de Julien Roldy)



Figura 30: Orquestra Municipal de Encantado-RS

(Foto: Acervo pessoal de Julien Roldy)

5 Desafios e sonhos

5.1 Desafios enfrentados pelos imigrantes

Durante o trabalho de campo, conheci vários jovens haitianos, com diversas formações: Jornalismo, Arquitetura, Engenharia, Administração, Enfermagem. Técnicos em Mecânica, Informática e Eletricidade. A constatação é que, embora eles tenham uma formação acadêmica ou técnica, não conseguem postos de trabalho que venham de encontro a suas expectativas. Esse fator é o que causa o maior mal estar e, muitas vezes, frustração entre os jovens haitianos, principalmente os que estão nos frigoríficos.

*Sa mwen konstate: Plize migran soufri stres, depresyon; autorite publik yo pa sousye de sa. Mwen konnen Brezil fè yon bel jès diplomatik, pou imigran vini travay isit. Men manke ancadreman pou jen-n migrant ki vini isit ak formasyon déjà nan inivèsite. Salaire jenn yo touché nan antrepris pa ka aide yo etidye nan yon Inivèsite*¹²⁷.

“Kisa mwen wè ak pansè: Mwen observe gen anpil lòt ayisyen ki ta renmen patisipe nan aktivité kiltirel nan vil la; men otorite lokal yo, pa invite nou. Si yo te invite nou, sa te kapab pemèt nou integré nan aktivite kiltirel zone nan, sa vle di yon espas kote nou te kapab divulge kilti ak idantite nou. Nan moman sa-a, nou pa santi nou integré nan kominote, pa gen anbyans. Sa ki interese kèk moun nan antrepris yo, se fòs travay nou. Depi mwen te rive nan vil Encantado, sa fè mwen mal anpil, paske pa gen ancadreman pou jen-n ayisyen ki gen fomasyon akademik, ki fini etid akademik ou kou teknik”¹²⁸.

Busquei constatar, a partir dos relatos, os principais desafios enfrentados pelos imigrantes haitianos, no contexto sociocultural gaúcho; os fatores que obstaculizam o processo de inserção na nova cultura, no idioma, nos costumes e na identidade étnica.

¹²⁷ Tradução livre da autora: “Isso eu constato, muitos imigrantes sofrem de estresse, depressão, e as autoridades públicas não estão preocupadas com isso. Eu reconheço, o Brasil fez um belo gesto diplomático para os imigrantes virem trabalhar aqui. Mas faltam oportunidades e valorização para os imigrantes jovens que vieram para cá com formação universitária. O salário que os jovens recebem na empresa, não dá para ajudar eles a pagarem uma universidade particular”.

¹²⁸ Tradução livre da autora: “O que eu observo é que têm muitos outros haitianos que gostariam de participar de atividades culturais na cidade. Mesmo as autoridades locais, não nos convidam. Se nos convidassem, isso permitiria de nos integramos em atividades culturais na localidade. Quer dizer, termos um espaço onde pudéssemos divulgar nossa cultura e identidade enquanto haitianos. Neste momento, eu sinto, percebo, que nós haitianos não estamos totalmente integrados culturalmente, não tem espaço, ambiente, o que interessa para a empresa, é a nossa força de trabalho, desde que eu cheguei a Encantado. E isso me faz muito mal, porque não tem inserção no mundo do trabalho, para os jovens haitianos que têm formação acadêmica, que terminaram os cursos universitários ou técnicos”.

De acordo com Giddens (2005, p. 143-144), as nações são comunidades étnicas e, nelas, os envolvidos devem obrigações especiais aos demais membros, mas nem sempre reconhecem dever essas obrigações aos de fora. A questão é se a ideia de nação pode ser compatível com um pluralismo étnico e cultural, uma vez contrapostas as ideias dos pensadores da direita (para quem, na defesa da comunidade nacional, deve existir uma constante vigilância contra o inimigo) e as ideias de multiculturalismo radical dos libertários e de alguns da esquerda (que abraçam o pluralismo cultural qualquer que seja seu preço para a solidariedade mais ampla). Segundo Giddens (2005), a integração do imigrante à comunidade local tem potencial efeito benéfico.

O segregacionismo não se justifica, uma vez que:

[...] estudos realizados pelo mundo todo mostram que ela geralmente se prova vantajosa para o país hospedeiro. Os imigrantes normalmente querem trabalhar e são com frequência mais “criativos” (grifo meu) que a população autóctone. Eles querem prosperar e, ao fazê-lo, tornam-se consumidores, mais criando que usurpando empregos. As próprias diferenças culturais que podem causar ressentimento ou ódio tendem a ter o efeito de energizar a sociedade em geral. (GIDDENS, 2005, p. 147-148).

Outra dificuldade e desafio expressos, que refletem o pensamento da maioria dos jovens haitianos com que conversei, é a pouca valorização das manifestações culturais haitianas, pelos espaços públicos ou privados (meios de comunicação social, como o rádio e a televisão) brasileiros. Nas palavras de Julien, a preocupação das mídias é mostrar as deficiências econômicas do país, e não valorizar o que a cultura caribenha tem, o que acrescentar em termos culturais para o Brasil, país que os acolhe.

Dwa sityayen kom migran: Nan peyi nou, yo considere tou ayisyen ki nan etrange kòm dyaspora. Par exemple nan peyi Etat –Uni migrant yo kapab vote men lè nou deyò peyi nou. Etat-Uni investi nan peyi nou ak fòs travay nou. Menn lè nou se migran nan peyi-a, otorite yo ta dwe bannou espas pou nou jwe wòl nou tankou sityayen. Par exemple: nan Brezil nou ta renmen gen yon espas nan radyo pou yon emisyon ayisyen. Gade mwen pa konnen nan lòt departeman yo: São Paulo, Santa Catarina, men isit la mwen eseye pale ak direktè nan radyo lokal pou fè emisyon yon fwa pa semaine; direktè banou selman 5 minit. Eske ou kapab imagine nou plis ke 300 ayisyen nan vil la, nou t-ap santi nou kontan si nou te kapab koute misik kreyòl jwe nan radyo. Konsa nou te kapab santi nou lakay nou. Aprè yon semaine fatig nan travay 10 heur de tan par jou, de 5 heur du matin jiska 5 heur aprè midi. Si nan samdi nou te kapab koute yon emisyon ki pale de kilti nou ak pase misik ayisyen, sa t-ap fè nou plezi anpil¹²⁹.

¹²⁹ “Em nosso país, eles, o governo, consideram todo o haitiano que é imigrante no estrangeiro como “diáspora”. Por exemplo, nos Estados Unidos, um imigrante pode votar. Mesmo estando fora do país. Os Estados Unidos investe em nosso país, em nossa força de trabalho. Mesmo sendo imigrantes, no país, as autoridades deveriam nos dar espaço para desenvolvermos nossos direitos civis. Por exemplo, no Brasil, nós gostaríamos de ter um

Malheureseman, nou pa gen ankadreman a nivo lokal ak rejyonal, otorité yo pa enterese nan konnen realite lót peyi ak migran. Yon Example tris: gen yon otorité nan vil Caixas do Sul ki te fè on deklarasyon nan jounal, konsa: Ayisyen ak Senegalè vin-n pot mizè nan peyi Brezil, si se te nan yon lèt peyi, li te resevwa punisyon pou diskriminasyon kóm represantan pèp la. Li ak lót politisyen pa songe nou se moun ki vini anpil, ki vinn bay plis riches pou entrepris yo ak fòs travay nou. Sa fè mwen mal anpil, paske mwen wè nan kèk antrepris yo eksplòre fòs travay migrant yo ¹³⁰.

5.2 A imprensa e os imigrantes haitianos

Foram muitas as reportagens realizadas pelo jornalismo gaúcho sobre a imigração haitiana no Rio Grande do Sul. A percepção que tive pelas leituras, o que veio a se confirmar no relato dos imigrantes, é que o enfoque é sempre dado à pobreza do país de origem e à vitimização do imigrante, com uma dose de preconceito. Uma das últimas matérias veiculadas na televisão dedicou apenas 5 minutos para falar sobre o preconceito para com imigrantes negros no Rio Grande do Sul. Entrevistou um jovem que tem pós-graduação e é músico. A matéria falou mais sobre a doença do ebola. Nenhum questionamento sobre a cultura, a música, costumes do grupo entrevistado. Um dos imigrantes expressou, na etnografia, o quanto isso atrapalha a inserção e a acolhida no país. O desconhecido não é valorizado e, conseqüentemente, não poderá ser visto sem preconceito. De acordo com Cádima et al. (2003, p. 5):

Como sistema de representação e atendendo especificamente à sua função social, o fato é que a mídia raramente assume com a clareza e rigor desejáveis a essa sua responsabilidade. Deste modo, o discurso sensacionalista, a linguagem do espetáculo do real, a atualidade trágica e a catástrofe, o fait-divers, a curiosidade e o monstruoso, etc., vão preenchendo o campo narrativo dos *media*, deixando pouco

espaço na rádio, para uma emissão haitiana. Eu não sei em outros estados, São Paulo, Santa Catarina. Mas aqui, eu tentei uma vez falar com o diretor da rádio local, para fazer uma emissão uma vez por semana, o diretor deu-nos 5 minutos. Você é capaz de imaginar, nós, mais que 300 haitianos na cidade, nos sentiríamos contentes, se pudéssemos escutar música em crioulo na rádio. Assim, nos sentiríamos um pouco mais em nossa casa. Depois de uma semana de cansaço no trabalho, 10 horas por dia, das 5 horas da manhã até às 5 horas da tarde. Se, no sábado, nós pudéssemos escutar uma emissão que falasse de nossa cultura, que rodasse a música haitiana, nos traria um grande prazer”.

¹³⁰ Tradução livre da autora: “Infelizmente, nós não temos espaço em nível local e regional, as autoridades políticas não se interessam em conhecer a realidade dos imigrantes e de seus países de origem. Um exemplo triste, uma autoridade (vereador) que fez uma declaração na televisão e jornal: haitianos e senegaleses vieram trazer miséria para o Brasil. Penso que se fosse em um outro país, ele teria recebido punição por discriminação como representante do povo. Ele como outros políticos, não lembram que somos pessoas, enquanto imigrantes, viemos para trabalhar e viemos dar mais riquezas para as empresas. No ano de 2012, o frigorífico matava 800 porcos por dia, em 2013, passaram para 2800, e em 2014, para 3.000 porcos por dia, a produção cresceu com a força de nosso trabalho. Isto me deixa muito triste, porque vejo que muitas empresas exploram a força de trabalho dos imigrantes”.

espaço ao rigor, à contextualização e, enfim, ao humano (CÁDIMA et al, 2003, p. 5).

Cogo (2001) ressalta que, no relato do processo migratório, a mídia universaliza a categoria de imigrante, ignorando o pluralismo cultural e a interculturalidade:

A universalização da categoria de "imigrante" ou das categorias étnicas implicadas nos processos migratórios é outro registro encontrado nas operações discursivas das mídias. Quando não são designados de forma genérica como "imigrantes" ou "estrangeiros", a despeito da imensa variedade de origens e experiências culturais que representam, são as nações, as regiões, os continentes ou mesmo a cor da pele, que servem de referência para atribuição de nomeações étnicas igualmente genéricas, como latino-americanos, caribenhos, asiáticos, paquistaneses, coreanos, bolivianos, brasileiros, brancos, negros, etc. [...] Essa "etnização" ou "racialização" das dinâmicas migratórias pressupõe não apenas certa homogeneidade, por parte das mídias, nas representações da imigração, mas sugere igualmente um esvaziamento do pluralismo cultural em que se ancoram as trajetórias dos imigrantes e sua inserção em distintos contextos socioculturais, favorecendo o apagamento ou diluição de outras posições identitárias, como as de classe, gênero, idade, religiosidade, etc., que compõem e dinamizam essas trajetórias (COGO, 2001, p. 19-24) ¹³¹.

La Pres: Tout journal departeman ak Region: RBS, ZERO Hora, pa parèt pou fè reportaj pou bay visibilite sou kisa nou fè, kijan nou viv, ak montre riches kilti pa nou. Yo te vini selman nan ané 2012, lè premye gwoup migran te rive Encantado (RS). E kounye-a, yo te vini fè lòt reportaj, sa yo plis ekri ak pale nan jounal, radio ak televisyon se sou mizè peyi nou, poukisa nou te kite Ayiti, yo montre toujou sa ki pa bon nan peyi nou: povrete. Se konsa tou, yo pale de Senegalè ak Dominicain. Kounye-a se pa selman fòs travay nou genyen pou nou ofri nan Brezil. Men kounye-a se kisa nou kapab kontribuye nan devlopman kilti brezilien ak Riograndense? La pres ak media mete nou nan situasyon maleres, yo pa interese montre pou sosyete vale ak riches kilti nou (Mizik, Mange, Artesanía, ...etc). ¹³²

Nan period koup du monde, yo te dekore principal shopping nan vil la ak drapo nasyon imigran ki viv ak fè istwa nan vil la, par exemple: Argentine, Colombie, Almagne ak Itali. Lè mwen gade, mwen pa wè drapo Ayiti sa te fè mwen mal anpil. Lòt migrant ayisyen yo pa observe sa, le-w gade, se yon kote, yo toujou al achte. ¹³³

¹³¹ Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. *Comun. Inf.*, v. 4, n. 1/2, p. 11-32, jan./dez. 2001.

¹³² Tradução livre da autora: "A imprensa: Todos os jornais, do estado e região, RBS, Zero Hora, não aparecem para fazer reportagens que dem visibilidade sobre o que fazemos, como vivemos, para mostrar a riqueza da nossa cultura. Eles vieram somente em 2012, quando chegou o primeiro grupo de imigrantes em Encantado. E agora que veio fazer outra reportagem a ZH. O que mais escrevem nos jornais e falam na televisão, rádio, é sobre a miséria de nosso país, porque deixamos o Haiti, mostram sempre o que não é bom em nosso país: pobreza, falam dos senegaleses, dominicanos. Agora, vejo que não é só a força de trabalho que nós temos para oferecer ao Brasil. Mas podemos perguntar, o que somos capazes de contribuir no desenvolvimento do país, da cultura brasileira e rio-grandense? A imprensa e a mídia nos colocam em uma situação de coitados, miseráveis, não lhes interessa mostrar para a sociedade os valores, a riqueza de nossa cultura (a nossa música, comida, artesanato, etc.)".

¹³³ "No período da Copa do Mundo, o principal Shopping na cidade foi decorado com bandeiras das nações de imigrantes que vivem aqui, que fizeram história na cidade, por exemplo, Argentina, Colômbia, Alemanha e Itália. Quando eu vejo que nossa bandeira, Haiti, não estava ali, senti tristeza. Os outros imigrantes não observaram isto, é um lugar que eles sempre vão, inclusive para comprar".

O relato de Julien reflete um pouco o que Gibney (2009, apud DADALTO, 2013) escreve sobre as mídias e o jornalismo, quando tratam da questão do imigrante de maneira sensacionalista, dando um enfoque mais para as necessidades do país de origem, sem se preocuparem em produzir matérias que apresentem o grupo de imigrantes como colaboradores do país que os acolhe. Os imigrantes, tal como alerta Gibney (2009, apud DADALTO (2013), normalmente são pessoas que passaram a maior parte das suas vidas em um país mais pobre e, agora, têm pouca oportunidade de acumular capital no Brasil, mas sonham em fazê-lo, para retornar à terra natal com o mínimo de dignidade.

[...] Contudo, nas reportagens, não se reflete sobre o ser imigrante, sobre o significado de seu trabalho. As matérias produzidas e analisadas não sinalizam no sentido do preconceito, mas se demonstram claramente uma constante firmeza assentada na ignorância e na indiferença. Indicam, por sua vez, uma excessiva preocupação em repassar informações de órgãos governamentais e uma despreocupação em contextualizar, em humanizar o cotidiano dos cidadãos indocumentados (GIBNEY, 2009, apud DADALTO, 2013, p. 261).

Ainda, segundo Cogo (2013), a partir de dados de notícias veiculadas na mídia brasileira sobre a imigração haitiana, afirma que:

Os espaços da mídia passaram, nesses últimos anos, a abrigar também narrativas que servem para desencadear e fomentar debates, frequentemente polêmicos, envolvendo diferentes setores governamentais e não governamentais, principalmente a partir da chegada de haitianos ao Brasil, fluxo associado predominantemente à imigração não qualificada. Essa ênfase em uma quantificação dos fenômenos migratórios, que tem sido recorrente na cobertura midiática em muitos países que registram crescimento de fluxos migratórios, também podem assumir matizes que sugerem, frequentemente, a criação de um clima mais de alarme do que compreensão em torno da presença da diversidade cultural migratória. No conjunto das narrativas midiáticas que analisamos, o recurso da quantificação das imigrações para o Brasil colabora também para a criação de uma ambiência de excesso, temor e descontrole frente à chegada de alguns grupos de imigrantes, como é o caso recente dos haitianos que começaram a ingressar no país, especialmente a partir do final de 2011. Parte da cobertura midiática sobre a entrada de imigrantes procedentes do Haiti pelas fronteiras da região norte do país esteve marcada por um tom sensacionalista através da utilização de um campo semântico e de imagens que sugeriam “chegada massiva”, “invasão”, “descontrole por parte das autoridades” e “ilegalidade por parte dos imigrantes”, etc., conforme pudemos observar em muitos materiais informativos e reportagens veiculadas sobre o assunto. Ao mesmo tempo, houve um conjunto de intervenções em diferentes espaços da internet, por parte de setores sociais e migratórios, os quais polemizaram em torno do tratamento dado à imigração haitiana pelo governo brasileiro e pela própria mídia (COGO, 2013. p. 41)¹³⁴.

¹³⁴ De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. Denise Cogo & Maria Badet. Araújo, E., Fontes, M. & Bento, S. (eds.) (2013). Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho ISBN: 978-989-8600-11-0 pp. 32 -57. Acesso em 02/01/2015. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/viewFile/1577/1495.

6 Sonhos migrantes

6.1 Uma tarde de construção Comigar - Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio com o grupo de imigrantes de Encantado

Sábado à tarde, 29 de março 2014, reunimo-nos no Centro de Evangelização da Paróquia São Pedro, coordenada pelos padres scalabrinianos Carlistas. O grupo de 6 membros, mais o padre Pierre, que abriu o Centro, mostrou-me as dependências, depois deixou-me sozinha com o grupo para que ficasse mais à vontade. Na conversa, primeiramente me apresentei, falando um pouco de minha história e pesquisa. Depois, deixei um espaço para eles falarem. Em seguida, formulamos algumas propostas para a Conferência Virtual do Comigar¹³⁵. Era visível as lideranças de Thony Alcide e Roldy Julien. Eram os que mais se expressavam e demonstravam um bom nível intelectual de discussão.

Eu e uma representação do grupo de imigrantes de Encantado, RS, reunimo-nos para uma conversa bem informal, na qual eles expressaram as dificuldades que vêm sentindo no município. Entre os pontos, Roldye falou como foi o início da relação com o povo da cidade:

No início o racismo era forte, mais escancarado, até na Igreja, pessoas mais idosas levantavam e iam se sentar em outro banco, isto fez com que alguns deles se afastassem. Depois que veio o padre Pierre, por ser negro, falar o português e ser bem animado parece que a comunidade os aceitara melhor. Parece-me que as pessoas nos veem de forma diferente. Quando ouviram eu cantar a primeira vez, se surpreenderam, aí me convidaram para participar no coral e na orquestra no município. Quando nossa banda se apresentou e foi premiada e souberam que dentre nós tinham jovens formados na universidade também mudaram. Um casal de líderes aqui de Encantado se surpreenderam quando disse que havia iniciado medicina, disseram que não imaginavam, olhando para mim, um simples rapaz (risos), isto é racismo? Não é? Nos ver como pessoas incapazes (risos). Hoje percebo que sou valorizado e respeitado por onde passo. Uma coisa eu sempre digo aos haitianos aqui, nós precisamos propor ações e não revolta, tem instâncias para ajudar, levantar problemas que existem e deixar a lei julgar. Um amigo nosso advogado disse que existe o Ministério Público para isso (JULIEN ROLDYE, 22 anos).

Nesse momento, se confirmava o bom nível de politização do grupo e a liderança de Julien. Eles se referiam também a um movimento de greve que acontecera em 2013, em que foram demitidos 30 haitianos, um dos quais hoje faz parte do Comitê. Falaram que, na época,

¹³⁵ Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio. 30 de maio a 1º de junho de 2014. Acesso em 31 de maio de 2014 (<http://www.participa.br/comigrar/1a-conferencia-virtual-da-comigrar###.VJs9AsACA>).

foi um momento muito difícil para todos, dramático, alguns até hoje estão sem trabalho e, quando o seguro desemprego havia terminado, alguns acabaram indo para outros estados.

Julien falou que existe um grupo de cinco pessoas, professores e acadêmicos brasileiros da Univates, de Lajeado, RS, que vieram visitar o grupo e demonstraram interesse em ajudar na questão de parcerias para a possibilidade de jovens haitianos continuarem os estudos acadêmicos. Também, sobre questões trabalhistas, um advogado, professor de direito da mesma universidade, e uma antropóloga, Margarita Rosa Gavéria Mejía, estiveram, por duas ocasiões, reunindo um bom número de haitianos.

“Entre os pedidos, a questão dos imigrantes poderem participar das políticas públicas, acesso à educação superior, visto que as crianças haitianas já vêm tendo acesso ao Ensino Público gratuito no município de Encantado, acesso a cursos técnicos. Falaram sobre a participação cidadã, desde que tenham residência, possam votar.” Outro ponto foi a questão do mercado imobiliário. É um “cartel”, tem muita exploração de nós imigrantes, aumentam a cada quatro meses, penso que isto não é normal. Sugerimos fixar um valor a partir de um contrato, para nós imigrantes, não sei se a prefeitura e a empresa nos ajudarão neste sentido. Cada imobiliária faz o que quer”. Algumas questões entraram na pauta:

“Teríamos chance de participar em algum programa habitacional do município? No Programa governamental *Minha Casa Minha Vida*, teríamos a possibilidade de fazer um financiamento para a compra de um imóvel? Outro ponto que falaram foi sobre o monopólio dos correspondentes que fazem a transferência do dinheiro, que têm ligação com a empresa, que não está claro o trâmite, e que a taxa é bem maior do que outros amigos de outras cidades pagam”.

“Mencionaram que quando tem problema de saúde, principalmente relacionados ao trabalho, saúde laboral por causa dos movimentos repetitivos, vão ao médico e ele dá um remédio, manda ir trabalhar, você pode estar com muita dor, sofrendo, ele manda trabalhar. Julien conta da experiência traumática, vivida em dezembro do ano passado, quando decepou 3 dedos, ficou internado em Canoas, na grande Porto Alegre, ocasião em que sua irmã, que era funcionária da Dália Alimentos, ficou junto cuidando. A empresa descontou uma semana de trabalho dela. Segundo ele, isso é injusto, porque ela era o único familiar aqui. Eu, um estrangeiro, com os dedos amputados em um hospital, sozinho, não seria possível, desabafa Julien.

Por isso formamos o Comitê, para pensar sobre essas questões, mas também, para propor atividades culturais. Por exemplo vamos divulgar nossa cultura, dar aulas de francês uma vez por semana para quem quiser (brasileiros), grátis, e também para os haitianos que queiram aperfeiçoar nosso idioma. Estamos programado a festa da bandeira, será linda, dia 18 de maio. Você está convidada (JULIEN, 25 anos).



Figura 31: Comitê dos Imigrantes Haitianos em Encantado-RS
Ao centro, o padre haitiano Pierre Dieucel

(Fonte: Arquivo pessoal da autora)

INFOMASYON:

Nou te kreye yon konsey de imigran nan ane 2013, pou fasilite presence nou nan kèk desisyon ak aktivite nan vil la. Komite sa-a te organize fèt drapo le 18 mai 2014¹³⁶.

¹³⁶ Tradução livre da autora: “Nós criamos um conselho de imigrantes no ano de 2013, para facilitar a presença em algumas decisões e atividades no município de Encantado”.



Figura 32: Comissão Organizadora da Festa da Bandeira 2014, 18 de maio de 2014, Encantado, RS

(Foto: Eliete Maria Bouvié)

FET DRAPO AYISYEN

18 me 1803 nou gen yon drapo, apre yon pakèt lit ke nou mennen avèk kolon franse nou rive mete yo deyò, imilye yo batyo malgre feb kapasite et move fomasyon nou te genyen nan matye lame; Yon pèp ki soti anba esklavaj ki swaf yon liberasyon, efin nou fe sa le mond te panse ki enposib la. Kelke ane pita sou direksyon gwop otorite politik, fe nou pedi libète nou tap goumen pou li paske sa nap fe nou oblige mete nou yon sitiyasyon ke nou pa depan de tet nou. Anpil enstabilite sa fe ke anpil ayisyen kouri kite peyi sa ki fin bay imigrasyon ayisyen nan Brezil¹³⁷.

¹³⁷ Tradução livre da autora: “18 de maio de 1803, temos uma bandeira, depois de muita luta com os colonizadores franceses, conseguimos expulsá-los, humilhá-los, apesar de nosso pouco conhecimento que tínhamos sobre guerra marítima. Um povo que saiu da escravidão, que tinha sede de liberdade, enfim, fizemos o que o mundo pensou que era impossível. Anos mais tarde, um grupo de autoridades políticas assumiu a direção do país, perdemos a liberdade pela qual lutamos, nos obrigando a deixar de pensar e nos autogovernar enquanto povo. A situação de instabilidade política fez com que muitos haitianos deixassem o país, isto é uma das causas que fez a imigração haitiana no Brasil”.



Figura 33: Cartão de ingresso para a Festa da Bandeira – Almoço e atividades culturais

(Foto: Acervo pessoal da autora)

Nan komansèman, integrasyon nou nan Rio Grande do Sul spesyalman Encantado pa te fasil, yon vil avek yon prekonsepsyon de siperyorite, yon vil kote moun nwa patelman gen valé, se pa fasil. Nou te organize fet drapeau nan vil sa, Grace a ede kek kretyen legliz katolik ki te achete kat nan main nou, pou patisipe avek nou. Komite ayisyen ki te la nan epok te fe anpil sakrifis pou fet la te òganize. Pagen oken otorite l'eta nan vil la ki te mande nou ki sa nou pote pou vann¹³⁸.

Nou te gen projet kiltirel Banda Famosa, yon band integré selman ak musizien ayisyen, pliziè ritme¹³⁹.

¹³⁸ Tradução livre da autora: “A integração no Rio Grande do Sul, especialmente no começo, não foi fácil. Uma cidade com uma concepção de superioridade, uma cidade onde as pessoas negras não têm muito valor, não foi fácil. Mas nós organizamos a festa da bandeira na cidade, graças à ajuda de alguns cristãos da Igreja Católica que compraram os cartões da festa e participaram conosco. O Comitê haitiano que, na época, fez muito sacrifício para a festa ser organizada. Não teve nenhuma autoridade política do município que perguntou ou ofereceu ajuda.

¹³⁹ Nós temos um projeto cultural, a *Banda Famosa*, uma banda integrada somente por músicos haitianos, tocando vários ritmos.



Figura 34: Integrante da Banda Famosa

(Fonte: Acervo pessoal de Julien)



Figura 35: Julien diante do painel da Banda Famosa idealizada por ele

(Fonte: Acervo pessoal de Julien)

Julien é o idealizador da banda haitiana “Famosa”, criada em maio de 2013, cujos integrantes músicos são jovens haitianos formados na universidade do Haiti ou que estavam

em estudos. Essa banda já se apresentou em alguns eventos locais, inclusive na festa das Etnias, no mês de setembro de 2013, em Encantado, sendo campeã, primeiro lugar entre os 6 grupos que se apresentaram no evento, que eram de italianos, japoneses, de folclore gaúcho (dois) e alemães.

A banda é composta por jovens na faixa etária entre 22 e 30 anos: Jonel Louis Jean (formado em Economia) e Wilson Emile são contrabaixistas; Adrien Ronax (arquiteto); Thony Alcide (formado em Ciências Econômicas); Wisnel Amisial é guitarrista. Roldy (formado em Jornalismo e cursou dois semestres de Medicina) atua no vocal e Judeline Julien irmã de Roldy que (cursava Enfermagem) e é vocal.



Figura 36: Ensaio para a apresentação da Banda Famosa

(Foto: Eliete Maria Bouvié)

7 Cultura e etnicidade presentes na alimentação e nas memórias do Haiti

Segundo Seyferth (2010), cultura e etnicidade estão entrelaçadas, coisa que põe em evidência a diferença em relação aos “outros” e o embasamento da identidade. O lar e a língua

são associados de modo direto a uma concepção cultural de nação: o modo de vida, os hábitos alimentares, as atividades econômicas. As práticas cotidianas, *habitus*, modos de vida, a organização social e outros aspectos da realidade cultural têm importância na contextualização da etnicidade. Uma característica étnica mantida pelos imigrantes haitianos é a preparação de seu alimento típico, quando estão em casa, nos finais de semana. Em um ritual que exige paciência, preparam os “epises”, temperos.

Seyferth (1986) destaca que, na elaboração das memórias coletivas, a comida torna-se um dos sinais diacríticos de identidade étnica, entre outras manifestações de identidade social que os indivíduos utilizam e reivindicam para se autodefinirem perante os “outros”¹⁴⁰.

A sopa de abóbora, no 1º de janeiro, simboliza a luta e vitória do povo haitiano contra seus colonizadores franceses. A etnicidade haitiana perpassa a culinária, que resgata a história de libertação da escravidão. James explica que esse hábito, a cada início de ano, celebra a Independência Haitiana, ocorrida em 1º de janeiro de 1804. Conhecida como “soup joumou”, é servida a amigos e familiares no Haiti. No Brasil, segundo ele, tiveram de ir em busca dos ingredientes, o que não foi difícil, pois a sopa demanda ingredientes como abóbora, muito tempero verde, salsa, cebolinha, alho, tomilho, cravo, carne de gado, cabrito (mais difícil de encontrar), batata doce, batata inglesa, inhame, cenoura, cebola, spaghetti, um pouco de óleo e sal, pimenta, alho e limão. *Vyann, joumou, kawot, zonyon, pòm detè, yanm, espageti, kèk lwil, sél, piman bouk, lay, et sitwon*¹⁴¹.

Zanini e Santos (2008 p. 257-258) destacam a importância da alimentação como sinal diacrítico na experiência de imigração:

A etnicidade reside nos domínios do imaginário e dos discursos e nem sempre necessita materializar-se, mas verifica-se o quanto as materializações tornam-se importantes para reavivar códigos, atitudes e valores entre os indivíduos. Essas materializações se revestem de um caráter simbólico e representam determinado grupo étnico devendo ser inteligíveis aos demais grupos em interação. Cabe destacar que os imigrantes são grupos relevantes de serem investigados nos estudos sobre comida, pois como alerta Mintz, os “people on the move” são importantes agentes das mudanças dietárias. Diria que estas mudanças afetam tanto a sociedade hospedeira como a migrante. Estas trocas findam por revelar muito das capacidades humanas de dialogar com as adversidades e as diferenças. Ou seja, falam sobre as pessoas e a forma como processam as mudanças e as necessidades cotidianas. [...] a comida assume um papel muito importante na construção das memórias coletivas

¹⁴⁰ SEYFERTH, Giralda. Grupo étnico. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986b, p. 530-532; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Italianidade: pertencimento, reivindicações e negociações identitárias na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Visões**. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo5.pdf> Acesso em 04 de fevereiro de 2015.

¹⁴¹ Revolution, Independence, and the New Year: Haiti's Soup Joumou. Disponível em: <http://www.soupsong.com/zdec02.html>.

destes grupos que, marcados por rupturas, passadas e presentes, elaboram sinais diacríticos específicos como demarcadores de seus pertencimentos e origens¹⁴².

Os dois grupos pesquisados disseram que o “diri kole” (semelhante ao nosso “baião de dois”, prato típico da região nordeste do Brasil), preparado aos domingos, e a sopa de abóbora, no 1º de janeiro, jamais poderão faltar na cozinha haitiana.

Ki sa mwem plus songe Ayiti, se fanmi mwem, sa manque m anpil. Epuis mwem songe peyi mwem, pasque kilti isit la se diferan na tou fason. Lang se pa lang w. Manje diferent. Pou kuit, fason ayisyen prepare. Mwem guenhem preske de ane mwem te abitye ak fredy, men mwem guenhem anpil difikilte pou adapte manje Brezil¹⁴³ (JAMES, 2014).



Figura 37: Robert Jean preparando uma comida típica, em São Leopoldo-RS

(Fonte: acervo pessoal da autora)

¹⁴² ZANINI, Maria Catarina C. Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). *Caderno Espaço Feminino*, v.19, n.01, Jan./Jul. 2008.

¹⁴³ “Do que mais tenho saudade do Haiti é minha família. E depois meu país. Porque a cultura aqui é diferente em todos os modos. A língua não é a sua. Comida, diferente de cozinhar, do jeito do haitiano preparar. Eu tenho quase dois anos de Brasil, me acostumei com o frio, mas ainda tenho muita dificuldade para me acostumar com a comida brasileira”.

De acordo com Pollak (1989), são diversos os pontos de referência que estruturam a memória, inserindo-a na coletividade a qual se pertence. Para esse autor, assim como os monumentos, patrimônios arquitetônicos, personalidades e tradições, costumes culinários também podem ser considerados, indicadores da memória coletiva, definindo o que é comum ao grupo.

Mwem manje nan travay pam chak jou manje brezilien, mais samdi a ak dimanch mwem toujou prepare manje pays nou. Nan 01 janvie pap manke soup jomou ki fe pati ystwa edepandans pays nou¹⁴⁴ (ROBERT, 29 anos).

7.1 Manje ayisyen¹⁴⁵

“Comida é o alimento transformado pela cultura” (DA MATTA, 1987).

Depoimento de uma jovem haitiana, quatro meses de Brasil:

Le mwen rive Brezil, mwen te gen anpil difikilte pou mwen adapte-m ak manje brezilien. Mwen pat vle manje, paske manje brezilien yo pat gen men gôu ak manje peyi pa-m. Sa fe mwen megri anpil. Kounye-a mwen oblije manje ki brezilien nan entrepris mwen travay. Men chak fin de semèn nou prepare manje tipik la kay nou¹⁴⁶.

A permanência das populações migrantes nos países onde se instalam é sempre uma experiência de ressocialização alargada. Conforme Machado (2002, p. 13), “a imigração representa, sem dúvida, um processo de ressocialização e mudança cultural relativamente ao quadro de origem das populações”.

Mwem kon ale aschtè bannann verd nan Mercado Publico bannann pou bui. Mwem poko jwen yanm. Lot fwi nou ka jwem nan Porto Alegre, mais li ché anpil, paske samble vini nan nò Brezil.¹⁴⁷ (JAMES, 27 anos).

¹⁴⁴ “Eu como cada dia, no trabalho, a comida brasileira, mas no sábado e domingo, eu preparo a comida do meu país. Dia 01 de janeiro não vai faltar a sopa de abóbora, que faz parte da nossa história de independência”.

¹⁴⁵ Tradução livre da autora: “A comida haitiana”.

¹⁴⁶ “Quando eu cheguei ao Brasil, eu tive muita dificuldade para me adaptar à comida brasileira. Eu não tinha apetite, porque a comida brasileira não tinha o mesmo gosto que a comida do meu país. Com isso, emagreci muito. Agora me obrigo a comer a comida na empresa onde trabalho. Mas a cada final de semana preparo a comida típica do meu país”.

¹⁴⁷ “Eu costume comprar banana verde no Mercado Público para cozinhar. Eu ainda não encontrei inhome. Outras frutas podemos achar em Porto Alegre, mas são muito caras, porque parece que elas vêm do norte do Brasil”.

A culinária é um forte registro da cultura do imigrante haitiano. Indica costumes e é uma forma de estes não perderem suas identidades. Por meio da culinária, esses migrantes vão reforçando hábitos e costumes. Segundo Reinhardt e Silva (2008), a tradição culinária é o vínculo mais duradouro que o indivíduo tem com seu lugar de origem.

"Manje Ayisien, Manje Kreyòl" (comida do Haiti) é o equivalente a *criollo*, (*criollo* significa "creole"), em. Isso outros países abrange a maioria do que é regularmente cozido no Haiti, que envolve o uso extensivo de ervas e pimenta. Um prato típico provavelmente seria um prato de diri kole ak pwa (arroz e feijão). Os pratos variam por regiões. O prato pode ser acompanhado de caldo que chamam de Bouyon, ele é um ensopado composto, por várias especiarias, batatas, tomate e carne de cabra ou vaca. O arroz é ocasionalmente comido com feijão sozinho, mas, mais frequentemente, algum tipo de carne completa o prato. Carnes como a de cabrito (kabrit), frango (Poul) ou bovina (bèf) são, muitas vezes, cozidas em um molho composto por suco de limão, pimenta, cravo da Índia, alho e outros temperos e, posteriormente, fritos até que fiquem crocantes.

Já o legim é um ensopado de legumes espesso, constituído por uma mistura de purê de berinjela, repolho, chuchu, espinafre, agrião e outros vegetais, dependendo da disponibilidade e da preferência do cozinheiro. Ele é aromatizado com epis, cebola, alho e tomate, e, geralmente, cozido com carne e ou caranguejo. O é frequentemente servido com arroz, mas também pode ser servido com outros amidos, incluindo Mayi moulen (um mingau de fubá salgado semelhante à polenta), pitimi (qualidade de arroz) ou ble (trigo). Outros amidos e féculas comumente consumidos incluem o inhame, a fruta pão, a mandioca e a batata doce. Estes são, geralmente, consumidos com um molho fino que consiste de pasta de tomate, cebola, especiarias e peixe seco.

Pratos regionais também existem em todo o Haiti. Na área em torno Jérémie a sudoeste, as pessoas comem um prato chamado tonmtonm, em que é cozida a fruta - pão (lam veritab), amassada em um pilão, e é muito semelhante a um prato do Ocidente Africano, Fufou. O tonmtonm é engolido sem mastigar, usando um molho escorregadio feito de quiabo (kalalou em crioulo haitiano), cozido com carne, peixe, caranguejo, especiarias e salgados. Outro prato regional é poul ak nwa, ou seja, frango com castanhas, que é consumido, a partir do norte do país, na área em torno de Cabo Haitiano.

Collaço (2009) refere-se à comida como algo que fala de identidade. É uma referência de cultura com mobilidade. Portanto, assim como a identidade, a comida é relacional, podendo apresentar diferentes interpretações. Dessa forma, as tradições alimentares são uma referência da cultura, e, assim como a identidade, a comida é sempre relacional. Enquanto

expressão de identidade é marcadora de fronteiras. Os imigrantes haitianos, como grupo étnico, trazem, desde o Haiti, sua tradição culinária, sendo a comida haitiana um sinal diacrítico para a demarcação de fronteiras nas relações interétnicas e elemento importante para a construção de sua etnicidade¹⁴⁸.

A base de sabor da culinária haitiana é o *epis* (tempero), um molho feito com alho, pimenta, salsa, tomilho e cebolinha. Ele é muito utilizado como um condimento de base para o arroz e o feijão, mas também é usado em ensopados e sopas.

Soup joumou se pa pou plezi ke ayisyen bwè *Soup Joumou* chak premye janvyè, men se yon gwo senbòl, se yon fason pou li di ke li lib, li kase chenn esklavaj la. Nan tan la koloni, esklav pat ka sèvi ak plizyè koulè tankou ble, poup, jòn... paske se te koulè ki rezève a wa, rènn, prens, prensès, la noblès! Nan kout kat sa a, menm ak joumou yo pat gen dwa sèvi, paske li te gen koulè la wayote. Jou papa Dessalines ta pwal pwoklame Endepandans bout tè sa a, ki donk premye janvyè 1804, tout nèg ki te kase chenn lesklavaj la te deside fòk yo mete fen ak vye anbagò sa a.¹⁴⁹ (JAMES, 27 anos).



Figura 38: Sopa de abóbora.

(Foto: Arquivo pessoal da autora)

¹⁴⁸ COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. **Sabores e Memórias**. *Op. cit.*, p. 15.

¹⁴⁹ “A sopa de abóbora não é consumida por simples diversão, mas sopa de abóbora haitiana, em cada janeiro, é um grande símbolo cultural do país. É uma maneira de dizer que ele é livre, e quebrar as cadeias da escravidão. Com o tempo, nas colônias, os escravos não podiam usar várias cores, como azul, amarelo... porque eram as cores reservadas aos reis, rainhas, príncipe, princesa, a nobreza !Os escravos libertos tomaram esse símbolo, amarelo-abóbora, porque ele tem a cor da realeza. Dessalines proclamou a independência, em primeiro de janeiro de 1804”.



Figura 39: Sopa de abóbora, prato festivo do 1º de janeiro na culinária haitiana

(Foto: Arquivo pessoal da autora)



Figura 40: Diri Kole, prato típico haitiano

(Foto: Arquivo pessoal da autora)



Figura 41: Carne de frango com legumes, prato típico da culinária haitiana

(Foto: Acervo pessoal da autora).



Imagem 42: Diri kole ak viand y legim. Arroz, feijão, com carne e legumes

(Fonte: Acervo pessoal da autora)

Quanto à alimentação, Anold diz que agora, depois de um ano, começou a se adaptar. Quando chegou, não conseguia se acostumar, agora sim, já consegue se acostumar: “*Fazem,*

aqui em casa, comida haitiana, mas, no trabalho, é comida brasileira, eu como sem problemas”.

Conforme Fausto (1998), a lembrança das comidas típicas, contraditoriamente, povoa o imaginário, mesmo daqueles imigrantes que vieram para a nova terra marcada pela carência.

A comida é elemento, que bem caracteriza o discurso do imigrante, o exemplo das ligações ainda mantidas com a terra de origem. Os estudos sociológicos registram que ela é lembrada como um fator a unir a vizinhança nos bairros étnicos, representando uma ponte para a terra de origem, a manutenção de um paladar e de uma identidade. É a comida, um elo importante que recupera a memória da pátria, mas, igualmente, a figura materna, o afeto familiar, os parentes mortos, a infância (SCHWARCZ, 1988, p. 58-59).

Manje ayisyen jou Fet Nwèl nan kay imigran – 25 de Dezembro de 2014.



Figura 43: Bwason Kremas, Diri kole ak pwa nwa, piklis, sós ak viand kabrit frit. Bebida kremas preparada à base de aguardente, leite condensado e leite de coco. Arroz com feijão, salada de repolho, pimenta e cenoura, carne de cabrito frita.

(Fonte: Acervo pessoal da autora)



Figura 44: Prato típico da culinária haitiana, natal de 2014

(Foto: Acervo pessoal da autora)

Os haitianos trouxeram consigo um conjunto de práticas ligadas à sua alimentação no Haiti, desde a forma preparar os *epises* (temperos, o cozinhar), mesclando ou acrescentando possibilidades e práticas alimentares, nesse novo contexto em que passaram viver, adequando-se ao sistema alimentar local. Esses hábitos marcam fronteiras e, ao mesmo tempo, abrem-se para uma rica troca cultural. Eles tomam o chimarrão gaúcho, comem o churrasco, o feijão e o arroz, mas não deixam sua culinária de lado, e o preparo é sempre um ritual.

8 Memória e língua materna: o kreyòl ayisyen¹⁵⁰

É por meio da língua que expressamos a nossa forma de viver em sociedade e indicamos aos que nos ouvem, através do idioma, a que grupo social pertencemos. A língua constitui uma das características, talvez a mais importante, que nos diferencia dos demais seres vivos. Daí a sua evidente contribuição na sociedade multicultural, que não poderia deixar de ser referida.

A linguagem e a cultura são dois termos que estão intimamente ligados. Lévi-Strauss evidencia a complexidade das relações entre linguagem e cultura. Para ele:

¹⁵⁰ Crioulo haitiano.

O problema das relações entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que se nos põem. Podemos começar por tratar a linguagem como um produto da cultura: uma língua usada numa sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, noutro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; constitui um, entre outros, dos seus elementos. Mas ainda não é tudo: podemos também tratar a linguagem como condição da cultura, e a duplo título: no plano diacrônico, uma vez que é, sobretudo por meio da linguagem, que o indivíduo adquire a cultura do seu grupo [...]. Assim, podemos considerar a linguagem como um alicerce, destinado a receber as estruturas mais complexas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos (LEVI-STRAUSS, 1997, p. 145).

8.1 O crioulo haitiano

O *kreyòl ayisyen*, também conhecido como *créole*, é um idioma falado por quase toda a população do Haiti (8,5 milhões), havendo, ainda, cerca de 3,5 milhões de imigrantes que falam o crioulo haitiano em outros países, tais como Canadá, Estados Unidos, França, República Dominicana, Cuba e Bahamas. Ele apresenta dois dialetos distintos, o *fablas* e o *plateau*. Muitos haitianos falam quatro línguas: crioulo, francês, espanhol e inglês. A outra língua oficial do Haiti é o francês, idioma no qual o crioulo do Haiti se baseia, sendo que 90% do seu vocabulário vêm dessa língua. Outros idiomas também influenciaram o crioulo haitiano, dentre os quais o taino (nativo da ilha) e algumas línguas do oeste da África (ioruba, fon, ewé).

Desde a década de 1960, por esforços de escritores haitianos, entre eles, Félix Mouriseau-Leroy, o crioulo haitiano foi reconhecido como língua oficial ao lado do francês, que era, até então, único como idioma literário, desde a independência dessa nação, em 1804. O uso literário do crioulo vem crescendo, embora ainda seja pequeno. Desde a década de 1980, ativistas, dentre os quais educadores e escritores, vêm enfatizando o orgulho da literatura crioula, havendo, neste século XXI, muitos jornais, programas de televisão e de rádio no idioma.

8.2 Como está a adaptação ao idioma?

Relato de um haitiano, com 18 meses de Brasil:

« Mwen degage nan lang potigè paske mwen te achte yon diksyonè depi mwen te rive Brezil. Mwen te kòmanse etidye nan lekòl Santa Marta, EJA, epi mwen patisipe

chak samedi nan koral l'egliz evangelik. rèv mwen kounye se etidye nan inivèsite
« mwen ta renmen vin-n yon medecin »¹⁵¹.

Alguns se esforçam mais para falar o português, outros menos. Os que melhor falam, são os que têm um maior nível de sociabilidade, seja nos espaços de lazer, seja nas igrejas. Um dos imigrantes, no Rio Grande do Sul, foi procurar a mesma Igreja (metodista) da qual participava no Haiti; não a encontrou, mas foi convidado e acolhido por colegas de trabalho que eram evangélicos da Assembleia de Deus, na qual hoje integra o coral, animando os cultos. Esse mesmo imigrante matriculou-se no EJA - Modalidade de Ensino de Educação para Jovens e Adultos, incentivado por colegas da empresa onde trabalha.

A relação de interação e partilha com o outro é uma questão de formação identitária. Para Barth (1998), a necessidade de interação com o outro serve para reafirmar, ou mesmo descobrir, a própria identidade. Desse modo, observamos, nas relações entre os indivíduos que vivenciam experiências de interações, que os seus resultados, no confronto dinâmico de suas fronteiras étnicas, são notadamente elemento para a construção da sua identidade.

Os imigrantes haitianos conservam o crioulo, língua materna, e não o francês, língua oficial de seu país de origem, como um importante elemento que marca sua etnicidade. Para Payer (2007), ao falarmos em língua materna, é importante ressaltar que a compreensão de língua materna se estrutura na relação do sujeito com o real, como a língua que participa da estruturação de sua afetividade/subjetividade e de seu saber sobre o mundo. Para a autora, o termo “materno” guarda uma relação íntima com uma figura que é crucial na história do sujeito, que é a figura da mãe. Nessa perspectiva, quando consideramos um sujeito que “fala uma língua estrangeira”, podemos afirmar que uma língua estrangeira abre espaço para uma (re) significação subjetiva, reposicionando um “outro” que se insere, que se identifica com a nova cultura, atravessando fronteiras étnicas.

Há que se reconhecer que a identidade é construída, também, partindo da diversidade, apesar de, muitas vezes, nos depararmos com situações de angústia e desespero a que somos confrontados, quando, em presença do outro e do seu universo cultural, temos que garantir a nossa própria identidade.

Fremiot adquiriu um notebook e, com o auxílio de dicionários, observando e ouvindo as pessoas falarem, conta estar apreendendo e compreendendo o idioma com bastante

¹⁵¹ “Eu me viro na língua portuguesa, porque eu comprei um dicionário quando eu cheguei no Brasil. Eu comecei a estudar na Escola Santa Marta, no EJA (Educação de Jovens e adultos). E também, a cada sábado, o eu participo no coral da Igreja Evangélica. Meu sonho é estudar na universidade para chegar a ser um médico”.

facilidade. “Estou estudando português para poder dar aula de matemática e física”, conta ele, que é graduado em Ciências Exatas no Haiti e era professor em uma escola secundária do país. Fremiot fala os idiomas francês, inglês, espanhol e, agora, também o português. Para o jovem haitiano, o projeto de seguir a docência poderá se tornar realidade com um pouco mais de estudos da língua portuguesa, conforme uma professora da cidade, que é incentivadora de que ele volte à sala de aula. “Estudar é a minha vida”, diz Fremiot.

Nos anos vividos no Haiti, observei a educação do país e seu enfoque “conteudista”, mas que oferece, ao mesmo tempo, uma formação ampla, principalmente na parte das linguagens.

An Ayiti, nou aprann pale plizyè lang etranje nan l'ekòl. Sistèm edikasyon lekòl an Haiti, se yon sistèm ki priorizé yon model tradisyonel. Par egzanp: Timoun ak jén yo dwe apran leson pa kè (Memorização) kèk matye, tankou istwa, geografi, biologi...etc (JAMES, 27 anos).

O estudante haitiano é introduzido no estudo de idiomas estrangeiros desde o Ensino Básico, no segundo ciclo e no secundário,¹⁵² os estudantes aprendem, além do francês e do kreyol, que são os dois idiomas oficiais, o espanhol e o inglês. A maioria dos imigrantes domina muito bem a conversação nestes dois últimos idiomas.

Nan lekòl Ayiti, yo entèdi pale dyalèk kreyòl, sòf le gen kou gramè kreyòl. An Ayiti lang franse konsidere kòm lang entèlektyèl yo; kreyòl la se lang pou peyizan. Isit la mwen pa adapte-m byen akòz lang potigè ak fredì. Mwen konn pale byen panyòl. James te ban mwen kek fey ki tradit kreyòl – Potigè. Mwen etidye avek kopi sa yo. Mwen gade televizyon brezilyen, sa ede-m aprann lang l'an anpil. (CHANTALE LEBRUN, 25 anos)¹⁵³.

O espanhol é a língua conhecida pelos caribenhos, devido ao contato com o país vizinho, a República Dominicana, na qual muitos dos atuais imigrantes viveram por algum tempo para trabalhar.

¹⁵² www.ibe.unesco.org.

¹⁵³ Tradução livre da autora: Nas escolas do Haiti, é proibido falar o dialeto crioulo, a não ser nas aulas de gramática kreyol. O francês é considerado a língua culta dos intelectuais; o kreyol a língua do camponês. Eu ainda não me adaptei bem, por causa do frio e da língua. Falo bem o espanhol, tenho umas folhas de crioulo-português que o James me deu, estou estudando, assisto na TV às novelas brasileiras, isto está me ajudando. (CHANTALE LEBRUN, 25 anos).

Pou aprann lang l'an mwen pa panse li twò difisil, paske mwen te aprann pale panyòl nan vil St- Domingue. Le-m te rive nan Acre li te difisil pou-m pale potigè. De jou an jou mwen familiarize-m ak lang, paske gen plizyè mo ki sanble ak panyòl. Jiska presan mwen pa ale nan okenn l'egliz isit la. Si mwen soti, se selman pou cheche travay (OSCAR LAKINDAL, 34 anos)¹⁵⁴.

Um dos imigrantes expressa que o espaço de socialização em que trabalhava a construção civil era onde praticava o idioma:

Pou mwem kapab adapte pi bien nan peyi Brezil, mwen bezwen pale potigè byen, paske si ou pale lang nan byen, ou defann tèt ou. Gen kèk bagay sa yo, tankou mwen pa ka pale lang nan byen, li se difisil a konprann dwa'm, mwen gen difikilte pou konprann. Kòm pou kilti a brezilyen, mizik mwem pa itilize li, paske mwem pa byen konprann lang lan. Mwen pa ka bliye kilti mwen. Kòm ayisyen kap viv nan dyaspora a an Frans oswa Etazini yo, ap toujou mennen nan kilti, konpa, zouk. Ka gen 15, 20 ane nan peyi a, kilti a ap toujou rete nan sans nan ak kreyòl la se yon pati nan w . "(ANOLD ELIE, 34 anos)¹⁵⁵.

Anold, 34 anos, relatou que com o português não está bem acostumado, tem um ano de Brasil e segundo ele, não se habituou, disse que não fala muito bem. Trabalha com brasileiros e diz que faz esforço para falar melhor. No trabalho, compreende o que os brasileiros falam, mas não consegue falar tudo. Contou-me que na construção civil, procurava o vocabulário de tudo o que precisaria falar, por exemplo: tijolo, colher, cimento e dizia:

Se você não consegue falar, fica difícil. Quero colocar toda minha inteligência para poder falar logo bem o idioma. Antes de trabalhar na construção civil, eu me encontrei com um brasileiro que me mostrou muita coisa, me ensinou muitos vocabulários. Eu escrevia em crioulo e ele escrevia do lado em português. Trabalhando com brasileiros na construção civil, eu fui obrigado a aprender (risos) (ANOLD ELIE, 34 anos).

Constateram, no trabalho de campo, que alguns dos imigrantes que residem há mais de dois anos no Brasil ainda não falam português. Fazem da língua materna seu meio diário de

¹⁵⁴ Quanto ao idioma, não acho muito difícil, compreendo, compreendia espanhol em Santo Domingo. Lá no Acre, quando cheguei, era difícil, mas agora, dia a dia, vou me acostumando. Tem várias palavras que se assemelham ao espanhol, e como vivia e trabalhava na República Dominicana, estou me acostumando. Não frequento nenhuma Igreja ainda aqui. Se saí até agora, foi para procurar trabalho (OSCAR LAKINDAL, 34 anos).

¹⁵⁵ Tradução livre da autora: “Para melhor me adaptar no Brasil, preciso falar o português bem, porque se você fala bem o idioma, você se defende. Tem coisas que, como não sei falar bem o idioma, fica difícil compreender. Os direitos, eu tenho dificuldade em entender. Quanto à cultura brasileira, à música não me acostumei, porque ainda não compreendo bem o idioma. Não tenho como esquecer minha cultura. Como os haitianos que vivem na diáspora, na França ou nos Estados Unidos, sempre vão levar a cultura, o *compas*, o *zouk*. Podem ter 15, 20 anos no país, a cultura sempre vai ficar na essência e o kreyol faz parte do ser da gente” (ANOLD ELIE, 34 anos).

comunicação e, com muito esforço, buscam compreender, no local de trabalho, o vocabulário básico para se comunicarem com os colegas e chefes. Segundo Revuz (1998), é importante ressaltar que a aprendizagem de uma língua estrangeira não perpassa somente a esfera cognitiva, mas todo o psíquico, o que faz com que o imigrante, muitas vezes, tenha certa resistência e dificuldade em aprender o idioma do país que o acolhe.

[...] o sujeito deve pôr a serviço da expressão do seu eu um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais, e um trabalho de análise e de memorização das estruturas lingüísticas. É possível se levantar a hipótese de que muitos dos insucessos podem ser analisados como uma incapacidade de ligar essas três dimensões: afirmação do eu, trabalho do corpo, dimensão cognitiva (REVUZ, 1998, p. 217).

É importante ressaltar que, no processo de “aprender” uma língua estrangeira, a língua não é só instrumento de comunicação (base da lógica dos métodos de ensino de língua estrangeira), mas é, ainda, matéria fundadora da estruturação psíquica do sujeito.



Imagem 45: Imigrantes haitianos em Encantado - RS

(Foto: Eliete Maria Bouvié)

Ak lang , mwen fè efò pou pale, mwen pale panyòl nan Repiblik Dominikèn an, ki fè m 'pi fasil aprann potigè. Nan travay, mwen pale potigè ak kòlèg li, tonton mwen pale yon ti kras twò, li la deja isit la yon ane de sa (GEDE DANIEL, 31 anos)¹⁵⁶.

Dieumercy relata que foi a participação no curso de português, durante 8 meses, com as voluntárias da Pastoral Migratória, que o ajudou no aprendizado da língua portuguesa. O fator de integração e inserção na comunidade foi determinante. Ele é um dos imigrantes que fala com desenvoltura o novo idioma. Ele diz que a namorada brasileira também ajudou muito, pois já são quase dois anos de convivência, em que pratica diariamente a conversação. Segundo ele, a moça o tem ajudado muito com o novo idioma.

Enquanto importante sinal diacrítico, o idioma do imigrante também é delimitador de fronteiras, e como ele se relaciona com a nova sociedade vai ser determinante para a aprendizagem da língua do país que o acolhe. Bolognini e Payer (2005) destacam esse fator como importante para a apreensão do novo idioma:

Os imigrantes entraram no país e trouxeram as suas línguas maternas: outras histórias, outras ideologias. E o modo pelo qual eles foram constituídos por suas línguas maternas foi determinante da forma pela qual eles se relacionaram com o português e com o Brasil. Para os imigrantes, o português era a língua do estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante no novo ambiente (dos falantes de português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do português. Muito embora o ensino das línguas estrangeiras correspondentes dos imigrantes possa interessar tanto à formação cultural quanto a situações pragmáticas das relações internacionais, um trabalho significativo com as línguas de imigrantes historicamente presentes no Brasil ultrapassa a questão do restabelecimento ilusório das línguas perdidas. O trabalho minucioso com os sentidos presentes na memória histórico-discursiva é o que parece poder levar à formulação – na contraface do silenciamento – dos sentidos silenciados junto com as línguas, de modo a produzir, nas representações sociais, lugar para a multiplicidade das línguas e das memórias culturais que constituem o brasileiro¹⁵⁷ (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 23).

¹⁵⁶ Tradução livre da autora: O novo idioma, eu faço esforço para falar, eu falava espanhol na República Dominicana, o que me faz mais fácil para aprender o português. No trabalho, falo português com os colegas, meu tio fala um pouco também, ele já está aqui há um ano (GEDE DANIEL, 31 anos).

¹⁵⁷ Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June 2005. Acessado em 07 de março de 2015. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200020&script=sci_arttext.



Figura 46: Curso de Língua Portuguesa para os imigrantes haitianos, em Encantado-RS

(Fonte: Arquivo pessoal de Julien . Foto de Eliete Maria Bouvié)

Constata-se um grande esforço por parte dos imigrantes em aprender a língua portuguesa. Também há grande apoio por parte da comunidade local. Em São Leopoldo, os espaços de socialização têm contribuído para a apreensão do idioma. Nas Igrejas e nas empresas em que trabalham contam com a ajuda e incentivo dos colegas. Já em Encantado, foi sistematizado um curso de Língua Portuguesa ministrado por professoras voluntárias da Pastoral Migratória, ofertando duas vezes por semana o ensino-aprendizado da nova língua. A participação dos haitianos não é maior no curso em razão dos horários de trabalho na empresa. Outro fator é o pouco tempo disponível dos imigrantes, que alegam cansaço físico no final do expediente do trabalho.

9 A Igreja: espaço de socialização dos imigrantes

Malgre nou pa gen suport otorite piblik lokal. Nou gen api de de instans: l'Égliz Katolik ak pastoral migran yo, kote pè Scalabrinien yo travay. Ki te bay anpil api nan organizasyon fèt drapo 18 mai. L'Égliz Katolik aide nou fè démarch, pou nou ka jwenn dokiman nan migrasyon ak kou nan lang potigè de (2) fwa par semén. Yon lòt instans, se inivèsite ki rele UNIVATES, ki te invite nou pou bay twa (3)

Konferans, pou nou te kapab pale sou kilti ayitien: Art ak mizik. Mwen te pale sou danz rasin-n Ayiti, pou étidyan nan Inivèsite sa-a¹⁵⁸ (ROLDYE, 25 anos).

Percebe-se que a Igreja se tornou uma referência importante para os imigrantes haitianos, um espaço de sociabilidade e de comunicação entre eles. Na teia da imigração é onde eles buscam acolhida. Diante das implicações psicológicas da imigração, é nesse espaço que podem expressar os sentimentos inerentes à fase de adaptação à nova cultura: o medo, a insegurança, a nostalgia, a solidão, e o estresse. Segundo Sayad (1998), a forma de vida em um país estrangeiro, na maioria dos casos, é sempre precária, pois os imigrantes chegam sem conhecer muita coisa e, a princípio, necessitam do apoio e de um espaço de socialização. Contatei que a instituição Igreja tem sido para os imigrantes haitianos, esse espaço de integração à nova cultura. É nítida a sensação de bem-estar mental e a diminuição do estresse que o cultivo dos valores religiosos trazidos do Haiti têm proporcionado.

Nesse sentido, Ramos (2008) destaca que:

[...] certos traços culturais, como o grau de coesão familiar e do grupo, o apoio e suporte social e as redes de solidariedade grupal, o sentimento de pertença identitária, valores religiosos e espirituais, são elementos protetores contra a doença mental e stress (RAMOS, 2008, p. 54).

Conforme Tedesco (2.000, apud RAMOS, 2003), o campo religioso, mediado por profissionais do campo eclesiástico, contribui para a ampliação e sentido de ações que são próprias da situação de imigrante. Principalmente o imigrante irregular/indocumentado sente-se mais fragilizado e o trabalho religioso suprime, em parte, sua situação de anomia, quando ele se integra ao grupo pela mediação religiosa institucional. Ao mesmo tempo, alimenta a consciência do esforço, dedicação e normatização da vida, como condição para obtenção dos frutos das migrações. Padre Pierre Dieuceul, haitiano, expressa como a Igreja tem colaborado na acolhida e inserção dos imigrantes haitianos à nova realidade:

A congregação me disponibilizou para acompanhá-los. Além de ser vigário, ajudo o pároco nas comunidades fora, tenho uma sala de atendimento no Centro de Evangelização, onde permaneço todas as manhãs. Procuo auxiliar com informações, ajudar a fazer documentação, encaminhar para emprego, além da

¹⁵⁸ Tradução livre da autora: “Apoio: Apesar de não termos apoio do poder público local, nós temos apoio de duas instâncias: da Igreja Católica e da Pastoral do Imigrante, onde os padres Scalabrinanos trabalham, que nos deu muito apoio na organização da festa da bandeira, no dia 18 de maio. A Igreja Católica nos ajuda a fazer os encaminhamentos na imigração e na Polícia Federal, além de nos ajudar no idioma português, duas vezes por semana. Uma outra instância é a Universidade que se chama UNIVATES (Universidade do Vale do Taquari) de Lajeado, RS, que nos convidou, por três vezes, para fazer conferências para os estudantes, para podermos falar sobre a cultura haitiana. Arte e música. Eu falei sobre dança raiz do Haiti”.

assistência espiritual e psicológica, escutá-los. Procuo ser uma presença no meio deles, colaborando diretamente com a equipe de leigos scalabrinianos, cuja coordenadora é a senhora Ivonete Teixeira. Estamos recenseando todo o grupo de imigrantes, cadastrando-os. Procuo todos os domingos visitar as famílias haitianas. Encorajá-los e incentivá-los a participar do curso de português e das atividades culturais que o Comitê promoverá. (Pe. PIERRE DIEUCEUL, 37 anos).

Em uma reportagem do jornal *Zero Hora*, sob o título “Caribenhos são protegidos por Igreja”, está o relato de Ivonete Teixeira, uma de minhas informantes, leiga scalabriniana que coordena a Pastoral Migratória na Congregação:

Passaram-se quase 150 anos, mas a história, ainda que com distinções e peculiaridades, se repete. Em 1882, chegaram a Encantado, distante 149 quilômetros de Porto Alegre, os primeiros imigrantes italianos. Os descendentes desses viajantes formaram famílias, se espalharam pelo território e, hoje, são absoluta maioria na cidade, com domínio sobre a cultura, a política e a economia. A primeira criança gerada pelos italianos em Encantado foi Maria Bratti. Já falecida, ela é avó de Ivonete Teixeira, 61 anos, que hoje dedica sua vida ao Centro de Evangelização João Batista Scalabrini, ligado à Paróquia São Pedro, responsável por acolher as centenas de haitianos, dominicanos e senegaleses que desembarcaram na cidade nos últimos três anos, com frio, sem emprego ou lugar para dormir (IVONETE TEIXEIRA, 2014).

No vácuo do Estado, a Igreja assumiu a vanguarda solidária. A história da congregação scalabriniana, assim como a da família de Ivonete, traça um paralelo entre passado e presente. Era 1887, quando o padre italiano João Batista Scalabrini, preocupado com os viajantes do país que partiam rumo a outras regiões do mundo sem dinheiro, emprego e teto, além do desconhecimento da língua local, resolveu fundar a congregação com o objetivo de prestar caridade aos imigrantes. No linguajar religioso, esse é o “carisma” da entidade. A congregação chegou a Encantado em abril de 1896, com a inauguração da Paróquia São Pedro, a primeira igreja scalabriniana do Rio Grande do Sul. E até hoje permanece atuante no município, sendo a única de Encantado. Depois de amparar os italianos, os scalabrinianos atravessaram mais de cem anos de espera para acolher os imigrantes negros da África e da América Central. Um paralelo histórico que suscita temas como o racismo e a xenofobia.— No início, tínhamos preocupação com a receptividade porque o italiano, em geral, é racista. Mas quase não tivemos problemas. Usamos o histórico a nosso favor. Dissemos que somos uma comunidade que nasceu da imigração. Por isso, entendemos que o mais justo era receber bem esses novos imigrantes — conta Ivonete, voluntária scalabriniana¹⁵⁹

¹⁵⁹ Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. Nova migração é um movimento recente, mas suficientemente forte para causar modificações econômicas, étnicas e culturais. *Zero Hora* 16/08/2014. Acesso em 20/08/2014.



Figura 47: Ivonete Teixeira, coordenadora da Pastoral Migratória

(Foto: Diego Vara, Zero Hora)

Ivonete Teixeira se tornou uma referência para os imigrantes haitianos em Encantado. Desde a primeira conversa que tivemos em 2013, na sua residência, ela expressava a preocupação em auxiliá-los, visto que a Igreja no momento da chegada desses imigrantes laborais era a única instituição que voltava um olhar humanitário, preocupada com o bem-estar deles, com seu acesso às políticas públicas de saúde, habitação (alugar casas), a documentação e o conhecimento da nova língua. Por isso, resolveu oferecer um curso de português, ministrado por voluntárias do próprio grupo da pastoral. Ivonete sempre se expressou como uma líder comunitária, assistente social e cristã.



Figura 48: Grupo de estudos da língua portuguesa com as professoras voluntárias

(Foto: Eliete Maria Bouvié)

Nan Ayiti moun yo al l'Egliz le dimanch, se abitud, depi timoun yo. Moun yo al l'egliz le dimanch paske yo gen lafwa. Yo al l'Egliz pou yo kapab di Bondye mèsì, pou yo kapab priyé ak koute pawol Bondye. Se poutet sa nou kapab di, pep ayisyen, se yon pep ki relijye anpil (ALTÉ, 41 anos).

Uma forte impressão e experiência, a qual muito me marcou na convivência com o povo haitiano, foi a força de expressão de sua religiosidade. Nas casas de comércio, nos transportes públicos, ônibus e camionetas, as “tap tap”, havia expressões em francês: “Dieu m’a donné”/ “Deus me deu”, “Amour de Dieu”/ Amor de Deus, “Dieu est ma force”/ Deus é minha força, “Grâce de Dieu”/ Graça de Deus. “Fils de Dieu”/ Filhos de Deus, entre outras inúmeras citações bíblicas. É notório, nas manhãs de domingo, no Haiti, as pessoas saírem de suas casas e se dirigirem para as várias igrejas da cidade, fossem elas católicas ou evangélicas. A manifestação da fé, a prática dos ritos cristãos são muito fortes e uma marca cultural dos haitianos, que os imigrantes conservaram quando se instalaram no estado. Eles participam com um bom engajamento, integrando inclusive, equipes de liturgia e corais.

“Aqui, visitei a Igreja Protestante. Quero participar da Igreja Batista, mas não vi nenhuma aqui no bairro. “Lá no Haiti, participava do grupo de jovens, cantava no coral da Igreja” (JAMES).

Frequento a Igreja Protestante Assembleia de Deus junto com o Robert. Lá no Haiti, cantava no coral, na Metodista. Gostaria muito de participar aqui também (Phelipa Louveline). “Vou todos os domingos na missa, me sinto muito bem na celebração, entendo um pouco porque falava espanhol na República Dominicana”, diz Alté, mostrando-me o livro de cantos que recebeu de um membro da equipe de liturgia da paróquia.

Os imigrantes trouxeram a marca identitária de suas práticas religiosas desde o Haiti, mas aqui vêm sendo acolhidos, muitas vezes, por denominações que não eram suas no país de origem. Alguns que eram católicos no Haiti, chegando ao Brasil, foram convidados a participar das Igrejas Evangélicas. Muitos pelos próprios colegas nas empresas onde trabalham. Mas o reconhecimento de todos os imigrantes de Encantado, RS, independentemente da denominação religiosa, é unânime para com a Igreja Católica, pela organização e eficiência da Pastoral na sua acolhida e socialização, como importante rede de apoio no processo de inserção cultural (a festa da bandeira e oferta de curso de língua portuguesa).

9.1 A experiência da socialização no espaço das Igrejas Evangélicas

Mwen poko fè zanmi ak moun lòt moun ki pa ayisyen. Men, Mwen gen bon rapò ak kòlèg brezilyen an travay. Mwen pa patisipe nan okenn gwoup, selman nan l’egliz evangelik. Mwen pa patisipe nan menn l’egliz ke mwen te patisipe an Ayiti, ki se Methodist. Isit la mwen patisipe nan l’Egliz Asanble Bondye. Mwen renmen al l’egliz la paske yo byen akeyi-m. An Ayiti, mwen te konn chante nan koral. Isit la mwen te vle entre nan koral. Kounye-a mwen patisipe kom mand nan koral l’egliz la. Mwenpanse le-m aprann byen lang potigè m’ap patisipe plis nan lot aktivite yo (ROBERT JEAN, 29 anos)¹⁶⁰.

Robert pede licença e se prepara para pegar o ônibus, são quase 17h30min, vai participar do culto que será às 19 horas, mas como canta no coral, teria ensaio às 18 horas. Ele participa da Igreja Assembleia de Deus há um ano. Nascido em uma família católica, seu pai é líder comunitário até hoje. Robert conta um pouco sobre sua trajetória: “Eu quase fui padre,

¹⁶⁰ Tradução livre da autora: Ainda não fiz amizades com pessoas que não sejam os haitianos. Mas me relaciono bem com os colegas brasileiros no trabalho. Não tive, ainda, nenhum contato com grupos, a não ser da Igreja Evangélica. Eu não participo da mesma Igreja em que participava no Haiti, lá era Metodista, aqui é Assembleia de Deus, gosto muito e fui bem acolhido. No Haiti, eu cantava no coral. Queria muito entrar no coral aqui, consegui. Penso que, quando aprender bem o português, estarei mais participativo. (ROBERT JEAN, 29 anos).

fui seminarista até a Filosofia ,quando chegou a última etapa, desisti. Quando estava prestes a entrar para a Teologia deixei o seminário, então eu entrei para a Igreja Metodista do Haiti, seguindo a doutrina, até vir para o Brasil, chegando aqui, não encontrei no bairro a mesma denominação. No trabalho, tem vários colegas da Assembleia de Deus, que acabaram me convidando para participar. Tem culto aos sábados e domingos à tardinha.Geralmente, quando posso,vou nos dois”, diz Robert.Ele diz que foi ali que aprendeu mais o português, fez amizades com brasileiros e que se sente feliz, inclusive participa do coral.Robert sai do quarto, com seu livro de hinos e a bíblia e (qual minha surpresa!), vestia camisa branca, gravata e calça social muito bem passadas, assim como sapatos muito lustrosos. É normal para um haitiano ou haitiana, “habie”, vestir-se muito bem para ocasiões sociais como cultos e missas. Faz parte da cultura a valorização desse aspecto, a elegância no bem vestir-se com trajes sociais.

Conforme Silva (1995), a religião pode se tornar, no cenário migratório, uma instância que organiza comportamentos e produz identidades. Percebe-se que a Igreja, independente de sua confissão religiosa, é um espaço privilegiado de socialização. Para os imigrantes, constatei que ela favorece muito sua construção identitária, produzindo significados e referências para sua inserção na nova realidade. Assinalam Tedesco apud Ramos (2003) que as Igrejas são espaços de sociabilidade e solidariedade e constituem, na consciência do imigrante, a sensação de não estar sozinho e desamparado em um local desconhecido. As Igrejas, enquanto espaços de sociabilidade fazem ampliar as redes sociais, os vínculos mediadores e a assistência e acesso às políticas públicas nas áreas da saúde, educação e assistência social.

Quando o imigrante chega, ele buscará construir uma rede de contatos. Sayad (1998) considera a cultura como um conjunto de referenciais que permite a cada membro de uma sociedade se movimentar, expressar-se, pensar, amar, trabalhar, evitando o medo, se protegendo do desconhecido. Os referenciais auxiliarão no desenvolvimento do psiquismo do imigrante, pois novos códigos culturais aparecerão (novo idioma, costumes, hábitos; deixar o kreyol de lado e esforçar-se para falar o português, no trabalho, na Igreja; a alimentação não tem o mesmo sabor do “manje ayisyen”, o paladar vai ter que se adaptar à nova alimentação brasileira servida no refeitório da empresa). Os imigrantes haitianos, em suas falas, expressaram que se sentem em um processo de adaptação lenta, porém positiva, pois estão criando vínculos afetivos com a cultura brasileira. As redes têm contribuído muito, desde o momento em que os imigrantes chegaram, aqui citando as Igrejas Católica e Evangélica. Nas palavras de Bourdieu (1982), poderíamos falar em construção de um capital social, enquanto

um conjunto de recursos atuais ou potenciais, ligados à posse de uma rede de interconhecimento e inter-reconhecimento, à pertença a um grupo, como conjunto de agentes não somente dotados de propriedades comuns [...] mas unidos por laços permanentes e úteis.

Partindo desses relatos da participação dos imigrantes nas Igrejas, percebe-se a configuração de trocas culturais, tanto no que se refere ao conhecimento dos imigrantes haitianos com os hábitos da sociedade local quanto à valorização das manifestações culturais dos imigrantes pela comunidade receptora, principalmente a partir do idioma dos imigrantes. Para Geertz (1974):

[...] Como sistemas entrelaçados de signos interpenetráveis [...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade [...] Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade [...] (GEERTZ, 1974, p. 10).

Os imigrantes se sentem acolhidos e valorizados como participantes das Igrejas. Um dos imigrantes expressava com entusiasmo que, embora cantasse no coral em português, sempre lhe era solicitado que entoasse um hino em francês ou crioulo no final do culto. Outro casal expressou como se sentiram felizes em realizar a cerimônia religiosa de casamento na Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

A rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição [...] são relações ao mesmo tempo necessárias e eletivas, implicando obrigações duráveis que levam aos sentimentos de respeito, reconhecimento, amizade ou mesmo a garantias institucionais (direitos). Alquimia da troca de conhecimentos e reconhecimento (BOURDIEU, 1980, p. 2).



Figura 49: Cerimônia de casamento na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em 21 de dezembro de 2013. Encantado-RS

(Fonte: Acervo pessoal de Fremiot Clerjust)



Figura 50: Haitianos participam da cerimônia de casamento na Igreja Assembleia de Deus de Encantado

(Fonte: Acervo pessoal de Fremiot Clerjust)

Foi na Igreja Evangélica Assembleia de Deus que o casal realizou a cerimônia religiosa do casamento, em Encantado. Adaptados, imigrantes se casaram e pensam em

constituir família na cidade a que chegaram em 2012. Com o vestido e o terno que vieram transportados em uma mala do Equador até Encantado, o casal Fremiot Clerjust (28) e Edouine Diofils (29) disse sim perante os olhos de Deus, no altar da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Eles se uniram em matrimônio no dia 21 de dezembro, marcando e protagonizando o primeiro casamento haitiano realizado em Encantado, RS.

9.2 Fête Patronal Notre Dame Aparecida

“An Ayiti pawas ak chapelle toujou fete patronal chak ané.
Aprè mes la kék moun al manje la kay yo, kék lot moun
al nan kémes. Men pe ki responsab pawas toujou fe
prepare manje pou kèk invité.”
(ROBERT, 29 anos)

Em São Leopoldo, mais uma bonita experiência junto aos imigrantes haitianos. Por ocasião de uma ida a campo, no dia 12 de outubro de 2013, eu estava hospedada na casa de Enel e Robert. Às 11h45min, iríamos nos deslocar para participar de uma festa comunitária de Nossa Senhora Aparecida, na vila Eucaliptos. Uma região próxima ao Bairro Campina, porém com características de periferia, observável pelos casebres. Adquirimos os ingressos com o seminarista que acompanha essa comunidade a R\$15 reais. O almoço foi servido com cardápio de churrasco, galeto e saladas. À tarde, haveria domingueira.

Deslocamo-nos para o almoço caminhando por um trecho de estrada asfaltada, e, depois, tomando um caminho de chão batido. Era perceptível a mudança de cenário. As casas, muito simples, eram casebres à beira da estrada, como qualquer vila periférica de uma grande cidade. A maioria desse grupo de imigrantes é evangélica e, por isso, não participou da parte religiosa, da “Missa”, que fora pela parte da manhã. Participei com mais seis haitianos do grupo de São Leopoldo do almoço e da parte social e cultural da “Fête Patronal-Notre Dame Aparecida”.



Figura 51: Festa de Nossa Senhora Aparecida, em São Leopoldo - RS. Outubro de 2013.

(Foto: Acervo pessoal da autora)

Qual a surpresa! Quando chegamos ao local, um dos colaboradores da paróquia tem familiares em São Leopoldo e era chefe na empresa onde um grupo de haitianos que mora e trabalha, no município vizinho de Portão. Como sabia que também havia haitianos no Bairro Campina e que estariam na festa, o “chefe” organizou um transporte e trouxe o grupo de lá. Eles se sentiram muito felizes em reconhecer os compatriotas de São Leopoldo, alegria estampada nos olhares, nas falas e nos sorrisos. Sentamos todos na mesma mesa para compartilhar do almoço, todos alegres, falavam muito alto e conversaram muito em crioulo, o que chamava a atenção dos demais participantes da festa, brasileiros.



Figura 52: Parte do grupo de imigrantes haitianos residentes em Portão - RS. Outubro de 2013

(Foto: Acervo pessoal da autora)

Almeida (1999) salienta que, na sociedade moderna, há inúmeras possibilidades identificatórias, intensificadas pelos contextos de sociabilidade e de referência, em uma variedade de papéis sociais e de sistemas de identificação possíveis. A identidade pessoal deixa de ser algo predefinido para ser uma construção, configurando-se na nova experiência migratória, uma reconstrução identitária do imigrante:

A dialética entre o subjetivo e o objetivo, expressa no entrelaçamento entre as formas de se (re) conhecer e ser (re) conhecido adquire então maior visibilidade. A identidade pode deixar de ser vista como uma obra previamente delimitada, para emergir como o resultado de um diálogo permanente em que as vozes de diferentes coros vão se imbricando, acomodando, decompondo ou recompondo à luz das auto-representações e experiências pessoais (ALMEIDA, 1999, p. 31).

A partir dessas experiências de socialização, constatei que os imigrantes estão buscando se inserir na cultura local, esforçando-se para se integrar, sentindo a sua cultura e identidade valorizadas e respeitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a experiência etnográfica entre imigrantes haitianos, no Rio Grande do Sul, apareceram dois pontos importantes: o caráter migratório transnacional (laboral) com todas as suas características, envolvendo redes de solidariedade familiares, redes comerciais (agências de viagem e coiotos), redes de acolhida (Igrejas e sociedade civil), redes de inserção laboral (diferentes níveis do governo, do poder público e empresários). E, além dele, se destaca um segundo aspecto, o esforço incondicional dos imigrantes haitianos que aqui se estabeleceram em acolher a nova cultura, sem deixarem de lado sua identidade.

Esses aspectos foram os enfocados, a partir de um relato etnográfico, buscando ao longo desta dissertação, fazer uma releitura da imigração haitiana sob o viés antropológico.

A imigração haitiana em massa para o Brasil iniciou há cinco anos, logo após o terremoto de 2010, podendo ser caracterizada como uma migração transnacional e de caráter laboral. Estabeleceram-se, em várias regiões do Brasil, de norte a sul, em torno de 21.000 haitianos¹⁶¹. Autores como Glick Schiller e Fouron (1999), já estudaram a diáspora haitiana nos Estados Unidos e analisaram as práticas transnacionais das redes familiares, econômicas e de comunicação, a partir dos laços de sangue: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional.

As redes familiares marcaram o projeto migratório desde o Haiti. Os imigrantes entrevistados relatam que receberam ajuda financeira de parentes para pagar as despesas da viagem e que iriam devolver o valor, à medida do possível, no momento em que encontrassem trabalho. Há um compromisso selado, o de enviar remessas, mensalmente, para os familiares no Haiti, sendo o caráter laboral, uma causa do projeto migratório, pois os imigrantes precisam manter economicamente suas famílias. Todos os imigrantes entrevistados expressaram ser este o principal motivo para terem migrado.

Outra característica importante a destacar, a qual foi expressa nas falas dos imigrantes, que é o que caracteriza a família transnacional haitiana, seria a reestruturação familiar, a partir dos laços de sangue, pois enquanto uns membros migraram outros membros ficaram no país de origem, e estes cuidarão dos filhos, dos pais ou das esposas dos que partiram. Ao mesmo tempo, fica firmado um compromisso dos que partiram um dia buscarem seus familiares.

¹⁶¹ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_jf.

Constatai também a força das redes comerciais da imigração: as agências, (alguns vieram através de agências de viagem desde o Haiti) e os coiotes presentes no trajeto (Equador, Peru e Brasil), os quais transformaram a entrada ilegal dos imigrantes em uma fonte de lucro e exploração. Agindo nas fronteiras, facilitavam a entrada dos imigrantes em troca de altas somas em dinheiro. Observou-se que a relação entre os imigrantes e essas redes se dá de maneira naturalizada, havendo um consenso por parte dos imigrantes em aceitar as regras do jogo, enfrentando os riscos e as consequências do trajeto, principalmente a exploração e extorsão por parte dos coiotes. Os imigrantes que entrevistei não manifestaram sofrer agressões físicas ou psicológicas, por parte dos coiotes ou da polícia, ao contrário do que acontece na fronteira México – Estados Unidos¹⁶², onde muitos imigrantes morrem durante o trajeto, sendo ludibriados pelos coiotes¹⁶³. No caso dos imigrantes haitianos entrevistados, o que relataram sobre o trajeto, foram suborno e exploração econômica por parte da polícia e dos coiotes. Não houve registro de violência e óbitos de haitianos no trajeto.

Há redes de acolhida e de solidariedade dos próprios familiares que chegaram antes. Nos relatos, era frequente ouvir: “Meu tio já estava aqui, meu primo, meu cunhado. Fui acolhido na casa deles, ou morei com eles na chegada, alugamos casa juntos”. Outra característica a destacar das redes familiares de acolhida é que, ao buscar alugar uma casa, caso não tivessem um parente de sangue, buscava-se contato com um conterrâneo do mesmo estado no Haiti (departamento), reafirmando que as famílias haitianas, enquanto uma rede de solidariedade são muito unidas. Fausto (1999) diz que a vida privada do imigrante se encontra no lar e na família, instância que lança as bases para a construção na nova terra.

Uma rede muito importante a destacar é a rede da acolhida, desde o Acre. Os imigrantes haitianos relatavam a presença da Pastoral Migratória e o papel das Igrejas e de voluntários da sociedade civil. As Igrejas (católica e protestante), as quais descrevi no quarto capítulo, foram cruciais na chegada desses imigrantes ao Rio Grande do Sul, com destaque para a Pastoral Migratória da Congregação Scalabriniana, na região do Vale do Taquari, Encantado e Lajeado, e na região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves

¹⁶² “Mais de quatro mil imigrantes morreram neste ano tentando chegar a um país desenvolvido fugindo de uma realidade de violência e pobreza, segundo o relatório “Viagens letais”, divulgado pela Organização Internacional de Migrações (OIM). Destas quatro mil pessoas, mais de três mil morreram cruzando o Mediterrâneo em uma tentativa desesperada para alcançar a costa europeia, e outros 230 morreram na fronteira entre México e Estados Unidos” (<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/mais-de-4-mil-imigrantes-morreram-em-2014>).

¹⁶³ <http://www.acheiusa.com/acheiusa/arquivo/0086/materias/achei-imigracao2.asp>

e Caxias do Sul. A sociedade civil e o poder público¹⁶⁴ também apoiaram a criação de Associações de Imigrantes, nesses locais. E, finalmente, as redes de inserção laboral, através de uma parceria entre os diferentes níveis do governo, poder público e empresários, trabalharam na busca da legalização, da elaboração de documentos, como CPF carteira e trabalho¹⁶⁵ e visto provisório, além da inserção em postos de trabalho, a partir do recrutamento de imigrantes pelos empresários¹⁶⁶. Nos grupos pesquisados, duas grandes empresas, a Dália Alimentos e a Construsinos eram as empresas contratantes, que nos primeiros seis meses deram moradia (hotel ou casa alugada pela empresa) aos migrantes.

Sobre a inserção dos imigrantes na cultura brasileira e sul-rio-grandense, muitas foram as estratégias usadas pelos imigrantes no processo de adaptação à nova sociedade. Eles não deixaram os seus traços culturais. Conservaram hábitos e costumes do Haiti, desde o idioma, a alimentação e as manifestações culturais de seu país de origem, mas souberam negociar e integrar-se na sociedade local.

Constatei que o processo de integração de imigrantes nas sociedades que os acolhem, abrange várias dimensões da vida humana: a social, a cultural e a religiosa. Embora alguns aspectos da cultura haitiana não tenham sido reintegrados em todas essas dimensões, percebe-se que a reconstrução identitária desses imigrantes foi marcada fortemente pela dimensão religiosa. A participação de grupos de instituições religiosas foi crucial no processo de integração no Rio Grande do Sul, dos imigrantes haitianos observados na pesquisa etnográfica.

Destaco a religião como um capital social partilhado pelos imigrantes haitianos, pois contribuiu para a consolidação da inserção dos mesmos, sendo uma importante rede de apoio. Bourdieu (1998) apresenta o capital social como um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, à pertença a um grupo, como conjunto de agentes não somente dotados de

¹⁶⁴ Ministério do Trabalho e Emprego; Conselho Nacional de Imigração; Instituto Migrações e Direitos Humanos; Companhia de Jesus. Guia de informações sobre trabalhadores haitianos. Brasília: [s.ed.], 2012.

¹⁶⁵ Funcionários do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em São Paulo, realizam um super mutirão para emissão de carteiras de trabalho a um grupo de imigrantes haitianos recém-chegados do Acre. O grupo está alojado no Centro de Estudos Migratórios, na Paróquia Nossa Senhora da Paz, na Baixada do Glicério, centro de São Paulo, desde o último dia 12, egresso das enchentes do rio Madeira, na região da Brasília (http://noticias.terra.com.br/brasil/sp-mutirao-vai-emitir-carteiras-de-trabalho-ahaitianosbd9fd2f0a7aa5410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html).

¹⁶⁶ O Ministério do Trabalho e Emprego e a Secretaria-Geral da Presidência da República estabelecem, em todo o país, redes de contatos com empresários para divulgar a disponibilidade de imigrantes no acampamento acreano, de acordo com o perfil deles, cadastrado pela Secretaria de Direitos Humanos do Acre, incentivando à contratação desses trabalhadores (SEJUDH, 2013; TERRA, 2013).

propriedades comuns "[...] mas também unidos por laços permanentes e úteis" (Bourdieu, 1980, p. 2).

A inserção e sociabilidade dos imigrantes, geradas por essa dimensão, reforçam o caráter de capital social. As instituições, católica e protestante, acolheram os imigrantes de maneira mais pontual e eficiente que as demais instituições migratórias das políticas sociais governamentais brasileiras. Nas entrevistas, os imigrantes haitianos não acenaram serem praticantes da religião do vodu, embora a mesma faça parte do ethos, da identidade e da cosmologia da cultura haitiana. Eles expressam esse ethos a partir da cultura e de suas manifestações.

Embora, no trabalho de campo, não se constatasse a manifestação de imigrantes como praticantes dos ritos do vodu enquanto prática religiosa, os aspectos do ethos e cosmologia africana são muito presentes nos valores culturais: o crioulo é muito valorizado enquanto língua materna por todos os imigrantes.

Outras características são a honra e o respeito, que, como na cosmologia africana e no vodu, também estão presentes no cotidiano dos imigrantes. Há muito respeito a Deus, aos espíritos, à família, à sociedade e a si mesmos. Valores como a solidariedade e a partilha também são fortes características da cosmologia africana, como, por exemplo, ajudar os mais pobres. No trabalho de campo, foi sempre possível observar a solidariedade dos imigrantes entre si, a partilha dos bens, do espaço físico (*lakou-kay*). Sempre havia lugar para mais um: quando chegava um novo imigrante, que não tinha onde ficar era acolhido na casa de um compatriota mesmo não sendo do mesmo sangue. A comida sempre é partilhada. Na segunda experiência de campo, a família que me acolheu preparou o almoço para mim, e toda a vizinhança haitiana comeu. Existe um provérbio haitiano que explica isto: “*manje kwit paguem mé*”. “A comida preparada não tem dono”, ou seja, é para todos. Onde come um come dois, três. Há a inclusão de todos, muito diferente da visão das crenças ocidentais, que pregam o individualismo e também a hierarquia. O cuidado é outro valor presente e está expresso no amor aos filhos, mesmo os que ficaram no Haiti, de modo que o envio das remessas de dinheiro é mais do que um valor monetário, envolve o valor cultural do cuidado.

Métraux (1958), importante antropólogo haitiano, relata que o vodu, enquanto manifestação religiosa era mais praticado entre camponeses no meio rural, sendo para eles, um conjunto de práticas a partir da relação entre os humanos, os objetos e os espíritos dos antepassados. Os imigrantes haitianos entrevistados, embora seguidores das doutrinas protestante e católica vivenciam os valores do vodu enquanto ethos e identidade

cultural, expressando-os, muitas vezes, nos valores da igualdade, da partilha, da solidariedade, do respeito aos ancestrais e do amor pela língua materna.

Há atenção e respeito aos pais e anciãos, o culto aos ancestrais, pois a palavra, a partir da oralidade, é de grande valor. Os mais velhos são muito respeitados, os pais, os professores, os responsáveis pela transmissão do conhecimento às futuras gerações. Nas palavras de Oliveira (2003), o culto dos ancestrais está ligado à equidade. A diversidade é um ponto fundamental, demarcada pelo respeito às diferenças e pela inclusão de todos. A maior parte dos elementos da natureza que formam a cosmovisão africana está no culto dos ancestrais. Essa cosmovisão de mundo se reflete à concepção de universo, de tempo, à noção africana de pessoa, à fundamental importância da palavra e à oralidade como modo de transmissão de conhecimento, na categoria primordial da força vital, na concepção de poder e de reprodução, na estrutura da família, nos ritos de iniciação e socialização.

Destaco, ainda, que os imigrantes haitianos vêm buscando se integrar ao novo país, por meio da participação ativa, dos eventos culturais e religiosos, cultos, missas, festas. Também através do interesse em aprender o idioma português (participando de cursos, oferecidos por voluntários e ou grupos de Igreja). A criação de associações de imigrantes haitianos e as manifestações culturais, como a festa da bandeira, em 18 de maio, com almoço festivo, com pratos típicos da culinária haitiana, são outro sinal da busca pela inserção. A integração a grupos das Igrejas e da sociedade civil, como corais e orquestras, além da criação de bandas artísticas, que divulgam a música haitiana, a criação de espaços de lazer e convivência mostram sua inclusão na sociedade local. Por fim, a empatia e integração entre haitianos e brasileiros, envolvendo desde colegas de trabalho até namoros e casamentos haitianos e brasileiros, destacam o caráter inter-racial das relações.

Timothy Garton Ash (2007), cientista político, analisa a questão da imigração: para ele, não há limite para absorver imigrantes, mas faz-se necessário não apenas aceitá-los para que vivam de forma marginal, mas ter a capacidade de integrá-los e oferecer oportunidades reais de participação cidadã.

“Um país deve absorver quantas pessoas puder e o número de imigrantes recebidos deve levar em conta o fator mais importante: não apenas aceitá-los para que vivam de forma marginal, mas ter a capacidade de tratá-los como iguais”¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Timothy Garton Ash, cientista político britânico. As Fronteiras da Imigração: Acesso ao vídeo: <http://fronteiras.com/canalfronteiras/noticias/?16%2C252>.

Nessa perspectiva, parece que o Brasil está a caminho. Sendo a imigração haitiana uma imigração de caráter transnacional, as redes de apoio por parte da sociedade civil, poder público, igrejas e universidades estão se mobilizando, não medindo esforços para a integração dos imigrantes. Por outro lado, constatei que há um grande esforço por parte dos imigrantes em se inserir e integrar à nova cultura. Essa abertura dos haitianos forma uma cultura “diáspórica”, sempre aberta às mudanças.

REFERÊNCIAS

ACHOTEGUI, J. Migración y crisis: el síndrome del inmigrante con estrés crónico y multiple (síndrome de Ulises). **Avances en Salud Mental Relacional**, 7(1), 1-22, 2008.

AGIER, M. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. **Mana**, 7 (2): 7-33, 2001.

AJAYI, J. F. A. (Org.). **História geral da África** - Vol. VI - África do século XIX à década de 1880. XX: Cortez Editora, 2010, p. 888-889.

ALMEIDA, J. A. M. **Identidade e contexto social: projetos, armadilhas e emancipação**. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1999.

APPADURAI, A. **Soberania Sem Territorialidade: notas para uma geografia Pós Nacional**". São Paulo – CEBRAP, Novos Estudos, n. 49, 1977.

BANTON, M. Etnogênese. In: _____. **A Ideia de Raça**. São Paulo: Edições 70, Martins Fontes, 1977.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. (Orgs.). **Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. The analysis of culture in complex societies. **Ethnos**, 54(3-4): 120-142, 1989.

BASCH, L.; GLICK, S. N.; BLANC-SZANTON, C. **Towards a transnationalization of migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered**. The Annals of the New York Academy of Sciences, 645, 1992.

BAUMANN, G. **Multicultural Riddle**. Rethinking National, Ethnic and Religious Identities. London: Routledge. 1999.

BERRY, J.; POORTINGA, M. **Cultural Psychology: Research and Applications**. Second Edition Cambridge: University Press, 2002.

BLANCO, C. **Migraciones**: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Barcelona: Anthropos, 2006.

BOAS, F. **Antropologia Cultural**. In: CASTRO, C. (Org). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004, p. 67-86. 2010.

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 31, p. 2-3, 1980.

_____. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade** (Prefácio). São Paulo: EDUSP, 1998, p. 9-12.

_____.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão de Sociólogo**: preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 200063, 1999.

_____. (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 8. ed., 2011. (Ler “Comprender”, p. 693-732), y, 28 (4): 331-3.

CÁDIMA, F. R. et. al. Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa. **OBERCOM, Observatório de Comunicação**. Lisboa, 2003. Acesso em: 22/12/2014. Disponível em: www.oi.acidi.gov.pt/docs/pdf. Acesso em: 15 maio 2010.

CATANESE, A. **Haitianos migração e diáspora**. Boulder, CO, 1999.

CIAMPA, A. C. **Identidade**. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. et al. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COGO, D.; ELHAJJI, M.; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**, 2012.

_____. **Mídias, identidades culturais e cidadania**: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83492578425626428976337410533037421904.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

_____.; BADET, M. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores Migrantes no Brasil**. Disponível em: http://www.academia.edu/3255909/COGO_Denise_BADET_Maria_Guia_das_Migracoes_Transnacionais_e_Diversidade_Cultural_para_Comunicadores_Migrantes_no_Brasil_Bellaterra_InCom_UAB_IHU_2013. Acesso em: 05 dez. 2014.

COHEN, R.; ABNER, C. **Custom and politics in urban Africa**. London: Routledge, 1969.

COHEN, R. **Bonjour et adieu à la négritude**. Paris: Robert Laffont, 1980, p. 82-160.

_____. **Global Diásporas - An Introduction**. London: UCL Press, 1999.

COLLAÇO, J. H. L. **Sabores e Memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo- USP, São Paulo, 2009.

CUNHA, M. C. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo ou como ter 'Anthropological Blues'. In: NUNES, E. (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. **O CORREIO**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22, jul. 1987.

DEPESTRE, R. **Bom dia e adeus à negritude**. Paris: Robert Laffont, 1980. Tradução: Maria Nazareth Fonseca.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO, B. Imigração: Cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, L.M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4, p. 13-61.

FERRI, G. **Encantado – Sua História, Sua Gente**. Impressão: Gráfica AJP DE Conto, Encantado/RS, 2007.

FUENTES, C. **El espejo enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Paz e Terra, 2007.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Capítulo 1.

GIDDENS, A. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. 5. ed. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GODOY, G. G. **O Caso dos Haitianos no Brasil e a Via da Proteção Humanitária Complementar**. UNHCR, 2010, p. 45-68.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 7-41.

_____. Environmental refugees: How many, how bad? In: **CSA – Discovery Guide**, 2006.

GRONDIN, M. **Haiti**: cultura, poder e desenvolvimento. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, S. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, L. (Org.). **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HURBON, L. **O Deus da Resistência Negra**: O Vodou Haitiano. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Laënnec Dieu dans le vaudou haïtien**. Paris: Maisonneuve & Larose, 2002.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros** – Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos. Trad.: T. Filho. São Paulo: Bomtempo, 2000.

KLEIN, H. S. **A escravidão africana**: América Latina e Caribe. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LARAIA, R. B. **Cultura**: Um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. In: _____. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, p. 328-366.

MACHADO, F. L. **Contrastes e continuidades**: Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal. Oeiras: Celta, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARTINS, J. R. V. A diáspora haitiana alcança o Brasil. 08/05/2014. **Jornal Carta Maior**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-diaspora-haitiana-alcanca-o-Brasil/6/30883>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MINTZ, S.; PRICE, R. **O nascimento da cultura Afro-Americana**. Uma perspectiva antropológica. Edição revista de 1992, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas-Universidade Cândido Mendes, 2003.

MINTZ, S. **Three Ancient Colonies**. Caribbean. Themes and Variations. Cambridge: Harvard U. Press, 2010.

_____. **Sobre como a História do Haiti é ignorada**. Disponível em: <http://rs.resalliance.org/2010/01/29/sidney-mintz-on-how-haitis-history-is-ignored/>. Acesso em: 12 jan. 2014.

_____. **Um desafio histórico. Pode Haiti mudar?** Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/50576/sidney-w-mintz/can-haiti-change>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MOREIRA, J. B. **A questão dos refugiados no contexto internacional**. 2006, 207 fs. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) –IFCH/Unicamp, 2006.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLIVEIRA, P. R. M. O migrante, seu drama psíquico e a recepção das diferenças. In: POVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando Fronteiras Disciplinares – Um Panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.

OLIVEIRA, E. D. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OSCAR, A. J. **História das Sociedades Americanas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PATARRA, N. L. Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, 2006.

PIERRE-CHARLES, G. Haiti: a crise ininterrupta (1930-1975). In: CASANOVA, P. G. (Org.). **América Latina**: história de meio século. Brasília: Editora da UnB, 1990.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMER, L. **As independências na América Latina**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. Cap. "Haiti", p. 50-56.

PORTES, A. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problema e Práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

RAMOS, S. P. **Hospitalidade e Migrações Internacionais**: O bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.

RAMOS, N. (Org.). **Saúde, migração e interculturalidade**: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2008.

_____. Migração, Aculturação e Saúde. In: _____. (Org.). **Saúde Migração e Interculturalidade**: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2008, p. 45-96.

RAVENSTEIN, R. The laws of migration. **Journal of Royal Statistical Society**, v. 52, n. 2, p. 241-305, 1889.

REINHARDT, J. C. G.; SILVA, V. A. Para não se perder: a broa invertendo papéis. **Caderno Espaço Feminino**, v. 19, n. 01, jan./jul. 2008.

REDE DE COIOTES CONTROLA TRÁFICO DE HAITIANOS AO PAÍS. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1460493-rede-de-coiotes-controla-traffic-de-haitianos-ao-pais.shtml>. Acesso em: 04 de junho de 2014.

RODRIGUES, L. C. B. **Francês, crioulo e vodu**: a relação entre língua e religião no Haiti. 2008. 209 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

ROUMAIN, J. Análisis Esquemático 32-34. In: Von GRAFENSTEIN, J. **Haiti II**. México: Nueva Imagem, 1988.

ROUSSEAU, J. H. Haiti: quinze años no son nada, pero se avanza en población y desarrollo. In: IV CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN-ALAP. Havana, 2010. **Anais...** Havana: Asociación Latinoamericana de Población, 2010.

SANTANA, M. A. **Literaturae construção da comunidade imaginada Haitiana**: uma leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacques Roumain (1915-1917) /Márcio Antônio de Santana. 2003. 178 fs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Goiânia, 2003.

SANTOS, B. S. (Org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios - CEM, ano 13, número especial, jan. 2000.

SCARAMAL, E. S. T. **Haiti**: fenomenologia de uma barbárie. Goiânia: Canône Editorial, 2006.

SCHILLER, G. N.; FOURON, G. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 48, jun. 1997.

SCHMIDT, H. **The United States Occupation of Haiti, 1915-1934**. Nova Brunswick: Rutgers, 1995.

SEBBEN, A. **Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória?**. Psico, v. 27, n. 1, 129-141, 1996.

SEITENFUS, R. **Crise haitiana e os desafios da ordem internacional, elementos para uma diplomacia solidária**: a crise haitiana e os desafios da ordem internacional contemporânea. Disponível em: <http://www.seitenfus.com.br/>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SILVA, S. A. Aqui começa o Brasil. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: SIDNEY, A. S. (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 2012, v. 1, p. 300-322.

SLAVERY, I. Visões e versões da história: Cristóvão Colombo na ficção hispano-americana Heloisa Costa Milton Kopytoff. **Annual Review of Anthropology**, v. 11, p. 221-22, 1982.

TÉLÉMAQUE, J. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira**: entre fatos e representações. 2012, 95 fs. il. Monografia (Graduação em Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação - ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Orientador: Prof. Dr. Mohammed El Hajji.

THOMAZ, O. R. **O terremoto no Haiti, Os mundodos brancos e o Lougawou**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a02.p>. Acesso em: 09 nov. 2013.

TROUILLOT, M.-R. **Les Racines historiques du régime des Duvaliers**. Eschamps, Port-au-Prince, 1986.

_____. **Silencing the Past**. Power and the Production of History. Boston: Beacon Press, 1995.

Sites:

Conselho Nacional De Imigração - CNIg. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/cni>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=431870&search=rio-grande-do-sul|sao-leopoldo|infogr%E1ficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Naciones Unidas. Disponível em: <http://www.un.org/es/aboutun/>. Acesso em: 10 jun. 2013.

ProQuest. Disponível em: <http://www.csa.com/discoveryguides/discoveryguides-main.php>. Acesso em: 06 maio 2014.

Scalabrianos. Disponível em: <http://www.scalabrini.org>. Acesso em: 05 abr. 2014.

United Anglican Communion Cursillos in Christianity. Disponível em: www.ancur.org. Acesso em: 05 abr. 2014.